



MONTY JAY

WILL OBSESSION
BE ENOUGH?

HOLLOW BOYS BOOK FOUR

THE
BLOOD

we crave

part two



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



MONTY JAY

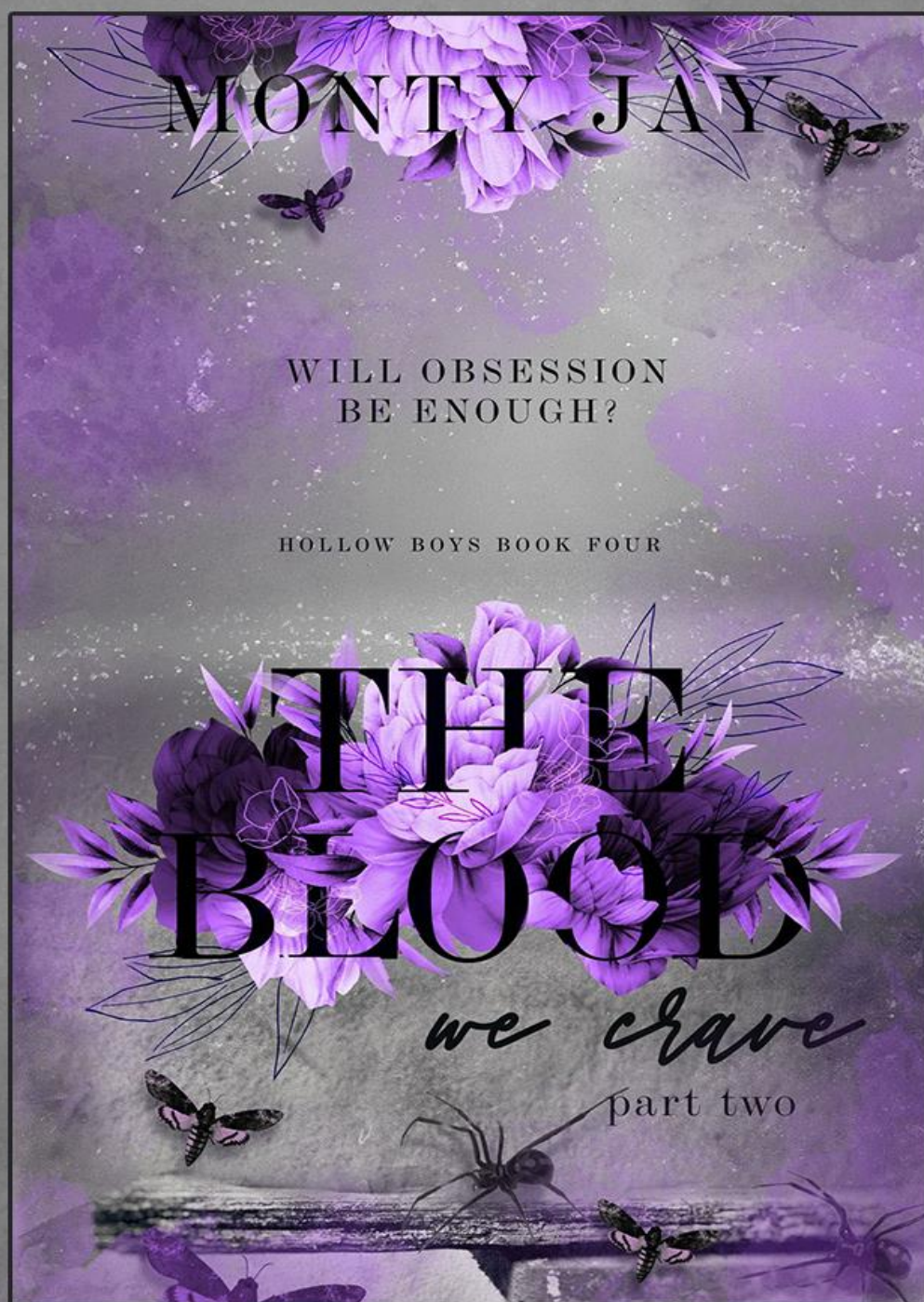
A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

THE HOLLOW BOYS

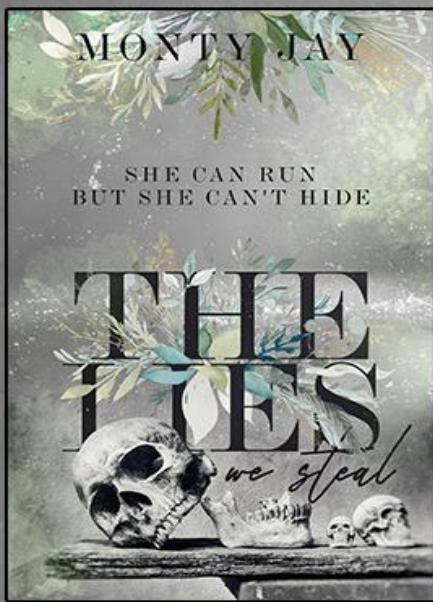
Lançamento



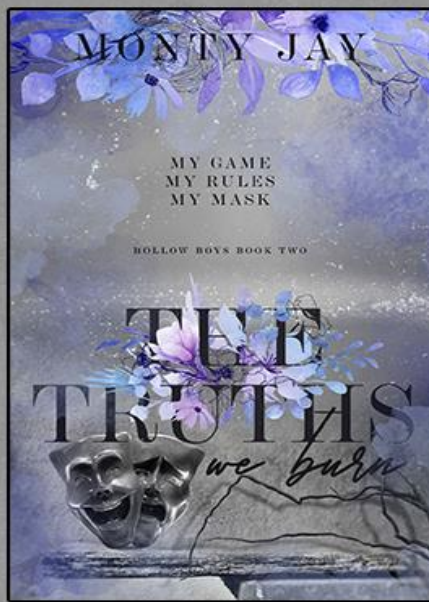
LIVRO QUATRO

THE HOLLOW BOYS

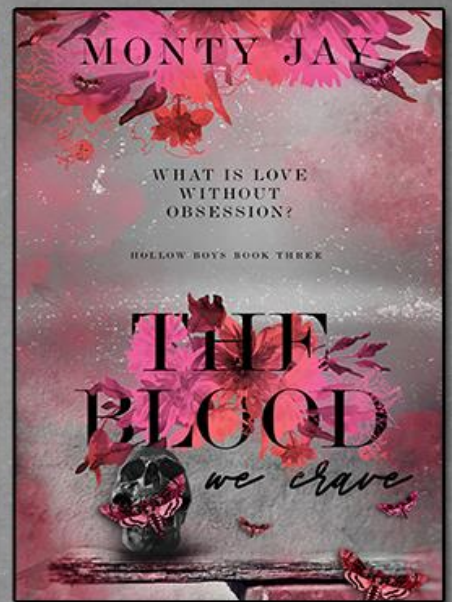
Ordem da Série



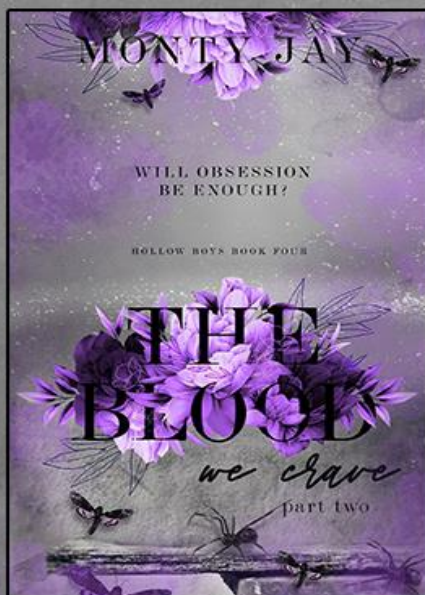
#1



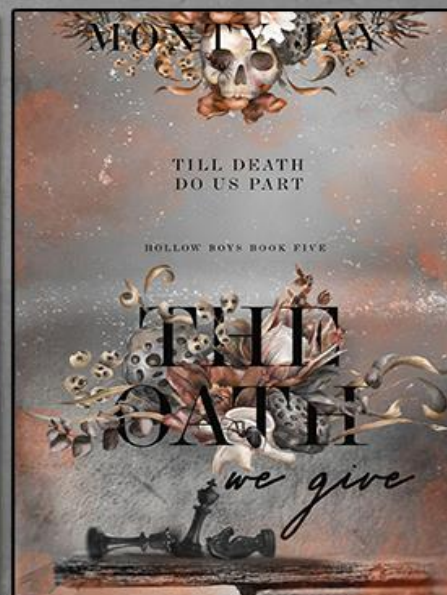
#2



#3



#4



#5

SINOPSE

A obsessão será suficiente?

Sempre acreditei que meu amor era suficiente para salvá-lo.
Para protegê-lo.

Estava errada.

O assassino *Copycat*¹ se aproxima a cada dia, e não posso deixar de sentir que todos os seus movimentos são em minha direção.

Com becos sem saída em cada curva e corpos se acumulando, parece que nosso tempo está se esgotando.

Eles o tiraram de mim. Roubaram o último pedaço de luz e deixaram o vazio.

Agora, não são apenas os Hollow Boys que estão em busca de vingança.

Estou em busca de sangue. Um caminho de guerra para vingança.

Eles queriam um vilão?

Eu lhes darei um.

¹-Em português: Imitador, copiador, plagiador.



DEDICATÓRIA

Para o moralmente cinzento e os vilões que amamos dentro dele.

PLAYLIST

Hostage - Billie Elilish

Moonrise - Anne Buckle

Under Your Skin - Aesthetic Perfection

A wild river to take you home - Black Hill, Silent Island

Salt and The Sea - Gregory Alan Isakov

From Persephone - Kiki Rockwell

Silhouette - Aquilo

To Be Alone - Hozier

It Will Come Back - Hozier

A Girl Like You - Edwyn Collins

AVISO DE GATILHO

Este é um dark romance. Trata de assuntos delicados, agressão sexual, assassino em série, violência gráfica, sangue, questões religiosas, automutilação, psicopatia e outros.

Se tiver problemas com alguns destes temas ou outros semelhantes, não continue.

EPÍGRAFE

“Cruzei oceanos de tempo para encontrar você”.

- Bram Stoker - Drácula

Ponderosa
Forest

Labyrinth
Entrance

Irvine District

Bursley District

Commons

Kennedy District

Rorhchild District

Caldwell
Library

Mausoleum

Hollow Heights University



PRÓLOGO



Desconhecido

Fiz tudo isso por ela.

Para que pudéssemos ficar juntos.

E ainda assim, ela está de luto por ele.

Matei tantos por ela, continuarei a matá-los e, em vez de buscar conforto em meus braços, ela chora.

Em breve, ela verá o quão ingrata tem sido. Em breve, Stephen será o dono desta cidade, e os filhos sombrios de Ponderosa Springs representarão o fim de um reinado nefasto. Então, muito em breve, a doce Lyra será minha e somente minha, como sempre deveria ter sido. Em breve, ela verá por que tive que fazer isso.

Por que só ela pode amar um homem como eu.

Não haverá como nos parar. Impedir-me. Os intocáveis Hollow Boys colherão não apenas o que semearam, mas também os frutos de seu legado. Seus tronos, construídos a partir de exigências traiçoeiras e coroas forjadas com ossos, estão desmoronando.

Eles são fracos. Quebráveis. O amor expôs sua humanidade.

Aqui reside a linha tênue entre deuses e monstros. Todos verão -Lyra verá - que aqueles garotos que marcam com a divindade são simplesmente uma afirmação falsa.

Não há direito divino nem deus para protegê-los.

Eles sangram e, quando isso acontece, ficam vermelhos.

UM



UM JURAMENTO AOS MORTOS

Lyra

O cemitério sempre foi um lugar de refúgio para mim. Solo solene e esquecido que faz o mundo parecer menos desolado, apenas porque é um lembrete de quantas almas ainda existem no éter. Permite um tipo de perspectiva macabra que nenhum outro lugar pode suportar.

Hoje, as lápides não me acalmam.

Hoje, são uma lembrança de tudo o que foi perdido. Todas as vidas que chegaram ao fim. Os cemitérios são um lugar de paz. Os funerais são um empurrãozinho amargo em direção a um futuro sem alguém que amamos.

— É tão terrivelmente triste — soluça uma mulher ao meu lado em um lenço de papel. — Ninguém merece morrer assim.

— Nunca pensei que viveria para ver o último dos Piersons — murmura o marido, um pensamento que tenho certeza de que ele não queria dizer em voz alta; ou talvez quisesse. Talvez seja melhor

que os outros e, em vez de ser bonzinho, estava cansado de esconder seu desdém.

A senhora chora de novo, o som úmido fazendo meus ouvidos arderem. Tiro a cabeça do buraco fresco no chão, onde um caixão preto permanece imóvel, e olho abertamente para a mulher de meia-idade, completamente indiferente se ela ou o marido notam.

Minha dor é um sentimento tangível, que se mistura com a raiva que pulsa em minhas veias. A neve derrete ao tocar minha pele, penetrando no tecido do meu vestido de renda até o chão. Como ousa sentar aqui e chorar por uma família sobre a qual ela falou abertamente durante anos?

Como ousam ter o direito de estar aqui?

Todos esses cidadãos com suas condolências fraudulentas, tornando este mais um evento social do que uma maldita cerimônia de luto, aparecendo apenas para ficar por dentro de todas as fofocas quentes.

Olhe para mim! Olhe para mim! todos dizem, aparecendo em suas melhores sedas e pérolas, armados com lágrimas falsas e desculpas idiotas.

— Você nem conhecia... — começo, meu tom misturado com veneno indomável, mas sou interrompida por uma mão grande apoiada em meu ombro, me puxando para trás em seu espaço.

Olho para cima, encarando os olhos escuros de Alistair, que me lança o que presumo ser um olhar de desaprovação. Um aviso silencioso e um aperto tranquilizador de seus dedos.

— Eles não valem a pena — ele murmura baixinho. — Não os deixe vencer fazendo isso por causa deles. É o que querem. Esta cidade só te comerá se você deixar que eles deem a primeira mordida.

Tento puxar meu braço de seu aperto, mas ele apenas segura com mais força. — Você não é meu guardião. Sou capaz de cuidar de mim mesma.

Isso poderia me destruir, pelo que me importa. Contanto que eu pegue meu pedaço de carne antes que eles acabem comigo.

Esta cidade transformou toda a família Pierson em uma história de fantasmas – um conto assombrado, uma maldita praga – e garantiu que todos que quisessem ouvir soubessem o quão maus eram. Agora estão aqui de luto? Aparecem e desrespeitam os mortos?

— Estou bem ciente do que é capaz.

— Então acho que você deveria me soltar — digo com os dentes cerrados. Não quero machucar Alistair, mas também não quero que ele me mime.

— Sei que está sofrendo e quer fazer com que todos os outros também se machuquem — ele respira. — Eu sei como é isso, Lyra, mas agora não pode.

Meus molares rangem um contra o outro. — Isso deveria melhorar as coisas? Eu só deveria ficar aqui e o quê? Fazer nada? Isso é tudo que temos feito, e veja como isso acabou para nós, Alistair.

As sobrancelhas de Caldwell se contraem, sua boca se torce levemente, e posso ver a dor em seus olhos. Se eu estivesse pensando racionalmente, saberia que o que aconteceu não foi culpa dele. Eu talvez o tivesse abraçado e apoiado porque ele também havia perdido pedaços de si mesmo, mas eu estava vazia. Estou vazia.

Este espaço oco e escuro que não permite luz ou ar. Por isso, compenso empurrando a raiva naquele poço sem fundo dentro de mim apenas para sentir qualquer coisa além dessa dor constante.

A dor de perdê-lo é brutal.

Não sinto a sua falta, do jeito que se sente falta de um par de sapatos que usou, de uma lembrança de um verão brilhante ou até mesmo de um animal de estimação que perdeu. Não sinto falta dele ao redor. Ele está faltando *em* mim.

Um órgão vital arrancado das minhas entranhas. Um membro decepado.

A memória de Thatcher foi aquilo a que me agarrei a cada segundo quando fui transferida de diferentes lares adotivos e orfanatos. Agarrei-me ao menino que me fez sentir menos sozinha numa noite em que tudo me foi tirado. Quando não tinha absolutamente nada, eu o tive por um breve período. Ele era isso. Era tudo que eu tinha – como ninguém poderia entender isso?

Agarrei-me a ele durante a escola, os pedacinhos que reuni o observando todos esses anos. Agarrei-me a pessoa que me fez sentir humana. Vista. Segura.

Meu coração e alma nunca foram meus. Sempre foram dele e agora não pertencem a ninguém. Estão perdidos, esquecidos, sozinhos.

Eu me amarrei a ele, e agora ele simplesmente... se foi. Foi-se e sua memória não é suficiente.

No entanto, parece ser tudo o que me resta.

— Sempre se pode fazer alguma coisa, Lyra. Só não preciso que esfaqueie alguém no olho em um funeral público. Essa é a última coisa que precisa agora.

Palavras que não quero dizer, mas que não consigo conter, saem da minha boca antes que eu tenha a chance de impedi-las.

— Pare de agir como se você se importasse comigo. — Olho para ele, encontrando seus olhos escuros. — Eu sou amiga de Briar. Só está fazendo isso para o benefício dela e, francamente, não preciso que me proteja. Lembra o que aconteceu da última vez que me disse que eu estaria segura? Eu quase morri.

Desta vez, retiro meu braço de seu alcance, provavelmente porque ele deixou, mas estou livre de seu controle de qualquer maneira. Nunca falei com ele assim. Nunca falei com ninguém dessa maneira antes, mas não me arrependo. Não quando toda essa amargura consumiu cada grama de bondade que viveu dentro de mim.

— Tudo bem. — Ele zomba, enfiando as mãos na jaqueta. — Então que tal isso? Se você fizer alguma coisa estúpida neste funeral e colocar Briar em risco, vou lhe mostrar o quão pouco me importo com o que acontece com você.

Estava esperando que ele atacasse, sabendo que só poderia provocar Alistair Caldwell por um certo tempo antes que respondesse.

A dor de suas palavras não é tão forte quanto eu esperava. O entorpecimento é a causa provável, ou talvez seja porque sabia desde o início que esse era o nosso relacionamento.

— Tudo bem — concordo.

A neve começa a cair com muita força e observo os convidados se amontoando em seus carros, em busca de calor. O show chegou ao fim, deixando apenas algumas pessoas no cemitério da família Pierson.

— Entrada. — Alistair vira a cabeça para a nossa direita, e sigo a direção com cuidado, vendo os agentes federais que nos abordaram no Tillie's Diner semanas atrás. Movendo-se em sincronia um com o outro, se aproximam de nós.

— Espero que não estejam tentando se misturar.

— Eles querem que saibamos que estão aqui. É uma tática de intimidação, para garantir que saibamos que estão nos observando.

Odette Marshall enfia as mãos nos bolsos, oferecendo um sorriso acolhedor ao passar na minha frente. O homem que ela apresentou como Gerrick encosta em seu ombro, acenando para Alistair em reconhecimento silencioso.

— Queríamos passar por aqui e oferecer nossas condolências por sua perda — diz ela, tão casualmente, pingando uma

sinceridade falsa, e eu tive demonstrações emocionais falsas o suficiente para durar uma vida inteira.

Não estou com vontade de jogar bem, especialmente com eles.

Nem Alistair nem eu, dizemos nada em resposta à sua declaração inicial. Ficamos apenas olhando fixamente, esperando que ela chegue a qualquer ponto que tenha.

— Escutem — ela diz. — Tudo o que queremos fazer é ajudar. Sei que pode não perceber isso agora, mas só queremos que os responsáveis por esses crimes paguem por eles.

— Deveria levar sua ajuda para outro lugar — eu corto. Talvez seja o frio ou a dor da perda, mas me sinto como um nervo exposto. Cada sussurro de ar através de mim envia uma onda de dor agonizante pelo meu corpo.

— Essa é à sua maneira de me dizer que sabe mais informações do que está dando e quer que eu pare de bisbilhotar?

— Não — digo. — Se fosse isso que eu quisesse dizer, teria dito.

Odette sorri, revirando os lábios enquanto balança a cabeça.

— Se o seu plano é nos interrogar em um funeral, não é apenas de péssimo gosto, mas nosso advogado também não gostará. — Alistair envolve a mão em meu braço. — Nós lhe contamos tudo o que sabemos.

Que é verdade.

Quando os dois apareceram na casa em Pierson Point e já nos encontraram lá, rapidamente solicitaram nossa presença na delegacia.

Fiquei insensível durante toda a experiência, praticamente em silêncio, mal consciente de que o pai de Rook Van Doren havia pago a conta do meu advogado, que falou a maior parte por mim. Um cavalheiro simpático que deixou bem claro que se algum dos detetives ou qualquer outra pessoa com distintivo tentasse falar conosco sem ele por perto, se arrependeriam.

— De alguma forma, duvido disso. — Gerrick fala pela primeira vez. — Sua lealdade será sua ruína, e o assassino nem merece isso. Thatcher...

— Não diga a porra do nome dele — respondo, dando um passo na sua direção, sem medo de repercussões. O que me resta a perder? — Você não pode dizer esse nome.

Minhas mãos se fecham em punhos apertados, meus dedos juntando o material nas laterais do meu vestido. Sinto a mão de Alistair apertar meu braço, não por raiva ou pelo comentário de Gerrick, mas para me impedir de fazer algo de que possa me arrepender. Como estrangular esse idiota com as próprias mãos, mas em nenhum universo sinto remorso por esse idiota.

— Cuidado, garotinha.

Aproximo-me um pouco mais, apontando um dedo acusador, sem medo de sua estatura e expressão vazia. — Parece que suas prioridades estão um pouco distorcidas se o trata mais como um suspeito do que como uma pessoa desaparecida.

Essas palavras ecoam dentro de mim, ricocheteando nas paredes do meu peito vazio. Talvez isso seja o que mais dói: não saber se ele está vivo ou morto. Se esse assassino imitador o tem

como vantagem para o Halo ou já jogou seu corpo no oceano como alimento para peixes.

Não sei onde ele está. Não consigo encontrá-lo. Nenhum de nós consegue.

— Até eu encontrar o seu corpo, Thatcher Pierson é nosso suspeito número um no assassinato daquelas meninas e de May Pierson. Eu me acostumaria com isso agora, para não ser tão difícil adicionar dinheiro aos seus livros quando eu jogar sua bunda na prisão.

— Quão burro você é? — Contra-ataco. — Encontrar o alvo mais fácil e culpá-lo por assassinato? Obtenha alguma evidência além do seu ego, idiota.

Meu estômago revira, minhas mãos flexionam ao meu lado. A imagem vívida de estripar Gerrick Knight com o grampo no meu cabelo se torna mais atraente a cada segundo. O gosto metálico que chega à minha boca é difícil de engolir, e sei que meu autocontrole não é tão forte quanto o de Thatcher.

Esse era o objetivo de ele me ensinar. Como controlá-lo para não fazer o que queria desesperadamente fazer agora.

Esses policiais inúteis estão caçando Thatcher por um crime que ele não cometeu, em vez de procurá-lo. Não entendem que ele nunca mataria May, que a morte de nenhuma daquelas garotas é culpa dele. Esperam que eu acredite que estão aqui para ajudar quando tudo o que fizeram foi crucificar aqueles ao meu redor sem nenhuma evidência?

— Eu respeito querer proteger seu amigo. Ele tem sorte de ter uma garota como você. — Odette intervém, seu tom nada menos que condescendente. — Mas se eu descobrir que sabem onde ele está ou qual será seu próximo passo, acusarei todos vocês de abrigar um fugitivo. Podem ser leais em uma cela.

— Tudo bem aqui? — A mão de Rook aparece no ombro de Alistair, um sorriso forçado em seu rosto pálido.

A tensão é tão densa que quase me sufoca, uma forte fumaça pesando em meus pulmões.

Sinto minhas amigas se aproximarem de mim. A mão de Briar desliza na minha e aperta, mas não consigo retribuir o favor. Não quando me sinto assim. Cansada. Tão vazia que não consigo estar presente para ninguém, nem mesmo para mim mesma. Tanto ela quanto Sage estão se esforçando demais, tentando desesperadamente me ajudar, mas estou longe demais. Muito isolada na escuridão para sequer ver suas mãos me alcançando. Eu me transformei naquela mancha escura dentro de mim, permitindo que me dominasse.

— Perfeito — diz Alistair com os dentes cerrados. — Estávamos saindo.

Os dois detetives olham para nós, alinhados, olhando cada um de nós com olhares cuidadosos. Parece o início de outra batalha nesta guerra sem fim. Uma linha desenhada na neve branca à nossa frente, pintando uma imagem clara de que lado estamos todos. Tenho certeza de que Odette e Gerrick sentem que sua posição é do lado certo da lei. Que estão fazendo bem por estarem aqui.

No entanto, se você não está do nosso lado, não importa o motivo, então está contra nós. Eles são o inimigo por padrão.

— No final, só você se machucará — diz Odette para cada um de nós, mas rapidamente faz contato visual comigo ao se despedir. — Perguntem a si mesmos: ele retribuiria esse favor de silêncio? Colocaria sua liberdade em risco por vocês?

Nós nos viramos, nos afastando e dando nosso último adeus à mulher prestes a ficar coberta de terra. Doce May. Possivelmente a única pessoa inocente envolvida nesta teia em que nos encontramos presos. Ela não merecia isso, morrer daquele jeito. Cortada. Dissecada. Com seu coração arrancado.

Ela não fez nada além de mostrar a cada um desses homens destroçados o amor de uma mãe, guiando-os e protegendo-os desde que eram jovens. Sei que a culpa deles é pesada; todos nos sentimos responsáveis pela sua morte e pelo desaparecimento de Thatcher.

Rook se agacha, tirando uma moeda do bolso e jogando-a. Ressoa no ar ao atingir o caixão de madeira. — Vamos fazê-los pagar por isso, May. Prometo.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha e reprimo um soluço sufocado.

— Juramos pelo Rio Styx. — A voz de Alistair soa como se estivesse engasgado com cascalho, e vejo sua moeda de ouro cair no buraco, caindo com um baque surdo.

— Rio Styx? — Sage pergunta curiosamente, olhos azuis velados com lágrimas e pele pálida tingida de rosa.

— Homero escreveu que os deuses juram pelas águas do Styx. É o seu juramento mais vinculativo — respondo, mordendo o interior da bochecha e permitindo que o silêncio tome conta de todos nós. — É uma promessa inquebrável.

DOIS



PARA SE TORNAR UM ASSASSINO

Lyra

Viro a chave da caixa de música mais uma vez, girando até que a tensão fique forte antes de soltá-la e encher meu quarto com o som mais uma vez. A melodia cintilante ecoa pelas quatro paredes, e não demorei muito para descobrir o título da música.

“*Once Upon a Dream*” era uma música que minha mãe costumava cantarolar enquanto trabalhava em casa ou na cozinha, tentando cozinhar, e às vezes cantava enquanto me preparava para dormir. É uma música que me lembraria em qualquer lugar, e não tinha certeza se era o universo ou algum tipo de destino que encontrei essa pequena bugiganga na torre da Biblioteca.

De qualquer forma, isso me traz uma estranha sensação de conforto e, por isso, sou grata.

Meu telefone vibra na cama ao meu lado, e não preciso olhar para a tela para saber que é Briar ligando. De novo.

Continuo deixando tocar enquanto olho para o teto, meus dedos traçando os redemoinhos dourados ao longo da base da caixa até que o som acabe. Colocando o objeto extravagante na cama, pego meu telefone e rapidamente envio uma mensagem para minha amiga preocupada.

B: Feliz Ano Novo, sentimos sua falta.

Como é possível que tenha passado um mês? Como é o início do ano novo sem ele aqui?

Eu: Feliz Ano Novo. Sinto falta de vocês também. Apenas não quero conversar essa noite.

B: Lyra...

B: Não vimos você desde o funeral. Porque não nos deixa estar aqui para você?

Digito metade da mensagem e penso melhor. Não quero dizer à minha melhor amiga por mensagem que não a quero aqui para que ela possa sentar e me dizer que ficará tudo bem. Que as coisas vão melhorar.

Não quando ela estava tão decidida que eu ficasse longe de Thatcher, para começo de conversa. Não estou dizendo que não teria feito a mesma coisa na posição dela, mas ela só tinha informações superficiais quando se tratava da minha situação.

O que, admito, é minha culpa, mas ele me fez prometer. O que aconteceu entre nós era segredo. Eu preferiria que Briar fosse protetora em vez de Thatcher me ver como desleal.

Eu: Só quero ficar um pouco sozinha, B.

B: Poderíamos ir e ajudá-la a limpar? Sei que tem no mínimo dez garrafas de água vazia em sua cômoda. Não precisamos conversar. Alistair também está preocupado.

Deixei-me olhar para o vazio por mais um momento antes de estremecer ao olhar para minha mesa de cabeceira, que, na verdade, tem muitos recipientes de plástico espalhados.

Não consigo nem me sentir envergonhada ao olhar para o estado do meu quarto. As plantas penduradas e em vasos espalhadas precisando desesperadamente de água, poeira cobrindo as prateleiras que guardam diversos itens de taxidermia, lixo no chão, roupas jogadas.

A única coisa que tive energia para fazer foi alimentar Alvi. Seu terrário de dois andares é a coisa mais limpa da minha casa. Sou melhor cuidando da minha cobra-real branca do que de mim mesma.

Obrigando-me a sentar, chuto um par de jeans sujos pelo quarto enquanto ando silenciosamente até o meu armário, admirando o que costumava ser meu quarto seguro, agora transformado em um tornado de depressão.

É o último espaço da cabana que remodelei. Cuidei de cada centímetro, aproveitando para economizar cada porta-retratos dourado que mostrava diferentes espécies de insetos. Comprei vários crânios de animais diferentes, que estão cuidadosamente colocados em minhas estantes do chão ao teto. Selecionei móveis,

plantas e até minha cabeceira de veludo preto na esperança de criar um espaço que parecesse meu. Meu cantinho esquecido do mundo.

Passei um ano inteiro projetando e restaurando minha casa, apenas para deixá-la se transformar em um ninho de autoaversão. Não consigo nem ficar triste com isso. Não quando tudo parece tão sombrio.

Não quero ver ninguém nem fazer nada. Por que haveria de fazer isso quando estou constantemente alternando entre depressão silenciosa e raiva desenfreada? Minha dor é uma guerra, interações hostis e uma necessidade constante de fazer com que todos ao meu redor sintam essa perda.

Abrindo a porta do meu armário, rapidamente puxo o suéter preto do cabide, pressionando o material macio no nariz e inalando os restos fracos de sua colônia. Lágrimas ardem em meus olhos e esfrego o punho na frente do peito para aliviar a sensação de ardor que começou. Quero desesperadamente acreditar que ele está vivo, que está bem e que de alguma forma encontrará o caminho de volta.

No entanto, já se passou um mês desde o assassinato de May e não conseguimos encontrar uma pista para seguir. Não tenho respostas, apenas uma esperança patética de que ele esteja em algum lugar, ainda respirando.

Não tenho certeza de quanto tempo fico aqui – tempo demais para ser considerado saudável para meu estado mental atual, mas assim que encontro motivação para descer e vasculhar meus armários em busca de um saquinho de chá, logo fico desapontada

quando encontro a lata vazia. Eu ria, mas o humor da situação morre quando percebo que terei que ir à cidade comprar mais. Por um momento, penso em perguntar a Briar se poderia me trazer um pouco, e ela traria, mas depois pediria para ficar.

Entraria com seu sorriso suave, Sage a reboque, com um estoque de maconha de Rook que ela rouba, e passaríamos a noite em uma pilha de cobertores na frente da minha TV. Todas fingindo ser estudantes universitários normais enquanto o mundo do lado de fora da minha porta cai na merda. Seria divertido e quase reuni energia suficiente para me comprometer, mas ela desaparece rapidamente. Mentalmente, não serei capaz de lidar com a pena nos seus olhos ou de ser uma boa companhia porque parece impossível esconder minha preocupação.

Estou constantemente pensando em quanto tempo levará até que eu o veja novamente. Outro mês? Anos? Nunca? Isso parece uma realidade muito difícil de suportar, e quero adiar a aceitação de sua morte, mas a cada dia fica mais difícil ter esperança.

Agarrando meu casaco xadrez antiquado, calço um par de botas de chuva amarelas que estão ao lado da porta. Tenho um rápido vislumbre de mim mesma no espelho perto da porta da frente, estremeando com as olheiras sob meus olhos.

Tenho certeza de que em algum lugar do mundo, o vestido de renda gótico que usei no funeral combinado com esta jaqueta e essas botas é de alta costura. Aqui, é improvável que alguém preste atenção em mim por tempo suficiente para perceber.

Não sei por que o coloquei esta manhã, talvez para lembrar. Para lamentar ou sentir a dor da perda. Sempre fui uma idiota por afundar na minha autopiedade.

A gola alta de renda que envolve meu pescoço arranha minha pele enquanto o calor do meu carro atinge meu rosto. Silenciosamente, dirijo em meio à neve, observando o sol se afastar, permitindo que a escuridão encharque os pinheiros.

Fico satisfeita em ver o estacionamento vazio, exceto por alguns carros. Só queria que as lâmpadas fluorescentes dentro da loja não fossem tão brilhantes. Sentindo-me como uma vampira enquanto a luz queima minha pele e meus olhos, tento me proteger do brilho forte.

Normalmente, passava horas dentro da loja, vagando pelos corredores e descobrindo novos alimentos para me fixar ou doces que ainda não tinha experimentado. Agora, tudo o que quero é voltar para casa, enrolar-me nos cobertores e dormir durante o próximo meio século. Talvez quando acordasse, tudo estivesse acabado. O Halo estaria destruído, o assassino *Copycat* atrás das grades e meus amigos estariam felizes. No mínimo, todos encontraríamos um pouco de paz.

Estou mordendo o lábio inferior, tentando decidir que sabor de chá quero para a próxima semana. *Lady Grey, Chai, Lemon Delight, Ginger Black, English Breakfast, Pomegran...*

Botas pesadas batem no chão de ladrilhos, passos molhados da neve lá fora. Não sei explicar como sei, mas sinto o momento em que a pessoa entra no corredor. Os pelos do meu pescoço se arrepiam em alerta, meu coração bate um pouco mais rápido.

O som de um carrinho se movendo ecoa em meus ouvidos e silenciosamente viro minha cabeça. O que encontro é uma surpresa.

Vestido com uma camisa de botão e calça engomada, assobiando a cada passo, está um homem que tem assombrado meu sono. O *Player One*.

O homem que me amarrou a uma cadeira, me espancou até ficar machucada e tentou me afogar caminha pelo corredor com uma confiança relaxada. Sem saber da minha presença, ele parece um cara comum que acabou de sair do trabalho, parando na loja para pegar qualquer item que sua esposa lhe mandou por mensagem; ou talvez seu marido. De qualquer forma, há uma faixa dourada enrolada em seu dedo, o que significa que ele pertence a alguém.

Mesmo alguém tão vil como ele pertence a outra pessoa, e pode não ser o único motivo, mas é parte do motivo pelo qual não compartilho dessa qualidade.

Por que a pessoa que *me pertence* não está mais aqui.

Ele deve sentir meu olhar porque olha em volta até fazermos contato visual. O reconhecimento aumenta e é óbvio que ele sabe quem eu sou. A fome se acumula em meu estômago, uma coceira familiar começando na ponta dos meus dedos. Sinto que meu sangue pode pegar fogo enquanto o zumbido elétrico da oportunidade corre através de mim. A ira percorre minhas veias com uma velocidade violenta, e olho para o Player One não como meu atacante, mas como algo muito melhor.

Uma saída.

Toda essa raiva e culpa miseráveis finalmente têm um lugar para ir, dada a oportunidade perfeita para saciar minha sede de vingança, mesmo que seja por um momento. Aperto as mãos em punhos, deixando os nós dos dedos brancos.

Foi tudo culpa deles – culpa *dele*. Eles são a razão pela qual Thatcher desapareceu de mim. Pelo que sei, este homem pode ser a pessoa que o matou. Saber que ele já é um cachorro para Stephen Sinclair significa que não duvido de seu envolvimento.

O que eu fiz com seu parceiro, Michael, o outro homem que colocou as mãos em meu corpo e tentou acabar com minha vida, foi apenas uma prévia do que queria fazer o *Player One* passar.

Eu os avisei o que me tornaria se eles o tirassem de mim. Agora não há necessidade de temer o ceifeiro. Deveriam temer a mulher que o ama.

Dando um sorriso suave, escondo qualquer reconhecimento e volto para a seleção de chá enquanto ele olha para a minha nuca. Deixei que olhasse para mim e calculasse seu plano sobre como se livrar de mim.

O medo que uma vez nutri pelo desejo que vive dentro de mim não existe mais. Abracei aquilo em que Henry Pierson me transformou e estou pronta para deixar isso escapar.

Exceto que, desta vez, não preciso de um motivo para machucar o *Player One*. Não preciso de uma desculpa ou algo assim para aliviar minha culpa futura. Não me importo mais se ele fez algo errado ou se merece a morte. Vou matá-lo por apenas um motivo. Porque eu quero. Nada além do desejo irresistível de sentir seu sangue entre meus dedos.

Pegando um chá aleatório da prateleira, giro fazendo minhas botas de chuva rangerem. Saio do corredor e vou em direção ao caixa, sabendo que ele está atrás de mim quase a cada passo.

Ele aparece como uma sombra enquanto eu pago, tirando a sacola da prateleira.

— Tenha uma boa noite.

— Terei — respondo a caixa adolescente.

Com uma caminhada constante, me acomodo na calma misteriosa que cai sobre meus ombros. Caminho até as portas e entro na neve mais uma vez. Deslizando a mão no bolso da jaqueta, corro os dedos pelo metal liso que está escondido. É um dos itens mais caros que roubei de Thatcher, mas possivelmente um dos meus favoritos. Roubei dele no segundo ano do ensino médio, depois de levar uma semana para descobrir a combinação do armário. Roubei dele também um pacote de chicletes naquele dia.

Esfrego o polegar no canivete, evocando a sua lembrança. Todas as coisas que Thatcher me ensinou - ser precisa, ter um plano, estar no controle - parecem flutuar no fundo da minha mente enquanto ando até o carro. Meu único plano é quebrar uma de suas regras mais importantes.

Não mate por emoção.

Esta noite, estou matando apenas por isso.

Tirar uma vida não para melhorar a sociedade ou ajudar, mas para aliviar a dor dentro de mim. Uma maneira de despejar toda a minha frustração e dor em outra coisa. Quero matar para me sentir um pouco melhor.

O *Player One* é meu rato, preso em um labirinto complicado e desavisado. Da última vez, ele estava no controle, e tenho certeza de que ainda se sente assim enquanto ando até meu carro, no estacionamento mal iluminado.

A lâmpada da rua pisca, ameaçando apagar. Meus dedos apertaram o botão de desbloqueio, o som ecoando. Meu coração bate em um ritmo constante, como se até meu corpo tivesse aceitado o que sou.

Separei minhas emoções, as removi da equação, e a assassina dentro de mim assumiu o controle para garantir minha sobrevivência. Meus dedos zumbem de excitação quando abro a porta traseira, jogando o saquinho de chá no chão atrás do banco do motorista. Conto até três em minha mente. Isso é tudo que preciso antes que ele me empurre com toda a força de seu corpo, rapidamente me empurrando para o banco de trás do meu carro, pressionando uma mão grossa nas minhas costas.

A adrenalina percorre meu sistema, minha boca permanece fechada enquanto ele se deita em cima de mim. Eu luto, dando um pontapé e me virando para ficar de frente para ele. O peso do seu corpo me pressiona contra o couro. Enrolando os dedos em volta da arma no bolso, olho para ele com olhos pacientes, em silêncio, esperando que faça algo que não seja previsível.

— Lembre de mim? — Sua voz está velada na escuridão. Sinto seu aperto ao meu redor e tenho certeza de que ele se sente consumido pelo poder. Aposto que se sente no controle, um homem forte e imparável.

E eu sou apenas sua presa. Uma ponta solta que precisa ser amarrada.

Pisco, inclinando um pouco a cabeça para evitar o cheiro de seu hálito fétido. — Deveria ter me matado quando teve a chance.

A confusão junta suas sobrancelhas, e tomo isso como minha abertura. Aperto o botão na lateral da faca, sentindo a lâmina se soltar e, antes que ele possa fazer mais do que piscar, deslizo a ponta pela frente de sua garganta. A pele encontra o metal, e sinto-a derreter ao longo da borda afiada, descascando e abrindo uma cascata de líquido vermelho. Escorre do corte, cobrindo a frente do meu corpo. Encharca meu vestido, pinta meu pescoço e seu calor faz meu corpo zumbir.

O poder me afoga, derrama-se sobre mim como ouro líquido e mancha meus dedos e boca. Engole-me, e tudo que quero é mais, ávida pelo gosto que tem na minha língua. O poder percorre minhas veias e assume o controle. Sinto isso vibrando em meus ossos, doendo.

Todas as teclas dentro de mim clicam e deslizam para o lugar, como se minha mente e meu corpo finalmente tivessem se fundido em um acordo. É neste momento, enquanto me afogo no sangue de um homem, que me aceito apesar de todas as coisas horríveis que um dia temi.

Morte e decadência. Amante do macabro. Uma assassina.

Todo o sangue parece me mandar para um lugar diferente. Lyra está guardada em segurança no armário da minha mente enquanto algo completamente diferente assume o controle.

Minha boca se abre em um sorriso enquanto seus olhos se arregalam. Mãos aterrorizadas lutam para estancar o sangramento e o vejo entrar em pânico. Uma mosca presa em uma teia, lutando pela vida, sem saber, caminhando direto para as mãos da morte.

Isso alimenta meu orgulho, meu ego, vê-lo se desintegrar, sabendo que toda a sua vida está nas mãos da minha miséria. Sou a última coisa que ele verá antes de se transformar em nada. Meu rosto assombrará seu espírito em todas as vidas. A garota que ele não podia matar, a garota que comeu seu controle e cuspiu em seus pés.

Ele deveria pagar, e o preço tinha sido sua vida.

Fico quieta, vendo a luz fraca em seus olhos. A cor desaparece de seu rosto e ele engasga, gorgolejando algum tipo de apelo. O sangue continua escorrendo, um jato sem fim. Um banho de vingança. Uma refeição carmesim para a raiva depravada dentro de mim.

Ocorre-me que ele será o primeiro de muitos, o domínio na frente da linha, e não pararei até que todos os culpados paguem pelo que fizeram. O que tiraram de mim.

Inspiro o cheiro metálico profundo, sentindo seu corpo relaxar contra o meu. A temida percepção de que há um cadáver em cima do meu começa a se instalar. Espero que a culpa me siga, mas nunca acontece. Há apenas um alívio profundo e minha adrenalina atinge minha corrente sanguínea.

A faca cai no chão e agora tenho que descobrir uma maneira de me livrar do seu corpo, sabendo que não posso deixá-lo no estacionamento de um supermercado. Com mais esforço do que

gostaria de admitir, pressiono minhas mãos em seu peito e movo nossos corpos para poder sair do banco de trás.

Quando estou de pé, olhando para a bagunça que fiz, quase quero que o pânico se instale. Algum tipo de emoção além de um entorpecimento monótono, mas nada nunca me atinge. Talvez por causa de todas as coisas que Thatcher me ensinou, ou talvez porque não tenho mais nada a perder. Qual é a minha liberdade se ele não faz parte dela?

A maior parte do corpo do *Player One* está flácida contra meus assentos de couro, mas seus pés balançam para fora da borda, me lembrando da bruxa do *Mágico de Oz* quando a casa caiu sobre ela.

Olho ao redor do estacionamento vazio antes de agarrar suas botas e empurrá-lo ainda mais para dentro do carro, dobrando seus joelhos na altura do peito para que seu corpo grande se encaixe.

Quando deslizo para o banco da frente, olho para minhas mãos pintadas. O sangue ainda está pegajoso e grudado no volante. Faço uma nota mental para descolorir o interior amanhã.

Sigo no piloto automático, ligando o motor, voltando para casa, o tempo todo tendo plena consciência do cadáver amontoado na parte de trás. Talvez amanhã, quando a adrenalina passar e a realidade se instalar, me sinta culpada. Sentirei medo ou entrarei em pânico.

Até que isso aconteça, usarei essa nova sensação de calma para me livrar do corpo.

A neve se transformou em chuva, batendo no meu para-brisa quando entro na garagem. O cheiro forte da morte é eliminado de mim quando empurro a porta, inspirando profundamente o ar frio.

A chuva gelada cai enquanto um trovão ressoa no céu.

Meu plano não foi além de trazê-lo aqui. Agora vem a questão do que farei com o corpo. Queimá-lo? Não, está molhado demais lá fora. Ácido? Não tenho nenhum.

Eu poderia, no entanto, enterrá-lo. Meu quintal já está destruído por causa das reformas e das minhas tentativas patéticas de tentar começar um jardim. Se alguém fizer perguntas, seria fácil usar terreno perturbado como manutenção da casa. É a única opção que tenho e não há mais ninguém com uma ideia melhor.

Uma coisa que nunca mencionam sobre matar alguém é o peso do corpo após a morte. É uma verdade que estou aprendendo da maneira mais difícil enquanto puxo esse homem pelos pés do lado de fora da minha casa.

Meus pulmões queimam e meus pés doem quando tropeço para trás. O ar frio torna quase impossível respirar. Parecem horas de puxão, mas, felizmente, meu quintal aparece. Arrastando-o apenas mais alguns metros até que ele fique perto do meio, solto seus pés e coloco as mãos nos joelhos. Estou fazendo tudo errado, sei que estou. A frustração me consome, e tudo que quero é que ele esteja aqui.

Thatcher saberia o que fazer. Teria me mostrado. Ele deveria estar aqui. Por que ele não está aqui?

Um soluço sai da minha boca e sinto meu peito apertar insuportavelmente. Todas aquelas emoções que foram escondidas quando a faca estava em minha mão voltam.

Sinto sua falta.

Poderiam ter tirado qualquer coisa de mim, qualquer coisa, mas ele não.

Relâmpagos atingem o céu, as nuvens choram comigo enquanto os trovões sacodem as árvores ao redor da minha casa. As lágrimas se misturam com a chuva e a exaustão me atinge com força.

O estalar de um galho chama minha atenção para cima. Levanto meus olhos lacrimejantes, esperando que uma árvore caia devido à tempestade, mas estão todos intactas.

Está ali. Uma figura escura bem na minha frente, vestida de preto, com as mãos enfiadas nos bolsos e a chuva forçando seu cabelo na frente do rosto pálido. O ar frio não tem nada a ver com seus olhos.

Gotas de água escorrem de sua boca, deslizando por sua mandíbula angular.

Minha mente me diz que é um fantasma. Uma habilidade de enfrentamento que meu TEPT causou para lidar com sua perda, mas meu coração, meu coração viciado, bate pela primeira vez desde que ele desapareceu.

É você! É você! Você voltou, voltou!

O sangue corre para meus ouvidos, vibrando enquanto meu coração bate violentamente contra meu peito. O mundo parece

girar um pouco mais devagar e sinto minha garganta se contrair ao som de seu nome.

Nenhum de nós se move. Apenas ficamos ali olhando um para o outro.

Ele é devastador. Um deus quieto e mórbido entre os humanos.

Quase deixei minha mente vencer. Quase acredito que ele é um fantasma.

Até...

— Olá, querida fantasma.

TRÊS



NOITE DOS MORTOS VIVOS

Thatcher

Nunca gostei muito das escolhas de roupas de Lyra.

Esta noite, esse não é o caso.

Ela é uma visão em preto.

Essa cor pode ter sido criada só para ela.

A adorável noiva de Grim com um cadáver a seus pés como presente de casamento. A sedutora da luz. Meu único erro, a garota que enganou a morte.

Uma mãe de corvos em tecido rendado que envolve delicadamente seu corpo, emoldurando cada centímetro. Meus lábios se curvam um pouco, vendo as listras vermelhas na pele exposta, manchando o material.

Ela usaria um vestido caro só para deixar o sangue e os elementos estragarem tudo, mas nunca se importou com o que envolve o pacote, apenas com o que está por baixo. A gola alta se mistura com os cachos molhados e escuros de seu cabelo, tornando impossível dizer onde termina um e começa o outro.

— Usou aquele vestidinho lindo para mim, Lyra?

Minhas primeiras palavras para ela desde que parti, e gotejam desgosto, embora meus olhos percebam o contrário. A chuva cai sobre seu rosto de porcelana, e os tremores de seu lábio inferior são refletidos pelo luar.

Meu retorno é um alívio para ela e me atrapalha gravemente.

— Usei no funeral da sua avó — ela sussurra, sua voz um eco da dor que viveu recentemente. — Era da minha mãe.

Contraio minha mandíbula, o músculo da minha bochecha saltando.

Uma ira silenciosa cresce em meu peito.

Nunca gostei de funerais ou de lamentar os mortos, mas uma parte de mim gostaria de ver May em paz. Para talvez remover minha imagem final dela.

Durante toda a minha vida, sempre pensei nela como alguém forte, obstinada e imóvel em minha turbulência. No entanto, ela não poderia ter sido mais diferente em seu último dia. Meus dias de criança me tornaram imune a todo aquele sangue. As partes do corpo cortadas e os ossos expostos.

Vi mulheres desumanizadas, brutalmente amarradas como vacas para o abate, e fui obrigado a limpar as consequências. Nas horas vagas, meu hobby favorito era esfolar outros assassinos em série.

Não havia nada que me chocasse no departamento de assassinato, mas não foi um choque que me atingiu quando vi May

no chão da cozinha. Algo escorregadio passou pela minha pele – parecia uma tempestade dentro do meu próprio corpo.

Gostaria de pensar que vê-la ser enterrada teria me proporcionado uma espécie de abrigo.

— Onde esteve?

É uma pergunta válida, que não tinha planejado responder até Stephen ser preso por suas ligações com Halo, mas minha caçada foi rudemente interrompida pela sua imprudência. Não lhe dou uma resposta; apenas continuo seguindo em frente. Minhas pernas reduzem a distância até que a única coisa que nos separa é o cadáver de um homem que deveria ter sofrido muito mais.

A morte sempre parece ser aquela linha tênue entre Lyra e eu. Sempre lá, pairando em nosso espaço, existindo entre nós dois como o ar. Para onde vamos, segue.

Meus dedos se estendem, procurando o tecido rendado em sua gola. Quando faço contato, esfrego o material úmido com o polegar. Seu corpo amolece, relaxado, inclinando-se em direção ao meu toque.

O peso sai de seus ombros, e a sólida parede de ferro que a protege do mundo desmorona a cada toque do meu dedo. Isso só torna meu trabalho de machucá-la mais fácil. Ela é tão fácil de destruir assim, flexível sob minhas mãos.

Levanto meu dedo indicador, acariciando a lateral de seu pescoço com movimentos reconfortantes. A suavidade de sua pele faz com que os pelos da minha nuca se arrepiem, reagindo sem o consentimento da minha mente.

Aqueles olhos de jade praticamente brilham, iluminados por qualquer luz que ainda esteja lá dentro, e ela olha para mim como se eu fosse seu herói. Seu anjo.

— Divina — sibilo.

Nunca quis dizer mais nada. Nunca fui tão honesto.

— Tatch...

— Tanto que quase compensa a bagunça que fez esta noite — digo a ela calmamente. — Quase.

Suas sobrancelhas franzem e pressiono meu dedo contra a pulsação em sua garganta, captando o ritmo constante.

— Diga-me, foi uma ignorância abençoada ou querendo ser pega?

Ela para, lambendo o lábio superior, possivelmente sentindo no ar que estou prestes a lembrá-la de quem sou. Que nunca fui um anjo, para ela ou para qualquer outra pessoa.

Eu me deixei distrair, me perder em sua bagunça, desfocando temporariamente minha imagem no espelho. Fui criado para machucar as coisas, para nunca conhecer a paz, e esqueci por um breve momento que deveria matar toda e qualquer emoção. Não há lugar para ela dentro de mim. Não há casa para ela viver.

Estou vazio, movido pelo ego e pelo controle que advém de acabar com a vida de alguém. Isso é quem sou. Essa é a pessoa com quem ela tem que lidar, para entender que não sou seu amante infeliz. Sou a raiz de todo mal, a semente da imoralidade.

— Quão chato é matar alguém em um estacionamento público?
— Coloco minha mão sob seu queixo, inclinando-o para que me

olhe nos olhos. — Eu disse a você para nunca matar usando a emoção como combustível. No entanto, aqui estamos, Lyra.

Algumas de suas lágrimas se misturam à chuva que cai.

— Ele estava lá — ela murmura. — Estava lá fazendo compras e você não. Você se foi e eu pensei...

— Pensou?

— Que você estava morto. Achei que estava morto e ele ainda respirava depois de tudo que fez comigo. Feito a nós. Não poderia. — Sua cabeça balança, as mãos trêmulas de adrenalina. — Eu não consegui controlar. Era mais fácil sentir vontade do que lidar com a tristeza. Então sim, matei por emoção, mas isso não é culpa minha.

Oh, me poupe. Meus dedos apertam seu queixo, mostrando minha desaprovação pela sua resposta.

— De quem é a culpa, Lyra? Dele? Deus? Voltou a não possuir o que é? O que gosta de fazer com as pessoas?

— Sua. — Ela acusa. — É sua culpa, porra.

Escarneço, balançando a cabeça com a resposta. Abro a boca para discutir, talvez para dizer algo desagradável, para que talvez ela tenha uma chance de se separar de mim antes que isso a mate, mas ela me vence.

— Você foi embora. — Sua voz treme, tristeza e pesar ondulando em cada palavra. — Deixou Alistair; deixou Rook e Silas. Você *me* deixou. — Suas pequenas mãos batem no peito ao ouvir as palavras, como se ela sentisse cada uma delas como uma faca no coração.

Sinto suas emoções como cada gota de chuva. Com que facilidade ela mostra cada grama de sentimento em seu rosto. Sempre real, muito brutal.

— Não tínhamos ideia de onde foi ou o que aconteceu. Pensamos que estava morto! Você deixou seus melhores amigos acreditarem que morreu e espera que eu fique bem? Que fique bem!

A tempestade atinge minha pele e o trovão ecoa alto, sacudindo as árvores. Elementos da natureza em sintonia com a destruição que se forma sob a nossa pele.

— Está tão fora de sintonia com a humanidade que não consegue entender o que fez? Procuramos em todos os lugares. Não consegui encontrar...

— Já parou para pensar que eu não queria ser encontrado? Por ninguém? — Interrompo seus gritos. — Pensou nisso antes de cortar a garganta de um homem no banco de trás do seu carro como uma amadora?

— Eu não sou ninguém.

Sua resposta é instantânea. Resoluta. Tão confiante nas palavras que até eu acredito nela por um momento. O vento sopra seu cabelo em seu rosto e gentilmente coloco as mechas atrás de sua orelha. Inclino a cabeça, acariciando seu rosto com as costas da mão.

— Não é?

O corpo de Lyra estremece e ela se encolhe como se eu tivesse dado um tapa no seu rosto com a mão ainda roçando sua pele. Ela

se afasta do meu toque pela primeira vez desde que a conheci. A querida fantasma é quem se afasta de mim.

Ela está se afogando na tempestade, as rajadas de vento forte fazem seu cabelo voar em volta da cabeça. Seus ombros se endireitam e todos os restos de emoções desaparecem, lavados pelas minhas palavras.

Posso ver cada tijolo sendo colocado enquanto ela constrói aquelas paredes bem na minha frente. Por isso, ajudo na construção.

— Sente isso? — Pergunto. — Sabendo como foi fácil para mim deixá-la?

Essas paredes são uma defesa contra coisas que a assustam. Uma resposta ao estresse, graças ao meu pai. Já as vi antes, mas esses escudos não estão altos devido ao medo esta noite. É por causa da dor.

Eu me inclino para perto, passando preguiçosamente meu polegar em seu lábio inferior com um sorriso predatório em meus lábios.

— Lembre-se disso quando tentar me amar novamente.

Disse a mim mesmo durante anos que tudo que eu queria era destruir a luz nos seus olhos. Sufocá-la com minhas mãos em volta de sua garganta. Quem diria que isso resolveria o problema. Flutua na escuridão e quero mantê-lo. Aquele último pedaço bom dela, escondido dentro de um frasco, mas acabou antes que eu tivesse a chance de saboreá-lo.

Embora isso seja exatamente o que eu queria, querendo, não me sinto triunfante. O poder não corre em minhas veias.

Sinto-me apenas úmido. E desprezo a expressão no seu rosto, aquela que eu coloquei ali de propósito.

Vaga, imóvel, escondida, mas não me restou outra escolha.

Ela empurra minha mão para fora de seu rosto, sua mandíbula rangendo, os olhos entrecerrados e estreitados, olhando para mim como uma presa. Suas mãos estão fechadas em punhos ao lado do corpo, e acho que ela pode realmente tentar me matar.

Bom, quero elogiar. Proteja-se de mim – precisa disso mais do que ninguém.

— Então por que voltar? Se não for por nós, então o quê, seu ego?

Minha risada é fria, sem humor. — Não fique tão surpresa, querida. Sabe quem eu sou. É tudo uma questão do meu ego.

Pensei que Colin aqui fosse seu corte final da noite, mas ela rapidamente me mostra que ainda não terminou de fazer os outros sangrarem.

— Depois de todos esses anos, ainda está buscando a aprovação do seu pai.

Sinto a dor imediatamente, sua faca acertando o alvo, e ela sabe disso, parada na minha frente com a coluna imóvel. Estou cara a cara com meu espelho.

A dócil e amorosa Lyra Abbott se foi. Está escondida e em seu lugar está algo muito mais sanguinário. Duvido que a garotinha que já foi chamada de Scarlett exista.

Quero dizer a ela que se Henry me visse agora, negaria meus genes. Ele saberia exatamente por que saí do controle para caçar seu assassino *Copycat*, e isso infelizmente não tinha nada a ver com meu ego.

Meu pai ficaria enojado comigo.

Ainda assim, permaneço quieto, mesmo quando ela começa a cavar um buraco em seu quintal para preencher um corpo.

Fico ali em silêncio, agarrando-me à aceitação de que, sim, Henry causou a ela o trauma que gerou uma curiosidade, plantou a semente do desejo mórbido. Uma fome. Um desejo.

No entanto, não foi meu pai quem transformou Lyra num monstro.

Fui eu.

QUATRO



TRAIDOR

Thatcher

Alistair Caldwell é conhecido por pensar primeiro com os punhos. Lutar é o cartão de visita de um menino negligenciado que se transformou em um homem cruel.

Quando seu punho colide com meu queixo, desferindo um golpe sólido na lateral do meu rosto, quase sinto empatia por todas as pessoas que levaram surras dele no passado.

Quase.

Uma pulsação surda ricocheteia em meu rosto, a onda metálica enchendo minha boca. Olho para o chão por um segundo, aceitando a violência que ele acabou de proferir antes de passar o polegar pelo lábio inferior enquanto viro a cabeça para encontrar seus olhos escuros.

Eu o conheço há muito tempo, mas nunca fui vítima de sua violência física. Nem uma vez.

— Sentiu minha falta, Ali?

Ele não diz nada, apenas fica em silêncio. Posso ver as palavras em seus olhos, todas aquelas que não diz em voz alta. A história permanece na sala, memórias. Se ele fosse diferente, se não tivesse nascido nas sombras e criado para ser esquecido, teria dito algo como — *Você me deixou.*

E se eu fosse diferente, se fosse capaz de sentir e não tivesse sido privado de minha humanidade quando criança, poderia ter respondido — *Eu teria voltado por você. Sempre.*

Essa porém, não é a nossa realidade. Somos simplesmente armas afiadas, criadas para a destruição, desesperados pela paz e que recebem apenas uma guerra sem fim.

— É isso? — Rook grunhe, batendo seu ombro desnecessariamente forte no meu enquanto entra no escritório vazio de seu pai, fechando a porta atrás de si. — Você me bateu com mais força quando tínhamos doze anos. Derrubou um molar.

Ele bate no queixo para dar ênfase, olhando para Alistair, mas se recusando a me dar qualquer coisa além de suas costas. Com medo de encontrar meu olhar, com medo de ver tudo o que ele tenta enterrar.

— Você é quem sempre grita mais forte, papai — digo, semicerrando os olhos. Ele vira a cabeça, olhando para mim por cima do ombro, com um sorriso doentio nos lábios enquanto torce o fósforo entre os dentes.

— Como diabos ele é seu favorito nunca fará sentido para mim — Rook murmura, dando um tapa no ombro de Alistair enquanto passa. — Deus não permita que machuquemos o perfeito. Não podemos deixá-lo machucado e procurado por assassinato.

Ele caminha preguiçosamente em direção à mesa do pai, sentando-se na cadeira e apoiando os pés na madeira.

— Espero que seu pai esteja no trabalho e não volte tão cedo. Ele adoraria me ver sendo empurrado para dentro de um carro da polícia.

— Ele fica no escritório o dia todo, só volta tarde. Provavelmente estará bêbado demais para perceber a diferença entre seu rosto e minha bunda pálida.

Olho para as duas pessoas com quem cresci, sabendo que a lealdade que nos manteve unidos está fortemente desgastada com a minha decisão de partir. Só vai piorar quando eles descobrirem que não posso dizer por quê.

De qualquer forma, não é o verdadeiro motivo, e eles são cães de caça quando se trata da verdade. Veem através da mentira, mas nunca descobrirão a verdade. Precisariam confiar em mim. Confiar cegamente.

O que eles têm pouco no momento, e isso causa algo volátil em meu interior. Nunca coloquei nenhum deles em perigo; nunca os arrisquei. Por que me questionar agora?

— Vamos acabar com isso — suspiro, trabalhando meu maxilar dolorido. — Foi no melhor interesse de todos que parti. Contar a qualquer um de vocês apenas os colocaria no caminho.

Alistair desdenha, com os punhos cerrados ao lado do corpo. Sei que ele quer me bater de novo, mas se contém, escolhendo palavras violentas.

— Você nos deixou para encontrar sua avó em pedaços. Tente outra resposta. Desta vez, pare com essa besteira.

Independentemente do que qualquer um deles diga, eles sentem. Cada um deles sente emoções de várias maneiras, Alistair em uma escala mais drástica. Está com raiva ou contente, categorizando todos os seus sentimentos nessas duas caixas, enquanto Rook sente todos em uma escala secreta.

Sei que a perda de May os magoou, que a dor deles é real — simplesmente não consigo entender. Ela é — era — uma das únicas figuras parentais que lhes mostrou bondade genuína. Passaram férias em minha casa, conheceram o único adulto saudável da minha vida. Sua perda foi um efeito cascata em cada um de nós. Todos sentimos isso, todos lidamos com isso de maneira diferente, mas ainda sentimos isso.

— Não tive outra escolha. A polícia teria visto a cena do crime e eu teria sido acusado de cada um dos assassinatos daquelas meninas. Acordo fechado: não teria conseguido sair de Ponderosa Springs antes que meus pulsos tivessem algemas.

— Poderia ter nos contado. Avisado-nos. — Rook fala, acendendo a ponta de seu cigarro e dando tragadas constantes.

— O FBI tem um mandado de prisão contra mim. Como esperava descobrir mais informações sobre Stephen e o Halo com eles farejando como cães famintos? — Contra-ataco. — Eu precisava desaparecer. Esta era a nossa melhor aposta.

— Para você — ele diz em meio à fumaça flutuando em seu rosto, os olhos endurecidos em minha direção. — Era o melhor para você. Contar-nos, incluir-nos no seu plano de refúgio, teria

sido melhor. Desaparecer sem deixar rastros foi para você – não entendo esse idiota egoísta e distorcido.

Há muitos dias do ano em que questiono como Rook e eu ainda somos amigos. É raro concordarmos nas coisas e ainda mais raro nos darmos bem ativamente, mas por alguma razão, ainda o protejo. Todos eles.

Foi a única coisa que passou pela minha cabeça depois que encontrei May. Certificar-me de que eles estavam protegidos, ilesos de qualquer reação negativa que esse assassino Copycat tentava causar.

— Eles teriam me encontrado se vocês soubessem.

— Sim? Como? Porque não confia em nós o suficiente para manter esse segredo? Seu complexo de deus é irreal – espera que confiemos em todos os seus motivos sem questionar, e a coisa mais insana é que confiamos.

— Não questione meu...

— Por que voltou? — Alistair interrompe, cruzando os braços na frente do peito. — Se esse era o seu plano, por que está aqui?

A pergunta bate mais forte que o soco, a... descrença em seu tom. Como se não importasse qual fosse minha resposta, ele não acreditaria, já considerando minhas palavras como mentira. Ao contrário da afirmação de Rook, nunca os questionei. Seus métodos? Claro, mas não seus motivos, nem seus sentimentos frágeis. Nenhuma vez.

Olho para Alistair com olhos frios.

— Nunca questioneei você quando Briar se envolveu. Não gostei, mas deixei acontecer sem nenhum julgamento. Fui eu quem ficou no hospital quando ela foi sedada enquanto você cuidava de Dorian e de seus pais. Eu te segui cegamente por anos — digo com veneno odioso.

Se eles quiserem jogar, podemos jogar.

— E você. — Viro meu olhar para Rook, escondido atrás de sua fumaça. — Quem nunca questionou sua necessidade de machucar? Quando apareceu na minha porta, me implorando para te cortar, eu te dei o que precisava. Coloquei minha vida em risco para sequestrar um policial para você se vingar de uma garota, e nem precisou me pedir.

As palavras ficam no ar como partículas de poeira, balançando entre todos nós como um pêndulo, e apenas espero ver qual de nós será o pior cortado. Fui leal a eles durante quase toda a minha vida, e esta é a sua recompensa?

— Estou surpreso que não tenha me perguntado se fui eu. Matar minha própria avó. Quero dizer, poderia ignorar isso? Não é como se você confiasse em mim.

— Thatcher...

— Sou o vilão agora. Que interessante. Pensei que estávamos todos do mesmo lado — murmuro. — Talvez pareça com seu pai, afinal, Caldwell. O traidor parece estar no código genético.

A raiva, derretida e quente, jorra de seus olhos. Posso senti-la queimando no ar. Essa é a questão de estar perto. Você sabe qual corte dói mais, quais palavras cortarão mais fundo.

Ouço a cadeira ranger e sinto cheiro de maconha enquanto Rook se aproxima, preparado para ser o amortecedor entre nós dois. Seu golpe anterior foi um aviso. Não há dúvida de que Alistair quebraria minha cara se tivesse a chance. Eu o vi lutar contra homens com o dobro do meu tamanho e sair sem um arranhão.

Nem preciso tocá-lo, contudo, para causar dor. Não é assim que a sua mente funciona. Nunca funcionou. Ele negaria, é claro, mas se eu me afastasse dele, deles? Isso o destruiria.

Porque sou o gelo que arrefece a fúria em suas veias. Aquele que o deixou se esgueirar pela minha janela quando seus pais estavam em casa. Fui eu quem lhe mostrou como curar as feridas. Quem o deixou dormir no meu chão, quem ficou acordado até ele adormecer.

Não fiz isso porque me importava. Fiz isso porque ele precisava. Estou sempre cuidando das coisas que eles precisam, mas não têm coragem de fazer sozinhos. A raiva de Alistair, a dor de Rook e os demônios de Silas.

Sou dele - ele sabe disso - tanto quanto ele é meu, mas a diferença? Eu não preciso dele. Não preciso de nenhum deles.

— Apenas responda a porra da pergunta, Thatcher.

Inclinando a cabeça, ouço o barulho satisfatório do meu pescoço estalando antes de responder.

— Estava rastreando uma pista. Pensei em cuidar do assassino Copycat enquanto vocês terminavam o resto, mas morreu. Literalmente, acho. — Fiquei sem opções depois disso.

Em minha defesa, é tudo verdade. Estava rastreando Colin - ele era minha única pista real quando se tratava de encontrar informações sobre quem estava roubando a atenção de meu pai. Não precisam saber que matar outros assassinos em séries é um ritual semestral meu. Que a existência deste aspirante é um insulto direto a tudo o que faço.

Eles também não precisam saber que eu tive que voltar porque Lyra explodiu e tive que ter certeza de que as imagens de segurança do supermercado foram apagadas. Explicar a eles algo que não consigo explicar a mim mesmo parece desnecessário. É o meu segredo. Todos eles os têm. Tenho permissão para guardar algumas coisas para mim.

— Teria sido bom saber que estava vivo — Rook murmura, provavelmente assumindo que isso é tudo que conseguirão de mim em termos deste assunto.

— O que quer, Rook? — Explodo. — Um pedido de desculpa?

Ele aperta o cigarro entre as pontas dos dedos com força, rangendo a mandíbula antes de ceder.

Estava na hora. Ele estava calmo demais para ser considerado normal.

— Você é meu irmão. Eu te odeio, eu te odeio tanto, porra, mas é meu irmão — ele sussurra, exibindo a tatuagem de moeda em seu bíceps interno que reflete a única que possuo. A mesma que Alistair e Silas carregam. — Você é irmão dele! Silas está trancado em uma maldita enfermaria. Enterrei alguém que amo sem você e pensei que seria o próximo. Não perderei mais nada de você, independentemente da sua personalidade frígida.

Irmão.

Fui rotulado por nomes de outras pessoas durante toda a minha vida.

Assassino. Psicopata. Filho, nas irmão não era um deles.

— Eu...

Uma batida na porta rouba minha voz, embora nem tenha certeza do que estava prestes a dizer. Viro-me para olhar por cima do ombro e vejo uma cabeça ruiva aparecendo.

— Mau momento?

— Perfeito como sempre, TG — Rook respira, como se não tivesse conseguido, até que ela estivesse por perto. — Venha aqui, baby.

Sage olha ao redor da sala atentamente antes de entrar com mais duas pessoas a reboque. Ela afunda ao lado de Rook calmamente enquanto Briar não tem nada melhor para fazer do que abrir a boca.

— *Ouch* — ela diz com um sorriso malicioso. — Parece que você poderia usar isso.

Um saco de gelo congelado voa de suas mãos e cai no meu peito, e sou rápido em agarrá-lo para que não caia. Elas poderiam muito bem estar espionando, e foi assim que ela soube que seu namorado havia me dado um soco no queixo, ou talvez ela o conheça melhor do que eu pensava.

Briar segura outra coisa de gelo, colocando-a cuidadosamente contra os nós dos dedos de Alistair e balançando a cabeça, mas ele simplesmente encosta os lábios na testa dela em agradecimento.

Lyra é a última garota a entrar, ainda parada atrás de mim e encostada na porta. Mexo-me para que todo o meu corpo fique na sua frente, protegendo-a atrás do meu corpo.

Posso sentir a raiva saindo de seu pequeno corpo em ondas. Provavelmente é bobagem da minha parte ficar de costas para alguém tão propenso a esfaquear homens por emoção.

— Que bom que não está morto — Sage me diz. — Seria apenas eu dando merda ao Rook, e isso é incrivelmente chato.

— Bem, agora que ele está vivo, precisamos encontrar um lugar para colocá-lo. Ele não pode ficar em nenhuma de nossas casas; é arriscado tê-lo aqui agora. Eles sabem que o esconderíamos.

— É por isso que eu deveria ter ficado morto um pouco mais — digo a Alistair, já sabendo que isso seria um problema.

— Você é mais rico que Deus. Não pode comprar um lugar? Voar para fora do país? — Briar acrescenta, como se fosse assim tão fácil.

— Tudo o que posso usar é o dinheiro que recebi do cofre do meu avô quando saí. Usando meus cartões de crédito, tentando meu passaporte, qualquer coisa que não seja uma pedra fará com que Odette Marshall me prenda em rede nacional.

— Então podemos...

— Minha cabana. — A voz calma de Lyra passa pelo meu ombro. — Está nas profundezas da floresta, longe do radar. Mesmo que a polícia tenha aparecido, há um bunker debaixo da fundação. Nunca o encontrariam.

Minha coluna fica rígida. — Não.

Eu me viro lentamente, olhando para ela. Percebo que o seu cabelo está preso em um coque e, por algum motivo, quero soltá-lo. Não gosto da ideia de ela conter aqueles cachos selvagens.

— Por que? Não é uma propriedade. Não há mordomos ou chefs particulares. — Ela levanta uma sobrancelha, cheia de uma atitude que não aprecio. — Mas estará escondido. Você estará seguro.

— Você não estará.

Odeio ter dito isso em voz alta. Que não conseguia parar de dizer isso.

Um V profundo se forma entre suas sobrancelhas, por isso deslizo minhas mãos nos bolsos para não passar o polegar em sua testa para aliviar as rugas. Tocá-la, estar dentro dela – Deus – foi um erro horrível.

Eu disse a ela que se a tivesse uma vez, não seria capaz de parar, e falei sério. É tudo em que consigo pensar quando ela está por perto. Como ela se sentia, como parecia, como meu sangue fluía através do dela e como aceitou bem tudo o que eu dei.

Eu a quero, não negarei isso a mim mesmo. Ela é a única pessoa por quem senti algum tipo de atração física, mas isso é tudo... uma resposta física e biológica. É tudo que pode ser.

Os olhos estão nas minhas costas, todos com perguntas diferentes, mas nenhum deles obterá resposta. Mal posso admitir em minha mente que a razão pela qual fui embora, por que desapareci e por que voltei, foi por causa dela. Tudo por causa de Lyra. Para proteger minha maldita garota com sabor de cereja.

Se o *Copycat* foi depois de May, ela será a próxima na lista. Se Odette Marshall descobriu, não demorará muito. Não posso arriscá-la. Quanto mais perto chego dela, mais perigo ela corre.

— De você? — Ela pergunta, cruzando os braços na frente do peito. — O que vai fazer, me matar enquanto durmo?

— Não flerte comigo desse jeito. — Eu sorrio, observando a cor de suas bochechas ficar rosa.

Sua raiva não tira seu desejo por mim. Está embutido nela, e nada que eu faça mudará isso. Eu sei, porque funciona da mesma maneira comigo. Nossa conexão é um grande inconveniente.

— Você não tem outra opção. — Ela mastiga a parte interna da bochecha, mas fica um pouco mais alta que o normal. — É minha cabana ou prisão. Agradeça por estar oferecendo isso em primeiro lugar.

Um sorriso puxa minha boca. — Desenvolveu uma espinha dorsal impressionante, Srta. Abbott. Deixe-me saber para quem enviar o cartão de agradecimento.

Talvez ela tenha aprendido alguma coisa com nossas aulas.

Gosto do jeito que ela fica na minha frente, mesmo que a confiança seja falsa e alimentada pela dor que causei. Lyra está ficando mais confortável com a criatura que se esconde sob sua pele, não se escondendo mais dela.

Tudo isso para dizer que não me faz mudar de ideia.

Não posso deixar nada acontecer com ela. Especialmente não posso permitir que um assassino em série sem originalidade a leve.

Ela não merece meu ódio, mas merece viver mais. Não vou colocá-la em risco.

— Também não quero dividir meu espaço com você, Thatcher mas é tudo o que tem.

— Não.

Ela solta um pequeno suspiro, revirando os olhos. — Prisão, então. Apodreça por tudo que me importa.

— Eu...

— Aconteceu alguma coisa entre vocês dois? — Briar me interrompe, censurando Lyra pela falsa narrativa que está pintando.

Olhando para mim e vomitando palavras que ela acha que me afetarão. Fingindo que aquele coraçãozinho dentro do seu peito pálido não está batendo por mim. Como se minha fantasma não existisse só para mim. Como se ela não sangrasse por mim. No entanto, o resto das pessoas nesta sala não precisam saber disso.

— Sim, como foder? — Rook acrescenta.

Minha mandíbula contrai. Não quero morar com ela, mas definitivamente não preciso que ninguém faça perguntas sobre mim e Lyra. Ceder a isso é como assinar sua certidão de óbito, mas talvez, se eu puder ficar com ela alguns dias, encontre outro acordo rapidamente. Apenas alguns dias.

— Engraçado — digo — mas não. A prisão e o longo tempo passado com Lyra parecem muito semelhantes agora. Esperava uma terceira opção.

A dor passa por seu rosto e quero agarrá-la. Sacudir os seus ombros e lhe dizer que isso é o melhor. Que eu gostaria que ela visse o quão perigoso é estar perto de mim, que tudo isso é por ela. Fazê-la entender que, por alguma razão, meu cérebro não consegue lidar com a ideia de seu jovem cadáver, mas fico calado, deixo-a acreditar em todas as piores coisas sobre mim.

— Tem certeza de que está tudo bem com isso? — Briar pergunta à amiga, preocupada.

Se Briar soubesse o quão assustadora Lyra Abbott poderia se tornar, nunca se preocuparia com sua segurança. Ela mesma teria medo dessa pequena assassina. Sua melhor amiga ficaria na sua frente e pensaria: como essa doce menina se transformou em uma criatura tão horrível?

A parede desce na frente de seus olhos, protegendo todas as emoções por trás dela, lançando seu olhar para as pessoas atrás de mim com um sorriso de lábios apertados.

— Sim — ela cantarola. — Só tenho que cancelar meus planos com Godfrey neste fim de semana. Ele vinha para ajudar com uma exibição de aranha em que estou trabalhando.

Minha mandíbula contrai, as mãos flexionando dentro dos bolsos. Eu a desafio com meus olhos a deixá-la convidá-lo para sua casa. Ela passará a noite chorando em uma poça de partes mutiladas do corpo dele.

Ele também não tem permissão para tê-la. Ninguém tem.

Porque mesmo que eu não possa tê-la, ela ainda é minha fantasma. Ainda me assombra.

E cada centímetro assassino pertence a mim.

CINCO



BRANCA DE NEVE

Lyra

Abrir a porta para o Thatcher é como deixá-lo entrar ainda mais na minha alma, como se ele não estivesse suficientemente incorporado lá. Ver seu corpo magro entrar em minha casa, meu mundo esquecido, faz meu peito apertar.

Tudo dentro foi reformado por ambas as minhas mãos. Da colagem *Nevermore* colada nas paredes da sala até a cozinha roxa profunda. Uma obra-prima gótica, aconchegante e sombria. Itens de taxidermia espalhados por todos os espaços, cheiro de lavanda – sou eu, e ele está vendo tudo isso.

— Há quatro quartos — murmuro, ouvindo seus passos me seguirem escada acima. — Dois banheiros.

Isso não gera nenhum tipo de resposta. Não é como se eu pensasse que aconteceria, considerando que quando ele entrou, mal assentiu em reconhecimento quando o cumprimentei. Não sou estúpida, nem ingênua, ao contrário do que ele provavelmente acredita naquela cabeça dura.

Uma pessoa que não o conhece pode atribuir seu comportamento amargo em relação a mim ao fato de sua avó ter acabado de morrer, o que é parcialmente verdade. Outra pode pensar que ele é assim, que nunca se importou, para começar, e que só está brincando com meus sentimentos miseráveis.

No entanto, nenhum dos dois é exato.

A distância que Thatcher colocou entre nós - sua partida, todo seu comportamento ridículo - foi resultado do medo. Agora, ele nunca admitiria isso para si mesmo ou em voz alta, é claro, mas posso ver.

Ele está com medo.

Este assassino imitador foi atrás de sua avó, a última parente viva que cuidava dele. Não é preciso ser um cientista espacial para saber que está com medo de que a mesma coisa aconteça com os rapazes; comigo.

Espaço, crueldade, distância. Era a única opção que ele achava que tinha. Afaste-nos e ficaremos seguros. Embora não tenha ficado óbvio quando estávamos enterrando o corpo do Player One, que descobri que se chamar Colin, ficou claro quando estávamos na casa de Rook ontem.

Ele me queria segura, a todos nós, e para ele, isso significava me afastar.

— Este é o meu quarto. — Aceno com a mão em direção à primeira porta em frente à varanda que dá para a sala de estar. — Pode ficar com o próximo ao meu.

— Por que não esse? Ou aquele lá embaixo?

Não seguro meu revirar de olhos em sua tentativa de ficar o mais longe possível de mim.

— O andar de baixo é meu espaço de trabalho, a menos que não se importe de dormir com minha cobra de estimação e todos os insetos mortos.

Ele balança a cabeça, cerrando a mandíbula. — As pessoas não deveriam ter animais de estimação fofinhos e que provavelmente não te comeriam?

— Onde está a diversão nisso? — Arqueio uma sobrancelha, abrindo a porta do quarto limpo. — Além disso, Alvi é quieto e cuida da vida dele.

— E o que há naquele quarto? — Ele aponta a mão em direção à porta no final do corredor do andar de cima. — Porto seguro para o resto dos seus animais de estimação rastejantes?

Mordo o interior da minha bochecha, olhando para o quarto escondido na penumbra. O calor floresce em meu rosto e eu limpo a garganta, olhando para ele.

— É um armazém e ainda precisa de ser remodelado, por isso está trancado. — É uma mentira perfeita, que espero que ele deixe em paz. — Há um banheiro privativo, cama e cômoda. Não é muito, mas servirá.

Ele olha para a porta no corredor por mais um momento, fazendo minhas mãos suarem antes de passar por mim para entrar no quarto. Inspiro sua colônia familiar, saboreando a proximidade no segundo que ele permite.

Thatcher coloca suas coisas na cama, depois enfia as mãos nos bolsos e olha em volta. Acompanho as veias de seus braços com os olhos, os dedos coçando para percorrer as linhas azuladas. Calças sob medida emolduram suas pernas magras, e a camisa simples e engomada não esconde o quão tonificada é sua barriga. Nem um fio de cabelo fora do lugar nem uma única imperfeição.

A luz entra pela janela sem veneziana, lançando um brilho noturno em sua pele.

Ele parece tão deslocado. Uma estátua de mármore cara que um parente comprou por um preço impressionante, sem realmente saber do que gosto. Thatcher parece limpo demais, caro demais para ficar na minha cama extra que comprei em liquidação em uma loja de departamentos.

Seus passos ecoam pelo chão de madeira enquanto ele caminha até a mesa de cabeceira ao lado da cama. Observo-o pegar o livro com capa de couro preto, um que eu tinha esquecido aqui há algum tempo, sua mão percorrendo a lombada antes de abri-lo.

Um pedaço de tecido serve como marcador de página. É quase íntimo o modo como seus dedos percorrem as bordas das páginas, lendo as palavras ao longo da página com uma curiosidade inata.

— Pele branca como a neve, lábios vermelhos como sangue e cabelos pretos como madeira de ébano — ele lê em voz alta, levantando seu olhar para o meu com um sorriso malicioso. — Esta página está marcada porque foi onde parou ou porque é o seu conto de fadas favorito dos Grimm?

— Era o favorito da minha mãe — respondo suavemente, com alfinetadas percorrendo minha espinha. — Ela costumava ler isso para mim quando criança.

— Mulher inteligente criar sua filha para não acreditar em felizes para sempre.

Franzo a testa, entrando mais para dentro do quarto, arrancando o livro de suas mãos e colocando-o contra o peito como se pudesse proteger as memórias dentro dele. — Pessoas más dançando sobre brasas e reis morrendo de ganância são felizes. Não para quem assistiu clássicos da Disney, mas para pessoas como eu.

— Pessoas como você? — Ele arqueia uma sobrancelha.

— Aquelas que conhecem um final feliz nem sempre vêm com a promessa de sol ou beijos à meia-noite. — Aperto meu aperto no livro. — A noite pode ser fria, envolta em uma escuridão amarga e, mesmo assim, ainda pode ter o seu final de conto de fadas.

Como a história de um garoto chamado Jack Frost, que me salvou de um monstro.

Há uma pergunta em seus olhos, mas ele guarda para si, descartando nossa conversa para continuar olhando ao redor do quarto. Volto para o batente da porta, deixando-o ficar confortável, pronta para sair até que ele fale novamente.

— É mais limpo do que esperava. Caótico, sem senso de estrutura de design, mas limpo.

Que gentil da sua parte, me insultando. Eu me pergunto, será que ele está tentando me lembrar do meu lugar na sua vida para

que não me apegue a tê-lo sob o mesmo teto, bem ao lado? Ou está tentando se lembrar?

Não me preocupo em olhar para ele por cima do ombro, apenas fico parada na porta, de costas para ele.

— Uau, que bom ter sua aprovação para *minha* casa.

É uma pena para ele que eu saiba como sua mente funciona. Como joga. Não estou com raiva dele, na verdade não, embora quisesse estar na outra noite. Eu o amo, entendendo-o demais para ficar chateada com ele por se comportar da única maneira que sabe.

Frio. Distante. Afiado.

No entanto, não mais serei dócil. Não quando minhas mãos foram responsáveis por três mortes. A barreira que mantinha quem eu era e quem sou se abriu quando ele partiu, enquanto me perguntava se ele estava vivo ou morto.

Se Thatcher me cortar com suas palavras, retribuirei o favor. Sei o que somos um para o outro, mas cansei de deixá-lo me machucar sem nenhuma refutação. Fomos feitos da mesma lâmina; não é difícil saber qual local sangra mais.

Talvez ele experimente seu próprio remédio pela primeira vez.

Tudo que sei é que não quero estar abaixo dele.

Quero ser igual a ele. Imagens espelhadas uma da outra. Ele reflete tudo o que sou por dentro e eu reflito o que há dentro dele. Duas peças em pé de igualdade.

Somos nós que estamos no fim disso e, no fundo, ele sabe disso. Que não pode haver mais ninguém para nenhum de nós.

— Ter-me aqui te deixa desconfortável, não é? Coloca você no limite? Ou essa é apenas a sua nova personalidade, agora que aceitou ser uma assassina? — Sei que quando me virar, ele estará sorrindo. Aquele sorriso estúpido que faz meu interior se contorcer.

— Isso importa? — Ofereço em troca, virando-me ligeiramente para encará-lo, encostando-me no batente da porta com os braços cruzados na minha frente, o livro bem guardado. Tentando ignorar o jeito que meu coração está gritando.

Ele está tão perto. Toque-o. Toque-o.

Gostaria que ele entendesse o quão difícil ele torna isso para nós. Que escolheu o homem mais difícil de amar.

— Não. — Ele estala a língua. — Mas não posso deixar de me perguntar como a pessoa que invadiu meu espaço desde que éramos adolescentes tem problemas em compartilhar o dela.

Contraio a mandíbula, rangendo os molares, lutando contra o rubor que ameaça minhas bochechas. — Adora saber disso, não é? Que eu te segui? Saber que tem um perseguidor alimenta seu já enorme ego?

— Isso não responde à minha pergunta.

— Você não tem direito a uma resposta só porque me perguntou algo.

Ele sorri, pressionando a língua na bochecha, uma mecha de cabelo caindo na frente do rosto enquanto responde. — Agora está escondendo segredos de mim, Pet? — Seus olhos endurecem. — Considerando que não contei a ninguém sobre seu recente

homicídio ou como te ajudei a se livrar de um corpo, acho que isso merece um pouco de confiança, não é?

A ameaça está presente em suas palavras. Decidi guardar as coisas para mim por causa da distância que ele criou entre nós, e agora estou sendo chantageada para compartilhar? Ele nunca poderá negar que é um Pierson, isso é certo.

— Não tem nada a ver com confiar em você, Thatcher — digo com amargura na voz. — Eu me sentiria desconfortável com alguém aqui. Esta é minha casa, meu espaço, o lugar onde não preciso me esconder. O que significa que é...

— É fácil para as pessoas te verem — ele termina por mim. — Você por inteira.

Engulo o nó na garganta, minha boca seca por causa do calor em seu olhar. Como seus olhos não se afastam dos meus nem por um segundo. Odeio quando faz isso, olha para mim como se visse tudo e isso não o assusta.

Minha pele se arrepia quando aceno. — Isso não é algo com o qual estou acostumada. O mundo me vendo. — Pego as bordas do meu suéter, puxando o fio fino da bainha. — Nem todos podemos ser construídos para a agitação das conversas políticas e da presença na mídia.

Em cada sala em que entra, é dono de cada olhar. Deleita-se com seu medo e sorri por causa disso. Eu o vi falar através de uma sala sem esforço. Esta cidade o condena, mas existe respeito por quem ele é, e ele sabe disso.

Ele ri, sem humor e áspero. Um buraco negro de som, sugando toda a luz da sala. Pergunto-me se ele sabe o que é rir de verdade.

— Depois que Henry foi preso, fiquei trancado dentro da propriedade por meses. Esta versão de mim? Ainda não existia. — Ele olha ao redor do quarto, provavelmente imaginando o quarto de sua infância. Depois volta a olhar para mim, suas longas pernas aproximando-o cada vez mais de mim.

— Recusei-me a sair do local, quase não falei com ninguém, inclusive com meu avô, o que o deixou louco. Então, para acabar com seu sofrimento, May me levou para os jardins e ficamos sentados em silêncio por horas. Observei enquanto ela cuidava das flores e falava com a equipe. Só quando começou a escurecer é que ela falou comigo.

Tento imaginar Thatcher se escondendo do mundo e, sempre que o faço, parece errado. De alguma forma, tinha me esquecido que a sua vida também havia mudado naquela noite. Eu perdi minha mãe, mas ele perdeu o pai. Independentemente do monstro que era ou do que fez com todas aquelas mulheres, ele ainda era o pai de Thatcher.

É estranho, confuso, pensar que ele também estava sozinho. Cercado de pessoas, mas muito sozinho. Apenas como eu.

Ele fica bem na minha frente, mantendo alguns centímetros entre nós, apenas o suficiente para eu senti-lo. Apenas o suficiente para querer mais.

— Ela me disse: “Diz-se que uma criança é duas partes de um todo. Um pertencente ao pai e outro à mãe. Mas” — diz ele, com um fantasma de um sorriso nos lábios — “é esquecido e muitas

vezes nunca é mencionado que as crianças são três partes de um todo. Há uma grande parte que pertence a eles. Esta parte, ao contrário de qualquer um de seus criadores, é inteiramente sua.”

Sinto seus dedos alcançarem o livro em minhas mãos, puxando-o com facilidade antes de continuar. — Ela disse que essa parte, a que possuo, é o que importa. É aquela parte que não merece ficar escondida dos olhos do mundo por causa dos erros do meu pai.

Ele folheia as páginas distraidamente, passando a língua pelos lábios secos. — Não mato pessoas porque meu pai matava. Mato porque a parte de mim, aquela que é toda minha, se alimenta disso, vive para o poder. May me deu perspectiva, força para não me importar mais com o que esta cidade sussurrava ou com o que pensavam. Foi meu pai quem fez o menino silencioso, mas ela fez o homem.

Minhas sobrancelhas franzem, a dor aperta meu peito. Dói pela versão de Thatcher que foi um garotinho. Alguém que não sabia quem era além do filho de seu pai. Uma mente jovem que acreditava que a soma de todas as suas partes era igual ao mal.

Sofri pelo garotinho que se escondeu porque todos que colocaram os olhos nele depois da prisão de seu pai o viam apenas como uma bomba-relógio. Um assassino em formação. Um terror futuro.

Ele nunca teve a chance de ser outra coisa senão cansado.

— Por que me contou isso? — Pergunto, sem saber se é a dor de perder May ou a nostalgia, mas ele nunca compartilha as coisas de boa vontade.

Os olhos de Thatcher percorrem as páginas. — Porque é óbvio que não compartilhou com suas amigas os detalhes da nossa... situação. — Seus olhos me olham de cima a baixo, um lampejo de lembrança da noite em que suas mãos estiveram por todo o meu corpo, procurando sem fim. — Agora estamos interessados em segredos.

Incapaz de me conter, estendo a mão, toco as costas da sua mão e sinto o frio imediatamente. — Não quero ficar quieta. Eu só quero...

Com facilidade e prática, ele se afasta como se eu o tivesse queimado, dando um passo atrás e entrando na sala, com o livro debaixo do braço.

— Ah, para responder à sua pergunta anterior — ele interrompe, olhando-me com desprezo. — Você alimenta mais do que meu ego, sabendo até onde iria por mim. Você me daria qualquer coisa. Você e esse coração lindo e sombrio.

Aquele vislumbre de vulnerabilidade desaparece. A máscara de um vilão cai sobre seu rosto e ele sorri.

— Se eu perguntasse, você morreria por mim, querida fantasma. Não morreria?

Sei que o chamam de psicopata. Que é a escuridão que devora a luz e nada nele é remotamente humano. Ele não consegue sentir, mas senti seu coração sob minhas mãos, gravei o ritmo constante na memória e sei que combina com o meu. É um par, o dele e o meu, criado a partir da mesma carne e músculo, dividido em dois corpos separados.

Essa é a questão do amor. Não importa se é tóxico. Se o pai dele assassinou o seu, ou se ele é incapaz de sentir. O amor não se importa porque toma conta de você. Isso te consome, te devora e te deixa estéril. Faz o que quer. Pega o que precisa e não se importa com o que fará quando for embora.

— Talvez eu morresse por você, Thatcher Pierson — murmuro.
— Mas a morte é inevitável para todos nós. O que importa é o que você faria por mim.

Suas sobrancelhas se arqueiam em questão.

— Desapareceria de novo, assim como fez quando era pequeno, só para me manter segura. — Afasto-me do batente da porta, virando-me para percorrer o corredor com os seus olhos ainda nas minhas costas. — E eu nem pedi para você fazer isso.

SEIS



SOZINHO COM VOCÊ

Thatcher

Tudo cheira a ela, e odeio isso.

É difícil manter minha mente focada na tarefa de excluí-la quando meu corpo, minha carne, está tão fraco.

Estou cercado e não há como escapar dela.

Há uma semana que estou aqui. Naquela semana, minha sanidade atingiu o nível mais baixo de todos os tempos. As quatro paredes desta sala em que estou preso não são suficientes para mantê-la afastada. Livro após livro, página após página, na esperança de me distrair do meu cenário, mas consigo senti-la.

Do lado de fora da porta, existindo, vivendo, *cantarolando*.

O confinamento solitário me deixou com comportamentos irracionais. Como criar uma lista crescente de coisas que aprendi sobre minha nova colega de quarto.

Lyra é uma coruja noturna. Ouço-a valsando pelas tábuas rangentes do chão até altas horas da noite, cantarolando e tocando uma música suave e melancólica em seu quarto. As paredes são

muito finas; deixam todos os sons passarem. Quando me encosto na cabeceira da cama e fecho os olhos, estou praticamente no seu quarto.

Por isso, aprendi seu hábito de fixação. Quando ela encontra uma música que gosta, é a única que ouve durante horas. Uma e outra vez até que se canse. É um processo interminável que meus fones de ouvido lutam para bloquear.

Os pássaros cantam do lado de fora da minha janela e uma respiração pesada passa pelos meus lábios enquanto passo a mão pelo cabelo. A manhã chegou, o que significa que o rastreador noturno da casa está dormindo profundamente.

Meus ombros estão tensos quando saio da cama, as pernas pesadas conforme pego uma calça de moletom preta da cômoda e uma camisa branca. Estou extremamente tenso, desde o fato de meu rosto estar estampado em cartazes de procurado até a interrupção da minha rotina.

Tenho vivido minha vida de acordo com um cronograma rígido desde que era jovem. Não ser capaz de continuar com isso me deixou muito perto do limite. A cada dia, me sinto mais como um animal enjaulado. Não tenho para onde ir, não tenho escolha a não ser andar pelas grades da minha cela.

Tenho cuidado para não fazer barulho, sabendo que as primeiras horas da manhã são o único momento em que me aventuro na cabana. Tenho até meio-dia até a criatura acordar de seu sono.

A neve cobre o chão quando abro a porta, e o frio congelante faz meu corpo tremer. Correr tem sido a única parte da minha programação normal que consegui manter.

A cabana de Lyra fica fora dos limites de Ponderosa Springs, escondida em uma pequena cordilheira costeira e escondida na floresta. É isolada, sem casas vizinhas e sem trânsito. Não preciso me preocupar com alguém me vendo e chamando a polícia.

O chão congelado estala sob meus passos constantes, minha respiração saindo em baforadas visíveis. Estendo a mão por trás da cabeça, tiro a camisa e enfio-a na cintura do moletom. O ar frio atinge meus dedos, uma dor familiar se instalando em meu corpo.

— *Você é minha obra-prima, Alexander. Veja o que criei em você. Estruturado. Controlado. Perfeição.*

Fico na neve vestindo apenas uma cueca boxer e meus ossinhos chacoalham. O som dos meus dentes batendo ecoa em meus ouvidos.

— *A dor é um sentimento. O que faz com os sentimentos, Alexander?*

— *Mato-os.*

Corro um pouco mais rápido, arrancando-me fisicamente da memória dentro da minha mente, e a empurro de volta para o escuro, onde pertence, esse buraco no meu cérebro que contém tudo que não me importo de lembrar.

Corro até não sentir mais frio, até que o desejo por estrutura se instale e o esquecimento dentro de mim absorva todos os pensamentos de que não preciso.

O calor da cabana atinge meu rosto, o cheiro das velas de lavanda que crepitam nos parapeitos das janelas. Coloco meus tênis molhados perto da porta e continuo minha *nova* rotina matinal.

Bisbilhotar as suas coisas. É uma troca equilibrada, acho. Ela está me seguindo há anos; é justo que eu retribua o favor agora.

Saindo da porta e entrando ainda mais na cabana, vejo que seu hobby de taxidermia ocupa a maior parte da sala. Está uma bagunça, e minha mente quase se divide ao meio com a desordem, ferramentas espalhadas pelo chão em frente à lareira vazia. Uma moldura de vidro de tamanho médio está sobre a mesa e é preenchida com linha roxa para imitar uma teia de aranha, presumo.

Entro na zona do desastre, pegando o diário que está em cima de uma pilha de trabalhos de casa. A sua caligrafia é exatamente como imaginei: caótica. Como se sua caneta não conseguisse acompanhar todos os pensamentos em sua mente. Há palavras rabiscadas em toda a página, dispensando as linhas retas, uma mistura entre cursiva e impressa.

Poecilotheria Metallica, Nephila inaurata, Chrysilla lauta.

Uma lista de aranhas nas quais está interessada ocupa as páginas. Balanço a cabeça, reprimindo um sorriso enquanto olho para seus horríveis desenhos delas e para o que imagina para esta peça final. Colocando o diário de volta, caminho pela casa.

O estranho contraste entre plantas saudáveis e decoração de caveiras de animais é adequado, representando seu equilíbrio entre vida e morte. Passo os dedos pelas fotos de paisagens com moldura dourada, curioso para saber quanto tempo ela levou para juntar tudo isso.

Há uma pilha de livros em uma das mesinhas no caminho para a cozinha, e paro para folheá-los. As páginas estão dobradas, gastas e dão a impressão de que foram lidas.

Lady Athlyne, A Ilha do Doutor Moreau, Nas Montanhas da Loucura.

Está claro que Lyra tem um fetiche por romances de terror. Posso pelo menos elogiá-la por gostar de clássicos. No meio da pilha está um livro com capa de couro, desenhos em preto e folhas douradas girando na frente. A curiosidade toma conta de mim, considerando que não tem título, então abro.

***Minha querida Scarlett, minha linda e maravilhosa
Scarlett.***

***Espero que essas memórias te lembrem de quão
especial é o seu coração viciante. Como a maneira
como ama é um presente a ser valorizado.***

***Eu te amo através dos oceanos e das montanhas,
minha garota estranha.***

Xô, mãe.

Além da dedicatória, há diversas fotos de Lyra nas diversas fases da infância. Um álbum de recortes de sua juventude. Eu a folheio quando era um bebê, parando para correr ao longo das bordas de uma foto dela quando criança.

Lyra é pequena, mal tem cinco anos, e usa um vestido coberto de estrelas. Seu cabelo está preso em dois coques altos, e o sorriso em seu rosto jovem é ofuscante. Se alguém me perguntasse como achava que era a felicidade pura, eu mostraria isso.

Sua mãe, Phoebe, está sentada no chão ao seu lado, segurando a cauda de uma cobra enquanto Lyra segura a metade superior. São tão parecidas, especialmente agora que Lyra cresceu em suas feições.

São nesses momentos que posso admirar silenciosamente tudo o que ela é, sem ter que me preocupar em esconder minha apreciação por seus modos peculiares. É nessas horas da manhã que me dou uma alguma liberdade, e fico mole.

Fraco para ela.

Um barulho vindo da cozinha atrapalha minha bisbilhotice. Fecho rapidamente o álbum de fotos, mas não antes de colocar a foto no bolso. Minhas sobrancelhas estão franzidas enquanto procuro uma faca no bolso, mas o encontro vazio.

Flexiono meus dedos, a raiva afundando em minhas entranhas. Será que aquele mísero assassino imitador simplesmente entraria em sua casa? Ele sabia que eu estava aqui? Lyra teria gritado se algo acontecesse, certo?

Esse amador está começando a me irritar, brincando comigo como se tivesse o direito ou a habilidade de ficar cara a cara comigo. Não tenho certeza de quem ele é, mas sei que, quando descobrir, terei imenso prazer em vê-lo observar como trabalha um mestre.

Sua carne marcada pela minha lâmina. Corpo cortado em pedaços, lentamente. Limpar e cauterizar os vasos sanguíneos para que dure mais. Um arrepio percorre minha espinha quando penso em montar um espelho para que ele possa ver enquanto o corto. Enterrar minha mão em suas entranhas e usá-las como decoração.

Sinto falta de matar, anseio pelo poder. Passei muito tempo sem fazer música doce e mortal.

Posso ver as notas na página do concerto que criarei para ele.

Quando chego à cozinha aberta, meu plano de tortura fracassa porque, em vez de um assassino de sangue frio, encontro um de sangue quente em seu lugar.

Lyra está cantarolando. *Salt and the Sea*, de Gregory Alan Isakov. Cantada originalmente pelos *Lumineers* e uma música que conheço sem meu consentimento. Sua última fixação, ao que parece.

Ela está sentada na ilha, com um cobertor puxado sobre os ombros e um livro no colo. A luz fraca de uma lâmpada próxima lança um brilho em seu rosto, mostrando seu rosto de querubim e alguns cachos que saem do capuz puxado sobre sua cabeça. Inclino-me contra a entrada, mordendo a língua enquanto dou uma olhada na tatuagem desbotada na frente de seu tornozelo.

Nunca mais.

A mistura perversa perfeita de macabro e belo. É fácil se destacar no mundo dos vivos, mas Lyra, a doce Scarlett, é a vida

que gira nos cemitérios. Um rosto que ecoa entre os mortos. Beleza tão divina que a morte não consegue tocá-la.

Minhas mãos coçam quando ela pega uma cereja, manchando as pontas dos dedos antes de virar a página, transferindo a substância pegajosa para a página. Uma gota de suco vermelho escorre de seus lábios, escorrendo pelo queixo.

Nunca tive tanta fome de cerejas. Anseio pelo sabor delas em sua língua, em sua pele. Minha virilha aperta de desejo, e essas calças de moletom largas pouco fazem para esconder o quanto estou faminto por ela.

— Se isso fosse um filme de terror — digo — você estaria morta.

— Estava sendo legal e deixando você terminar de olhar. — Ela boceja, esticando os braços acima da cabeça e expondo a pele da parte inferior do estômago.

Minha mandíbula contrai e algo quente queima meu rosto. Um sorriso conhecedor surge no canto de seus lábios à medida que ela preguiçosamente desvia os olhos do livro, inabalável com a minha chegada.

O sorriso desaparece quando ela me vê, cai tão rapidamente quanto apareceu, e posso sentir o calor do seu olhar traçando minha parte superior nua com um olhar de atração desavergonhada. A luxúria cobre seus olhos e não faz nada para escondê-la.

É a dona.

É um tipo especial de tortura estar tão perto e não tocá-la. Se houvesse uma maneira de voltar atrás e retirar cada toque, cada

beijo, cada corte, eu faria isso. Porque agora é tudo o que vive no meu cérebro quando ela está por perto.

— Devo retribuir esse favor? — Arqueio uma sobrancelha, sorrindo.

Um gato deve ter a língua porque ela mantém a boca fechada enquanto caminho até sua máquina de café, precisando me mover antes que ela faça algo estúpido como me tocar e eu faça algo imprudente como deixá-la.

O cheiro persistente de uma chaleira recém-preparada acalma o cansaço em meus ossos. Abro o armário acima de mim, revirando os olhos para a confusão de canecas de café incompatíveis. De *Hex*, *o the Patrichary a Poe Me Another Cup*, variam em cor e tamanho.

Escolho uma branca sólida, despejo o líquido marrom dentro e vou em direção à geladeira. Espero colocar leite dentro, mas quando abro a geladeira, encontro o creme de café que uso há anos na prateleira de cima.

— Você me viu tomar meu café da manhã? — Pergunto, pegando o creme antes de olhar para ela.

Ela balança as pernas sobre a borda da ilha, encolhendo os ombros. — É uma marca comum.

— Claro que é. — Passo a língua na frente dos dentes. — Estou curioso, o quanto sabe sobre mim, Pet?

— Você é um idiota.

— E você é uma perseguidora. Minha perseguidora. Acho que posso perguntar quais limites cruzou para me seguir. — Coloco a

xícara de café na minha frente, apoiando meus antebraços na ilha a vários centímetros dela.

Isto é o máximo que conversamos desde que cheguei aqui. Bem, ela falou – eu fiquei em silêncio e fiz o meu melhor para evitá-la. Porque de alguma forma, sempre sei como terminam as conversas entre nós.

Seu rosto está rosa claro enquanto mexe suavemente na bainha de seu moletom Hollow Heights antes de falar novamente. — Não estava fazendo isso de uma forma assustadora ou por alguma gratificação doentia que mostram no noticiário.

— Não, fez isso por amor, certo? — Minha voz é áspera, empurrando-a para a resposta que quero. — É o que todo perseguidor diz quando é pego. Foi tudo por amor.

O fogo queima em seu olhar, o interruptor ligando dentro dela. — Você estava lá na noite mais traumática da minha vida. A última coisa boa em uma sala cheia de tanta coisa ruim. Você estava lá e eu me agarrei a você.

Ninguém nunca me chamou de bom antes. Nem uma única pessoa. Nem mesmo quando criança.

— Nem sabia o que era amor naquela época, mas eu estava sozinha. Não tinha mais ninguém, exceto a lembrança de um garoto que salvou minha vida, um garoto que escolheu a bondade, e isso era tudo que eu tinha. Tudo o que tinha dentro de lares adotivos e coletivos. — Sua voz falha um pouco e ela mastiga o interior da bochecha. — Você era tudo que eu tinha.

Uma lágrima rola pelo seu rosto de porcelana, seguida por outra.

Eu me desprezo pela forma como rompi meu voto de silêncio e pela forma como estou prestes a quebrar outra regra. A palavra “controle” parece não ter peso quando estou perto da *Little Miss Death*.

Um pedaço de mim que é mais forte que o resto exige consertar o que acabei de fazer, confortá-la de alguma forma. Não tenho escolha a não ser, ser puxado para ela.

Ela era uma garota destroçada que cresceu sozinha, desapareceu nas fendas da terra e existiu no vazio. Eu me pergunto o que ela poderia ter sido sem o trauma, com a mãe ainda viva.

Ela passou por tanta dor que fui seu único lugar de conforto.

Eu.

Passo na frente de seu pequeno corpo, suas pernas se abrindo para dar espaço para minha cintura entre elas. Arrepios se espalham por suas coxas quando toca minha pele fria. Ela solta um suspiro quando minhas mãos deslizam por suas bochechas, segurando seu rosto. Meu polegar pega algumas das novas lágrimas, deslizando-as com movimentos suaves.

Sabe como é passar a vida inteira e nunca saber o que é ser gentil? Como ser gentil? Depois, conhece alguém que transborda isso, de repente, não consegue ser nada além de suave só para essa pessoa?

Tocar em Lyra é o mesmo que tocar teclas de marfim. Tudo para de girar e minha mente fica totalmente imóvel. Ali, no preto e branco de sua alma, existe um consolo. Meus dedos imploram para ouvir a música que ela faria para mim.

É simplesmente ela e o piano. Conhecem meus segredos, coisas que o resto do mundo nunca conhecerá.

— Sem lágrimas, Scarlett. Não para mim — digo. — Guarde-as para alguém que as merece.

Lyra se derrete em mim, o frio do meu toque é um conforto que ela busca em vez de se afastar. O silêncio dura vários segundos enquanto enxugo as lágrimas do seu rosto e ela se encaixa em mim.

— Nunca cheguei a te agradecer — sussurra. — Por aquela noite. Foi assim que tudo começou, a perseguição. Só queria agradecer por me salvar e tentei algumas vezes. Você era apenas... — Ela se esforça para encontrar as palavras, mastigando o interior da bochecha para ajudar a reuni-las. — Essa pessoa intangível. Sedutor e tão avassalador. Era tão lindo que as pessoas ficavam aterrorizadas, mas se recusavam a desviar o olhar. Cada vez que eu pensava: “Este é o momento de dizer alguma coisa”, nada saía. Eu era uma menininha órfã que ninguém notava, e você era infame. Nunca quis que isso se transformasse no que aconteceu. Nunca quis que me odiasse.

Lindo. Que palavra boba para descrever alguém que apodrece silenciosamente por dentro há anos.

Ninguém a notou, isso estava correto, mas eu tinha.

Eu a notei muito antes de ela começar a me seguir.

Tínhamos uns dez anos quando ela voltou para Ponderosa Springs. Era o primeiro dia de volta às aulas de todos, e me lembrei dela no momento em que entrou na aula. E me lembro daquele dia porque ouvi música quando ela entrou.

Música que criei depois da noite em que nos conhecemos. A peça inacabada, minha primeira.

Lyra é a razão pela qual faço concertos para as minhas vítimas. É a inspiração inicial para o meu troféu incomum. É por ela que todos os assassinatos que cometi foram inscritos em notas em folhas de papel. Por que toda morte tem três formas.

A seleção, a caça, a matança.

Scelta, Caccia, L'uccisione.

A música é a única maneira de me lembrar com cores vivas, sem manchas pretas ou imagens borradas. Uma maneira de reviver aqueles momentos terrivelmente lindos e poderosos. E Lyra foi minha primeira musa, mas é a única que não tem uma peça final, cujo arquivo contém folhas vazias para a L'uccisione.

— Minha antipatia nunca teve nada a ver com *you*, querida fantasma. Era um lembrete do que meu pai queria que eu me tornasse — digo a ela com franqueza. — Até que um dia você não era mais.

— E agora? Do que sou um lembrete agora?

— Todas as coisas que nunca poderei ter.

Segredos que nunca quis compartilhar permanecem. Todas essas palavras queria guardar para mim, na esperança de afastar

o olhar de tristeza. Ela me força a ser alguém que não conheço apenas para evitar sua dor.

Seu dedo indicador traça a linha da minha clavícula, descendo até pintar as linhas da minha tatuagem, seu anel âmbar ardendo à luz da cozinha. Posso sentir seu calor escorrer pela minha pele. As pontas dos meus dedos se cravam na parte de trás da sua cabeça.

— Seu artista favorito é Henry Fuseli, e sempre gostou do movimento *Dark Art*, embora May tenha tentado fazer com que amasse Monet. Sei que acidentalmente quebrou o nariz do Silas tentando descer do telhado da escola depois do baile de formatura. Você escreve com a mão esquerda, embora a direita seja o lado dominante.

Suas palavras combinam com as linhas suaves que ela desenha na minha pele. Sinto a maneira como suas pernas apertam meus quadris, me querendo mais perto, mas tem medo que eu me afaste.

— Você fica horas depois dos fins de semana no *Graveyard* para poder limpar as mãos de Alistair. E deixou Rook pensar que o odeia para que ele nunca saiba que apontou uma faca para Theo Van Doren após a formatura e ameaçou cortar seus dedos se ele batesse nele novamente. Sei que não bebe nem fuma, é alérgico a marisco, que odeia o calor e a cor amarela.

— É uma cor horrível — murmuro, com a garganta apertada.

Meu polegar arrasta seu lábio inferior, e quero cravar meus dentes na carne macia e rosada, mas estou me agarrando ao que resta do meu controle. Ela se aproxima, com tanto cuidado que não percebo até sentir o calor de seu núcleo pressionado contra

minha virilha. Eu a pressiono com um pouco mais de força, querendo afundar dentro dela e viver lá pelo resto da eternidade. Não consigo evitar, não quando ela está tão perto. Cedo apenas um centímetro, apenas o suficiente para conter minha fome.

Deixo cair a mão, subindo e descendo por suas coxas leitosas, desejando vê-las pingando vermelho. Minha lâmina cortando uma linha bonita em sua carne macia e observando enquanto sangra. Passando minha língua ao longo da costura da ferida e bebendo cada grama dela para que derreta em minhas veias.

Apesar de tudo, prendo meus dedos em volta de sua cintura, rolando seus quadris contra meu pau. É uma miséria, uma miséria pura e agonizante, o quanto a desejo. Inclinando a sua cabeça em minha direção com a outra mão, eu a faço olhar para mim. A luxúria afoga seus olhos, me atraindo ainda mais.

— Essas são todas as coisas que você é, Thatcher Alexander Pierson. Tudo isso e muito mais. — Suas mãos envolvem os lados do meu pescoço, puxando-a em direção à minha boca. — Coisas que ele nunca poderá tirar de você.

O cheiro de cerejas em seu hálito é insuportável, e minha língua desliza vagorosamente por seu lábio inferior para sentir o gosto. Um gemido ressoa em meu peito e suas pernas apertam minha cintura.

Nunca pensei que haveria algo mais forte do que a vontade de matar.

Até que eu a provei.

Eu morreria para estar dentro dela. Consumindo-a. Sob a porra da sua pele. Senti-la apertar ao meu redor em êxtase enquanto seu sangue jorra em minha garganta como ambrosia. O que tenho toda a intenção de fazer, independentemente das consequências, até o seu telefone começar a tocar. O toque alto e penetrante limpa a névoa do desejo e desliga o interruptor dentro de mim.

Eu me afasto de seu corpo tenso, passando uma mão frustrada pelo meu cabelo enquanto solto um suspiro pesado. Seu rosto está vermelho e seus dentes mantêm o lábio inferior como refém.

— Por que você não...

— Deveria atender — interrompo, não confiando em mim mesmo para começar a conversa novamente, vendo o nome de Briar iluminar a tela. — Poderia ser sobre o Halo.

Viro-me, esquecendo-me do café. Nada é mais importante do que colocar distância entre nós dois.

— Thatcher, espere. — Ela tenta, e a ouço deslizar para fora do balcão, mas não me viro.

Não posso me virar porque me arrependerei do que acontecer depois. Por isso, continuo andando. Continuo avançando até voltar para o meu quarto e a porta estar trancada. Minha cabeça lateja como se meu cérebro estivesse se partindo em dois. É demais – todo esse barulho lá dentro é demais.

Sei quem eu sou.

Do que sou capaz.

No entanto, minha mente sempre fica em espiral quando deixo Lyra. Ela faz isso comigo e sempre me deixa com a mesma pergunta.

Quem sou eu quando estou com ela?

SETE



NOITE DAS MENINAS

Lyra

— Por que eles sempre deixam tão óbvio quem sobrevive no final? E por que nem todos podem viver? Não faz sentido.

Sage puxa a almofada com mais força contra o peito, cobrindo metade do rosto com ela, enfiando os pés por baixo dela no sofá de dois lugares, como se esconder-se fosse impedir que a criatura do filme saltasse pela tela.

— Alguém tem que morrer, mas eles querem que tenha alguém por quem torcer. Caso contrário, o aspecto do terror é inútil. — Mordo um *Twizzler*, mastigando a goma. — Não há medo sem um pouco de esperança.

Estico os pés à minha frente, balançando os dedos em direção à lareira acesa. Enquanto estou sentada no chão em cima de uma pilha de cobertores, Briar está deitada horizontalmente atrás de mim, enrolada em um cobertor no sofá.

— Não é tão assustador assim — ela murmura atrás de mim, e inclino minhas costas contra o sofá, olhando para o seu rosto.

Eu bufo. — Seu namorado tentou te matar. É claro que o demônio na floresta não assusta a garota com fetiche pelo medo.

Briar engasga, com um sorriso no rosto enquanto cutuca minha nuca de brincadeira com o pé. — Golpe baixo, Abbott.

— É verdade — murmuro, dando outra mordida no meu doce.

Ela apenas sorri, revirando os olhos, porque uma parte dela sabe que estou certa, mas isso não importa. É a sua felicidade, genuína e leve. Ultimamente, todas nós andamos com esse peso, esperando constantemente que o outro sapato caia. Que alguém desapareça. Um amigo morra.

Mesmo sabendo que esta noite foi uma estratégia armada por Rook e Alistair para nos manter todos seguros, em um só lugar, enquanto passavam o dia a trinta quilômetros de Ponderosa Springs.

Hoje estava marcado no calendário do escritório de Stephen, aquele que encontrei. Os rapazes acharam que essa era a nossa melhor aposta e, embora minhas amigas estivessem nervosas por causa deles, todas concordamos. Ainda não tivemos notícias deles além de atualizações sobre sua segurança, mas até agora o terminal treze, o porto de embarque na costa, não trouxe nenhuma prova, nada sólido o suficiente para entregar à polícia.

Como se isso não bastasse, outra garota apareceu em Black Sands Cove. Um turista encontrou o braço decepado apoiado em uma espreguiçadeira, com uma única rosa, um pequeno laço elegante e uma mensagem gravada profundamente na carne.

Pode pegar um fantasma?

Esse assassino é bom. Conseguiram evitar a prisão, possivelmente devido ao fato de a polícia estar muito ocupada culpando Thatcher, mas isso não diminui os fatos.

Que eles são bons. Inteligentes. Precisos. Limpos.

Um arrepio estranho percorre minha espinha e tem pouco a ver com o filme. Sei que é fisicamente impossível para Henry Pierson retornar a Ponderosa Springs. Que era outra pessoa, alguém envolvido com o Halo.

Sei tudo sobre o Butcher of the Spring. Deixar rosas não era resultado dos assassinatos originais, mas todo o resto era. As partes do corpo deixadas ao ar livre com reverências e mensagens para a polícia encontrar. Nenhum outro resíduo recuperado. Mulheres de todas as idades e origens.

Sei que não é ele, mas às vezes, minha mente gosta de me dizer que sim. Tarde da noite, essa sensação avassaladora de déjà vu tomava conta de mim. Como se ele estivesse vindo atrás de mim, e assim como minha mãe, eu seria sua última vítima. O destino amarrando pontas soltas que deveriam ter sido cortadas anos atrás.

— Merda! — Sage solta um pequeno grito, me fazendo pular, e me viro em direção à tela para ver um dos personagens secundários sendo arrastado para fora da tela por algo muito grande com garras desagradáveis.

Soltei um suspiro, lembrando-me que esta noite nenhuma das outras coisas importa. Esta noite, é só isso. Os lanches pouco saudáveis e os filmes de terror. Piadas e risadas. Parece um bálsamo para nossas almas cansadas. Não somos vítimas. Não

existe rede sexual debochada ou assassinos enlouquecidos. Somos apenas garotas na faculdade, vivenciando a vida da mesma forma que tantas outras. São esses momentos, como este, que fazem tudo valer a pena. Isso me lembra o quanto quero que todas nós consigamos sair do outro lado. Para que esses momentos se transformem em uma vida inteira.

— É uma covarde! Você escolheu esse filme — Briar ri, jogando uma jujuba em sua direção. — Pensei que a maconha era para te acalmar?

— Disse a Rook que coisas novas me deixam paranoica *pra* caralho. — Ela se esconde atrás das mãos, rindo enquanto seu cabelo ruivo cai na frente de seu rosto.

A sensação do baseado pré-enrolado (obrigada, Rook) ainda permanece em meus ossos, fazendo-me sentir pesada, mas sem o peso, como se meus membros pesassem uma tonelada, mas ainda pudessem voar se eu pulasse.

Não sou uma grande usuária de drogas ou álcool, mas maconha é boa para noites como esta. Uma forma de esquecer, de colocar o mundo lá fora em pausa e existir no agora. A fase de sono começa a surgir no fundo da minha mente. Toda a euforia e risos de antes, os desejos aleatórios de comida, estão começando a aumentar, e meus olhos ficam pesados.

Voltamos ao filme apenas por alguns segundos de silêncio antes de Sage falar novamente, provavelmente na esperança de romper a vibração sinistra que o filme está espalhando pela sala.

— Entããã — ela cantarola, pegando a garrafa de vodca de morango do chão — sei que dissemos que não falaríamos sobre o elefante na sala, mas sou uma vadia intrometida.

Briar se levanta do sofá, como se estivesse esperando que nossa ousada amiga desse o primeiro passo nessa conversa.

— O que quer dizer? — Pergunto estupidamente, girando meu doce entre os dedos.

— Ela quer dizer, como é viver com o Conde Drácula lá em cima — Briar responde, balançando as sobrancelhas sugestivamente. — Ele dorme em um caixão?

O calor se espalha pelo meu rosto e, de repente, o fogo ardente parece um pouco quente demais. Sempre gostei de conversar com elas sobre Rook e Alistair – é divertido, mas não sou a garota da festa do pijama que fica fofocando sobre garotos. Nunca fui a garota da festa do pijama.

— Não é tão diferente de morar sozinha — digo, tentando varrer a situação para debaixo do tapete. — Ele não sai muito. Mal nos vemos.

Ele tem pesadelos, quero dizer. Pesadelos horríveis que ouço do corredor, no meu quarto. A cama range sob seu terror e ele grita bobagens noite adentro, mas acho que ele nem está ciente deles.

— Eu não o culpo.

— Ei! — Eu rio, batendo na perna de Briar.

— Não, não é assim — ela corrige. — Quero dizer, escute, não sou exatamente membro do fã-clubes Thatcher Pierson.

— Oh, sério? Nunca teria adivinhado. Vocês dois parecem tão amigáveis — diz Sage, rindo enquanto bebe um gole da garrafa antes de me entregá-la.

Briar a vira com um sorriso maroto. — Só sinto por ele, só isso. Ele perdeu muito recentemente, incluindo sua casa. Nada mais é familiar. Eu provavelmente também me trancaria no meu quarto.

— Confie em mim, ele não está aqui porque quer estar. Esta é apenas sua única opção além da prisão.

Eu deveria contar a elas um pouco sobre meu relacionamento e Thatcher, mas não acho que esteja pronta para falar sobre isso em voz alta, não quando tudo está tão confuso. Quer dizer, o que eu diria?

Ele estava me ensinando como matar pessoas para que não entrasse em uma onda de assassinatos, brincamos algumas vezes - ah, e fizemos sexo na casa onde minha mãe foi assassinada pouco antes de tudo desmoronar? Não há palavras para descrever o que temos. É inútil tentar, pelo menos agora. Gostaria de pensar que um dia, quando tivermos descoberto o que é isso, poderei compartilhar.

— Vamos! — Sage faz beicinho. — Está trancada nesta cabana com um cara de quem você gosta desde o ensino médio e nem sequer *pensou* em transar com ele?

— Oh, meu Deus — gemo, sentindo o líquido ardente escorrendo pela minha garganta. Limpo a boca com as costas da mão. — Não falarei sobre isso. Ele está lá em cima e você fala alto!

Jogo um travesseiro em Sage, mas ela o pega. — Lyra, sei que é tímida, mas é gostosa *pra caralho*. Se você fez um movimento, ele é um idiota em recusar.

Meu rosto queima com uma mistura de álcool e vergonha. Escondendo-o com as mãos, não exatamente acostumada a ter tanta atenção na minha vida amorosa. Gosto bastante de ser a amiga em segundo plano. Quero voltar a isso.

— Não acho que te achar atraente seja o problema para Thatcher — acrescenta Briar.

— Huh? — Pergunto bufando, passando a garrafa na sua direção.

— Ele olha para você como se quisesse estar sob sua pele.

Tarde demais para isso. Tarde demais. Ele já está lá, mesmo que não queira, enterrado profundamente nas cordas das minhas veias e se movendo constantemente através de mim. Ele está sempre lá.

— Então qual é o seu plano de sedução? Vai para uma escola inocente...

— Tudo bem, você acabou. — Levanto-me abruptamente. — Vou dormir. Vocês estão bem aqui?

— Espera, espera! — Sage dá um pulo rápido demais para alguém que bebeu a noite toda. — Uma última comemoração antes de dormir.

Briar concorda com a cabeça, juntando-se a nós no meio da sala, segurando o gargalo da garrafa de vodka. Ficamos em círculo,

o fogo brilhando em nossos rostos sorridentes. A alegria desta noite paira no ar, envolvendo-me em um abraço caloroso.

— A *Loner Society*. — Briar levanta a garrafa antes de pressioná-la nos lábios e tomar um gole, sua garganta trabalhando para engolir o líquido antes de passá-la para Sage.

Tudo começou como uma piada, a *Loner Society*, mas lentamente, com o tempo, tornou-se real. Um grupo de pessoas rejeitadas por aqueles que controlam a cadeia alimentar social. Três garotas improváveis em uma situação improvável.

— Saúde! Para festas do pijama com amigas que não são vadias traidoras! — Ela dá uma piscadela antes de pegar sua bebida e entregá-la a mim.

Olho para as duas esperando por mim e não consigo pensar em muitos outros lugares onde gostaria de estar além deste aqui, cercada por duas pessoas que nunca planejei conhecer, mas sem as quais não posso viver. O tipo de amigas com os quais sonha quando é uma criança solitária.

Eu levanto a garrafa. — A todos nós sobreviventes.

OITO



SILÊNCIO

Lyra

Há um sorriso persistente em meus lábios quando saio do banheiro, meus dedos apagam a luz e submergi escada acima na escuridão. Uma nuvem de vapor do meu chuveiro se espalha pelo corredor. Meus pés cobertos de meias deslizam pelo chão enquanto caminho para o meu quarto.

Os efeitos persistentes da maconha e do álcool ainda fervilham em minha mente. Esta noite tinha sido exatamente o que precisávamos. Uma pequena pausa na anarquia. Um domo de paz.

É tarde e a casa está silenciosa. Sons de descanso ecoam entre as paredes. Posso ouvir cada rangido da madeira sob meus passos enquanto entro no meu quarto. A estrutura da minha cama range quando me deito em cima das cobertas e olho para o teto branco, curiosa para saber se Thatcher está fazendo a mesma coisa.

Ambas as nossas camas estão encostadas em uma parede compartilhada, com várias camadas de madeira nos separando. Sento-me de joelhos, pressionando o lado da cabeça contra a parede, fechando os olhos e tentando ouvi-lo.

Um silêncio estranho me cumprimenta, um suspiro de decepção sai do meu peito enquanto me deito, seguindo minha rotina noturna normal de questionamento. Sonhando.

Na minha opinião, a parede não está lá. Quando a noite cai, somos apenas nós deitados lado a lado e respirando o mundo. Sem palavras, apenas existindo um com o outro, porque às vezes isso basta. Penso em como ele fica deitado na cama, suspeitando que dorme de bruços, mas quando está inquieto, rola de costas. Só um lençol o cobre porque ele gosta do frio.

Na maioria das noites, porém, me pergunto se ele pensa em mim. Sobre como é difícil estar tão perto um do outro. Um fino véu de separação que ele colocou entre nós.

— *Ele olha para você como se quisesse estar sob sua pele.*

Ele se lembra da sensação? De estar enterrado na minha pele?

Meus mamilos enrijecem com o pensamento, esfregando-se contra minha regata fina de algodão.

Quando é tarde e a casa está silenciosa, será que ele se lembra de como estávamos decorados com sangue? Nossos corpos eram uma miragem de morte líquida e vitalidade, mãos ávidas por descobrir todas as formas de nos conectarmos. Ele consegue ouvir como gemi em sua memória, em uma bela mistura de dor e prazer, enquanto moldava meu corpo ao seu pau?

Thatcher era perfeito, mas *eu* era perfeita para ele.

Soltei um suspiro trêmulo, minhas mãos deslizando pela frente dos meus seios. Uma dor surda lateja entre minhas coxas, causada pelo vazio. Anseio por me sentir cheia dele novamente.

Ele fecha os olhos e se imagina tirando minha virgindade, forçando sua entrada contra minhas paredes apertadas no meio do meu orgasmo? A maneira como enrijecei a sua volta, recusando-me a deixá-lo ir embora?

Pego um travesseiro atrás da cabeça e o enfio entre as pernas para aliviar o latejar. Um gemido sai dos meus lábios enquanto esfrego meu núcleo contra o material, e é dolorosamente decepcionante.

É macio demais. Preciso de firmeza. Não preciso de suavidade ou gentileza. Anseio pelas pontas afiadas e pelo peso duro, da força de sua cintura para me abrir.

Minha língua desliza pelo meu lábio inferior, perseguindo o sabor metálico. Só preciso de um pouco de alívio da tensão que se acumulou desde que ele se mudou. Ele não está apenas vivendo em minha mente agora; está na minha casa. Na minha vida.

Antes, conseguia imaginar um momento, imaginar todas as coisas que ele faria. Agora, eu tive a versão real. A sua versão livre que reivindicou meu corpo com uma fome selvagem.

A frustração queima meus olhos quando levanto meus quadris novamente, o tecido da minha calcinha arranhando meu clitóris. Sensações desanimadoras passam por mim como um isqueiro fosco, acendendo repetidamente, sem chance de produzir uma chama. Meu peito se agita, gemidos baixos fazem cócegas em meus ouvidos.

— *Thatch* — sussurro no escuro para ninguém ouvir além de mim.

Fingir parece um tormento, uma provocação doentia para me fortalecer e me deixar pendurada no limite. É inútil quando meu sonho se tornou uma realidade que não consigo mais compreender. Viro meu corpo, dobrando o travesseiro ao meio antes de empurrá-lo contra minha boceta, montando-o. Tento me perder em minha mente, perseguindo sua memória. Meus quadris balançam para frente, e levanto as mãos para espalmar meus seios macios, o estômago apertando enquanto rolo meu corpo ao longo da costura da almofada, tentando me enganar e imaginar que é no seu dedo que estou montando. Boca. Pau. Qualquer coisa.

É inútil, porém, a bobina está enrolada tão firmemente em mim que estou à beira das lágrimas, simplesmente coçando em todos os lugares, mas onde realmente coça, trabalhando tão duro para um final insatisfatório.

Um gemido triste sacode meu peito. Meus dentes pegam meu lábio inferior, afundando na carne com força suficiente para sangrar. Um zumbido calmante atinge minha garganta quando sinto o gosto na minha língua.

— Vejam só. — O estalido de sua língua ressoa em meus ouvidos, me fazendo ofegar. — Não consegue gozar, Pet?

Meu corpo acorda, saindo de seu sono com força total. Meus quadris balançam acidentalmente, uma onda de prazer puro vibrando em meu clitóris que me faz tremer.

Sua chegada é um raio. Elétrico. Perigoso. Tentador.

Abro os olhos e viro a cabeça, encontrando-o ali. Olhando fixamente.

Thatcher está encostado na minha porta, com os braços cruzados na frente do peito nu. Meu coração pulsa até os dedos dos pés.

— Que pena. — Sua voz é firme e passiva, não afetada pela visão à sua frente, mas o seu olhar, mesmo na escuridão, é tudo menos passivo.

Os olhos de Thatcher estão sempre atentos, sempre estudando o que está ao seu redor como se esperasse que algo acontecesse. O que aquilo é? Quem sabe, mas está sempre observando, e agora, aquele olhar afiado está apenas em mim, me cortando em pedaços enquanto traça as linhas do meu corpo com calma. Para cima, depois para baixo, parando no ápice das minhas coxas antes de voltar a subir.

Um arrepio percorre minha espinha e o lugar entre minhas coxas treme. Molhei meus lábios secos com a língua. Aquela calça escura fica perversamente baixa em seus quadris, exibindo injustamente os dois sulcos rasos que correm diagonalmente em suas calças. Ele é feito de mármore, esculpido e trabalhado com pinceladas brutais, mas ainda carregando de alguma forma a ternura suave de um ser humano.

Meus dedos se enrolam no cobertor enquanto afasto o travesseiro e me pressiono contra a parede oposta com os joelhos contra o peito, mas, infelizmente, meu coração não é a única coisa que clama por ele, não mais. Minha boceta grita por ele, sabendo que é o único que pode satisfazê-la, o único que deseja.

— O que está fazendo? — Bufo, golpeando meus cachos úmidos para domar o frizz.

— Estava tentando dormir — diz ele, empurrando a porta. — O que é impossível com todo o barulho vindo do seu quarto.

O sangue corre para minhas bochechas. — Não percebi...

— Não percebeu sua cama batendo contra a parede? Ou que estava praticamente no meu ouvido com aqueles gemidos de privação? — Um sorriso malicioso aparece pouco antes de ele cravar os dentes no lábio inferior. — Estou desapontado, Pet. Esperava encontrar um homem entre essas coxas pálidas. Estou ansioso para matar alguma coisa.

Uma imagem surge atrás dos meus olhos.

Um retrato tabu de uma fantasia perturbadoramente erótica que nunca diria em voz alta. Meus joelhos batem juntos enquanto os aperto um contra o outro, meu coração batendo contra minhas costelas. O calor entre minhas pernas ficou insuportável desde sua chegada.

— Está pensando sobre isso, não está? — Seu sorriso é uma ameaça.

Meu tipo favorito de aviso. Ele avança, mergulhando nas profundezas da minha mente sem minha permissão.

— O que eu faria se pegasse outro homem tocando você. Está me imaginando cortando-o em pedaços enquanto ele implora por sua vida? Como o faria se desculpar por colocar os olhos em você. Por pensar estupidamente que pertencia a alguém além de mim, Pet.

Engulo em seco, cravando os dedos nas pernas enquanto balanço a cabeça, negando a verdade para minha sanidade.

Precisando que ele pare porque me odeio um pouco mais a cada segundo. Saber que suas palavras estão provocando uma onda de excitação quente escorrendo pela parte interna das minhas coxas.

Quando seus joelhos batem na beirada da cama, olho para ele.

Thatcher aparece, velado pela noite. Uma torre de destruição real e o centro do meu prazer. É uma ilusão alarmante que criamos. Sei que é errado, mas não consigo me importar quando isso é tão bom. Independentemente de quão hediondo possa ser.

— Ou é o resultado que deseja? — Ele apoia um joelho na cama, flexionando as coxas fortes. Meu colchão geme com o seu peso. — Quando enfiar meus dedos nessa sua linda boceta enquanto ele sangra? Ele morrerá te ouvindo gritar meu nome. Dará seu último suspiro no momento em que sua boceta chorona aperta meu pau.

O luar lança um tom prateado nos ângulos ásperos de seu rosto, exibindo aquele olhar volátil para mim. Um movimento errado e seremos despojados dos nossos instintos básicos. Presa e predador.

— Mataria alguém simplesmente por me tocar? — Respiro, fazendo uma pergunta para a qual sei a resposta, mas ainda querendo ouvir a resposta em seus lábios.

Um suspiro é expelido dos meus pulmões quando seus dedos envolvem meu tornozelo, me puxando em direção ao seu corpo. Gemo quando meu centro colide com a perna que ainda está no chão, sua coxa musculosa me abrindo ao mesmo tempo que a outra se ajoelha ao lado do meu quadril.

O movimento fez minha regata subir logo abaixo do meu peito sem sutiã, expondo tudo abaixo dela, incluindo a simples calcinha preta que escolhi para dormir.

— Querida. — Ele traça a frente dos dentes brancos com a língua, um animal faminto pronto para se banquetear. — Eu livraria o mundo dos homens que respiram o mesmo ar que você.

Eu murcho embaixo dele, desconfortavelmente quente. A mais leve brisa me faz arquear para frente. Incapaz de me conter, movo meus quadris contra sua coxa, criando a quantidade perfeita de fricção e pressão para ajudar meu centro latejante.

— Gostaria disso, não é, Pet?

Concordo com a cabeça, incapaz de falar, incapaz de fazer qualquer outra coisa além de buscar alívio. Imploro a ele silenciosamente para ajudar a onda dentro de mim a atingir seu pico.

— Que putinha sedenta de sangue — ele diz secamente, empurrando a mão fria contra minha barriga nua, forçando-me a ficar quieta. Torturando-me. — O que fará se suas amigas te encontrarem assim? Aberta e molhada para mim?

Eu deveria estar envergonhada pela maneira como choramingo, por quase derramar uma lágrima quando ele interrompe meu movimento contra o músculo de sua perna, mas isso é muito doloroso — posso sentir minha boceta apertando o nada, doendo para que ele a preencha.

Eu deveria ter medo de que Sage e Briar nos pegassem, mas estou longe demais para me importar. O mundo poderia pegar

fogo, mas não me importaria, contanto que ele continuasse me tocando.

— Sua — sussurro, fazendo-o franzir as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. — Sou sua putinha. Não há mais ninguém para mim.

— Sim — ele murmura sombriamente, permitindo que sua mão suba. — Você é, não é?

Seus longos dedos percorrem meu torso, fazendo cócegas em minhas costelas com carícias suaves que não fazem nada para aliviar meu desejo. Apertando lascivamente minhas coxas em volta de sua perna, posso me sentir encharcando suas calças.

O nome depreciativo deveria doer com o impacto de um insulto, mas é verdade e gosto disso. Gosto que ele saiba que meu corpo está tão aberto para ele, que o desejo tão profundamente que não me importo em parecer desesperada.

Cada centímetro de movimento é dolorosamente lento, a maneira como ele sobe até sua mão descansar logo abaixo dos meus seios. Aperto meus olhos, respirando fundo quando ele toca meu mamilo duro através da minha camisa.

A bem-aventurança dura apenas um segundo porque, por mais rápido que chegue, desaparece com a mesma rapidez. Gemo de decepção quando ele afasta seu toque de mim.

Minhas pálpebras estão pesadas de luxúria enquanto olho para ele através dos meus cílios. Há um sorriso malicioso em seu rosto porque ele sabe exatamente o que faz comigo. Thatcher é propositalmente cruel, aproveitando cada segundo, sabendo que

não importa quanto tormento me faça passar, só implorarei por mais.

Ignorando meu corpo, ele pega o travesseiro que eu usava antes, fazendo meu estômago apertar. Seu olhar está aquecido, escurecido pela luxúria e imóvel quando o leva ao nariz, pressionando o ponto úmido no centro e inalando profundamente.

— Que fofo — ele ronrona. — Posso sentir o quão desesperada sua boceta está por mim.

Sinto seu corpo balançar para frente, cedendo ao calor entre minhas pernas apenas o suficiente. Colocando uma de suas grandes mãos perto da minha cabeça, ele usa a outra para espalmar meu seio acima da minha camisa, não provocando mais enquanto levanta e aperta, rolando meus delicados mamilos entre os dedos.

— Toque-se para mim.

— Mas...

— Não pedirei de novo — ele ordena, deslizando a mão cheia de veias até a base da minha garganta, apertando-a em advertência.

Estamos tão perto que posso sentir o desejo saindo de seu corpo. Posso sentir o cheiro cítrico amadeirado flutuando em sua pele, a floresta depois que chove – tão perto que posso ver o quão puro é o azul em suas íris. Não existe outra cor; são um lago congelado com água ártica correndo por baixo.

Sua respiração se espalha pelo meu rosto, vibrando em meus cílios. Eu me envaideço sob seu olhar, sem vergonha enquanto

minha mão trêmula desliza pela frente da minha calcinha encharcada.

Ofego com o quão escorregadia me sinto, e Thatcher está ali para aspirar em sua própria boca. É assim que nos movemos, minha mão brincando comigo mesma enquanto ele engole cada respiração antes de respirar de volta em meus pulmões.

Um gemido agita meu estômago e, sentindo-me tonta, passo um dedo sobre o feixe de nervos dolorido, massageando com uma necessidade frenética.

— É fofo como é pegajosa. — Ele coloca a boca no meu seio, chupando meu mamilo entre os dentes, mordendo antes de se desculpar com a língua. — Não pode nem gozar sem mim.

Porra.

— Thatcher — murmuro, esfregando círculos mais apertados ao redor do meu clitóris — preciso de mais. Eu preciso *de você*.

— É tão fraca por mim, não é? Tão desesperada e carente. — Ele abaixa os lábios até meu ouvido, um grunhido ofegante. — Eu poderia te cortar aqui mesmo e lhe dar um lindo colar de rubi. Gostaria disso, querida?

Ele empurra o joelho contra mim com força. Exigindo que meus dedos se movam mais rápido, se afasta brevemente apenas para retornar com uma mordida do metal gelado. Corre pela minha garganta, e não preciso olhar para ver que é uma faca nas suas mãos. Sucos quentes escorrem pela minha calcinha, escorrendo pelas minhas coxas.

Quero isso. Quase tanto quanto preciso gozar. Preciso sentir a dor que vem do seu corte. A deliciosa queimadura percorre minha pele pouco antes de uma fonte de néctar vermelho escorrer da ferida. Há um prazer imenso em confiar em alguém assim. Ele poderia me matar se quisesse, e a adrenalina dessa possibilidade faz borboletas vibrarem na minha boceta.

Não respondo com palavras. Em vez disso, agarro o decote da minha blusa com a mão livre, puxando o material para baixo para me expor, dando-lhe amplo acesso para me cortar onde quiser. Sou uma tela aberta para ele divulgar.

— Que gentil da sua parte, Pet. — Ele sorri, a ponta da língua tocando o lábio superior. — É tão boa, baby. É tão gentil comigo, não é?

Ele brinca comigo, balançando sua coxa muscurosa em minha boceta enquanto arrasta a faca de minha garganta, dançando em volta de minha pele até parar em meu peito flexível. Aplica a quantidade certa de pressão. Eu grito, balançando meus quadris descontroladamente contra minha mão, ouvindo os ruídos molhados e desleixados que minha mão está criando para me distrair da dor inevitável.

A ardência corre pelas minhas veias como uma droga, e as cócegas do sangue escorrendo e cobrindo meu mamilo são o efeito. É um ciclo viciante e nunca quero que pare.

Thatcher encosta a cabeça na curva do meu pescoço com um gemido gutural. Tão cru e animalesco que sinto vibrar meus ossos.

— Deixe-me ver o quão encharcada está sua boceta. O quanto me deseja — ele ordena, deixando um rastro de beijos abrasadores

ao longo da coluna do meu pescoço, girando a língua ao longo da pele sensível.

Estou tão perto da borda que não consigo me imaginar afastando meus dedos.

— Baby. — Ele passa a língua logo atrás da minha orelha, mordiscando suavemente. — Mostre-me quanto o sangramento te deixou molhada por mim, Lyra.

A irritação em sua voz desaparece. Aquela suavidade dentro dele aparece, apenas o suficiente para parecer que está implorando. Como se a minha visão escorrendo vermelho fosse suficiente para deixá-lo de joelhos.

Não tenho escolha a não ser tirar a mão de entre as pernas, apertando os olhos com força pela dor de perder o orgasmo. A luz da lua reflete o líquido que cobre meus dedos e a palma da mão quando o coloco entre nós.

Ele envolve a mão em volta do meu pulso, levando meus dedos aos meus seios, forçando-me a limpar o líquido que escorre pelo meu peito. Somente quando estou coberta de excitação e sangue é que ele leva meus dedos à boca, envolvendo-me em seu calor. Nossos olhos se conectam enquanto gira sua língua molhada a minha volta, chupando-os. Giro meus quadris contra sua perna à medida que seu olhar lascivo me queima, e essa ação por si só é suficiente para me fazer gozar.

Ele cantarola antes de tirar a boca, lambendo os lábios como se não se cansasse. — Uma garota tão boa para mim, Pet — ele elogia. — Tem gosto do meu pesadelo favorito.

— Tatch...

Sou recompensado com um beijo punitivo que tem gosto de todas as coisas perversas. Eu gemo para ele, que me devora com movimentos de sua língua. Parece que nos fundimos em uma só pessoa, meus dedos dos pés se curvam quando ele lambe o céu da minha boca. Enrolo meus braços ao redor do seu pescoço, puxando-o para mim, até sentir o peso de seus quadris me abrindo.

Sua virilha encontra minha calcinha arruinada, fazendo com que ambos engasguemos de prazer conjunto. Nunca me sinto mais completa do que quando estou com ele assim. Quando nossa pele está conectada e nossos corpos não desejam nada além do que o outro dá.

Thatcher se move contra mim, esfregando seu pau vestido da calça contra minha boceta. Agarramos e tateamos os corpos um do outro, puxando e repuxando, correndo em direção às nossas próprias liberações que só são encontradas uma dentro do outro.

Tudo o que posso ouvir é o seu nome em meus lábios, pedidos de mais, e sua respiração errática em meu ouvido enquanto a cama range sob o peso de suas estocadas.

O sangue continua jorrando da minha ferida, e sua língua está lá para pegá-lo, sugando-o em sua boca e o devorando. Lambendo entre meus seios, saboreando cada gota. Engolindo-me para que eu esteja dentro dele de uma forma que ninguém jamais estará.

— Thatch — imploro. — Mais por favor. Preciso de mais. Você tem que me dar mais.

Os dentes afundam na junção do meu ombro e pescoço, e uma de suas mãos se prende na minha cintura, ajudando-me a me mover contra seu pau latejante. Mesmo com as roupas, posso sentir o quanto ele está duro, como está quente. Cada pulsação.

— Oh, tão necessitada. Sua pobre boceta não tem nada para preenchê-la. — Ele brinca, me provocando. — Você me quer dentro de você, querida? Desejando que eu te encha?

Concordo com a cabeça, lágrimas escorrendo pelo meu rosto de exasperação. Eu faria qualquer coisa para me libertar, para gozar, para que ele estivesse dentro de mim. Qualquer coisa para conter essa fome.

A frieza de seus dedos se enrola em meu quadril. Ele está me segurando com tanta força que tenho certeza de que quando olhar meu corpo no espelho amanhã de manhã, seu aperto será imortalizado na forma de hematomas.

— Implore por isso.

Outro impulso torturante, sua boca pairando logo acima da minha. Posso sentir cada palavra de seus lábios contra os meus. — Você me quer tanto, tão pateticamente. Então, me implora, porra.

— Por favor, Thatcher. Por favor, serei uma puta tão boa para você, por favor — choro, minhas unhas encontrando um lugar no topo de seus ombros, marcando-o. — *Anjo*.

O apelido é um suspiro, um sinal da minha vontade se partindo ao meio. Estou delirando, presa em um buraco de minhoca de êxtase agonizante, mas ainda vejo como seu olhar se suaviza.

Como seus olhos parecem brilhar e as bordas de seus lábios se inclinam apenas o suficiente para que eu perceba através da névoa de lágrimas.

Tirando seu peso de mim, criando distância suficiente para deslizar os dedos entre minhas coxas, ele me acaricia ternamente através da minha calcinha, pressionando o polegar no meu clitóris antes de puxar o material para o lado.

O ar frio faz minhas unhas afundarem ainda mais em sua pele, meus quadris saltando da cama, buscando seu toque. Eu me arqueio em sua mão, mordendo o interior do meu lábio para não gritar quando a palma da sua mão roça meu clitóris.

— Deus — ele amaldiçoa. — Está encharcada, encharcada pra caralho. Seria tão fácil para mim deslizar meu pau em seu buraquinho apertado, Pet. Deixou alguém tocar nessa boceta patética?

Balanço a cabeça em angústia. — Não. Não, nunca.

— Isso mesmo, porque é minha, não é? Arruinei você para qualquer outra pessoa, não foi? Eu te avisei. — Ele usa um dedo para acariciar minhas dobras escorregadias, provocando-me com um prazer que está ao meu alcance, balançando-o na minha frente só para ver o quanto me esforço para isso. — Eu possuo você, Lyra Abbott. Seu corpo, sua alma, seu coração. Mesmo que não possa ter isso, eu *posso* você.

Ele é meu dono muito antes de reivindicar meu corpo. Muito antes de nos conhecermos. Muito antes desta vida ou de qualquer vida anterior. Quando as estrelas eram poeiras e o universo uma noite negra e interminável. Não existe um começo real para nós e

nunca haverá realmente um fim. Não quando os fios do destino nos entrelaçam num ciclo sem fim. Um amor que percorre vidas inteiras.

Somos uma conexão divina que nunca pode ser tocada. Nem mesmo pelas mãos da morte.

— Sim! — Eu digo mais alto do que esperava.

Quando ele finalmente tem piedade de mim, eu o aperto. Sinto seu dedo médio afundando em meu buraco apertado, minhas paredes sugando-o como um torno. Seus movimentos preguiçosos, misturados com a pressão em meu botão sensível, são suficientes para me levar até lá. A excitação começa no meu estômago. Aperto, empurrando meus quadris contra sua mão para encontrá-lo no meio do caminho, perseguindo meu orgasmo com um desejo selvagem que assume completamente o controle.

— Ei, Lyra. — Uma batida na minha porta me faz congelar. — Tem uma toalha extra? Não consigo dormir, por isso tomarei banho. — A voz de Briar ecoa pela sala.

Meus olhos se arregalam, não apenas pelo choque, mas porque Thatcher desliza outro dedo dentro de mim sem se importar com minha amiga lá fora. Ele continua a entrar e sair de mim, acariciando aquele ponto lá no fundo que me deixa perto de ver estrelas.

Ele coloca a cabeça na minha orelha, seu hálito quente no meu pescoço. Sua voz é baixa e reservada, mas ouço cada palavra. — É melhor ficar quieta, Pet. Não deixe sua amiga saber como são boas as mãos de um assassino dentro da sua boceta.

Agarro seu pulso, numa tentativa débil de detê-lo, mas isso apenas o estimula. Ele acelera, forçando minha boceta a fazer barulhos obscenos por estar molhada, usando meus sucos lascivos para entrar e sair tão facilmente.

Seus lábios manchados de sangue beijam meu peito e pescoço, pintando-me com sua cor favorita. Minhas coxas travam, meus joelhos fraquejam e sei que não há como parar a queda inevitável.

— Responda a ela. — Ele enrola os dedos dentro de mim, pressionando com mais força meu clitóris com a palma da mão. — Faça isso por mim e deixo você gozar.

Meu medo de ser pega não é nada comparado ao meu desejo por ele. Quero ser boa para ele. Mesmo quando ele estava apenas me ensinando, ainda queria agradá-lo porque seus elogios me faziam sentir como se estivesse andando nas nuvens.

— Embaixo da... — Meus dedos dos pés se curvam quando a espiral em meu estômago começa a se partir ao meio. — ...pia do banheiro!

Recebo cada impulso de sua mão com um movimento de quadris, prendendo um braço em volta de seus ombros e me arqueando para fora da cama enquanto me empurro contra ele com abandono imprudente.

Ela responde em agradecimento, mas mal a ouço. Meus ouvidos estão vibrando, um calor branco ofuscante subindo pelas minhas veias. Percebo que não me importo se ela sabe ou vê. Tudo o que importa é ele, é isso.

— É isso, baby. Goze para mim. Molhe meus dedos — Thatcher murmura em meu ouvido. — Você é uma garota tão boa para mim.

Por uma fração de segundo, minha visão fica branca. O quarto gira enquanto meus dedos dos pés se enrolam no colchão. Agarro-me aos ombros de Thatcher com toda a minha vida conforme convulsiono em torno de sua mão. Meus dentes estão enterrados logo acima de sua clavícula para abafar meus gritos.

Cada respiração me faz tremer, meu orgasmo flui através de mim como ondas quebrando, lavando-me de novo e de novo, uma onda interminável de felicidade. Minha pele vibra, zumbindo com o tremor.

Ele acaricia meu cabelo com tapinhas suaves, consolando meu corpo até que eu esteja flexível em seus braços. Deixei que me deitasse na cama, sentindo o cobertor sendo puxado em direção ao meu pescoço.

Estendo a mão para ele ou tento alcançá-lo, querendo mantê-lo perto enquanto as ondas diminuem, mas a exaustão me envolve e me puxa para baixo da superfície. Nem tenho certeza se levanto os braços antes de me aconchegar mais no edredom.

Um arrepio faz cócegas na minha espinha quando sinto os lábios de Thatcher roçarem minha testa úmida. É um beijo sussurrante, e quero alcançá-lo, puxá-lo e forçá-lo a ficar no meu quarto, mas minhas pálpebras ficam pesadas.

A escuridão rapidamente me puxa para o sono, mas pouco antes de tudo escurecer, ouço sua voz em meus ouvidos.

— Gostaria que me impedisse de machucar você, querida fantasma — ele sussurra — porque não consigo me conter.

NOVE



ROSA DE INVERNO

Thatcher

É meu terceiro banho hoje e ainda posso senti-la em minha pele, rastejando, ondulando sob a superfície e encontrando um lar no fundo de minhas veias. Poderia culpar o fato de ela ser uma parasita de mulher que não quer ir embora tão cedo, mas isso seria uma mentira.

Não tenho o hábito de dizer isso a mim mesmo.

Fui eu quem a procurei no sábado à noite. Houve muitas oportunidades para eu sair. Ela nem percebeu quando abri a porta – teria sido fácil para mim voltar ileso para o meu quarto, *mas*.

Não poderia *deixar* de tocá-la.

Não quando ela parecia tão atormentada, com o rosto contorcido de dor pela frustração. A lua era o seu holofote, a cama o seu palco, e era uma artista de tirar o fôlego. Não tive chance no momento em que a vi. O prego no caixão do meu controle foi meu nome saindo daqueles lábios.

Como alguém poderia se afastar disso? Dela?

Desde que ela voltou silenciosamente para minha vida, estive em guerra comigo mesmo. Uma batalha que não deixou vencedor e meu interior foi destruído pela confusão, mas ontem à noite levantei uma bandeira branca. Talvez seja o isolamento, a falta de contato humano, ou talvez apenas tenha aceitado que sou, na verdade, fraco para uma garota de cabelos escuros com olhos que contam histórias de mortos. Que alguém encontrou uma maneira de entrar e não quero que ela saia.

Posso sentir a decepção do meu pai, como se de alguma forma ele soubesse da minha transgressão. Sua voz vive na minha cabeça.

— *Como pode ser tão patético, Alexander? Como pôde ser tão fraco? Você falhou.*

Ele, porém, não tinha visto o modo como Lyra olhou para mim. Não tinha estado naquele quarto, não tinha cheirado sua pele nem provado seus lábios. Eu me odeio um pouco por ceder a isso, mas teria odiado mais não fazê-la gozar.

Eu a queria e ainda não me sinto culpado por ceder a esse desejo. Não quando ela se parece como um anjo para um demônio faminto por toque. Posso ter passado a vida inteira sem precisar tocar em outra pessoa, mas agora que tenho a sua pele contra a minha, é doloroso ficar sem ela.

É segunda-feira e, como um covarde, me escondi neste quarto, evitando-a e a conversa que sei que está desesperada para ter comigo. Espero que seja mais fácil nos separarmos agora que as aulas voltaram.

Minha distância não é porque não a quero. É porque eu a quero demais, e morar nesta casa com ela é um inferno.

Sou incapaz de negá-la. É mais fácil evitar a tentação quando não a enfrenta diretamente. Sei que quanto mais perto ela chegar de mim, mais perigo corre. Não posso me concentrar em pegar um assassino se estou constantemente pensando na sua segurança.

Buzz* *Buzz

Caminho em direção ao telefone portátil na cama, esfregando uma toalha no cabelo molhado. O identificador de chamadas diz desconhecido, mas reconheço o número imediatamente.

— Caldwell — digo. — A que devo o prazer?

— Leu o jornal? — Ele pergunta.

Sem gentilezas, sempre direto e direto ao ponto.

— Não posso dizer que sim. Não encontrei tempo, considerando o quão ocupado estou abrindo um buraco nas tábuas do piso de Lyra.

Eu o ouço zombar enquanto coloco o telefone entre a orelha e o ombro, me visto conforme o ouço falar.

— Eles chamaram nosso Copycat... — o tom em sua voz me permite saber que não gostarei... — de o *The Imitator*.²

Meus olhos reviram, embora eu seja a única pessoa aqui a notar. — Que dolorosamente pouco original.

²- Imitador.

Os assassino em séries têm uma infinidade de diferenças de idade, gênero, motivação e técnica, mas existem algumas características que todos compartilhamos. Nosso ego, falta de remorso e necessidade de controle.

Sendo eu mesmo um, sei com certeza que esse apelido não fez nada além de inflar sua autoimagem já impulsionada. Nomear um assassino nos torna reais, o que nada mais faz do que infligir medo àqueles que atacamos. Medo que é festejado e usado como combustível para nossa próxima morte.

No entanto, ser nomeado e comparado a outro é um insulto, pelo menos seria para mim, mas, aparentemente, essa pessoa que corta partes do corpo não tem problemas com sua falta de criatividade.

— De acordo com isso, o FBI tem certeza de que é um cara e estabeleceu um toque de recolher obrigatório para todos os residentes.

— Esses adoráveis agentes também têm certeza de que sou eu. Não contaremos uma mulher ainda. — Deslizo meu braço para dentro da camisa preta de botão, com um sorriso frio no rosto. — Ou contamos, considerando que também está inclinado a acreditar que sou eu.

Minha voz não contém nada além dos restos amargos de nossa última conversa. A desconfiança e a falta de fé deixaram um gosto amargo no fundo da minha garganta que ainda não havia passado.

— Thatcher...

Ele faz uma pausa e deixo. É a primeira vez que nos falamos desde que voltei e ele me deu um lábio partido. O que pode ser o maior tempo que passamos sem comunicação vocal desde que éramos crianças.

Se ele quer ser cético em relação a mim, que assim seja. Não vou implorar-lhe pela sua confiança.

— Quando tínhamos treze anos, quebrei as janelas de cada um dos carros de Dorian.

Meus lábios se contraem com a lembrança. Era plena luz do dia e disse a ele que era uma péssima ideia, que seria pego, mas ele estava arrasado, irritado com os acontecimentos anteriores àquela noite e indiferente às consequências.

— Lembro-me de não ter podido pisar na propriedade Caldwell por pelo menos seis meses depois.

— Porque você assumiu a culpa. Não me perguntou; simplesmente aceitou e deixou meus pais acreditarem no pior sobre você.

— Sim, mas todo mundo já fez isso, Alistair — aponto. — O que era mais duas pessoas na lista?

— Eles me mandariam embora se descobrissem que era eu.

Sim, sim, eles mandariam. Jogá-lo em algum colégio militar ou internato do inferno e esquecer tudo sobre o filho que criaram como peças de reposição para seu herdeiro.

— Não sei o que isso tem a ver com alguma coisa. — Engulo em seco, me atrapalhando com os botões da minha camisa.

Ele suspira, provavelmente tão desconfortável com esta conversa quanto eu. Não o culpo, nem posso guardar rancor pelas palavras que foram trocadas entre nós dois, não quando não tenho certeza de como teria reagido no seu lugar.

— Escute, não sei o que você faz no seu porão ou por que quer fazer tudo sozinho. — Há uma pausa de silêncio antes de ele continuar. — Mas entendo. Eu entendo você. Por que faz isso, essas coisas que sempre fez. Pelo Rook e também pelo Silas. Entendo.

Não tenho certeza de quando minhas motivações se tornaram tão transparentes para as pessoas ao meu redor, mas isso está começando a me irritar. Não quero falar sobre por que faço as coisas ou escolhi protegê-lo de seus pais.

Tudo o que faz é fazer minha cabeça doer, enchê-la de perguntas para as quais nunca terei respostas. Faço o que faço e ponto final.

— Esta é a sua forma de pedir desculpas? — Provoco, iluminando a conversa. — Precisa ser trabalhada.

— Não na porra desta vida. — Ele ri no alto-falante.

Aqui vamos nós. Isso é muito melhor.

— Você e Rook encontraram alguma coisa no terminal 13?

Visto minha calça, mudando de assunto.

— Stephen não estava lá.

— Fantástico.

— Mas James Whittaker estava.

Minhas sobrancelhas se juntam. — O pai de Coraline?

Ouçõ uma porta se fechar onde quer que ele esteja, e a voz de Briar sai do alto-falante, murmurando um olá.

Ele não me responde, a linha fica muda. Que gentileza sua me deixar no modo mudo enquanto fica com a namorada. Olho para o relógio e mordo o interior da bochecha.

Lyra já deveria estar de volta.

Alistair limpa a garganta. — Nós o vimos se encontrar no portão do porto logo depois da meia-noite, trocando um molho de chaves por uma mochila preta robusta de dois homens. Rook tirou algumas fotos e pedirá a Silas para orientá-lo sobre como executá-las em seu computador para tentar obter algumas informações sobre elas.

Interessante.

— Então James usa Coraline como forma de se aproximar de Stephen. Provar que ele é leal ao anel — concluo.

— Essa também é a teoria de Rook.

Vou até minha cama, folheando os arquivos que estive examinando, todas as evidências que coletamos e alguns documentos roubados do departamento de polícia, graças a Rook.

Folheando, encontro rapidamente a foto que Sage encontrou nos pertences de seu pai. A foto mostrando Frank Donahue, Greg West, Stephen, Conner e James na sala de estar. Soubemos por Lyra que todos eram amigos durante os tempos de faculdade.

Será que algumas festas universitárias e drogas pesadas uniram os cinco o suficiente para iniciar uma rede de tráfico

sexual? Quantos homens nesta cidade estão vendendo as próprias filhas para pagar algumas dívidas? O dinheiro rápido do tráfico humano não parece valer a pena, especialmente para alguém como Whittaker.

Pego uma folha que imprimi da internet e leio o conteúdo. — Por que James está envolvido? Elite é uma das empresas de engenharia de petróleo mais lucrativas da Costa Oeste. É improvável que ele precise do dinheiro.

— A ganância é uma coisa nojenta – nunca há o suficiente para pessoas assim. — A voz de Alistair é amarga, odiando o sabor da riqueza de sua própria família. — O Halo precisa de espaço para esconder as meninas entrando e saindo, certo? O campus da empresa Elite abrange três cidades. Isso é uma tonelada de terra, porra.

Muito espaço para esconder contêineres cheios de meninas desaparecidas sem levantar suspeitas.

— Então, Whittaker oferece um lugar seguro para esconder as meninas antes que sejam vendidas no exterior. Frank manteve segredo por causa do dinheiro, Greg era um peão e Stephen mexe os pauzinhos. — Pressiono meus dedos nos olhos. — E não temos nada sólido para provar nada disso.

— Bingo.

Passo a mão frustrada pelo meu cabelo úmido. O mundo está se movendo lá fora sem mim enquanto permaneço estagnado neste quarto. Os rapazes estão trabalhando para obter informações sobre o Halo, e eu examinei os arquivos dos assassinatos, mas

nada disso é útil. Nada disso me diz quem é esse personagem do *Imitator*.

Minha caça é limitada e me sinto como um animal enjaulado neste quarto, inútil e sem propósito.

Continuamos juntando peças de quebra-cabeças que não se encaixam, sem nenhuma orientação sobre como consertá-las. Sabia que me envolver nisso era uma má ideia desde o início, que assim que entrássemos, tudo estaria acabado. Não pararíamos até que terminasse.

Jogo os papéis na cama feita, ajeitando-os com cuidado antes de pegar o livro que está ao lado. Passo os dedos pela capa, abrindo-a e vendo a caligrafia bagunçada de Lyra nas laterais. Descobri que ela gosta da arte da anotação e rapidamente peguei emprestados exemplares de seus livros.

— Estava apaixonada, pela primeira vez na minha vida. Sabia que era impossível, mas não me importava. E não é que eu queira ter você. Tudo que quero é te merecer. Diga-me o que fazer. Mostre-me como me comportar. Farei tudo o que disser.

Eu sorrio para a nota ao lado da passagem sublinhada.

Isto é amor.

E logo abaixo da sua letra está a minha, a caneta vermelha brilhando contra as páginas antigas.

Não. É uma devoção injustificada. Seu desejo de amá-la é apenas por causa da relutância dela em amá-lo. Pode apenas dizer que Sebastian Valmont de Cruel Intentions é o seu

tipo, querida. Não há necessidade de ler o texto que inspirou o filme para provar isso.

Este é o terceiro livro em que conversamos. Sem o conhecimento dela, é claro, mas algo nele me faz sentir mais próximo de sua mente, sem precisar estar perto de seu corpo, apenas existindo entre as páginas de seus livros favoritos, lendo seus pensamentos como se ela estivesse bem ao meu lado, explicando palavra por palavra o que gosta em cada parte.

— Thatcher, ainda está aí? — A voz de Alistair me tira do livro. Fecho-o, colocando-o de volta na cama antes de responder.

— Sim, o que estava dizendo?

— Perguntei onde está Conner Godfrey em tudo isso.

O som de seu nome me faz recuar. — Em um caixão. — Meu aperto no telefone aumenta.

Odeio a maneira como ele olha para Lyra. Ela é gentil e confiante demais às vezes; não vê o jeito que ele olha. Como se coloca propositalmente no espaço dela. Ele pode enganar todo mundo com seu jeito legal de professor, mas eu mato homens como hobby.

Tudo o que precisa saber sobre um homem vive em seus olhos, e ele quer Lyra Abbott desesperadamente, usando sua bondade contra ela, aproximando-a por muito mais do que apenas amizade. Qualquer pessoa que olhe para ela por muito tempo me irrita, mas acima de tudo, Conner.

Porque ela *sorri* para ele. Aquele sorriso estúpido.

É ofuscante e irritantemente feliz. Como um pote cheio daqueles pequenos vaga-lumes que as crianças adoram pegar durante o verão.

Aquele que ilumina seu rosto e qualquer ambiente em que ela esteja. É impossível perder. Como o mundo não percebe isso, não a percebe, está além da minha compreensão. Porque uma vez que faz isso, é tudo que se vê. Ela existe em todos os lugares.

Eu a observei crescer ao longo dos anos com seu rosto, mas nunca diminuindo sua alegria. Lyra gosta de acreditar que não passa de morte e escuridão, mas dentro dela existe uma alma feita para amar as pessoas. Seu sorriso é um vislumbre de seu amor. Do seu carinho. Sua felicidade para com os outros.

É um sorriso que ela nunca me deu.

— Tem algum problema com ele?

— Tenho um problema com qualquer pessoa tão próxima dos Sinclairs — minto facilmente, rolando a língua na frente dos dentes.

Há uma batida na minha porta.

Isso é algo novo. Suponho que a nossa noite juntos lhe deu um pouco de coragem para se aproximar de mim.

— Lyra ficou para conversar um pouco com ele hoje. Eu os vi se abraçando pouco antes de sair. Pergunte se ela descobriu alguma coisa — Briar grita de algum lugar da sala.

— Claro. — Meu queixo se contrai, olhando por cima do ombro para a porta fechada, sabendo que ela está esperando do lado de fora. — Ligue-me se encontrar mais alguma coisa.

Sei que todos nós falamos sobre ela usar sua amizade como vantagem para obter informações de Godfrey, mas isso não significa que eu goste disso. Não gosto também da ideia de ela ficar sozinha com ele por mais de vinte segundos.

A raiva pulsa em minhas veias. Eu lhe disse o que aconteceria se ela deixasse Godfrey tocar no que me pertencia. Assim como disse a ela ontem à noite, embora não possa tê-la, eu a possuo.

É egoísta e o pior tipo de tóxico, mas não consigo me importar. Ela é minha.

Jogo meu telefone na cama e caminho até a porta. Espero que ela tente protegê-lo – isso tornará a mistura dos seus dedos no meu *smoothie* matinal muito mais satisfatória.

No entanto, quando abro a porta e a vejo parada ali, toda a minha raiva se dissipa como fumaça ao vento, como se, para começar, ela nunca tivesse existido. Minha expressão facial gelada descongela.

Sinto minhas sobrancelhas se contraírem, unindo-se enquanto olho para suas bochechas congeladas. As temperaturas abaixo de zero lá fora fazem seu corpo tremer na casa quente. A neve ainda está espalhada pelos cachos de seu cabelo ébano.

A rosa favorita do inverno.

Seu lábio está preso entre os dentes e estende os braços com cuidado, oferecendo-me a pesada caixa retangular, tudo em completo silêncio, como se esperasse minha reação antes de falar.

— O que é isso? — As palavras tremem em minha mente, mas saem suavemente.

— Um piano digital. — Ela muda seu peso, tentando segurá-lo, mas seus braços fracos estão lutando. — Não consegui um piano de cauda rápido o suficiente e não tinha certeza de como colocá-lo em casa. Por isso, pensei que essa seria a segunda melhor opção.

Meu estômago revira e há uma vibração no meu peito. Ninguém tinha sido tão *gentil* comigo.

Sou o homem feito de pesadelos. As pessoas puxam seus filhos com mais força quando passo. Nunca havia abraçado alguém com boas intenções antes de Lyra. Não sou um homem que mereça compaixão.

Especialmente dela.

No entanto, aqui está ela, dando-me de qualquer maneira. Não importa nenhuma das coisas horríveis que disse ou fiz a ela – nada disso afetou a maneira como ela olhou para mim, sua percepção distorcida do que acredita que eu sou capaz de ser.

Seu rosto se desvanece com o meu silêncio. A excitação em seus olhos diminuiu apenas o suficiente para eu perceber.

— Se você não gostar, posso devolvê-lo. Guardei o recibo, então não é grande coisa. Só pensei que gostaria de ter algo para passar o tempo, já que não sai muito.

Meu rosto esquenta quando levanto o braço, esfregando a nuca, ainda olhando para a caixa que ela está lutando para segurar. Seu corpo cai, reajustando seu aperto em torno do item.

Nunca estive nesta situação antes e sei que é uma cortesia comum dizer obrigado, mas essa única palavra não parece suficiente. Recebi presentes da minha pequena lista de familiares,

mas nunca de alguém que não me devia nada. Nada do que eu disser será suficiente para transmitir o que está acontecendo dentro de mim.

Isso efervesce.

Não há outra maneira de descrevê-lo. É a primeira vez que estou experimentando algo assim. Como bolhas flutuando em volta dos meus órgãos ou digerindo Pop Rocks.

Pego a caixa dela, colocando-a contra a parede do meu quarto. Quando me viro para ela, já começou a caminhar em direção ao seu quarto, tomando meu silêncio como resposta suficiente.

Instintivamente, estendo minha mão, os dedos envolvendo seu pulso frio. Ela olha para mim como se eu tivesse chamado seu nome e espera por palavras que não sei dizer.

— Eu vivo na escuridão — deixo escapar, incapaz de captar meus pensamentos rápido o suficiente antes que escapem da minha boca. — A bondade não mora lá. É uma caixa sem luz. Não conheço nada do mundo e ele não me conhece. Não sei como...

Paro abruptamente porque ela parece prestes a rir e tudo o que estou dizendo é estúpido, os dedos descansando sobre a boca, que está curvada em um sorriso humorístico.

Minha boca se fecha e olho, apenas para ouvi-la rir em resposta.

Meus dedos a soltam e estou prestes a bater à porta até que se solte das dobradiças, mas ela me estende a mão desta vez.

— Espera, espera. Não estou rindo de você — ela respira. — Eu só... acho que destruí você.

Sim, também acho que você me destruiu.

Porque nada está funcionando corretamente. Nada parece normal dentro do meu corpo ou da minha mente, e odeio a maneira estranha como estou reagindo. Quero voltar ao tempo em que fiquei com raiva por ela ter abraçado Conner Godfrey. Quero voltar para quando podia ignorar o seu rosto no meio da multidão ou a sensação de estar tão perto não me deixava selvagem. Antes de eu saber como é o seu coração quando bate por mim.

Viro minha cabeça, encontrando seus olhos verdes com os meus. Uma onda de terreno incerto se estende entre nós dois. Nenhum dos dois sabe a maneira correta de lidar com isso.

Por isso, opto pela honestidade. Ela merece isso, pelo menos.

Agarro um dos cachos que emolduram seu rosto, girando-o lentamente em volta do meu dedo antes de puxar suavemente.

Estou tentando, sem sucesso, mantê-la à distância para não ter que admitir que ela me assusta. Um homem que não teme nada tem medo de tudo o que ela é. Tudo o que ela me faz querer. Tudo o que me faz sentir.

— Seu presente — afirmo, com aquela vibração de antes voltando, e faço uma pausa antes de continuar. — *Você é a luz do sol.*

DEZ



UM SONHO DENTRO DE UM SONHO

Thatcher

— Mamãe! Mamãe! — Grito enquanto corro pelos longos corredores de mármore, escorregando pelo chão só de meias. — Eu consegui.

Minha risada ecoa nas paredes e mal consigo conter minha excitação. Mamãe ficará muito feliz quando eu contar que finalmente consegui tocar *Brahms' Lullaby* do início ao fim. Até a parte difícil do meio que me faz esticar os dedos!

Adoro quando ela me vê tocar. Ela e o Baba ouvindo por horas, mesmo quando não é muito bom, mas isso não importa porque mamãe sempre me pega depois que eu termino uma música e me gira.

— *Schast'ye*, meu menino doce e talentoso.

Tudo o que faço é ótimo aos olhos dela, não importa o que eu pense, e Baba diz que é isso que um dia me tornará grande.

Subindo os degraus de dois em dois até chegar ao topo, posso ouvir ela e meu pai conversando. Talvez esta noite ele também queira ouvir.

Pressiono minhas mãos na porta, abrindo-a com um sorriso. — Mamãe, venha ouvir. Consigo tocar a música inteira!

O entanto, ninguém mais está sorrindo. A sala parece triste e cinzenta.

— Mamãe?

Ela se vira, seu cabelo branco girando com o movimento. Seu rosto todo molhado e vermelho, um rosto que nunca vi antes. Há malas em ambas as mãos.

— Vamos viajar? — Pergunto, confuso sobre por que ela está chorando. Ela estava tão feliz antes.

Ela sorri para mim, correndo em minha direção e largando as malas. Seus braços me envolvem em um abraço e tudo parece um pouco melhor. Sempre me sinto melhor quando ela está por perto, como se eu estivesse seguro, não importa o que aconteça.

— Thatcher — ela sussurra. — Você e eu viajaremos um pouco, só nós, está bem?

Aceno com a cabeça, minhas sobrancelhas juntas. — Podemos parar e pegar aquelas gomas de peixe³ que eu gosto antes de irmos?

Sua risada faz cócegas na lateral do meu pescoço antes de ela se afastar, acariciando minha mão e passando as mãos pelo meu

³-Bala de goma em formato de peixe.

rosto suavemente, como se estivesse com medo de que eu desapareça se não o fizer.

— Claro, *Rybka*. — Ela pressiona os lábios na minha testa — *YA tak lyublyu tebya, moy milyy mal'chik*⁴. Não importa o que aconteça, está bem? Não importa o quê.

Eu rio enquanto ela esfrega o nariz no meu. — Mamãe, ainda não sei muitas palavras em russo!

O banheiro se abre, a porta batendo contra a parede me fazendo pular e dar um passo para os braços da minha mãe. Papai entra na sala. Ele é tão alto e me diz o tempo todo que um dia serei igual a ele.

— Oi, pai — digo. — Mamãe e eu vamos viajar!

Ele, porém, não sorri. Apenas fica ali olhando para nós, como sempre faz.

— Oh? — Ele pergunta, olhando para minha mãe e sorrindo.

— Henry...

— Venha aqui, Alexander.

Sua voz me faz avançar ainda mais para os braços de mamãe. É fria e me faz sentir como se estivesse em apuros. Balanço a cabeça, olhando para ela porque não quero ir com ele.

— Estamos indo embora — mamãe diz a ele, levantando-se para que eu fique atrás dela. — Não te incomodarei de novo. Não falarei de você.

⁴-Russo: Eu te amo muito, meu menino doce.

Vejo os pés de papai se movendo em nossa direção e meu coração começa a disparar. Posso senti-lo batendo contra meu peito e meu estômago fica enjoado. Enrolando meus dedos no material de sua saia, me agarro a ela, mesmo quando ele se abaixa e agarra meu braço. Está tão apertado.

— Pai, está me machucando — choro, tentando me livrar de seu aperto, mas ele não me deixa ir.

— Henry! — Mamãe grita, agarrando-o para que ele me solte.

Ele, porém, não solta. Apenas me puxa com mais força até me ter ao seu lado, me segurando ali. Estendo minha outra mão para fora, me afastando. Não quero ir com ele quando está chateado.

Ele é tão mau quando está com raiva.

Lágrimas queimam meus olhos e posso sentir minhas bochechas ficando molhadas.

— Mamãe, estou com medo.

— Não — papai diz, olhando para mim. Seus olhos são tão escuros que quase parecem pretos. — Olha o que fez com ele, Talia. Tornou nosso filho fraco.

Mamãe chora mais. — Henry, por favor! Deixe-me levá-lo. Estou implorando para que me deixe ficar com ele, e não ouvirá um sussurro nosso novamente.

Meu pequeno corpo treme, soluços fazendo meu lábio inferior tremer.

Eu não gosto disso. Não quero isso.

— Não deixarei que estrague o que criei, Talia. Ele é meu filho e você não vai tirá-lo de mim.

Há gritos e berros. Estou chamando pela minha mãe, uma e outra vez. Minha voz machuca minha garganta e a sala parece girar. Ela corre para mim e eu a alcanço, mas nunca conseguimos.

Papai a empurra para trás e ela luta contra ele. Luta para chegar até mim até não poder mais. Ele não se parece com meu pai. Parece um monstro.

Aqueles que mamãe afugenta antes de dormir todas as noites.
Suas grandes mãos envolvem sua garganta e...

Minha primeira lufada de ar machuca meu peito. Engulo violentamente, o suor escorrendo pela minha testa enquanto me sento fora da cama. Meus dedos estão enrolados no cobertor, a parte branca dos nós dos meus dedos é refletida pelo luar.

Meu coração está batendo forte nos tímpanos, abafando os sons da minha respiração pesada. Ainda está escuro lá fora e a casa está silenciosa. Os lençóis estão puxados da beirada da cama e minha cabeça parece nebulosa.

Detesto esta parte da noite, a única parte da minha rotina cuidadosamente esculpida que eu gostaria que não existisse.

Demoro aproximadamente cinco minutos para voltar ao normal. Para minha respiração se estabilizar e a névoa se dissipar do meu cérebro. Então, posso voltar a dormir e cair num sono sem sonhos.

É um relógio. Tem sido assim desde que eu era jovem.

Esses sonhos vêm a mim algumas vezes por semana. Alguns são repetições; outros são novos. Todos são fruto da minha imaginação desequilibrada sobre as quais não tenho absolutamente nenhum controle.

Giro os ombros, esfregando as mãos no rosto em frustração e me deixando descansar por cinco minutos até conseguir sair da cama. Minha garganta está seca e pego o copo de água na mesa de cabeceira apenas para ver que não está lá. Olho para o piano digital encostado na parede, um sorriso aparecendo nos cantos dos meus lábios.

Eu me levanto da cama, ouvindo o chão ranger sob meu peso enquanto abro a porta. Minha cabeça lateja e estou planejando engolir um punhado de analgésicos para fazê-la parar, mas minha caminhada até a cozinha é perturbada.

Do lado de fora do meu quarto, deitada em uma pequena poltrona decorativa, está Lyra. O pequeno sofá está encostado no corrimão em frente à minha porta; as almofadas roxas são uma ótima decoração, mas sei com certeza que são desconfortáveis.

Ela está enrolada em um travesseiro, com o braço delicado pendurado na borda, um cobertor fino enrolado sobre o corpo. Eu sorrio para o seu cabelo. Está caoticamente jogado nas feições suaves de seu rosto, com muitos cachos em todas as direções humanamente possíveis.

O som dos meus passos em direção a ela deve acordá-la, porque posso vê-la piscar até acordar, esfregando as costas da mão no olho.

— Por que está dormindo aqui? — Pergunto ao seu estado sonolento.

Ainda meio adormecida e desprotegida, ela me responde.

— Você tem pesadelos — ela murmura, grogue, demorando um bom tempo para se sentar. — Eu durmo aqui quando começam, caso precise de alguma coisa quando acordar.

Lyra boceja, esticando os braços acima da cabeça. Meu suéter subiu por seu corpo, expondo sua barriga macia e sua calcinha verde que ela escolheu usar.

Ela não se incomoda com sua admissão e com o fato de estar usando minhas roupas.

Meu queixo está dolorosamente tenso, as pontas das unhas cravadas nas palmas das mãos.

— Eu não tenho pesadelos.

Minha resposta parece pouco inteligente. Infantil, até.

Tivemos um momento civilizado ontem. O piano tinha sido uma oferta de paz, um ramo de oliveira que aceitei, e agora ela o incendiou.

— Tudo bem. — Ela encolhe os ombros, levantando-se lentamente, parecendo ainda mais bagunçada na minha frente agora do que quando dormia.

Há quanto tempo ela está fazendo isso?

— Então pare de dormir do lado de fora da minha maldita porta.

O palavrão tem um gosto estranho na minha língua. Não preciso de nada dela, principalmente depois de um sonho trivial

que não teve efeito em minha vida. Minha raiva deve ser a dose de energia que ela precisa para acordar completamente, porque está muito mais animada, com os braços cruzados defensivamente na frente do peito.

— Não — ela declara. — Eu te escuto. Grita e rola por horas. Posso ouvir você lutando contra o que quer que te assombre durante a noite.

Escarneço, imitando sua postura. — É sempre tão dramática? Nada me assombra à noite. Além de você, é claro. Não consigo te evitar.

Essa conversa será como conversar com uma parede de tijolos, porque ela é tão teimosa quanto dramática. Uma vez que acredita em algo, não há nada que possa mudar isso.

— Por que faz isso? Sempre que mostra qualquer sinal remoto de ser humano, você o desliga. — Ela mastiga o interior da bochecha. — Não há nada de errado em sentir, Thatcher. Ter emoções não o torna menos perfeito.

Rangi meus molares com tanta força que tenho certeza de que quebrei vários dentes.

— Scarlett — desdenho — pensei que você, entre todas as pessoas, apreciaria a beleza das coisas que estão mortas por dentro.

Ela está tão decidida a ver a vida dentro de mim.

Como se eu não estivesse cheio de decomposição e cheirando a carne podre.

Ela acredita que o bem ainda paira em meus ossos e que sou capaz de fazer coisas como sentir emoções. É tudo uma ilusão; Sou uma invenção da sua imaginação. O sonho de um menino que a salvou e que ela inventou para suportar a morte da mãe. Um sonho não pode ser apenas um sonho para ela. Não, para ela sou eu lutando contra demônios. Sou eu sendo humano.

Que patético.

A raiva explode em sua reação, sua boca sarcástica entra em ação.

— Por mais tentador que seja prendê-lo e guardá-lo no meu armário com o outro espécime tóxico, por que simplesmente não tenta aceitar que não está morto.

Uma pequena perseguidora – ela adoraria me manter para sempre em uma caixa de vidro.

— Você me deixa louca. — Um suspiro pesado sacode seus ombros. — Por que ainda está tão determinado a se esconder de mim? Colocando todas essas paredes entre nós. Não mostrei que pode confiar em mim?

Passo a mão pelo cabelo, uma risada fria vibrando em meus ombros. — Você se dá muito crédito. Não estou me escondendo de você.

— Está! — Ela levanta a voz, dando um passo perigoso em minha direção. — É porque está tentando me proteger do Imitator? Ele foi atrás de May, e agora? Você está com medo...

Eu a encontro no meio do caminho, olhando para ela enquanto minha respiração sopra em seu rosto. Nossos pés estão quase se

tocando e posso sentir o seu calor irradiando de seu corpo em ondas.

O cheiro inebriante de cerejas não acalma minha raiva.

A tensão consome o espaço entre nossos corpos. Posso sentir cada grama de sua amargura em relação a mim, posso ver isso na maneira como seus olhos se enrugam nos cantos enquanto ela olha para mim.

Destemida. Inflexível.

— Não... — levanto um dedo singular, apontando-o bem na frente de seu nariz — ...me insulte.

Se ela quiser ser sincera em suas palavras, não serei responsabilizado pela forma como se afasta dessa conversa.

— Você ficou muito confortável, Pet. Não me faça lembrá-la de onde estamos. — Furioso, desafiando-a a falar assim comigo novamente.

Uma tempestade de sensações desconhecidas ferve em minhas veias. Onde normalmente estou com frio, agora tudo queima. Coça de uma forma insuportável. Cada palavra aquece minha pele a uma temperatura insuportável.

— Deuses não permitam que tenha medo de perder alguém. — Ela dá um tapa na minha mão, tirando-a do rosto, uma fúria silenciosa ressoando sob a superfície de sua pele. — Deuses não permitam que realmente se importe com alguém que não seja você mesmo!

A vontade de agarrá-la pelos ombros e sacudi-la até que ela feche a boca está se tornando muito mais atraente a cada segundo.

— Isso seria muito menos decepcionante para você se aceitasse que não sou o homem que inventou em sua imaginação frágil.

Seu olhar se funde, todo o cansaço de antes esquecido. Ira a acordou e não irá embora tão cedo.

— Por que não me deixa entrar? — Ela diz, não uma pergunta, mas uma exigência.

Minhas narinas se dilatam, tentando levar oxigênio ao meu cérebro para não fazer algo de que ambos nos arrependemos. Eu me viro, pronto para desaparecer entre as quatro paredes do meu quarto até que se acalme, mas ela não aceita.

— Não. — Suas mãos pousam em meu ombro, me empurrando.
— Diga-me por que não me deixa entrar.

Outro empurrão com suas mãos pequenas mal me faz mover. Seu cabelo balança com força, lágrimas de pura raiva escorrendo de seus lindos olhos verdes. Minha mandíbula pulsa quando a encaro, sentindo suas palmas cravarem em meu peito.

— Por que! — Ela exclama. — Do que está me protegendo, Thatcher? Apenas me diga!

Um último empurrão e a represa dentro de mim sai. Estilhaça-se, explodindo em pequenos pedaços e não deixando chance de reconstrução.

— De mim! — Grito, o som ecoando em meu peito. Mal reconheço minha própria voz. Agarro os lados de sua cabeça, prendendo-a entre as palmas das mãos enquanto meus dedos se enroscam nos cabelos de sua nuca. — De mim, sua garota teimosa. Estou protegendo você de mim.

Ela ofega, a boca aberta e os olhos arregalados.

— Eu desejo você — exalo, a admissão cortando minha garganta ao sair. — Meu corpo te quer a cada segundo do dia e o dobro à noite. Quero você das maneiras mais desequilibradas, maneiras que te assustariam.

Minha testa cai contra a dela, e meus olhos se fecham enquanto sua respiração se espalha pelo meu rosto. A exaustão em minha mente toma conta, todas as maneiras pelas quais ela me deixa fraco vêm à tona neste corredor escuro.

Eu a deixo louca? Como chamaria isso?

Estou desmoronando, as dobradiças da minha identidade estão quebradas e não tenho mais ideia de quem sou. Não sei ser alguém que se preocupa com outra pessoa. Não sei ser nada além do que meu pai me fez.

— Eu estava morrendo de fome e agora você me alimentou. — Aperto ainda mais seu cabelo, nossos narizes se esfregando. — Claro que estou com muita fome de você.

O choque passou o suficiente para que eu possa sentir suas mãos procurando minha pele, os dedos espalhados pelo meu rosto enquanto ela me segura.

— Então me leve. Tenha-me, Thatcher. Deixe-me me entregar a você.

Mordo meu lábio inferior, inclinando levemente a cabeça, minhas sobrancelhas franzidas em angústia mental.

— Eu não posso — gemo. — Não posso te deixar fazer isso.

É a única coisa que eu quero. Isso me mantém acordado à noite. A maneira como anseio por ela me assombra.

Porra, quero possuí-la de todas as maneiras que puder, mas eu só...

— Por que?

É tão gentil, tão Lyra, que mal consigo ouvir outra palavra da sua boca. Levanto minha cabeça da dela, esfregando meu polegar em suas bochechas manchadas de lágrimas. Olho nos seus olhos, precisando que ela veja isso, precisando que ouça o que estou dizendo para que entenda.

— Sou incapaz de lhe dar o que quer. — Minha garganta está em carne viva. — Um relacionamento? Um homem que te ama? Nunca poderei ser isso. Você sempre exigirá mais de mim e não há mais nada que eu possa dar. Sou indiferente e frio. O amor não vive no meu mundo. Sou um assassino, querida. Isso é tudo que serei.

Vulnerabilidade. Isso me faz querer sair da minha pele.

Desbloqueei esse lugar em minha mente, e essas palavras que surgiram por causa disso parecem ter esperado eternidades para serem ditas em voz alta. Nada será o mesmo depois disso; não importa o quão tragicamente terminemos, nunca mais serei o mesmo. Haverá para sempre um pedaço de mim aberto, esculpido no formato do seu corpo.

— Não precisa me proteger, nem mesmo de você. — Ela me abraça com mais força, como se seu toque fizesse as palavras penetrarem na minha pele. — Aceito o que puder me dar, não vê

isso? Prefiro tê-lo assim do que viver sem você. Não há mais ninguém lá fora para mim. Eu fui feita para você.

A dor física me destrói. Dói de uma forma que nunca consigo explicar, de uma forma que dei tudo para esquecer. Puxo minhas mãos para trás, envolvendo-as em torno de seus pulsos para empurrá-las de volta em direção ao peito, longe do meu rosto.

— Por favor, Thatcher — ela sussurra, com os lábios brilhando de lágrimas. — Suas pontas afiadas não me machucam.

Dar um passo atrás em seu espaço é como caminhar no frio, cada vez mais longe do calor que nos mantém vivos.

Vou para o meu quarto, parando na porta.

Gostaria de poder dizer que não acredito em destino, mas se fosse real, acho que também teria sido feito para ela.

— Sabe o que os espinhos gostariam de dizer às rosas, querida fantasma? — Olho por cima do ombro, me machucando ainda mais ao olhar para ela.

A luz da cozinha lá embaixo brilha no corrimão, revestindo-a com um brilho laranja fraco. As mangas do meu suéter cobrem suas mãozinhas e caem logo abaixo da cintura. Ela é tudo caótica e peculiar de uma forma que nos faz querer acreditar em coisas como o destino.

Porque ninguém simplesmente nasce tão lindo. É insuportavelmente lindo.

— Que eles merecem mais — começo. — Você merece mais do que posso lhe dar. Sou incapaz de segurar seu coração, de cuidar dele. Pare de me dar isso. Pare antes que eu o mate de vez.

Esta será uma noite que viverá em mim até eu dar meu último suspiro. O seu olhar permanecerá nas profundezas da minha mente como punição por destruí-la.

Entro no meu quarto, agarro a porta e a fecho até a metade.

— Não quero deixá-la vazia, Scarlett. Não me faça deixá-la vazia.

ONZE



ENTREGADOR

Lyra

Hollow Heights está quieto, estranhamente.

Normalmente, quando os alunos voltam das férias de Natal, a vida está fervilhando. Os amigos voltaram, compartilhando histórias e rindo do tamanho de seus iates ou de onde foram esquiar nas férias.

Ao atravessar os corredores de mármore, porém, ouço meus passos. Há uma sensação sombria espalhada pelo terreno que pouco tem a ver com a neve. O medo se espalhou entre o corpo discente. Alguns não se preocuparam em voltar, pois seus pais exigiam que seus filhos continuassem os estudos on-line até que as meninas parassem de desaparecer e voltassem em partes.

A escola está em estado de caos, tentando tranquilizar os doadores e pais preocupados de que tudo está sendo resolvido e que o campus ainda é seguro para frequência.

Entretanto, é? Hollow Heights já foi segura para frequentar?

Esta escola, por mais prestigiada que seja, é assombrada pelo perigo. Sobreviveu aos rumores de fantasmas, mas não consegue mais esconder a crescente lista de mortes.

Há uma reunião para cada série; a escola quer revisar os protocolos de segurança no futuro até que o assassino seja preso e levado sob custódia.

Puxo o capuz ainda mais para cima da cabeça, protegendo-me do vento gelado enquanto corro pelas áreas áridas. Minhas botas batem no chão enquanto caminho pela longa sequência de colunas, o espaço entre elas se abre e permite que a neve passe.

As colunatas que conectam os prédios do Kennedy District são um dos meus lugares favoritos para passear no campus. O som das ondas quebrando contra a costa ruge logo à minha direita e, se eu tivesse tempo, olharia para o oceano tempestuoso. Amo como fica quando o inverno chega. O mar tem uma cor obsidiana furiosa, e as rochas irregulares abaixo têm um fino brilho de neve nas calotas.

Contei a Briar quando ela chegou sobre o fantasma que assombra este salão, aquele que, segundo rumores, era o espírito de uma garota que se apaixonou por seu professor de inglês e saltou para a morte com o coração partido.

Durante meu primeiro ano, costumava passar por aqui por volta da meia-noite só para ver se conseguia ouvir os gritos dela, como todos dizem, ou se era apenas uma daquelas lendas que os veteranos usam para assustar os novos alunos.

Estou ocupada pensando em fantasmas, perdida em minha mente pensando em uma obsessão tão profunda que prefere

morrer a viver sem, quando meu corpo colide com outro. O choque do golpe tira o ar dos meus pulmões em um grande sopro.

Todos os itens em minhas mãos caem no chão, junto com tudo o que a outra pessoa estava carregando. Canetas caídas chacoalham no chão frio, e a última voz no planeta Terra que quero ouvir estala em meus ouvidos.

— Preste mais atenção por onde anda, anormal.

Reviro os olhos, agachando-me para pegar minhas coisas e poder fugir desse encontro o mais rápido possível.

— Você também me encontrou, idiota — murmuro. — Sabe, é uma cortesia comum dizer isso...

Um pedaço quadrado de papel branco engomado surgiu das páginas do livro. Não teria notado, teria passado despercebido se não fosse familiar aos meus olhos.

Eu o pego do chão, minhas mãos tremendo enquanto leio as palavras no papel repetidamente.

Se eles não podem ter você.

Apenas levarão seus amigos.

Saia. Apareça. Onde quer que esteja.

X

Estas são as ameaças que Thatcher estava recebendo pouco antes da morte de May.

As palavras são escritas com caligrafia idêntica, até a cruz extra na letra T. Todos presumimos que o assassino imitador havia

enviado aquilo como um jogo, uma forma de testar Thatcher, de brincar com ele.

Então, isso faria com que o Imitator...

— Easton?

Aperto mais o papel, amassando-o em minhas mãos enquanto me levanto lentamente. Encontro seu olhar com raiva desenfreada. Ele matou May. Foi ele quem incriminou Thatcher. Foi a razão pela qual quase o perdi.

Minha boca fica cheia de água por sentir o gosto da vingança.

Easton Sinclair é um idiota de primeira linha, mas um assassino? Não tinha dado esse crédito a ele.

Cabelos loiros chicoteiam ao vento, saindo de seu rosto e expondo seus olhos azuis cheios de desprezo. Parece que o sentimento entre nós é mútuo. A ideia de jogá-lo pela lateral deste prédio e vê-lo ser empalado por pedras afiadas está se tornando cada vez mais atraente, mas se ele é o responsável por isto, quero que a sua morte seja lenta.

Um corte para cada pessoa na minha vida que ele machucou.

— Conseguiu um emprego como carteiro, Sinclair? — Cruzo os braços na frente do peito, puxando as peças do quebra-cabeça em minha mente, tentando encaixá-las. — Cortar mulheres e espalhar partes de seus corpos não está mantendo você ocupado o suficiente?

Conheço Easton desde o ensino fundamental. O sentimento de direito que ele tinha foi adquirido desde muito jovem. Para sempre

o menino de ouro, a menina dos olhos de Ponderosa Springs desde antes de ele entender o que significava a palavra “reputação”.

Será que o coração de um assassino morava no garoto que chorou na terceira série quando esfolou o joelho? Existindo abaixo da superfície enquanto todo o resto era apenas uma máscara bem elaborada todo esse tempo?

Sua mandíbula se contrai, e mesmo agora, por mais intimidador que tente ser, não consigo acreditar que ele seja capaz de matar alguém, muito menos vários. Não consigo imaginá-lo sendo inteligente o suficiente para fazer algo assim, mas o que mais poderia pensar? Quando todas as setas apontam diretamente para ele?

Qual a melhor maneira de nos tirar do rastro do Halo do que incriminar um de nós por assassinato? Suponho que essa trama tenha sido deixada para seu pai, e todo mundo sabe o que o querido papai quer, Easton dá.

— Ao contrário do seu namorado, a prisão não está no meu plano de cinco anos — ele zomba, sorrindo para mostrar aqueles dentes cobertos de porcelana.

Estamos dançando um com o outro desde o momento em que testemunhamos os rapazes matarem alguém na floresta de Ponderosa Springs. Easton sabia o que fazíamos, e sabíamos que ele estava envolvido no Halo, mas era uma questão de quem poderia provar isso primeiro. Este foi o mais próximo que estivemos de admitir nosso envolvimento, e algo sobre isso não parece certo.

— Ainda planeja concorrer a um cargo público com essa cara?

A pele cicatrizada em sua mandíbula ondula quando ele faz uma careta. Pele branca e mutilada e esticada para lembrá-lo todas as manhãs do que acontece quando se pressiona Rook Van Doren um pouco longe demais.

Calmo, ele se abaixa, pegando suas coisas do chão antes de reajustar a alça da mochila. Easton ainda acredita que é intocável - por que não? Quando seu pai consertou e cuidou de cada parte de sua vida desde que nasceu. Claro que ele não se incomoda.

— Cuidado onde pisa, Lyra. — Ele cantarola no fundo da garganta, piscando para mim. — Já sabe o que acontece quando se chega perto demais de mim, não é?

Flashes vermelhos piscam atrás dos meus olhos. A incapacidade de respirar, sufocada por litros de sangue de porco. Engulo a lembrança, empurrando-a para o fundo da minha mente.

— Eles te contaram o que deixei para você? — Sorrio amplamente, pensando nas facas que enfiei nos olhos de seu peão por me tocar.

O brilho em seus olhos pisca apenas o suficiente para eu perceber.

— Se você queria incriminar alguém — acuso — por que não Rook? Recuperar um pouco de pele que perdeu. Seu pai achou que era óbvio demais?

Se é ele ou não, não importa porque ele sabe.

— Anormal, é tudo boato. Essa nota não diz nada. Quero dizer... — Ele esfrega o queixo, sorrindo. — ...nunca vi esse papel

antes. Poderia muito bem ter plantado. Qualquer coisa para limpar o nome daquele psicopata, certo?

Semicerrei os olhos, encarando a menção de Thatcher.

Ele está certo – é boato. Estou em terreno incerto, mas de uma coisa tenho certeza: Easton sabe mais do que está dizendo. Sabe tudo o que precisamos e está balançando isso na minha frente.

Easton dá um passo à frente para passar por mim, pronto para ir embora, mas agarro seu ombro. Minhas unhas se cravam no tecido de sua camisa, e ele lentamente voltou seu olhar para onde minha mão estava em seu corpo.

Estou tentada a fazer algo imprudente, como tornar-nos a nova história horrível que assombra Kennedy Hall, sempre envolvido na história de Hollow Heights. Os estudantes irão espalhá-lo como um incêndio, e ele viverá na infâmia ao longo do terreno.

Vão sussurrar sobre quanto sangue havia. As pessoas discutiriam se eu peguei suas mãos ou pés primeiro, e alguém seria criativo e diria que brinquei pelas áreas comuns cobertas de neve, pintando o chão branco de vermelho enquanto usava seus intestinos como colar.

— Se não é você em uma onda de assassinatos, hipoteticamente falando... — Passo a língua pelos dentes. — ...por que enviar notas para avisar Thatcher? Por que, quando sabe que isso nos ajudaria?

O primeiro que ele recebeu lhe disse para deixar Ponderosa Springs, o que teria limpado seu nome antes do início dos assassinatos. Foi um aviso, não uma ameaça.

Sei que deveria acreditar que Easton é o Imitator, mas algo nisso não parece certo. No entanto, acho que ele está escrevendo essas cartas. Posso estar totalmente errada sobre tudo isso – ele pode ser apenas o entregador. Poderia estar matando pessoas, mas seguirei meu instinto e torcer para não estar estragando tudo.

— Hipoteticamente ou factual, não faria nada para ajudá-lo. — Ele puxa o braço do meu aperto com força suficiente para me fazer recuar.

— Vá se ferrar, Sinclair. Sage estava certa sobre uma coisa: não passa de uma marionete para os jogos doentios do seu pai. Você é patético — escarneço. — Receberá o que merece, e mal posso esperar.

— Você e aqueles caloteiros que segue farão com que ela seja morta. — Ele aponta o dedo, mostrando os dentes. Posso sentir o calor de sua raiva se espalhando pelo meu rosto. — Prometo a você, Lyra Abbott, se isso acontecer, não haverá nada que me impeça de despedaçar todos vocês.

Estremeço, recuando com suas palavras.

— Ela? Mary? — Pergunto, confusa sobre o que ela tem a ver com isso. — Não se preocupe, a vadia da sua namorada não está na lista de pessoas com quem foder. Ela ficará perfeitamente bem para continuar comendo as sobras de Sage.

— Ela era minha antes de Rook tocá-la. — Um sorriso torcido aparece nas bordas de seus lábios. — Sei tudo sobre seus sonhos, desde o jeito que ela geme na cama até seu maldito sabor favorito de sorvete.

Ele não estava falando sobre Mary. Falava sobre *Sage*.

— Nenhum ódio que Van Doren tenha por mim mudará isso. Não importa o quanto ele queira.

Minha própria raiva aumenta com a sua audácia de alegar que se importa com minha amiga depois de tudo que ele a fez passar. Todo o inferno que ela suportou e ele quer fingir que se importa?

Não, homens como Easton ficam com o orgulho ferido quando seus brinquedos não lhes pertencem mais.

Escarneço. — Tem muita coragem, Sinclair. Quer que eu acredite que fez isso para proteger Sage? Está delirando! Você ficou sentado enquanto a irmã dela era assassinada a sangue frio e a deixou apodrecer em uma instituição, contente em deixar todo mundo pensar que ela enlouqueceu.

Toda emoção desaparece, seu olhar fica frio.

— Acredite no que quiser. — Ele dá de ombros. — Todos nós nos tornamos o que precisamos para sobreviver às famílias de Ponderosa Springs.

DOZE



CAIXA EM FORMA DE CORAÇÃO

Lyra

— Pedimos que cumpram o toque de recolher obrigatório e certifiquem-se de viajar em pares. É mais provável que seja um alvo se estiver sozinho. — Odette Marshall está parada na frente das fileiras de assentos. — Alguém tem alguma pergunta?

— O Imitator é um psicopata?

Gemo externamente, afundando ainda mais em meu assento e puxando meu gorro sobre os olhos enquanto mais mãos se levantam na plateia.

— Sim — responde seu parceiro, Gerrick Knight. — Um sádico. Alguém que não tem consideração pela vida humana e é vazio de sentimentos.

Estão pintando um quadro que pode retratar mais da metade da população, mas só há uma imagem na mente de todos neste momento.

Thatcher Pierson.

— Isso é tão estúpido — Sage murmura baixinho.

Concordo com a cabeça.

Embora haja alguns aqui na esperança de aprender como se manterem seguros, a maioria, se não todos, estão sentados como abutres, à espera de uma migalha para se banquetear, esperando pacientemente até que estes agentes federais admitam que Thatcher é o seu único suspeito.

— Sim, você está de blusa branca.

— Então — ela cantarola — tem certeza absoluta de que é um homem?

— Sim, determinamos através do nosso perfil que o assassino é um homem — continua Odette, examinando a multidão com um olhar atento antes de parar em mim. — É incrivelmente manipulador, capaz de se misturar e atrair mulheres com pouco esforço. Estará bem vestido, atraente e muito inteligente. Um verdadeiro psicopata.

Ela sustenta meu olhar, imóvel, como se quisesse que eu ouvisse essas palavras. Para me assustarem.

Luto contra a vontade de gritar. Levantar-me e gritar até entenderem que não pode ser ele.

Que quase tudo o que ela disse pode ser verdade, mas a última parte não é.

Thatcher não é psicopata.

É estranho pensar, e posso imaginar que chamaria a atenção de algumas pessoas se eu dissesse isso em voz alta, mas sei que é a verdade. Em vez de seu desejo de matar e comportamento frio, ele não nasceu psicopata.

Acredito que ele foi condicionado por um. Criado, esculpido e definido por um homem obcecado com seu próprio legado, tanto que queria que continuasse muito depois de sua prisão, até mesmo de sua morte. Henry abusou de Thatcher, fazendo-o acreditar que ele era incapaz de sentir e cuidar dos outros desde muito jovem.

Ele era atormentado e degradado sempre que uma centelha de emoção aparecia. Não se consegue lidar com tanta coisa antes que seu cérebro faça o que precisa para sobreviver. Por isso, Thatcher se desligou e começou a matar todo bem que aparecesse em seu caminho, até que um dia ele se convenceu de que não sentia nada.

Por baixo de tudo isso, porém, por baixo do homem, existe um menino que tinha sonhos. Que sentiu e tinha uma chance se não fosse por seu pai. Eu gostaria de tê-lo visto antes que o mundo o tornasse tão frio.

Ele ainda é um assassino e muito possivelmente um narcisista maligno, mas Thatcher não é um psicopata. É apenas uma criança que foi criada para se tornar um.

Ontem à noite eu o vi. Vi como ele fica quando se importa, quando se permite sentir, e como isso é doloroso para ele porque não entende. Quando se é criado por um lobo, tudo o que conhece são dentes à mostra e uma fome selvagem. Suavidade, gentileza, emoção, é tudo um conceito estranho.

É como acordar uma manhã e descobrir que o céu esteve verde o tempo todo. Todo mundo sabia disso, mas você ficou no escuro.

No meu corredor, por baixo de toda a raiva, havia apenas um homem tão aterrorizado consigo mesmo, do que é capaz, que preferia me negar a me machucar. É ele colocando alguém que não

ele mesmo em primeiro lugar, *me colocando* em primeiro lugar. Thatcher não quer me deixar vazia e eu não quero deixá-lo sozinho.

— Senhoritas, por favor, cuidem umas das outras. — Pisco, ouvindo a voz de Conner ecoar pela sala. — Se alguém ouvir ou vir algo preocupante, por favor me avise, e ficarei feliz em colocá-la em contato com esses detetives. Minha porta está sempre aberta.

Conner sorri calorosamente antes de Odette e Gerrick fazerem seus comentários finais. O que leva mais quinze minutos antes de sermos dispensados. Coloco minha mochila nos ombros.

— Alistair quer se encontrar e conversar sobre o que aconteceu com Easton — diz Briar, olhando para o telefone. — Vocês têm tempo antes da próxima aula?

— Sim, tenho uma hora. — Eu me levanto do meu lugar.

— Lyra — Sage murmura ao meu lado, escovando alguns fios de cabelo atrás da orelha — Não estou pedindo para mentir, então não pense que estou, mas podemos, por favor, deixar de fora qualquer menção ao que Easton disse sobre mim?

Minhas sobrancelhas se juntam. — Por que? O que está errado?

— Nada, nadinha. — Ela balança a cabeça. — Eu só... se Rook descobrir, será impossível trazê-lo de volta do limite. Não aguento perdê-lo novamente.

— Sage, não vai perdê-lo. Ele nunca te abandonaria, mesmo que você quisesse.

Não há como Rook Van Doren deixar Sage Donahue. É fisicamente impossível em todos os universos.

— Irei se ele descobrir. Ele não desistirá – isso vai corroê-lo até que faça algo descuidado como matá-lo. Não vou deixá-lo ir para a prisão por causa de Easton, por minha causa. Não posso.

Esfrego seu ombro, tentando acalmar o medo em sua voz.

— Vou mantê-la fora disso, prometo.

Ela acena em agradecimento, colocando um braço em volta do meu ombro e me puxando para um breve abraço. Juntas, nós três caminhamos até a frente da turma, evitando o grupo de garotas conversando com os detetives que ainda estão na sala. Estamos quase saindo pela porta quando sinto dedos enrolando em meu braço.

— Lyra.

Eu me viro, olhando para Conner. Ele reajusta os óculos, me dando um sorriso. A sua conversa sobre me avisar para me afastar de Thatcher deixou um gosto amargo na minha boca, mas ele ainda é meu amigo. Ainda estive lá durante o verão e sei que, no fundo, ele só tentava fazer o que acha certo. Não posso dizer que se estivesse no seu lugar faria diferente.

Só estou um pouco mais... apreensiva com ele agora. Ele é muito próximo de Stephen e, embora eu não queira acreditar que esteja envolvido, todos os sinais apontam para que esteja bem no meio dessa bagunça.

— E aí? — Pergunto, dando um sorriso de boca fechada.

— Queria te ver em meu escritório. Vocês, senhoritas, se importam se eu a roubar por um segundo?

Briar e Sage olham para ele passivamente, sem nada caloroso ou acolhedor em nenhum de seus rostos, antes de olharem para mim.

Eu conheço esse olhar. É o olhar *de “Está bem com esse maldito canalha ou precisamos pagar sua fiança”*.

— Vão em frente. Encontro vocês na biblioteca depois.

Sei que o que quer que Conner queira falar não é tão importante quanto atualizar Rook e Alistair, mas pelo menos, posso conseguir mais informações dele. Além disso, não nos falamos há algum tempo. Pode ser bom conversar.

— Envie-nos uma mensagem se precisar de alguma coisa — Briar tranquiliza antes de olhar para Conner mais uma vez e seguir Sage para fora da sala.

— Devemos ir? — Ele oferece, e eu aceno.

Eu o sigo pelo corredor, a curta distância até seu escritório. Godfrey abre a porta, mantendo-a aberta para que eu possa passar. Meu ombro esfrega seu peito enquanto passo. Isso traz à tona a memória de Thatcher me lembrando do que aconteceria se Conner se aproximasse de mim novamente. Faço uma nota mental para manter distância entre nós.

Embora não acredite que Thatch seja um psicopata insensível, sei que não estava blefando. Se ele diz alguma coisa, está falando sério e precisamos evitar qualquer derramamento de sangue desnecessário.

Quando estamos ambos lá dentro, me encarrego de inspecionar as fileiras de livros ao longo das prateleiras embutidas nas

paredes. A maioria deles são estudos acadêmicos, mas existem algumas joias aninhadas no material acadêmico.

Tudo é cor de mogno profundo, desde a pesada mesa de madeira até o sofá de couro. Um jogo de xadrez está bem encostado nas duas janelas à minha direita, e um globo mundial marrom fica bem próximo a ele. É ousado, rico e mostra com precisão a personalidade de Conner.

— Voltaire? — Passo o dedo pela foto emoldurada na parede do famoso filósofo. — Eu o considerei um cara de Sócrates.

— Todo homem é culpado de todo o bem que não fez — diz ele de algum lugar atrás de mim. — Meu pai lia Voltaire para mim quando criança.

Eu sorrio, me virando. — Ele ficou sem Dr. *Seuss*?

— Muito engraçado, senhorita Abbott. — Ele sorri, balançando a cabeça um pouco antes de se encostar na mesa e cruzar os braços na sua frente. — Você é uma amante da filosofia?

— Prefiro poetas, para ser sincera.

— Espero que seja sempre honesta comigo. — Ele me acena. — Venha, vamos conversar.

— Se é sobre o meu próximo projeto, eu disse que é segredo. Apenas terá que esperar para ver quando estiver pronto — provoco, contornando a mesa para que fiquemos de frente um para o outro.

— Sei que terá genética com Hayes em breve, então...

Minhas sobrancelhas se franzem, alarmada e incapaz de manter meus pensamentos para mim. — Como sabe disso?

É o novo semestre. Minha carga horária difere completamente daquela que era no outono. A menos que ele tivesse olhado especificamente, não saberia o que eu faria.

Ele ri, colocando as mãos na borda da mesa. — Lyra, quantas vezes me disse que tem medo de aprender caminhos de sinalização?

Meus dentes mordem o interior da minha bochecha enquanto aceno. Ele provavelmente está certo. Com tudo o que aconteceu ultimamente, não estou surpresa com minha paranoia. Especialmente considerando a escolha de amigos de Conner, mas é professor nesta faculdade e não seria estranho se ele soubesse quais aulas eu faço.

— Devo ter esquecido — penso em voz alta, agarrando as alças da minha mochila.

— Parece estressada, Lyra. Sei que pertence ao mesmo círculo social que Thatcher e ouvi sobre o que aconteceu com a avó dele. Foi uma coisa horrível e, com o seu desaparecimento, isso afetaria qualquer um.

Conner inclina a cabeça, olhando-me de cima a baixo como se quisesse verificar se há ferimentos ou hematomas. — Acho que só quero ter certeza de que está bem.

— Não quero falar sobre isso. — Minha voz estala como um chicote no ar relaxado, uma reação injustificada que sai muito mais ríspida do que pretendia. Uma espécie de reflexo com este tópico de conversa. Minha mudança de atitude também deve ter sido um choque para Conner, porque o músculo de sua mandíbula se contrai.

Observo seu aperto na mesa aumentar levemente. Minha última intenção é ofendê-lo, mas ofender minha amizade com Conner Godfrey é a menor das minhas preocupações. Não posso permitir que ele suspeite das nossas intenções com Stephen, do quão perto estamos de encontrar algo que o apanhe. Isso poderia ter arruinado todas as informações que reunimos, tudo porque não tenho controle sobre meu recuo emocional.

— Desculpe. — Torço o anel no dedo, soltando um suspiro trêmulo. — Já se passaram alguns meses. Essa ferida é recente – sei que só está preocupado comigo. Desculpe-me?

Ele olha fixamente para mim antes de piscar para afastar a expressão vazia em seu rosto. O sorriso normal e relaxado retorna.

— Já desculpei. Não se desculpe por ter emoções, senhorita Abbott. É um presente sentir tanta paixão pelas pessoas quanto você.

Dou-lhe um sorriso de desculpas, esperando, para o bem de todos nós, que isso não tenha sido uma merda da minha parte.

— Agora, a razão pela qual te chamei na minha masmorra. — Juntando as mãos à sua frente, ele limpa a garganta. — O programa de entomologia forense de Dartmouth me informou que recusou o pedido.

Foda-me. Tinha esquecido completamente disso.

— Conner, eu queria falar com você sobre isso. — Mordo meu lábio inferior, ansiosa por algum motivo. Não quero decepcioná-lo; ele é uma pessoa que considero um mentor e acreditou em mim o

suficiente para me dar essa oportunidade. É claro que estou nervosa em dizer a ele que rejeitei a oferta.

— Estou muito agradecida pela oportunidade. É apenas um momento ruim e não acho que seja a melhor opção para mim agora. Minhas amigas... — paro, olhando pela janela por um momento. — Não posso deixá-las – não quero deixá-las. Ainda não.

Não quero deixar Thatcher.

Nem agora, nem nunca, mas mantenho essa verdade guardada para mim.

Para seu crédito, ele mantém o mesmo sorriso no rosto. O mesmo que sempre usa, aquele alegre que me lembra o Conner que conheci durante o verão.

— Sua lealdade é uma das muitas coisas que admiro em você. Elas têm sorte, essas suas amigas, de ter alguém como você.

— Obrigada, e sinto muito que tenha arriscado o pescoço por mim. Sei que não foi fácil me conseguir uma inscrição.

— Teria feito isso por qualquer um dos meus alunos que se mostrasse promissor, Srta. Abbott.

Olho para a foto de Voltaire na parede, imaginando que, já que estou aqui, seria melhor fazer algumas pesquisas enquanto estou nisso. Um pedacinho de mim ainda espera que ele seja inocente, não por qualquer outro motivo além de acreditar que é uma boa pessoa.

— Por que Voltaire? — Pergunto, tentando mudar de assunto graciosamente. — Parece muita coisa para uma criança digerir.

Ele olha para a pintura comigo antes de responder — Cresci muito pobre. Minha mãe era costureira e meu pai trabalhou em vários empregos em fábricas enquanto eu era criança, mas era incrivelmente inteligente. Ele não teve a oportunidade de frequentar a faculdade, mas suspeito que teria prosperado em um ambiente como este. Acreditava que o conhecimento era a única riqueza de que um homem precisava. Dizia-me o tempo todo, quando criança, que podemos ser pobres em materialismo, mas nunca seremos pobres em sabedoria.

Nunca soube que ele não vinha de um mundo rico. Sempre pensei que o seu dinheiro era a razão pela qual ele e Stephen se tornaram amigos, mas faz mais sentido que ele tenha crescido assim. Acho que é que o torna tão acessível aos alunos. Ele parece um cara normal.

— Portanto, filosofia para histórias de dormir — observo, sorrindo um pouco.

— E química no café da manhã, física no almoço — ele brinca, cruzando os braços na frente do peito.

— E a sua mãe? Era tão entusiasmada com a escola quanto seu pai?

Algo ilegível passa por seu rosto, frio e estagnado, como se uma rajada de vento tivesse acabado de passar. Assunto delicado, presumo.

— Ela morreu quando eu tinha cinco anos. — Ele puxa a gravata enrolada em seu pescoço. — Por que o repentino interesse pela minha vida privada?

A tristeza toma conta de mim.

— Não falamos desde antes das férias de Natal. Senti sua falta, acho — digo com simpatia, embora o que eu queira dizer é que *estou tentando desenterrar seu passado para ver se você se conecta a esse presente podre*. — Sinto muito pela sua mãe.

— Não sinta. Foi há muito tempo.

— Eles ficariam orgulhosos de você, eu acho. Quero dizer, olhe para você agora. Professor universitário. — Dou de ombros, esperando que isso afaste um pouco da dor da lembrança. — Esperava que sua amizade com Stephen o trouxesse até aqui? Na vida dos ricos e nobres?

— Não, mas estou grato por isso. Stephen e eu tivemos uma educação semelhante, mas muito diferente. Nossos pais foram muito duros conosco. O que significava que, como homens, não queríamos nada mais do que superar todas as expectativas que eles tinham.

— Papai se preocupa com o vínculo, que lindo — eu provoco. — Então foi com os acadêmicos que você e Stephen se conectaram? Não me diga que ambos eram nerds.

— Deus não. — Ele ri, a luz voltando ao seu rosto, sorrindo como se relembresse boas lembranças da faculdade. — Stephen era péssimo na escola, atleta certificado até mesmo na pós-graduação. Eu procurava um apartamento no campus e ele precisava de um colega de quarto. Sabíamos pouco um do outro, mas alguns meses de convivência dizem muito sobre uma pessoa.

— Conte-me sobre isso — murmuro, pensando em como meu armário de canecas de café está obsessivamente organizado agora. Sinto falta da desordem, mas Thatcher precisa ter tudo em ordem. — Por que tenho a sensação de que teríamos sido amigos na faculdade?

Conner se levanta da mesa, dando passos lentos em minha direção, uma mão no bolso enquanto a outra esfrega a barba por fazer.

— Lyra — ele murmura. — Teríamos sido muito mais do que apenas isso.

Sinto minhas sobrancelhas se juntarem, meus pés me puxando para trás dele, apenas para ele continuar avançando. Posso sentir o cheiro de sua colônia de madeira teca em ondas grossas. Muito perto – ele está muito perto.

— O que...

Seus dentes roçam seu lábio inferior, as costas de sua mão acariciando minha bochecha, me fazendo estremecer. — Você teria sido meu tudo. Eu teria vivido e morrido por você.

Meu coração ecoa em meus ouvidos, batendo cada vez mais forte a cada segundo. Coloco minhas mãos em seu peito, afastando-o para criar algum espaço, mas ele é muito mais forte do que eu.

— Conner, pare. — O tremor na minha voz é prova suficiente de que estou com medo. — Sério.

Não é mais o homem que eu admirava, o professor que admirava. Em trinta segundos, ele se transformou em um homem que temo. Alguém de quem quero ficar longe.

— Eu poderia ser tão bom para você, Lyra.

Então sua boca pega a minha.

À força, sem meu consentimento ou desejo.

Meus olhos se arregalam, as mãos empurrando com mais força contra seu peito, mas ele passa um braço em volta da minha cintura, me segurando com mais força. Seus dedos deslizam em meu cabelo e agarram os fios. Ele puxa minha cabeça para trás e eu grito de dor.

Sua língua é fria e indesejada. Suas mãos não parecem certas e meu corpo parece invadido. Isso não pode estar acontecendo. Isso não está acontecendo.

Com o pânico bombeando adrenalina em meu sistema, afundo meus dentes em sua língua, mordendo com força até ele grunhir, se separando de mim. Usando sua dor como uma distração, eu o empurro para trás, escapando de seu aperto e colocando vários metros entre nós.

— Que porra é essa! — Grito, limpando a boca com as costas da mão, enojada. Meu peito está pesado e a sala gira.

Lágrimas queimam meus olhos e meu peito dói com a traição. Meu corpo dói com a violação. Passo meus dias cavando na lama, me cobrindo de terra, mas agora, neste escritório, nunca me senti tão suja.

Confiei nele, dei-lhe minha amizade. Eu o defendi e acreditei que ele era honesto. Para quê? Para ele fingir ser meu amigo e poder entrar nas minhas calças?

— Oh meu Deus, estou me sentindo mal. — Coloco a mão na barriga, lutando contra a vontade de vomitar o conteúdo do estômago.

Há um som atrás de mim, um barulho repentino e inconfundível.

O clique da porta se abrindo.

Rezo para que seja outro aluno, para que eu possa sair sem ter que ouvir o que ele tem a dizer.

— Lyra, sinto muito. — Conner levanta a mão, gotas de sangue decoram sua boca. — Por favor, entenda, isso foi...

Vejo seus olhos se arregalarem para quem entrou na sala conosco.

Minha respiração fica presa na garganta.

E uma voz, sombria como a noite líquida, permeia o ar.

— O pior erro da porra da sua vida.

TREZE



O GATO COMEU SUA LÍNGUA?

Lyra

O homem para quem estou olhando não é o mesmo que estava comigo no corredor ontem à noite.

Ontem à noite, ele tinha sido tangível.

Alguém por quem eu podia passar os dedos, sentir carne e osso. Podia sentir seus batimentos cardíacos, sentir a pulsação em sua garganta.

Este, o que está atualmente na minha frente? Ele faz os deuses se ajoelharem.

Este é o pesadelo encantador que Ponderosa Springs evitou. O homem que temem. Um manto de escuridão sem calor, sua intensidade sufoca este escritório. Calafrios iluminam meus braços, o ar do inverno o seguindo enquanto ele entra.

Seu terno preto e justo capta partículas de luz solar que saem das persianas. O material sombrio drena toda a luz, consumindo toda a esperança de qualquer coisa que não seja violência.

Estou em tal estado de choque que nem consigo imaginar como fazer todas as perguntas que tenho. Por que ele saiu da cabana? Por que está aqui? Como ele sabia onde eu estava?

Elas correm na minha cabeça em uma pista, girando e rodopiando, mas todas circundam uma verdade contundente.

Ele veio atrás de mim. Eu sou dele, e veio atrás de mim.

Ambas as versões de Thatcher me pertencem inteiramente. A que cuida de mim de uma forma que ele talvez nunca entenda e a que é um assassino. Um homem que não tem fé em nenhum deus e acredita que apenas a crueldade pode redimir pecados.

— Thatcher...

Sua cabeça vira e percebo como seus olhos estão mortos. Não há reconhecimento por trás de seu olhar. Eu poderia ser qualquer um na sua frente agora. A frieza me tira o fôlego.

— Ele tocou em você?

A pergunta me assusta. Não por mim, não por Conner, mas pelas consequências das ações de Thatcher.

Os detetives estão no campus. Conner Godfrey é um professor respeitado. É o melhor amigo do nosso alvo principal. Esta morte não ficaria impune. E posso ver em seus olhos que ele não se importa.

Eu testemunhei como Thatcher parece sanguinário. A maneira como ele muda, abraça a pessoa que seu pai criou e prospera, mas isso? Nunca vi isso. A elegância régia de um assassino sádico, sem se preocupar com as consequências e sem um pinga de remorso pela vida humana.

Ele pode ser ambos? Pode ser um homem que sente tanto e também aquele que não sente absolutamente nada?

— Thatcher. — Conner limpa a garganta. Observo-o com minha visão periférica, o modo como ele se endireita um pouco. — Há algumas pessoas que estão procurando por você. Não acho que estar aqui seja inteligente para você.

Godfrey está tentando proteger Thatcher? Ou melhor, ele mesmo?

Thatcher é inocente dos assassinatos imitadores, mas toda a sua vida foi pintada com sangue. Não há ninguém em Ponderosa Springs que não acredite em todos os rumores perversos falados sobre ele. Todos o temem.

Minha garganta se estreita enquanto tento engolir. O olhar de Thatch é intenso. Ele me observa, esperando pela minha resposta. Muito lentamente, como se planasse, e se move em minha direção. A voz de Conner poderia muito bem ser um ruído branco.

— Não me faça repetir, Lyra — ele diz calmamente, desabotoando a frente do terno e enfiando a mão no bolso.

Eu tenho o destino de Conner Godfrey.

Seu coração está praticamente batendo em minhas mãozinhas, esperando uma lâmina. Sou juíza e júri. Thatcher é o carrasco na forca, esperando minha ligação. Tudo o que eu disser decidirá a vida ou a morte.

É um poder que já tive antes, mas nunca pensei até este exato momento.

Independentemente do resultado das consequências desastrosas, não posso mentir para ele.

Ele sabe que não mentirei. Prometi que não mentiria.

— Sim — expiro, a palavra exilada dos meus pulmões como magia negra.

Posso sentir os fios do destino se despedaçando. Thatcher se aproxima de mim, bloqueando-me contra a parede de livros.

— Lembra-se do que eu disse que aconteceria se ele se aproximasse de você novamente, Pet? — Seus dedos estão gelados quando me tocam. Dois dedos, acariciando a lateral do meu rosto.

A memória de nós no mausoléu se desfaz. A luxúria possessiva e selvagem que tomou conta de seu corpo. Foi a primeira vez que ele me tocou intimamente e quando me deu o único aviso sobre o que aconteceria com Godfrey se ele chegasse perto demais.

Isto poderia arruinar tudo, arruinaria Thatcher se alguém descobrisse.

— Por favor — imploro, meus olhos queimando. — Eu não valho isso.

Seu dedo desliza pela minha bochecha, pegando a gota d'água antes que caia mais. Minha respiração fica presa e não posso fazer nada além de observar enquanto ele pressiona o polegar na boca, limpando as lágrimas de sua pele.

— Oh, querida — ele ronrona, engolindo minhas lágrimas — você vale a pena. Derramamento de sangue e tudo mais.

Thatcher

O relógio de pêndulo toca no momento em que minha mão calça as luvas de couro. Aperto meu punho, sentindo o material esticar sobre minha pele.

Conner se mexe desajeitadamente na cadeira onde o forcei. Seu cinto está enrolado em seus braços e cintura para mantê-lo imóvel, o que foi eu sendo gentil. Muito movimento me deixaria desleixado.

— Cuidado — aconselho. — Muita movimentação e corto uma artéria ou um apêndice.

Agarrando as costas da cadeira, afasto-o da mesa para que ele possa ficar de frente para a porta. Deixá-lo ver o quão perto está a doce e desejada fuga. A cadeira geme contra o piso de madeira, fazendo barulho quando termino de movê-lo.

— Isso é ridículo — ele escarnece, empurrando a restrição — Nós dois fomos apanhados em um momento. Seu ciúme está fazendo você reagir de forma exagerada!

— O ciúme exigiria que eu invejasse algo que tem, Conner. — Jogo minha jaqueta no sofá próximo, circulando na sua frente. — Está aqui porque não manteve as mãos fechadas. Você tocou em algo que me pertence.

A raiva possessiva é uma coisa desagradável. Apodrece.

É uma ferida eterna atingida pela gangrena, transformando seu interior em uma infecção negra e escorrendo. Essa ferida estava

apodrecendo desde que vi o jeito que ele olhou para ela no início do ano letivo.

Percebo o modo como seus olhos procuram Lyra, encontrando-a encostada na porta. Braços enrolados em volta da cintura, ela fica em silêncio. Isso alimenta essa raiva, seu direito a ela.

— Lyra, por favor, explique a ele. Somos amigos! Não pode simplesmente deixá-lo fazer isso.

Meus dedos agarram seu rosto, apertando sua mandíbula dolorosamente, forçando-o a olhar para mim enquanto me aproximo dele. A faca que tirei do bolso está de lado ao longo de sua garganta, roçando mechas de cabelo do pescoço.

A lâmina cinza-metal não tem brilho. Sem glamour. É fosca, afiada e feita para estripar animais selvagens, ou, neste caso, professores que não respeitam limites.

— Se você quiser sair com os olhos, sugiro que mantenha-os longe dela.

Conner Godfrey não tem sangue suficiente no corpo para pagar por esse erro. Ele desmaiaria ou morreria antes que eu chegasse à parte boa. Se as coisas fossem diferentes, eu teria esperado.

Eu o teria selecionado, caçado e matado. Adicionaria o seu nome ao arquivo de partituras em minha mesa. Teria demorado, criado um concerto que deixaria uma sala silenciosa e seus gritos cantariam junto com cada nota.

— Thatcher. — Engole em seco, a lâmina arranhando seu pomo de Adão com golpes suaves. Sabendo que Lyra não ajudará em

nada, ele começou a negociar comigo. — Vamos apenas parar um segundo aqui. Podemos conversar sobre isso.

Afundo um pouco mais em seu pescoço, cortando a primeira camada de pele. O silvo de dor que ele solta antes de cair de volta na cadeira faz com que arrepios percorram minha espinha.

Oh, como senti falta dos sons dos gritos.

A maneira como corre em minhas veias e bombeia adrenalina direto para meu coração de obsidiana. Como é arrancado diretamente das cordas vocais, persuadido por uma tortura meticulosa e excruciante.

Não preciso de música para reviver esse momento, não como fiz com os outros.

Não, tenho algo muito melhor.

Uma testemunha.

Alguém que observaria cada movimento meu, escreveria em sua mente brilhante e manteria lá como uma memória permanente. E mais tarde, quando forçar meu pau dentro dela, vou obrigá-la a me contar tudo o que viu.

Cada. Detalhe.

Até que ela goze gritando meu nome em memória do seu sofrimento. Será o seu castigo por se colocar nesta posição, por ser muito confiante, sendo ingênua perto de homens que têm intenções corruptas.

— Acha que o conselho verá as coisas dessa forma? — Minha sobrancelha se levanta. — Quando descobrirem como você se comporta de maneira inadequada com os alunos? Acredita que

terão pena do homem que não tem peso e que beijou o traseiro para chegar até aqui?

Se ele pensa que pode me assustar ameaçando falar, está extremamente equivocado. Ele arriscaria tudo contra mim, procurado por assassinato ou não. Tenho mais poder no dedo mindinho esquerdo do que ele em todo o corpo. Não é nada em comparação. Conner não tem nome ou legado, apenas pura sorte por ter feito amizade com Stephen Sinclair na faculdade. Ele é simplesmente um lixo que ninguém apoiaria.

Minha faca corta os músculos de sua garganta, o suficiente para um corte estreito e vermelho aparecer abaixo dela. O medo surge nas profundezas de seus olhos e um sorriso torcido surge em meus lábios.

Nada controla o ego de um homem como uma faca na garganta.

— Vai me matar? Bem aqui? — Ele range os dentes. — Será pego antes mesmo de sair do campus. Essas paredes podem ser à prova de som, mas você não conseguirá se livrar do meu corpo.

— Que ousadia da sua parte presumir que sobraria alguma coisa. — Minha língua se arrasta pela frente dos meus dentes.

Tenho consciência de que estou quebrando uma das regras mais queridas de meu pai, matando por emoção. Pela segunda vez, tirei sangue de um homem por Lyra. A segunda vez que fui forçado a isso.

Meu pai nunca teve ninguém por quem valesse a pena matar. Ele assassinava sem propósito. Henry nunca havia enlouquecido.

Não tinha sido absorvido inteiramente por outra pessoa, só a ideia de alguém respirando perto dele era demais. Muito perto.

— Thatcher, por favor — ele implora, empurrando a cadeira. — Você não é seu pai. Não seja esse homem.

Puxo a faca de sua pele, girando-a entre os dedos, rodando a lâmina ao longo da palma da mão distraidamente.

— Está certo, eu não sou. — Concordo com a cabeça. — Sou muito pior.

Com um suspiro de tédio, fico em pé e me viro para olhar para Lyra. A *Little Miss Death*, escondida silenciosamente em um canto. Como se pudesse desaparecer dos meus olhos. Como se ela não fosse a única coisa que vejo em uma sala.

— Querida fantasma — ronrono, virando a faca na palma da mão. — Escolha um dedo.

Suas sobrancelhas sobem até a linha do cabelo.

— O quê? — Ela murmura, em pânico, os olhos saltando entre a mão trêmula de Conner e meu rosto.

— Pode escolher mais de um.

Ela engole visivelmente, balançando a cabeça, aqueles cachos soltos caindo na frente de seu rosto. Isso joga um fósforo na ira coberta de gasolina dentro de mim. Um inferno atravessa meu exterior gelado e não tenho mais controle sobre meu controle.

Ela tem medo por ele? Ela se *importa* com ele?

Meu peito queima com a pergunta, um calor derretido queimando meus nervos.

— Não posso...

— Escolha um dedo ou pego a porra da mão, Lyra — respondo, meu tom é um grunhido selvagem.

— Espere, espere — Conner grita atrás de mim, mas não consigo ouvi-lo por causa do rugido dentro da minha cabeça.

— Mindinho! — Lyra grita, tapando a boca com a mão.

— Boa menina — elogio, agarrando meu lábio inferior com os dentes. — Mas não é bom o suficiente.

Com a raiva desenfreada como única motivação, olho para Conner. Ele balança a cabeça, me implorando para não fazer isso, mas não ouço nada enquanto agarro sua boca. Meus dedos enfiam atrás de seus dentes inferiores e o empurram para frente, de modo que suas costas se arquem na cadeira. Alegro-me com a maneira como ele tenta lutar.

Com a mandíbula aberta, enrolo o punho em volta da faca, sentindo o seu peso na palma da mão antes de fazer meu movimento. Minha mão desce de uma só vez, atingindo a lâmina através do músculo sensível de sua língua.

Esfaquear é muito mais fácil do que fatiar. O corpo humano é um meio difícil quando se está esculpindo carne densa, mas esfaquear? É tão fácil quanto espetar um garfo em um frango cru.

Macio, viscoso, fácil de cortar.

O sangue respinga na minha camisa, me pintando com faixas vermelhas. Conner grita, as lágrimas escorrendo enquanto mergulho em sua boca. Não paro até que o cabo da minha faca

encontre sua língua. O corte da carne e o esmagamento do tecido rasgado ecoam na sala.

Ele recua em agonia quando solto o cabo, inclinando sua cabeça para trás apenas o suficiente para que eu possa ver a ponta da lâmina se projetando sob seu queixo. Eu sorrio assim que ele engasga, jorrando sangue na frente de suas roupas. Flui de seus lábios, cobrindo seu queixo com um vermelho brilhante. Seu pescoço está coberto por um líquido carmesim, afogando a gola de sua camisa social.

A criatura dentro de mim se deleita com sua dor, faminta por ela. Já faz muito tempo desde que ela se alimentou. Tiro meus dedos de sua boca, apertando minha mão e observando o sangue respingar no chão. Conner murcha e depois uiva no fundo da garganta.

A língua é o único músculo de todo o corpo humano que nunca para de se mover. O que normalmente é uma coisa boa, mas para ele? É uma miséria. Cada vez que ele se contorce ou tenta se mover, fica em pedaços.

Mais nervos se rompem, expostos ao ar livre. Ele sente cada grama daquela dor, resmungando, estrangulando-se com as palavras, incapaz de falar.

Inclino a cabeça, sacudindo a parte superior da maçaneta, fazendo-o gritar. — O gato comeu sua língua, Godfrey?

Gosto de vê-lo sofrendo por mais alguns momentos antes de me inclinar perto de seu ouvido. O cheiro metálico que vaza de seu corpo me faz estremecer. Desfaço cuidadosamente o cinto que o prende à cadeira para que possa pelo menos rastejar até a porta.

Se a polícia me agarrar nos próximos dez minutos e me jogar na prisão, terá valido a pena ver Conner Godfrey sendo caçado e sangrando. Preso como um porco por agir como tal.

— Deixe-me esclarecer isso. Nunca mais toque nela. Não respire perto dela. Não exista no mesmo espaço que ela, ou arrancarei a porra da sua cabeça dos ombros.

Ele pisca, os olhos lacrimejantes cheios de pânico. Lentamente, balança a cabeça, tentando se manter o mais imóvel possível.

— Bom, muito bom. — Dou um tapinha na lateral de sua bochecha, levantando-me e caminhando em direção à porta.

— Ah, e Godfrey. — Olho por cima do ombro. — Mantenha isso entre nós. Sinceramente odiaria que perdesse seu emprego junto com sua língua.

QUATORZE



CRAVIN⁵

Thatcher

— Porra, Thatch! — Rook grita pelo alto-falante do meu telefone. — Porra, mano. Estamos além de fodidos. Tão fodido. O mais fodido que poderia estar na vida.

— Então só somos incompatíveis quando você faz algo impensado? — Encosto-me na prateleira atrás de mim, observando Lyra riscar um fósforo no chão e acender uma vela singular dentro do armário compacto.

— Sim, porque sou o irracional. Eu. Você é o maníaco por controle anal. Não é assim... espere, acabou de xingar?

Meus olhos ameaçam revirar. De repente, ouço uma discussão ao fundo. Tiro o telefone do ouvido enquanto grunhidos e gritos ecoam pelo alto-falante. Finalmente, a voz firme de Alistair está do outro lado da linha.

Alistar: 1

⁵-Pode-se traduzir como desejos, um desejo insaciável, ou uma interjeição de surpresa.

Rook: 0

— Pode ficar fora de vista até que possamos descobrir como tirá-lo do campus?

Olho ao redor do armário antigo que não recebe visitantes há algum tempo.

— Sim, mas tente ser rápido. Este armário de suprimentos é nojento.

— Desculpe — Lyra murmura, levantando-se do chão, o brilho da vela destacando os contornos de suas bochechas. — Da próxima vez que esfaquear alguém em plena luz do dia, com certeza reservarei um quarto no maldito *Four Seasons*.

Foi ela quem encontrou esta sala, escondida no último andar do *Bursley District*, dentro de uma sala de aula abandonada que já foi um laboratório de química. Não me incomodei em perguntar como ela sabia que estava aqui. Provavelmente outro de seus esconderijos secretos.

— Apenas fique aí. Ligarei para você em breve. E Thatcher? — Ele solta um suspiro pesado. — Valeu a pena?

Olho para a garota na minha frente. Ondas de cachos de ébano emolduram seu rosto delicado. Ela tira o suéter preto grosso que estava usando, deixando-a com uma camiseta justa e profana e uma saia pregueada marrom que cai na cintura.

— Não. — Pressiono meus dedos na ponta do nariz enquanto meus olhos se fecham. — Mas ela sim.

A linha fica muda e o silêncio é tudo o que resta.

Minha adrenalina está baixando, caindo com tanta velocidade que me dá dor de cabeça. Quero que a falta de endorfinas cure meu comportamento irracional e espero pelo sentimento de arrependimento, mas desde o momento em que enfiei aquela faca na boca de Conner até o segundo em que saí do escritório, não senti nada.

Não tenho medo de passar a vida dentro de uma jaula de metal. Nenhuma decepção por ser pego. Nenhuma raiva de mim mesmo por deixar meu controle escapar.

Não sinto absolutamente nada. Não ligo.

Ele mereceu o que eu fiz. Era apenas uma questão de tempo até que Conner conseguisse o que merecia.

— Como sabia que eu estava lá? Que eu precisava de ajuda?

— Eu te segui desde a aula. Achei que estava lá há muito tempo. Suponho que tenho um ótimo *timing*.

— Você não deveria ter feito isso. — As tábuas do piso rangem sob os pés de Lyra. — Por que fez isso?

Eu a vejo dar passos em minha direção, seu pequeno corpo parando quando seus pés descansam entre os meus. Lyra estica o pescoço para olhar para mim, aconchegando-se em meu corpo.

— Fazendo a pergunta para a qual já sabe a resposta? — Levanto uma sobrancelha, olhando para baixo com curiosidade. Quero-a contra mim, pressionada contra mim para poder apagar cada centímetro do toque de Conner de seu corpo.

— Quero ouvir você dizer. — O seu cheiro roça meu nariz e a suavidade de suas mãos trazem calor à minha pele enquanto descansam em meu abdômen. — Quero que ouça por si mesmo.

Eu levanto minha mão, segurando sua bochecha, esfregando meu polegar na ponta de seu nariz. Parece impraticável experimentar isso. Do jeito que eu estava sedento de violência segundos atrás, e agora...

Agora quero mergulhar em sua suavidade.

Não posso lhe dar amor, cuidar dela como alguém deveria, mas estou cansado de não lhe dar quem sou. Não quando ela é a única pessoa capaz de me ter. A distância que criei entre nós foi para protegê-la, mas hoje, essa distância é a razão pela qual ela estava sozinha com Conner.

— Ninguém tem permissão para te tocar — digo honestamente.

Meu peito aperta quando seu dedo se arrasta para baixo, esfregando o material do meu cinto, mexendo no fecho.

— Exceto você?

Um sorriso surge em meus lábios. — Exceto eu.

Estou cansado de lutar com ela. Lutar comigo mesmo. Nunca me entreguei a nada, nunca me permiti ceder aos meus desejos.

Apesar de toda maldade que cometi, de quão perverso sou, talvez eu mereça ter uma coisa. Essa é uma coisa boa entre todas as ruins.

Ela.

— Querida fantasma. — Olho para suas mãos ágeis puxando meu cinto, o esmalte roxo em suas unhas contrastando com minhas roupas pretas. — O que está fazendo?

O som do meu zíper sendo arrastado ecoa.

— Agradecendo por ter vindo me buscar — ela sussurra. — Por me salvar, de novo.

Sinto o mundo desacelerar. Tudo fora da porta à minha frente não existe mais. Somos só nós neste armário. Meus dentes afundam em meu lábio inferior enquanto ela se ajoelha.

Nada era tão bonito.

Afasto alguns cachos de seu rosto, segurando seu queixo, fazendo-a olhar nos meus olhos. Sua respiração é irregular e suas unhas cravam nas laterais da minha cintura, puxando o cóis da minha calça.

Meu polegar roça seu lábio inferior carnudo, doendo para senti-lo enrolado em meu pau. O ar estala e minha pele vibra quando ela puxa minha calça e cueca para baixo, apenas o suficiente para libertar meu pau. Bate contra meu estômago, e sua respiração se espalha pelo meu eixo, me fazendo respirar fundo.

— Sabe o que estou prestes a fazer, Pet? — Pergunto, enfiando meu polegar na costura de seus lábios. Ela chupa, e a sensação dispara direto para o meu pau. — Vou foder o gosto dele dessa boca carente.

A luz pisca em sua mão enquanto ela sobe, empurrando minha camisa ensanguentada para cima e expondo meu abdômen.

Brilha, mostrando a forma como se flexionam enquanto ela envolve uma mão tímida em torno da base do meu comprimento.

Seus dedos macios não se encontram enquanto se enrolam ao meu redor, com alguns centímetros de espaço entre eles, e vejo o momento em que ela percebe quando seus olhos se arregalam. Lyra parece tão pecaminosamente inocente, insegura de si mesma, mas o desejo que se acumula em seus olhos deixa uma coisa muito clara.

Ela me quer. Quer colocar sua boca em mim, sua língua, seu corpo.

Meus quadris estremecem com o pensamento, buscando o calor de sua boca.

— Eu nunca... — Ela morde o lábio inferior, sua mão me dando um aperto experimental.

Lyra poderia ficar ali sentada, exatamente como está, sem se mover nem um centímetro, e ainda assim seria mais do que suficiente para me levar ao limite. Não tenho certeza se isso diz mais sobre mim ou ela.

Posso dizer, porém, que ela está nervosa e sei exatamente o que faz esse nervosismo desaparecer. Enfiando a mão no bolso, rapidamente retiro o canivete, abrindo-o com um clique.

O som faz meu pau se contorcer e ela arfa.

— Nunca o quê? Deixou alguém foder sua boca? — Murmuro, uma mão descendo para tirar o cabelo do rosto. — É isso que me deixará fazer, não é? Enfiar meu pau neste doce buraco e usá-lo?

Lyra balança a cabeça ansiosamente, aquela língua rosada deslizando pelos lábios, morrendo de vontade de me provar, mas sem saber como começar. Envolver minha mão em torno da lâmina afiada. A mordida é rápida, queima apenas por um segundo antes que o sangue suba à superfície.

Olho para a poça vermelha em minha mão antes de voltar meu olhar para o chão.

— Abra — ordeno.

Sua boca faz exatamente isso, a língua rosa de fora, esperando o que pretendo fazer a seguir. O orgulho incha meu estômago. Como ela confia tanto em mim com uma faca, nunca entenderei.

Colocando a faca no chão, abaixo minha mão, segurando-a logo acima do seu rosto antes de incliná-la para o lado. O fluxo de sangue escorre da palma da minha mão, suspenso no ar por apenas um momento antes de pingar em sua boca.

Palavras sujas e bonitas a fazem derreter os nervos, e o sangue a excita tanto que é impossível para ela se preocupar com qualquer outra coisa.

Um fetiche complexo e macabro.

É estimulante sangrar por outra pessoa, dando-lhe de boa vontade o fluido que o mantém vivo. Percorre as câmaras do seu coração, e dar a outra pessoa acesso a isso é poderoso.

Pontos vermelhos cobrem sua língua, espalhando-se pelos lábios e escorrendo pela curva do queixo. Estou dolorosamente duro, vendo-a beber. A forma como ela engole, fico com tanto ciúme que não consigo ver meu sangue escorrendo por sua

garganta, não consigo ver como isso pinta o seu interior comigo. Este é o meu novo tom favorito de vermelho.

— Boa menina — elogio, inclinando um pouco a cabeça. — Tão bonita coberta com meu sangue. Absolutamente divina. Vou usá-la, sentir sua garganta lutando para caber no meu pau, e observar enquanto engasga com meu gozo. E você me deixará, certo?

Sua resposta vem na forma de sua língua arrastando ao longo da veia que corre na parte inferior do meu eixo, traçando todo o caminho até minha ponta ingurgitada, que vaza pré-gozo. É um sonho vê-la lambe minha cabeça latejante, pintando-me com meu sangue.

— Sim, vai — confirmo, olhando para as linhas rosa avermelhadas no meu pau. — Porque está desesperada pelo meu gozo, não é, Pet? Aposto que se eu levantar essa saia, vou te encontrar encharcada para mim. Essa boceta lamentável e dolorida está com ciúmes da sua boca, não é?

— Sim — ela respira, seus joelhos se separando ainda mais. Uma mão me acaricia, mais confiante em si mesma, enquanto a outra levanta a saia, mostrando a calcinha de renda roxa por baixo, me dando uma visão completa do quanto me deseja. Quão desesperada é aquela sua boceta. Eu cantarolo minha aprovação, o peito arfando à medida que minha respiração se torna mais irregular.

O calor inconfundível de sua boca sangrenta envolvendo os primeiros centímetros do meu pau me deixa fraco. As suas bochechas ocas, tentando se estreitar à minha volta, dão-me uma

sensação semelhante à que sinto quando me afundo na sua boceta apertada.

— Foda-me. — O gemido é arrancado do fundo da minha garganta, abrindo caminho para fora. Deixo cair a cabeça na prateleira, derrubando vários itens atrás de mim.

Eles se chocam e batem no chão, mas tudo que consigo pensar é em fodê-la, me enterrar dentro dela por horas e horas, sabendo que morreria se fosse embora. Eu viveria em seu corpo.

Seus movimentos são instáveis, sem saber até onde ir e o que fazer com a língua, mas estou tão dominado pela luxúria que não consigo me impedir de avançar, enviando meu comprimento em sua boca com um único impulso. Quero entrar até o fim; Preciso do meu pau completamente coberto por ela.

Espero que ela engasgue ou lute, mas quanto mais vou, mais ela aguenta. Faz um movimento de engolir com a garganta, e isso faz meus joelhos dobrarem.

Sem reflexo de vômito?

Testando minha teoria, pressiono até que a cabeça do meu pau toque a parte de trás de sua garganta, alguns centímetros do meu eixo ainda expostos, e em vez de subir para respirar, Lyra torce a mão em torno da parte do meu pau que não cabe.

— Merda — sibilo, olhando para seus lábios abertos ao meu redor, sangue diluído respingado na ponta de seu nariz. — Quer mais? Minha garota patética e carente quer mais?

Lyra acena com a cabeça, recuando e girando a língua em volta da minha ponta sensível antes de afundar novamente. Estou

envolvido por ela. A sensação de sua boca, seu cheiro, suas mãos. Estou de pé acima dela, mas ela me segura como massa de vidraceiro nas mãos.

Os pedaços congelados do meu exterior estão derretendo no chão. Descongelando.

Baba misturada com correntes de sangue sai do canto da boca, cuspe brilhando ao longo do comprimento do meu pau enquanto ela me trabalha da raiz às pontas, balançando a cabeça em movimentos rápidos.

As veias do meu pescoço se contraem. Ambas as minhas mãos seguram seu cabelo, os fios cor de escura amarrados em volta da minha pele pálida. O corte sangrento na minha mão bate no cabelo. Meu aperto é forte quando a puxo para mais perto, enfiando-me em sua boca, forçando seus lábios a se esticarem ao meu redor.

Gemidos e choramingos doces e inebriantes saem de sua garganta, adicionando vibrações leves. Meus quadris avançam com mais força, enchendo a sala com ruídos molhados e obscenos que posso ouvir logo abaixo do som do meu coração batendo forte.

— Abra sua garganta para mim. Deixe-me arruiná-la.

Lágrimas se acumulam no canto dos seus olhos, mas permanece parada, acompanhando cada centímetro do passo, os músculos de sua língua deslizando ao redor da minha cabeça a cada movimento para baixo. Ela está completamente à minha mercê e disposta a me deixar destruí-la para meu prazer.

Aqueles lábios rosados estão inchados ao redor do meu eixo, carnudos de tanto sugar. Observo com admiração enquanto ela se aproxima de mim toda vez que me afasto de sua boca, como se nunca quisesse que eu fosse embora.

— É isso. Um bichinho tão bom — grunhi enquanto o peso em minhas bolas dói. — Vou encher sua garganta com meu gozo e não derrame uma única gota.

Seus gemidos ecoam em meus ouvidos, implorando por minha semente, tirando-a de mim com sua boca necessitada. Meu orgasmo se enrola em minhas entranhas; estou tão perto. Empurro até que seu nariz beija minha cintura, e a seguro ali, batendo no fundo de sua garganta com a ponta do meu pau repetidamente.

A saliva e o calor úmido que me envolvem são quase demais. Gemendo, olho para minhas mãos, a forma como a movem para frente e para trás em meu comprimento, observando-a desaparecer dentro dela repetidas vezes.

— Merda, vou... — Um gemido toma minhas palavras antes de eu terminar. — Baby, porra, sim. Estou gozando.

Mergulho nela uma última vez, enterrando seu nariz na parte inferior do meu estômago. Meu pau bate no fundo de sua garganta quente e se contorce antes de eu soltar. Lyra continua a chupar, engolindo cada gota que forço, girando a língua, persuadindo meu pau enquanto me drena. Minha visão está embaçada, respirando irregularmente conforme afrouxo meu aperto, acariciando seu cabelo. Quando ela tira a boca, caio de volta na prateleira, incapaz de me levantar sozinho.

Quando a sensação de tontura desaparece, me coloco de volta nas minhas calças antes de olhar para ela no chão, suas bochechas coradas, lágrimas manchando seu rosto e boca manchada de vermelho. Ela arrasta a língua pelos lábios, lambendo o sangue que resta ali. Vejo alguns cachos encharcados de sangue quando ela se levanta.

Beleza celestial e encharcada de carmesim.

Um presente embrulhado num pacote silencioso e esquecido, mas dentro de uma marca de sol que só existe em dias de luto. Luz que espreita através das nuvens de tempestade, luz do dia depois de mil anos de escuridão. Nunca acreditei que tivesse alma e agora acho que entendo por quê.

Minha mão agarra sua nuca, puxando-a para meu peito. Sinto suas mãos em meu rosto enquanto nossos lábios se encontram em um choque de línguas e dentes. O gosto salgado e metálico em seus lábios faz meu pau se contrair, exausto, mas a querendo novamente.

Nossas bocas se fundem, perfeitamente feitas uma para a outra. Movem-se em sincronia como se, muito antes do nosso tempo, tivéssemos feito isso antes, nos conhecido e passado vidas inteiras com os lábios emaranhados.

Minha falta de alma não foi por causa do mal que infestou o ventre de minha mãe ou do DNA corrompido de meu pai.

Não, eu não tinha porque pertencia a ela.

Acho que quando fomos criados, em vez de dividirmos nossos espíritos ao meio, deram os dois a ela para mantê-los seguros. Para

me lembrar, quando chegar a hora certa, que tudo o que sou é dela para carregar.

Muito antes de estarmos nestes corpos, alguém decidiu que ela seria a guardiã da minha alma, sabendo que eu teria causado muitos danos a ela.

Quando me afasto, minha testa cai sobre a dela, e me inclino em suas palmas e beijo as pontas dos seus dedos. Minha mão se levanta, girando o anel em seu dedo indicador com o meu.

— Não consigo ficar longe de você, mesmo quando sei que deveria. Seria a única coisa boa que eu poderia fazer por você, Scarlett.

Lyra esfrega o nariz no meu, mordiscando meu lábio inferior antes de respirar.

— Não seja bom. Não fique longe. Apenas fique comigo.

QUINZE



BORBOLETAS

Lyra

A cabana cheira a alho.

É a primeira coisa que noto quando entro pela porta.

A segunda coisa é que está limpo. Anormalmente limpo.

Meu projeto ainda ocupa todo o espaço da sala, todos os meus materiais intocados, mas todo o resto? Impecável.

Reprimo um sorriso, tentando imaginar Thatcher andando pela minha casa limpando. Deus sabe o que ele encontrou neste lugar ao longo do caminho. Arrasto o dedo por uma prateleira na parede, aquela que tem potes de criaturas embebidas em formaldeído, e quando levanto o dedo de volta, não há um grão de poeira.

Eu nem sabia que tinha um espanador.

Nas últimas duas semanas, Thatcher e eu encontramos uma rotina. Ainda posso senti-lo mantendo distância emocionalmente, mas ele deixa a porta do quarto aberta durante o dia. Outra noite, fiquei acordada até tarde trabalhando na minha estrutura de aranha. Ele desceu e se sentou no sofá à minha frente para ler.

Ficamos ali em silêncio, apenas existindo na presença um do outro por horas. Sua companhia é a de uma sombra. Calma, sutil, mas sabe que está lá.

Meus sapatos batem contra a parede quando os tiro, jogando meu casaco no sofá, antes de ir para a cozinha, de onde vem o cheiro de comida de verdade, e não das refeições congeladas que consumo.

Quando atravesso o arco, encontro Thatcher de costas para mim, uma toalha de mão roxa jogada sobre o ombro, vestindo uma camisa de botão branca enrolada até os cotovelos e calça preta padrão. Música clássica toca no meu alto-falante e observo com admiração enquanto ele puxa a panela de prata do meu fogão e vira a comida no ar.

Ele se vira, mostrando o perfil lateral do rosto. Mechas de seu cabelo branco caem na frente de sua testa, apenas algumas, e são essas mechas de cabelo que me prendem toda vez.

— Você cozinha? — Questiono, indo até a geladeira, tentando fingir que não estava olhando.

Ele me olha por cima do ombro, reconhecendo minha presença antes de derramar vinho tinto na panela, fazendo o vapor explodir.

— Sou fantástico com qualquer coisa que exija uma faca.

Pego uma garrafa de água, sorrindo. — Devo me preocupar com a origem da carne deste prato, Hannibal⁶?

⁶-Personagem do filme Silêncio dos Inocentes.

Thatcher revira os olhos. — Os seres humanos são nojentos. Não toco neles com as mãos nuas e acha que comerei a carne deles? Você é uma perseguidora. Ao menos me conhece?

Meu queixo cai. — Seu idiota!

Um sorriso surge nos cantos de sua boca e uma risada borbulha em meu estômago. Ele é engraçado quando quer. Caloroso quando não está ocupado convencendo o mundo de que é Jack Frost.

Adoro esta versão do Thatch, a que só eu consigo ver. Amo isso quase tanto quanto a parte que aterroriza as pessoas. Ele é o pesadelo deles e meu sonho acordado.

— Falando em matar pessoas. — Eu me levanto na ilha de madeira no centro da cozinha, indo em direção ao meio antes de sentar de pernas cruzadas. — Conner Godfrey está oficialmente de licença após seu confronto heroico com o *Imitator* de Ponderosa Springs. Ele ainda não conseguiu identificar o mascarado responsável pelos danos em sua língua.

— Trágico — ele murmura.

— Sei que Rook já foi vendido, mas acredita que Easton é o assassino imitador?

Thatcher puxa uma faca do bloco e vai até o balcão, onde corta pedaços de vegetais. — Você não?

— Deveria. Está claro que é ele quem envia notas para você, mas simplesmente não sei. — Dou de ombros, tomando um gole da minha água. — Conheço Easton desde o ensino fundamental. Ele sempre foi um idiota, mas um assassino? Não.

— Existem muitas faces de um assassino. — Seu tom é indiferente. — Quase nunca é o canalha do canto. É mais provável que seja o homem no centro da sala. Somos camaleões, capazes de nos misturar e copiar emoções. Se Easton é o Imitator, então ele se camufla com eficiência o suficiente para que nem você acredite.

Sei que não deveria pressioná-lo, que deveria estar grata por ele mostrar tanto de si mesmo, mesmo que não seja o suficiente, mas sempre fui curiosa por natureza. É impossível não querer mais dele.

Como se diz a alguém que quer saber tudo? Cada memória, cada momento, cada peculiaridade e hábito só para que possa estar mais perto. Tenho ciúmes de todos os segundos que não compartilho com ele.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Você fará, independentemente de como eu responda.

— Provavelmente. — Arranco um pedaço de pepino da salada da ilha. — Quantas pessoas matou?

A pergunta ressoa no ar quente. Esperava que a entrega casual o distraísse da dura pergunta. Talvez nem percebesse que estava respondendo, mas ele percebe tudo.

Só ouço o som de uma panela crepitante e o baque de sua faca contra a tábua de madeira.

Chop, chop, chop.

Quando para, espero alguma resistência. Um comentário sarcástico ou uma crítica direta por perguntar algo tão pessoal,

mas ele simplesmente arranca outra cenoura do ramo e começa a picar novamente.

— Sete. — Expira. — Dois por ano desde que eu tinha dezessete anos. Menos este ano, é claro: alguém roubou meu número oito.

Minhas bochechas esquentam e estou grata por ele estar de costas para mim. A foto de Michael deixada no centro do picadeiro do circo com lâminas cravadas nas órbitas dos olhos é algo que não esquecerei tão cedo.

— Sete — repito, tentando entender que o homem que prepara o jantar na minha frente é o mesmo capaz de assassinar sete pessoas. Isso deveria me deixar desconfortável; deveria me assustar ou me apavorar, mas não sinto nenhuma diferença em relação a ele agora que sei.

— Como você... — aceno minhas mãos na minha frente, tentando encontrar as palavras. — ...encontra-os? Quero dizer, tem um tipo ou qualquer homem?

Falar esses detalhes em voz alta apenas me lembra o quão estranho é o par que formamos. Como nossa conversa no jantar é estranha em comparação a outras. Não tenho certeza se ele responderá, se compartilhará essa parte de si mesmo. Nem sei se falou sobre isso com mais alguém, mas ele me surpreende. Continua falando enquanto trabalha.

— Meu avô, Edmond, sabia no que meu pai me transformou. O que eu poderia fazer. Eles tentaram, tanto ele quanto May, por muito tempo, fazer com que meu amor voltasse ao normal. Dar-me uma vida estável na esperança de que isso mudasse o inevitável, mas houve muitos danos causados. Henry me mostrou muito, me

treinou muito bem. Por isso. — Ele solta um suspiro pesado, como se estivesse soprando a poeira de um disco antigo que não é tocado há anos.

— No meu aniversário de dezesseis anos, meu avô me deu uma pilha de arquivos e uma mensagem de despedida. *Não matarás, mas se for preciso, mata aqueles que merecem a morte.* Todas as pessoas nos arquivos eram homens que fugiram do sistema judiciário. Outros assassinos que atacavam os inocentes, aqueles que eram fracos. Cada um deles, de alguma forma, não pôde ser capturado ou a polícia não conseguiu condená-los. Continuaram aparecendo depois da morte de Edmond, sempre chegando na primeira terça-feira de junho e na última quinta-feira de outubro. Deixado dentro de uma caixa postal no centro da cidade com cobrança de nome falso.

— Você mata outros assassinos?

— Mm-hmm — ele cantarola.

— E May nunca soube?

Seus ombros tensionam com a menção do nome dela, mas rapidamente joga os legumes cortados na panela, sacudindo-a para mexê-los.

— Acho que ela suspeitava disso, mas desfrutava de uma feliz ignorância. Edmond me disse que a única maneira de proteger as pessoas ao meu redor era mantê-las no escuro. Ele era o único, além de você, que sabia disso. Para May, sempre seria Thatcher, seu neto, nunca o homem que matava pessoas no porão da propriedade da família.

Ela sabia mais do que ele gostaria de pensar. Nossa conversa no jardim me disse que ela sabia, mas acho que o amava. Talvez fosse uma negação, mas May estava mais do que ciente de quem era seu neto. Isso... faz sentido. Por que ele é tão reservado. Sentiu que era a única maneira de proteger os rapazes, May, eu, do que ele é. A distância é para nos manter a salvo *dele*.

— Espere. — Franço as sobrancelhas, o medo acelerando meu pulso. — O porão? É onde faz isso? Thatcher, a polícia invadiu a propriedade. Deixou...

— Não sou estúpido, Lyra — ele me interrompe, tirando um tipo de pão do forno e colocando-o no balcão. — O porão é apenas isso. Um porão. Limpei toda e qualquer evidência de tortura antes de encontrarem o corpo de May. Limpo e deixado em condições impecáveis.

O silêncio cai entre nós enquanto ele cozinha, tirando os pratos do armário. Neste momento privado, com a sua verdade se estabelecendo entre nós, aceito o quanto gosto dele. Quanto o amo. Como eu destruiria o mundo com os dentes para tê-lo. Mentiria, roubaria e trapacearia para sua segurança.

E, no entanto, isso ainda não garante o nosso felizes para sempre. Esse fato por si só me paralisa. Saber que poderia cuidar tanto de alguém e não seria suficiente para o universo te deixar viver nesse amor.

Minha mãe não era religiosa, não sou religiosa, mas se isso significasse mantê-lo para sempre, eu rezaria.

O mundo já me mostrou tanta escuridão, deu a Thatcher mais miséria do que uma pessoa deveria carregar. Eu imploraria a

qualquer Deus que precisasse para que tivéssemos um final suave. Um ambiente tranquilo que não requer nada além de paz.

É uma bênção e uma maldição conhecê-lo.

É mais perigoso agora. As apostas aumentam após cada camada que removo. Quanto mais perto chegar dele, mais terei a perder no final disso. Olho para suas costas, para o jeito que se move, e meu coração suspira.

Por favor, penso, deixe-nos ter o final que merecemos. Nem precisa ser feliz. Só preciso que seja com ele.

— Posso ouvir o quanto está pensando — ele diz, deslizando um prato de comida fumegante na minha frente, olhos azuis gelados brilhando com diversão. — Importa-se de compartilhar o que te deixou tão perplexa?

— Nunca comi uma refeição caseira antes — digo abruptamente, o que pode não ser o que eu pensava, mas não é mentira. — É a primeira vez para mim.

Thatcher descansa as mãos na borda da ilha bem na minha frente, com um sorriso malicioso nos lábios. — Pode adicioná-la à lista de novidades que roubei de você, então.

O calor se espalha pelo meu estômago.

Tento ignorar o rubor em minha bochecha enquanto pego o garfo e espeto um pedaço de frango. — Minha mãe era uma péssima cozinheira. É uma das coisas que me lembro claramente sobre ela. Isso e o cheiro de pipoca queimada.

A comida de Thatcher é exatamente como imaginei. Deliciosa pra caralho. Não creio que haja algo que ele faça mal.

— Conte-me sobre ela. — Ele se apoia nos cotovelos na minha frente, os músculos dos ombros flexionando.

Engulo. — Minha mãe?

Ele balança a cabeça, girando o macarrão no garfo antes de olhar para mim enquanto dá uma mordida.

— Por que?

— Não é a única intrigada por alguém nesta sala, Lyra.

Geralmente sou eu quem o interroga, forçando-o a se abrir para que eu possa aprender todas as coisas que o compõem. Não estou acostumada a ser aquela que alguém conhece, e acho que é porque nunca quis que alguém me conhecesse.

Na verdade não. Sou um fantasma porque escolhi ser. Sempre foi mais fácil do que compartilhar pedaços de si mesmo.

— Ela era... — paro, tentando encontrar todas as palavras para descrever minha mãe para alguém que nunca soube o quão incrivelmente especial ela era. — Nunca houve um momento de tédio. Sei que muitas crianças odeiam estudar em casa, mas adorava passar tempo com ela. Ajudava-me a pegar joaninhas, me levava para trabalhar com ela e me deixava alimentar todos os animais que assustavam as pessoas. Lembro-me dela sendo rigorosa, mas ainda me deixando comer a sobremesa primeiro.

A fome repentina por algo doce me dá água na boca. Lágrimas ardem nos cantos dos meus olhos, sabendo que esta é a primeira vez em muito tempo que falo sobre ela em voz alta.

— Ela nunca tentou me transformar em nada. Não havia expectativa de ser outra pessoa. Seja o que for que me tornasse, ela teria me amado.

Sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto e rapidamente a enxugo com a manga, sorrindo suavemente para Thatcher, que observa com um olhar inexpressivo.

— Eu era obcecada por esse vestido borboleta quando pequena. Era roxo e tinha monarcas por toda parte. Usei-o sem parar durante meses a fio e ela o lavava para mim todas as noites.

— Sente falta dela — diz ele, levantando cuidadosamente o polegar para secar minhas lágrimas. É tão casual, como se fizesse isso o tempo todo. O toque suave de sua pele contra a minha me convence.

— Muito. — Eu me inclino para ele, enrolando meus dedos em torno de seu pulso. — Salvei todos eles para você, sabe?

Ele levanta a sobrancelha. — Vestidos de borboleta?

— Não. — Solto uma risada. — Meus primeiros. Eu os guardei para você.

A compreensão brilha em seus olhos e, antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, tira os pratos do caminho e agarra meus quadris, me puxando em sua direção. Meus joelhos estão tocando seu peito e ele está pairando sobre mim.

— Eu acho... — Ele para por um momento, como se procurasse as palavras certas. — Acho que guardei também todas as minhas primeiras coisas para você.

— Você nunca... eu fui sua primeira?

— Não gosto de tocar outras pessoas, Lyra. Acha que fodê-las seria de alguma forma diferente?

É impressionante saber que possuo essas peças de Thatcher. Orgulho incha em meu peito.

Mesmo assim, ele é muito mais alto que eu. Sou capaz de me aconchegar em seu corpo e me sentir cercada. Enrosco minhas mãos na frente de sua camisa, segurando-o possessivamente.

— Sabendo tudo o que essas mãos fizeram, o que continuarão a fazer... — Ele me aperta como se quisesse me lembrar. — ...não tem medo delas?

Eu deveria ter. Seria normal ter medo.

— Não posso mudar por você, Lyra. Essa coisa entre nós não mudará quem sou.

Posso sentir o seu batimento cardíaco sob minhas mãos. Posso sentir que é tão humano quanto um assassino. E os humanos, mesmo este que foi projetado para causar estragos, merecem amor.

— Não importa a crueldade de que suas mãos sejam capazes, elas sempre serão o único lugar onde me sinto segura. Como poderia temer dedos feitos para me tocar?

Ele me observa como se tentasse decidir se estou mentindo ou se dizendo a verdade. O que quer que ele determine, abaixa a boca perigosamente perto da minha. Um sussurro de um beijo. Tão perto, mas como quis o destino, meu estômago solta um grunhido animalesco.

Espero que isso destrua o clima vulnerável que existe entre nós, mas faz o oposto. Cria uma memória. Uma memória central que nunca esquecerei.

Thatcher ri.

E não é frio nem ácido.

Não, é rico e cheio de paixão.

Como ondulações em um lago parado depois que uma pedra é atirada sobre ele, irradia para fora, puxa os cantos dos olhos e rapidamente se torna meu som favorito. Nem percebo que isso me fez sorrir até que ele beija minha testa com os lábios, os restos de sua risada fazendo cócegas na minha pele.

— Coma — ele murmura — antes que seu estômago coma a si mesmo.

DEZESSEIS



DANÇA MACABRA

Lyra

Este vestido justo era uma ideia muito melhor há três *macarons*.

Acredito sinceramente, porém, que nenhum vestido é bonito o suficiente para dispensar os doces. Era impressionante quando Briar apertou o último botão na minha nuca e ficou igualmente lindo com minha barriga inchada.

Luzes vermelhas se espalham pelo material de veludo, o tecido esticado praticamente costurado na minha pele. Independentemente de quão apertado, não fui capaz de dizer não ao vestido de manga longa, não quando a cor me lembrava tanto a iridescência azul-púrpura da borboleta imperador Pavon.

— Preciso de um cigarro — Alistair resmunga, finalmente voltando das mãos dos pais. Eu o vejo encostado em um pilar, uma bebida pressionada nos lábios.

Eu meio que esperava que aparecesse vestindo sua jaqueta de couro, mas ele a trocou por um smoking preto. Provavelmente o

mesmo que a maioria dos convidados aqui usa, mas Alistair carrega uma vibração diferente.

Não importa o quanto seus pais queiram refinar o notório filho proscrito, ele sempre vazaria corrupção. Eles precisavam de um herdeiro para assumir todas as terras que possuem em Ponderosa Springs, alguém para quem passar seu legado, agora que o Caldwell mais velho havia caído em desgraça, mas Alistair possuía o título de ovelha negra há muito tempo, e nenhuma quantidade de ternos bem ajustados o faria mudar de ideia. Ele sempre seria o reserva. A sombra. Só para irritá-los.

— Não é fã do Dia dos Namorados? — Ofereço.

— Claro que sou. Adoro. Onde mais eu passaria meu sábado, senão em outro baile extravagante com os melhores de Hollow Heights? — Sua voz goteja sarcasmo. — Isso apenas dá ao meu pai mais oportunidade de cruzar comigo em público.

O baile *Saint Lover's Masquerade* é a maneira da escola ser legal. Uma celebração de tudo que superamos em tão pouco tempo. Um momento para nos alegrarmos com os laços e relacionamentos que construímos em Hollow Heights. Pelo menos acho que é isso que o folheto dizia.

— Já tentou dizer não a ele? Que não tem nenhum interesse em ocupar o lugar dele no conselho ou ser dono da cidade?

— Sempre que posso. Sou educado demais sobre isso também. Adiciono um “vá para o inferno” depois de cada conversa.

Reprimo uma risada enquanto minha língua lambe os restos de framboesa preenchendo meus lábios. Os alunos se misturam

em todos os cantos do *Salvatore Dining Hall*. Corações dourados estão espalhados pelo chão, luz vermelha refletida nos murais pintados no teto e música cafona toca nos alto-falantes.

— Onde está Rook? — Pergunto, olhando através da multidão de estudantes na pista de dança, todos usando máscaras variadas. — Devíamos estar em modo de reconhecimento, e meu trabalho é fornecer a vocês dois um álibi, caso algo impreciso aconteça. Como farei isso quando só tenho metade dos irmãos distorcidos?

— Você só veio pelos doces. — Alistair olha de soslaio. — Ele provavelmente está fumando no banheiro. Deus sabe que ele não conseguirá passar esta noite sem fumar.

Ele puxa a gravata, soltando-a em volta do pescoço. Empurra a máscara prateada na cabeça e posso ver que está a vinte segundos de acender um cigarro no meio desta sala.

— Eu queria te dizer isso antes. — Mordo o interior do lábio, olhando para seu perfil lateral. — Mas sinto muito pelo que disse no funeral. Não foi sua culpa o que aconteceu comigo. Está apenas tentando proteger B, eu entendo.

Estava com raiva no dia em que colocamos May para descansar. A raiva se formando e descontei nele. Queria que o mundo chorasse do jeito que eu chorava, e tão cega pela minha dor que não via o quanto Alistair estava magoado com tudo isso.

Ele vira o olhar, me olhando com atenção. — E você protegendo Thatcher. Nunca se desculpe comigo por isso.

Concordo com a cabeça, um entendimento passando entre nós de que faríamos tudo o que fosse necessário para manter seguras

as pessoas de quem gostamos. O amor nem sempre é uma emoção bonita. Às vezes, isso nos transforma em uma criatura irada e em busca de vingança. Uma que destruirá qualquer coisa que represente uma ameaça.

— Não vi Easton esta noite. Acha que ele faltou?

— Provavelmente, mas o pai dele está aqui; não perdeu tempo conversando com minha mãe. Meu dinheiro está na aparição de Godfrey.

Não há amor perdido entre Alistair e Stephen Sinclair, independentemente de seu envolvimento no Halo. O caso entre Stephen e Elise Caldwell causou danos suficientes a esse relacionamento ao longo dos anos.

— Não se ele for inteligente. Deve levar pelo menos um mês para uma lesão como essa cicatrizar. — Pressiono a taça de champanhe nos lábios, tomando um gole.

— Eu me pergunto... — O sorriso malicioso de Alistair é onisciente.. — ...o que alguém faz para merecer uma facada na boca, Lyra?

Um rubor aquece minhas bochechas. Levanto uma sobrancelha com a pergunta, encolhendo os ombros enquanto me escondo atrás da bebida em minha mão.

— Eu não saberia. — A mentira é barata e óbvia.

Ele ri, no fundo do peito, me observando com olhos que me dizem que sabe muito mais do que eu penso.

— Thatcher negará. — Ele cruza os braços na frente do peito.
— Mas não conheci ninguém tão protetor quanto ele. Não há mais

ninguém que eu queira ao meu lado, mesmo que esteja um pouco irritado.

Parece uma conversa de aprovação, com Alistair me dando sinal de positivo, luz verde para buscar um relacionamento com Thatcher. Embora não precise disso, ainda é bom. Ser aceita nunca foi algo em que fui boa. Estou prestes a agradecê-lo quando Briar e Sage entram pela porta da frente, voltando de sua parte neste plano de vigilância. O vestido azul de Briar brilha enquanto caminha com todo o brilho, ondas de cabelo loiro caindo em cascata pelas costas.

Quando nos vê, ela rapidamente passa os braços em volta da cintura de Alistair, descansando a cabeça em seu peito enquanto ele enrola o braço protetoramente sobre suas costas.

— Está reclamando do Dia dos Namorados? — Ela brinca. — Não o deixe mentir – ele é secretamente um romântico.

Em questão de segundos, Alistair passa da sombra taciturna no canto para, bem, ainda a sombra taciturna, mas com um sorriso no canto da boca. Eles meio que se fundem, o brilho da energia dela combinando com toda a sua escuridão até ficarem em um tom deslumbrante de cinza metálico.

— Encontrou alguma coisa no escritório de Godfrey, pequena ladra? — Ele a olha enquanto ela estica o pescoço para encontrar seu olhar.

— Foda-se — ela resmunga, deixando cair a testa no peito dele com um baque surdo. — Ou ele mandou limpar ou não havia nada para encontrar para começar.

— É doentio estar rezando para que encontrássemos um cadáver? — Sage acrescenta, com uma expressão irritada em seu rosto impecável. Ela tinha sido a vigia de Briar enquanto ela bisbilhotava. — Literalmente qualquer coisa além de outro beco sem saída?

Obviamente, o nosso plano para encontrar sujeira sobre Conner foi uma perda de tempo. Tudo isso parece ser apenas uma perda de tempo. Estou exausta. Correndo em círculos, tentando encontrar provas de algo que parece não existir. Parece que estamos cavando nossas próprias sepulturas, cada vez mais fundo.

— Importa-se? — Sage aponta para meu champanhe que mal bebi.

— Todo seu. — Ofereço-lhe a taça enquanto ela me dá um sorriso triste antes de engolir a bebida espumante. Joga uma mecha de cabelo por cima do ombro quando termina.

Pressiono a mão na barriga, o turbilhão de açúcar sobe à minha cabeça, e de repente me arrependo de ter comido todos aqueles doces. A garota encontrada em Black Sands Cove foi a última vítima, então é possível que o Imitator esteja nos deixando recuperar o fôlego antes de continuar a causar estragos.

— Vocês todos parecem deprimentes *pra* caralho.

Todos nós giramos, vendo Rook passando por alguns alunos. Seu cabelo castanho está indomável e cacheado na gola do terno. A máscara com chifres vermelhos que usa esconde a maior parte do rosto, e percebo que é a mesma de Alistair.

— Sem problemas. Estou aqui para salvar o dia. — Ele sorri, os olhos turvos.

Rook passa os braços em volta dos ombros de Sage, puxando-a para seu corpo.

— Não faça piada sobre o seu pau. — Ela revira os olhos, inclinando-se ainda mais para ele e beijando seu braço suavemente. Com os saltos calçados, têm quase a mesma altura. Encaixam-se perfeitamente, duas peças de um quebra-cabeça que se encaixam.

Fico com ciúmes por uma fração de segundo. É a última coisa em que deveria pensar, especialmente agora, mas quero o que eles têm com Thatcher. Estou contente com nossa conexão privada, e se essa for a única maneira de tê-lo, aceitarei.

Eu simplesmente não posso deixar de querer demonstrações públicas de afeto. Um braço reivindicativo em volta da minha cintura, um beijo na testa na frente das pessoas. Qualquer coisa que mostre nosso relacionamento não é apenas fruto da minha imaginação.

— Você conseguirá bastante do meu pau mais tarde, baby. — Rook beija sua bochecha.

— Van Doren — interrompe Alistair — tem informações que não sejam besteiras ou não?

— Calma, pai. — Ele enfia a mão no bolso, tirando o telefone. — Graças a Silas e ao software de reconhecimento facial em seu computador, consegui algumas informações sobre os homens que

James encontrou no terminal. Acabei de recuperar os arquivos deles.

Ele joga o telefone para Alistair, e nós nos revezamos passando-o. Quando chega até mim, luto para manter meu rosto inexpressivo para que as pessoas ao redor não percebam.

Nome: Aaron O'Hara

Idade: trinta e três

*Três acusações de promoção da prostituição. Duas acusações de agressão sexual. Uma acusação de assalto à mão armada. Condenado a dez anos, aos vinte e dois anos, ao **Centro Correcional de Attica; Ática, NY.** Cumpriu oito devido à superlotação.*

Resumindo, é um ex-cafetão ou atual que não foi preso novamente. Passo pela foto tirada anos atrás até o segundo nome no documento.

Nome: Declan O'Hara.

Idade: trinta e sete

Condenado a vinte e cinco anos de prisão perpétua por acusações de crime organizado. Aceitou um acordo judicial para obter informações sobre seu envolvimento com tráfico de drogas, e sexo e ligações com membros conhecidos do crime organizado. Libertado sob custódia protetora há seis anos.

— Não há nenhuma maneira de os Sinclairs estarem trabalhando com a máfia — Sage sussurra, olhando para todos. — Há?

Alistair passa a mão frustrada pelo rosto. — Precisamos entrar no campus da empresa Elite. Se encontrarmos os contêineres, será

uma vantagem suficiente contra James para que denuncie todos os envolvidos.

A sala gira um pouco.

Como a necessidade de Silas de vingar o assassinato de sua namorada se transformou nisso? Até que ponto caímos na toca do coelho e como esperamos sair?

— Como diabos planeja...

— Bem, este não é um grupo adorável?

Todos nós ficamos em silêncio.

A conversa daqueles que nos rodeiam é mais alta agora que este silêncio rígido caiu. Envolver um braço em volta da minha barriga, a temperatura caindo alguns graus.

Stephen Sinclair está na extremidade do círculo que criamos. Seu cabelo loiro penteado está em perfeitas condições, olhos azuis cortando cada um de nós enquanto mantém uma expressão calma e equilibrada no rosto.

— Como o novo semestre está tratando vocês? — Ele pergunta friamente, como se fosse apenas o reitor de Hollow Heights fazendo sua devida diligência e não uma maldita cobra na grama.

Stephen sempre foi um idiota pomposo. Easton herdou isso dele, honestamente. Ambos andam por aí como se fossem donos de cada lugar em que pisam. Acreditam que estão acima de tudo e de todos.

— Como está minha mãe? — Alistair retruca, nunca escondendo sua aversão por ninguém, não importa o quanto complica a situação.

Stephen aceita isso com calma, sorrindo. — Estava conversando com ela. Estávamos discutindo seu futuro como membro do conselho. Ouvi dizer que está pensando em aceitar a oferta depois de se formar?

Observo a mandíbula de Alistair tiquetaquear, a mão de Briar apertando a dele com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

— Não é provável. — Ele fala com os dentes cerrados.

— Que pena. — Stephen franze a testa um pouco. — Teria sido bom trabalharmos juntos, mas suponho que tenha seu próprio caminho a seguir.

O ar é tão espesso que poderia cortá-lo com uma faca. Posso ouvir meu coração batendo em meus ouvidos. Ele sabe o quanto estamos envolvidos. Sabe que estamos atrás dele.

— Bem, só queria passar por aqui e dizer olá. Dar minhas condolências e dizer que espero que encontrem Thatcher logo. É tão estranho não vê-lo com vocês. — Stephen sorri como se fosse uma piada.

Vou matá-lo, porra.

Se ele tocar em Thatcher, eu mesmo vou enterrá-lo e não precisarei de nenhuma prova de sua culpa para fazer isso. Meus dedos apertam o tecido do meu vestido e sinto uma mão quente envolver meu pulso.

Olhando para baixo, encontro a mão de Alistair envolvendo a minha, me mantendo no lugar.

— Senhoritas. — Stephen inclina a cabeça em nossa direção, fazendo contato visual direto comigo. — Tentem ter cuidado. Odiaria ver alguma de vocês ferida.

A noite está terminando. A música ficou mais suave e os casais encontraram o caminho para a pista de dança. Uma melodia suave que funciona como um lembrete de que, no meio do caos, ainda temos um ao outro.

Minha raiva diminuiu depois que Stephen pediu licença e desapareceu para se misturar com outras socialites e membros do conselho. Sem ele, tento me concentrar em qualquer coisa, menos no Halo.

Eu sorrio por trás da minha taça de champanhe enquanto vejo Rook envolver Sage em seus braços, dançando mais como uma pessoa do que como duas pessoas separadas. Parecem tão apaixonados neste momento que quase esqueci o motivo de termos vindo aqui.

Briar e Alistair saíram logo depois que Stephen pediu licença da conversa, o que significa que estou presa aqui porque os dois na pista de dança são minha carona para casa.

Decidindo deixá-los aproveitar esse momento, deslizo entre a multidão e subo até o segundo nível, olhando do corrimão para todas as pessoas abaixo.

Ando um pouco mais, meus saltos batendo no chão, antes de ver as duas portas francesas à minha direita. Tentando a sorte

para tomar um pouco de ar fresco, pressiono a maçaneta e a encontro destrancada.

O ar gelado da noite me atinge imediatamente, e estou grata por ter escolhido um vestido de manga comprida. Porém, não está chovendo, o que é um milagre, considerando que é fevereiro no Oregon.

O terraço coberto de hera em que saio tem vista para as áreas comuns. Está iluminado com luzes de fadas caras e posso ver algumas pessoas saindo do baile para caminhar até os carros. Está longe o suficiente para que me misture ao silêncio da escuridão, mas ainda consigo ouvir a música da festa.

Abaixo, vejo um casal se perseguindo na neve. Quando o menino a pega, giram e suas risadas fazem cócegas na minha nuca. Apoio o cotovelo no corrimão, olhando para duas pessoas muito apaixonadas.

O Dia dos Namorados sempre foi meu feriado favorito. O chocolate e os doces são apenas uma pequena parte.

Adoro a celebração do amor em todas as suas diversas formas. Grande ou pequeno, entre amantes ou familiares. São mais do que apenas propostas de casamento; trata-se de refletir sobre os relacionamentos que desenvolveu.

Adoro ser lembrada de que, apesar de tudo de ruim, há tantas pessoas em minha vida que aprecio. Quando criança, tinha muito ciúme de todos os alunos que endereçavam o Dia dos Namorados aos colegas. Era a única parte de estudar em casa que eu odiava.

Nossa definição de amor se expandiu muito além do âmbito apenas romântico. Esperei muito tempo para ter o tipo de conexão que valesse a pena comemorar, e talvez seja por isso que amei o Dia dos Namorados por tanto tempo. Pela esperança do que tenho hoje.

— Sozinha é um lugar perigoso para se encontrar, Lyra.

Meus pés dobram quando me viro tão rapidamente que quase caio. Meus dedos agarram o corrimão, tentando encontrar equilíbrio.

— O que diabos está fazendo aqui? — Sussurro. — O objetivo de ficar na cabana é realmente ficar lá, Thatcher. Você será visto.

Ele sai do véu de sombras e avança para a plataforma. As luzes brilhantes da área comum iluminam a elegante caixa vermelha em suas mãos. O pacote em formato de coração faz meu coração pular.

— Não é para isso que serve a máscara? — Thatcher ressalta.

É igual aos outros meninos, um *ghoul*⁷ com chifres, exceto que o de Thatcher é preto fosco. Estende-se pelos contornos do rosto, deixando apenas a boca exposta. Tenho um vislumbre de seu cabelo branco penteado para trás logo atrás dos chifres.

É difícil argumentar seu ponto de vista.

À distância, seria impossível distingui-lo de qualquer outro estudante mascarado no campus, mas se chegar perto o suficiente, as chances de reconhecê-lo aumentam, ou talvez não.

⁷-Normalmente traduzido em obras de fantasia como carniçal, é um ser semelhante a um demônio ou humanoide monstruoso originário da religião árabe pré-islâmica associada a cemitérios e ao consumo de carne humana.

Talvez seja só eu que consiga distinguir as suas características, mesmo com máscara. Ele está tão gravado em minha memória que o reconheceria de olhos fechados, desde o cheiro de sua colônia até a forma como meu corpo acorda em sua presença.

— Aconteceu alguma coisa? O que era tão importante que não podia esperar até eu voltar para casa?

Thatcher, por razões óbvias, teve que ficar de fora da nossa operação do Dia dos Namorados, pela qual compartilhou seu desgosto diversas vezes. Sei que ele está inquieto e estar confinado às paredes da cabana o está matando lentamente, mas, para meu próprio bem, gostaria que ele ficasse parado.

Ele avança, roçando meu ombro enquanto caminha até a beira do terraço, olhando para baixo. As longas linhas de seu corpo estão espremidas dentro de um terno sob medida, de um tom quase idêntico ao do meu vestido, que eu sei que não foi um acidente.

Virando-se para que suas costas fiquem apoiadas no corrimão, ele mexe a caixa nas mãos.

— Sou um presenteador impaciente — diz ele simplesmente, como se isso fosse motivo mais que suficiente para mostrar seu rosto em público agora.

— Não sabia que tinha o hábito de dar presentes. — Envolver um braço em volta da minha cintura enquanto um vento frio sopra.

— Não tenho.

Não consigo ver seus olhos e isso está me incomodando. O material fosco me protege do azul de sua íris, e sua boca forma uma linha dura.

— Mas. — Seu peito se expande quando solta um suspiro, estendendo a caixa em minha direção. — O Dia dos Namorados é o seu feriado favorito. Por isso, considere isso um agradecimento.

Mordo meu lábio inferior, um sorriso aparecendo quando a tiro de suas mãos. O tecido macio da caixa está quente sob meus dedos. Parece caro. Apesar de comer meu peso em bolos e biscoitos, meu estômago ronca com a chance de comer chocolate.

— Pelo que tem que me agradecer? — Levanto a sobrancelha, arrastando os dedos até a costura do pacote, tentando abri-lo com cuidado.

— Mais do que sou capaz de entender.

Quando a tampa da caixa sai, meu queixo quase bate no chão. Pensei que me deu doces, talvez joias, porque sei que é isso que a maioria dos homens procura, e eu teria ficado mais do que feliz com qualquer coisa que ele escolhesse para me dar, mas isso? Nunca teria esperado.

— Thatcher — sussurro, o vento soprando no final de seu nome. — Isso é... Oh meu Deus.

É tudo o que consigo pensar enquanto olho para as seções onde geralmente se encontra os chocolates neste tipo de presentes, mas todos os dez espaços são substituídos por diferentes espécies de aranhas, todas tão raras quanto as próximas. Escrevi isso em meu diário na esperança de encomendar talvez uma delas para minha nova exibição, mas todas que documentei estão em perfeita posição de taxidermia bem na minha frente. Tudo que eu teria que fazer era ir para casa e colocá-las estrategicamente ao longo da teia artificial que construí.

Lágrimas ardem nos cantos dos meus olhos, minha mão descansa logo acima da boca, e posso sentir meus dedos tremerem.

— Esta é a coisa mais legal que alguém já me deu — digo. — Como conseguiu isso? São quase impossíveis de encontrar.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele encolhe os ombros como se não fosse grande coisa. — Rook me devia um favor.

— Obrigada. — Coloco cuidadosamente a tampa de volta, sorrindo. — Como sabia que o Dia dos Namorados é meu feriado favorito? Sou tão transparente?

Thatcher se afasta do corrimão, diminuindo rapidamente a distância entre nós até ficar pressionado contra mim. Posso sentir o cheiro de seu chiclete de menta a cada respiração que sopra em meu rosto. Tira a caixa das minhas mãos e a coloca no banco ao nosso lado.

A palma de sua mão pressiona minha parte inferior das costas, aproximando-nos peito contra peito, enquanto a outra percorre todo o comprimento do meu braço. Ele se inclina em direção à curva do meu pescoço, e a lateral de sua máscara roça minha bochecha, o plástico esfriando meu rosto corado.

— Você é invisível para a maioria, esse fantasma enigmático. É um mistério para o mundo, Lyra, e me deixou resolvê-lo. — Suas palavras roçam minha orelha, me fazendo estremecer.

Cuidadosamente, mais gentil do que ele sabia que era capaz, segura minha mão com a sua. Meu braço instintivamente envolve

sua nuca e posso ouvir uma música familiar vindo de dentro do salão de baile.

O mundo abaixo fervilha de vida, mas nos movemos em nossa própria bolha aqui em cima. Intocáveis, presos em um campo de força magnético que se recusa a romper.

Esperei toda a minha vida por isso. Por ele. Para que me visse não como a garota que se escondeu no armário ou o fantasma que exigiu que eu me tornasse, mas como uma mulher capaz de ficar ao seu lado. Uma pessoa que enfrentaria tempestade após tempestade se isso significasse que sairíamos dela juntos. Sua igual.

— Eu já te disse que odeio quando usa o cabelo preso?

Eu me afasto, levantando as sobrancelhas até a linha do cabelo. — Sage disse especificamente que esse tipo de vestido era feito para coques. De que outra forma deveria mostrar as costas?

Seus dedos percorrem minha espinha, tocando os botões ao longo do caminho até encontrar minha nuca. Eu o sinto procurando por todos os alfinetes que prendem meus cachos, puxando-os um por um.

— Nenhum vestido vale a pena esconder isso.

O som de metal batendo no chão abaixo de nós ressoa em meus ouvidos. Ele faz um trabalho rápido de soltar meu cabelo, puxando todos os grampos e deixando-os cair no chão sem se importar.

Sinto o peso disso em meus ombros quando ele termina. Minha franja crescida está perigosamente perto de cobrir meus olhos, e sei com certeza que pareço ter acabado de enfiar o dedo em uma

tomada elétrica, mas saboreio a maneira como ele massageia meu couro cabeludo, como enrola os fios escuros nos dedos, escovando os cachos com as mãos grandes. Se as coisas fossem diferentes, poderia ser um pianista com aqueles dedos. Foram feitos para tocar música.

Quando ele fica satisfeito com a bagunça na minha cabeça, coloca a mão nas minhas costas.

— O que estamos fazendo? — Sussurro enquanto balançamos em sintonia com a melodia da música, suas mãos no meu corpo nos guiando.

— Seria uma pena estar tão linda e não ter alguém te convidando para dançar.

— Já dançamos antes, Thatch.

— E assim como disse a você, foi uma distração — ele corrige, apertando minha mão antes de me empurrar para fora.

Grito enquanto meu corpo gira, seu braço levantado para me manter girando. Meu vestido levanta, o tecido rodopiando na noite encharcada de estrelas. Não percebo o sorriso em meus lábios até que os cantos dos meus olhos se enrugam.

Quando ele me puxa de volta para seu peito, caio desajeitadamente, com a palma da mão espalmada logo acima de seu coração.

— Isso — ele sussurra em meus lábios — é dançar, querida fantasma.

Se eu pudesse viver um momento para sempre, seria este. Esta é uma noite para a qual relembra se tiver a sorte de chegar aos

oitenta. Anseia por isso e se pergunta o que faria para ser jovem novamente. Quero existir com ele assim para sempre. Só eu e ele.

O pesadelo de Ponderosa Springs e sua querida fantasma.

— Quando isso acabar, o que fará? — Penso em voz alta, me perguntando como será o futuro para nós dois.

Seu sorriso é largo. — Tentar evitar a prisão pelo resto da minha vida.

Eu rio, assim que ele me gira novamente, o mundo se movendo apenas em cores e borrões.

— E eu? — Pergunto sem fôlego quando me pega em seus braços. — O que farei?

— Ficaré exatamente como está agora — ele começa, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Assombrando-me. Existindo para mim.

Essas três palavras dançam na minha língua. Estão ali, implorando para serem ditas em voz alta. Meu coração salta e pula no meu peito, gritando sem parar.

Você o ama! Você o ama! Diga que o ama!

Isso poderia ter continuado apenas como uma obsessão, mas floresceu em algo adorável e sombrio. Uma roseira com o dobro de espinhos, mas ainda assim de tirar o fôlego. Pensei que o amava antes, sabia que poderia ser a única a fazer isso, mas isso, isso é amor.

Do tipo sobre o qual lia desde criança. As pessoas desejam às estrelas esse tipo de amor. Aquele em que duas pessoas que

sempre foram destinadas a entrar em conflito e finalmente aceitam que o universo coloca pessoas em sua vida por um motivo.

Quero dizer isso, mas não digo. Só porque não são suficientes agora.

Não são suficientes para capturar este momento. Nunca será suficiente explicar o jeito que meu coração bate com um ritmo diferente para ele. Simplesmente não são suficientes e ele merece mais.

Por isso, o engulo e substituo por outra coisa.

— Eu também tenho um presente para você.

DEZESSETE



O MEU MALDITO DIA DOS NAMORADOS

Thatcher

Estou ficando com água na boca.

A ideia de devorar Lyra inteira enquanto usa aquele lindo vestidinho se torna cada vez mais tentadora agora que estamos longe de olhares indiscretos.

Não tinha certeza de quando me tornei tão viciado, tão estranhamente viciado no sabor das cerejas e no som da sua voz, mas estou aqui agora. Totalmente, completamente obcecado pela minha pequena perseguidora.

Sabia que deixá-la entrar no meu mundo causaria danos irrevogáveis. Quando se vive sua vida em preto e branco, é impossível não ser contaminado por alguém que existe em cores, mas não acho que poderia ter previsto isso.

Essa fome, anseio por experiências nas quais nunca tinha pensado antes. Sempre fiquei contente em saber que Lyra era minha, essa voyeur secreta que pertencia a mim nas sombras da noite.

Nunca esperei que eu quisesse ser dela. Que quisesse pertencer a ela tanto quanto ela me pertencia. Se esse assassino imitador não tivesse a intenção de arruinar minha vida, já teria deixado mais do que claro que éramos isso um para o outro.

Minha mão está entrelaçada com a dela enquanto ela me puxa pela cabana. Eu a teria seguido para qualquer lugar com aquele vestido. De costas para mim, admiro o arco em suas costas, a curva rechonchuda de sua bunda e como aquele vestido deixa pouco para a imaginação de como fica nua.

Se desejá-la me deixa fraco, então deixe-me ser fraco. Ser forte não significa nada se não puder tê-la.

— Prometa-me que não vai surtar. — Sua voz treme enquanto seguimos pelo corredor até a porta no final.

É a única da casa que fica trancada. O único quarto onde ela me proibiu de entrar. Embora estivesse curioso e um pouco irritado por ela ter escondido isso de mim, não insisti no assunto.

— Vi um coração batendo dentro da cavidade torácica de alguém. — Levanto uma sobrancelha. — Não sobrou muito para me assustar, querida.

Quando ela chega à porta, observo com admiração enquanto fica na ponta dos pés e pega a chave no topo da moldura. Com os dedos trêmulos, enfia a chave na fechadura até que se encaixe no lugar.

Posso sentir seu batimento cardíaco errático. O que quer que esteja além desta porta não é algo que ela compartilhou com mais

ninguém. Por dois segundos, acho que estou prestes a encontrar uma série de cadáveres aqui.

— Estou com medo — ela sussurra, girando a maçaneta, mas sem se mover para abri-la.

Dou um passo até que meu peito pressione suas costas, minha boca desce até ficar bem perto de sua orelha. Estou cativado pela maneira como ela imediatamente recosta em mim, confiando completamente em mim para pegá-la.

— Nada em você poderia me assustar, Lyra Abbott — murmuro.
— Toda a sua escuridão é minha. Somos iguais.

Não preciso ver o seu rosto para saber que ela está sorrindo. Posso sentir isso na maneira como seus ombros relaxam. A porta range alto quando se abre, o som estridente ecoando pelos corredores.

Lyra respira fundo antes de atravessar a soleira e observo enquanto a escuridão envolve seu corpo. Eu a sigo cegamente, a porta se fechando atrás de nós até ficarmos totalmente submersos na escuridão.

Um movimento surdo ecoa antes que as paredes fiquem mergulhadas em um tom vermelho sinistro. Poços de escuridão contornam cantos e mesas. Meus olhos levam vários segundos para se ajustar, mas quando isso acontece, me pego olhando para, bem, para mim. Ocupando cada centímetro deste quarto, minha presença é tangível na quietude.

Centenas de fotos minhas em vários estágios da vida, penduradas em fios pendurados de parede a parede. As fotografias reveladas estão coladas nas paredes, mais dispersas pelo chão.

Estico a mão e pego uma delas do prendedor de roupa que a mantinha presa ao fio. Estou saindo de uma cafeteria no centro da cidade, de cabeça baixa e óculos escuros protegendo meus olhos.

Tem uma minha dentro do museu de arte, outra correndo, várias minhas com os rapazes em vários lugares. Percebo que algumas são minhas na piscina do colégio depois das aulas. São de anos atrás, e não me surpreenderia se houvesse pelo menos quinhentas fotos no total.

É um santuário da minha existência, tudo documentado pelo olhar artístico de Lyra. Eu era a única pessoa em todas as fotografias que ela observou e dedicou tempo. Meu ego ronrona sob minha pele, e não me importo se é estranho admitir que isso é atraente.

Gosto que ela esteja apaixonada por mim, que só tenha olhos para mim - assombre, exista, respira só para mim.

Ela é meu anjo obcecado e eu sou seu deus possessivo.

— O que vê? — Rompo o silêncio enquanto meus dedos passam pelas fileiras de fotos. — Quando olha para isso, para mim.

Lyra está pressionada contra a parede, seus pés batendo enquanto tenta se encolher de vergonha, sem entender completamente como é emocionante saber que sempre fui o único em sua mente. Ninguém mais teve chance.

Ela está exclusivamente cativada por mim e me recuso a deixá-la parar.

— Um garoto que foi transformado em uma arma antes de saber o que isso significava — ela cantarola, puxando uma foto minha quando eu tinha talvez quinze anos. — Nunca entendi como te chamavam de monstro quando sempre foi tão lindo. Foi assim que te mantive por perto quando não pude estar perto de você.

Acho que nunca entenderei a percepção que Lyra tem de mim. Como ela tão facilmente percebeu todo o terror que infligi ao ver o homem que eu poderia ser para ela. Ou talvez nunca tenha tido uma impressão diferente. Talvez ela tivesse me aceitado como o homem perverso que eu era e me quisesse, independentemente disso.

Olhar para Lyra é como olhar para um espelho.

Jogo a foto em minha mão no chão, caminhando em direção a seu pequeno corpo. A forte luz vermelha contorna as bordas de seu rosto, mas ela parece igualmente macia quando seguro sua bochecha com minha mão grande.

— Sabe por que eu queria matar você, Lyra? — Pergunto, arrastando minha língua pelo meu lábio inferior.

— Porque odiava como eu te seguia? — Ela oferece, sem ter certeza de sua resposta.

Solto uma risada, traçando a costura de seus lábios com meu polegar. A pele macia é suave contra meu dedo. Tento me lembrar de uma época em que a queria morta por causa do quanto odiava

o que ela representava. Como eu poderia querer que ela fosse outra coisa senão viva e minha?

— Meu pai me disse quando eu era jovem que, se algum dia sentisse alguma coisa, teria que matá-la. Foi assim que permaneci perfeito. — Minha outra mão envolve sua cintura, puxando-a da parede para dentro do meu corpo. — Queria matar o que você representava, o que fez comigo.

Lyra lambe meu polegar. A sensação aveludada de sua língua quase me faz gemer. Lembro-me da forma como a senti enrolada no meu pau, roçando meu eixo, fazendo-me gozar.

Puxo meu aperto de seu rosto para seu pescoço, envolvendo meus dedos ao redor da sua garganta. Meu nariz roça o dela e posso sentir cada respiração expelida de seus pulmões.

— Cada vez que te via, olhava para essa linda garganta e pensava nos hematomas que queria deixar só para que todos soubessem quem era seu dono. Queria te abraçar com tanta força que suas costelas quebrariam. Quando falava com qualquer outra pessoa, ficava meio tentado a separá-la. Eu queria te arruinar, acabar com você, só porque sabia que nunca poderia tê-la, porra.

Ela levanta o rosto, empurrando em direção ao meu toque em vez de se afastar dele, desejando mais. Seus mamilos endurecidos roçam meu peito através do tecido apertado de seu vestido, e estou muito perto de verificar se ela está nua por baixo dele.

— Você me teve então; simplesmente nunca percebeu isso. Pode me ter agora. — Os dedos sorrateiros de Lyra puxam os botões da minha camisa, desabotoando-a casualmente. — Para sempre, se quiser.

Aperto seu pescoço, fazendo-a ofegar.

Eu sorrio. — Sabe o que quero, querida fantasma?

— O quê?

Inclino minha cabeça para baixo para que meus lábios fiquem a um suspiro dos dela. Posso saborear estar tão perto. Os seus batimentos cardíacos vibram nas pontas dos meus dedos, combinando com os meus, e não tenho tanta certeza de que não compartilhamos um coração.

— Não quero ser perfeito se isso significar que tenho que viver sem você.

Nossas bocas se chocam, uma mistura de língua e dentes enquanto perseguimos o sabor um do outro, com a intenção de preencher nossos corpos um com o outro. Deslizando minha língua entre seus lábios, sinto-a lutar contra mim até que finalmente perde e estou livre para explorar o interior de sua boca.

Eu tinha tirado minha jaqueta mais cedo, mas agora suas mãos fazem um trabalho rápido na minha camisa, tirando-a dos meus ombros com movimentos precipitados. Ela olha para os dedos à medida que a abrem e revelam meu torso magro. Deixo-a olhar, observando conforme seus olhos traçam as linhas duras do meu corpo.

Minha camisa cai no chão e sou rápido em igualar o placar. Meus dedos serpenteiam pelas dobras e ondulações de seu vestido, procurando por qualquer pedaço de pele nua onde possa pressionar as palmas das mãos. Agarro seus quadris, subindo o material até a cintura.

— Segure isso — ordeno. — Mostre-me o quão obcecada sua boceta é por mim.

Ela me tira o vestido, mantendo-o logo acima dos quadris e me mostrando o pedaço fino de tecido que chama de roupa íntima. Gemo no fundo da garganta ao ver a mancha escura no centro do algodão. Incapaz de me conter, pressiono dois dedos contra sua fenda coberta de pano, sentindo sua umidade penetrar em minha pele. É quente, pegajosa e toda Lyra. Ela choraminga quando roço seu clitóris, empurrando seus quadris em minha direção.

— Coisa chorona e gananciosa — ofego através dos lábios molhados e inchados. — Sua boceta é egoísta. Tudo o que ela deseja sou eu, não é? Meus dedos, minha língua, meu pau?

— Preciso tanto de você. — Ela gira contra minha mão, seguindo os círculos lentos que faço contra seu núcleo. — Eu sofro por você em todos os lugares.

Meu pau se contorce atrás da minha calça, pressionando dolorosamente meu zíper, implorando para afundar dentro dela para aliviar a dor que ela sente. Mordo seu lábio inferior, sugando-o em minha boca, esfregando-o com a língua antes de soltá-la.

— Quer que eu te foda, Lyra? — Deslizo minha mão por baixo de sua calcinha, saudado por seu centro líquido. A evidência de sua excitação cobre minha palma enquanto a seguro com avidez.

— Por favor. — Ela passa um braço em volta do meu pescoço, seus lábios molhados encontrando meu pescoço. — Quero você dentro de mim.

Gemo, inclinando a cabeça para trás para lhe dar amplo acesso à minha pele. Lyra morde, mordisca e suga minha garganta, movendo-se em direção à minha clavícula, sem dúvida deixando vergões vermelhos pelo caminho. Marcando-me. Reivindicando-me.

— Conquiste. — Enrolo minha mão livre nas raízes de seus cachos, afastando seus lábios de sucção do meu pescoço para que possa olhar para mim. — Pegue a faca no meu bolso. Faça você sangrar por mim enquanto te faço gozar.

Seus olhos estão turvos, vidrados de desejo, como se ela tivesse injetado algum tipo de droga obscena em seu organismo e agora estivesse totalmente descontrolada. Arrasto um dedo por sua fenda, provocando sua entrada com meu dedo médio.

A mão de Lyra se move até que enfia no meu bolso, seus dedinhos envolvendo o canivete. Quando o puxa, segurando-o entre nós, deslizo para dentro dela.

Ela grita de prazer, arqueando-se para mim, seus dentes segurando seu lábio inferior cativo enquanto suas paredes internas quentes apertam meu dedo. Deus, ela é além de apertada. Deveria ser ilegal para um humano ser tão incrível.

Aproveitando o controle que me resta quando se trata da *Little Miss Death*, permaneço imóvel enquanto espero seu próximo movimento. Quero que ela me mostre o quanto me deseja, o que está disposta a fazer para me ter.

— Vá em frente, Pet. — Ronrono, passando meu polegar pela protuberância sensível entre suas coxas. — Sangre por mim.

Sem medo, alimentada pela luxúria, ela abre a lâmina. Segurando-a com a mão direita, fazendo contato visual direto comigo, ela o desliza pela palma esquerda, recusando-se a desviar meu olhar ao mesmo tempo que corta a pele. Uma poça carmesim se forma em sua mão e meu dedo empurra mais fundo nela. Toco vagorosamente seu buraco apertado, empurrando para dentro e para fora com movimentos torturantemente lentos.

Ela levanta a mão, oferecendo-a à minha boca. O desejo endurece em minhas entranhas, meu pau pulsa enquanto levo minha boca até a palma da sua mão. Bebendo seu sangue, saboreio o líquido metálico que enche minha boca antes de deslizar pela minha garganta. Derrama-se pelo meu queixo, quente enquanto escorre pelo meu peito.

Meu polegar continua a se mover em círculos, provocando um gemido alto no fundo da garganta de Lyra. A sua boceta goteja em minha mão, tornando muito mais fácil adicionar outro dedo, forçando as suas paredes a se esticar à minha volta.

Giro minha língua ao longo das ranhuras de sua palma antes de afastar minha boca. Seus olhos se arregalam e ela coloca a faca de volta no meu bolso antes de pressionar seus lábios nos meus. Suas unhas cravam no topo dos meus ombros e gemo em sua boca. Nós nos devoramos de uma forma confusa e caótica que é tudo menos suave. É uma técnica exaustiva e indiferente, apenas tentativas desesperadas de tocar e beijar cada centímetro de pele aberta.

A velocidade da minha mão aumenta, alcançando aquele ponto escondido que a leva ao limite. São necessárias apenas mais

algumas estocadas desleixadas antes que esteja encharcando todos os meus dedos, se estreitando ao meu redor e gemendo tão alto que sinto as vibrações na minha língua.

Eu me afasto dela, olhando para seus lábios vermelhos, minha testa descansando contra a dela. — Boa garota.

Ela ofega, os pulmões arfando enquanto seu corpo vibra com o tremor de seu orgasmo. Eu a prefiro bagunçada assim, com luxúria infundida em suas feições, ofegante e devassa, desesperada pela liberação que só eu posso dar a ela.

A mão de Lyra se move, a ponta do dedo passando pela minha pele. Quando olho para baixo, encontro-a pintando corações com o sangue que escorre de suas veias.

Pequenos corações sangrentos. Ligam-se e escorrem pelo meu peito, secando em movimentos confusos.

Ela está me cobrindo com eles. Marcando minha pele com a prova de sua obsessão. E eu deixei porque estou embriagado.

Sangue bêbado com uma garota com a intenção de me amar até matá-la.

Até o tûmulo. Isso é o que somos, sempre fomos. O tipo de conexão que começou na morte e duraria muito além dela. Uma declaração de amor tão sombria e mórbida.

Muito Lyra.

— Uma parte de mim sempre estará dentro de você — ela insiste, dando um beijo na minha pele bem no centro do meu esterno.

Minha mente grita: *Estava dentro de mim muito antes deste momento, querida.*

Minha boca, porém, permanece fechada, impedindo que esses pensamentos sejam falados em voz alta.

Em vez disso, escolho beijá-la novamente porque não sei como explicar o que está acontecendo dentro de mim agora. Nós nos tornamos uma dança lasciva de beijos desajeitados enquanto eu a levo de costas até uma das mesas. Nossos corpos colidem contra a borda, derrubando garrafas e canetas.

Afasto minha boca da dela, girando-a para forçá-la a se deitar na superfície plana, de bruços, com a bochecha pressionada contra uma série de fotos minhas. O vestido que ela escolheu esta noite é impressionante, abraça-a em todos os lugares que deveria e é lisonjeiro de todos os ângulos, por isso é uma pena que eu tenha que estragá-lo.

Meus dedos gananciosos agarram a bainha do decote, rasgando o tecido até que ouço o clique satisfatório de botões espalhados pelo chão. Exponho os quilômetros de pele lisa e pálida de suas costas.

— Gostei desse — ela murmura, olhando para mim por cima do ombro.

Sou rápido em dar um beijo no centro de sua coluna, olhando para ela com um olhar encapuzado. — Compro mais um milhão para você.

Tudo o que quiser, ela terá. Eu lhe daria o mundo se me pedisse.

Juntos, puxamos e arrancamos o vestido até que seja jogado no outro lado da sala, atirado ao acaso atrás de mim. Resta-me apreciar a visão dela curvada sobre a mesa, quilômetros de pele leitosa, músculos suaves, falhas e perfeições, tudo em exibição.

Ela apenas de calcinha, esperando que a pegue do jeito que eu quiser.

Corro um dedo ao longo de sua espinha, sorrindo com os calafrios que deixo para trás. O som do meu cinto se desfazendo faz com que ela perca a respiração e observo enquanto se contorce de excitação. Sua bunda recua, balançando contra a frente da minha calça, esfregando para cima e para baixo ao longo do meu comprimento, que me implora para fodê-la.

Eu a deixo brincar, me provoco enquanto se esfrega no meu pau. Coloco minha mão em sua bunda, a pele pálida ficando rosa brilhante. Ela sacode, um gemido suave saindo de seus lábios.

— Nunca vi nada tão bonito. — Minha voz está pesada de desejo enquanto puxo sua calcinha pelas pernas, deixando-a algemar seus tornozelos. — Você se curvou, com a boceta pingando, implorando para que te fodesse com força.

Empurro minhas calças para baixo apenas o suficiente para liberar meu pau, a ponta grossa e raivosa pingando pré-goço nos contornos de sua bunda. Não há uma força neste planeta que possa me afastar dela agora.

— Thatcher — ela geme, destroçada e suplicante, como se fosse morrer se eu não fodê-la neste segundo.

Envolvendo meus dedos ao redor da base do meu pau, me acaricio enquanto observo seus sucos escorrendo pelo interior de suas coxas, aquela boceta apertada chorando por mim, implorando por mim. Eu me torturo por mais um pouco, trazendo a ponta do meu pau até sua fenda. Arrastando-o para cima e para baixo, eu me cubro com sua excitação, o rosa brilhante de sua boceta me puxando para dentro.

Inclinando meu corpo sobre o dela, pressionando meu peito contra suas costas, envolvo meus dedos na frente de sua garganta. Bato em seu lóbulo da orelha, minha língua quente acariciando a pele sensível ali.

— Vadiazinha carente e obcecada por pau — sibilo. O meu pau é forçado para o calor do seu corpo, fazendo meus quadris estremecerem. — Diga-me o quanto quer isso.

Lyra se encolhe contra mim, com as mãos esticadas à frente enquanto agarra a mesa. — Por favor, preciso de você — ela implora. — Por favor, *anjo*.

Afundo meus dentes na junção de seu pescoço e ombro ao ouvir sua voz doce me chamando de um nome tão virtuoso. Um nome que não tenho o direito de possuir, mas engulo-o, comendo-o como se não tocasse em comida há dias. Levantando-me, cansado de brincar com ela e me atormentar, alinho meu pau com sua entrada, sentindo o calor de suas paredes no momento em que me empurro nela. Deslizo centímetro por centímetro até sentir que estou chegando ao fundo, ambos gemendo ao mesmo tempo com o alívio. A pressão dos meus dedos cravados nos ossos do quadril é suficiente para deixar marcas.

Tudo é intensificado, cada terminação nervosa pega fogo. Minha cabeça cai para trás, saboreando a sensação de suas paredes quentes e escorregadias se abraçando e contorcendo ao meu redor. Era como se ela tivesse sido feita para mim.

Dominado pela luxúria, pego a faca da minha calça e traço a crista de sua espinha enquanto sua boceta lateja em meu comprimento. Seguro a ponta da lâmina entre as omoplatas.

É primordial o modo como cravo a ponta afiada em sua carne, esculpindo a letra *T* na suavidade de suas costas. Ela grita, empurrando sua bunda em mim enquanto o sangue escorre da marca.

— Isso dói. — Ela geme em torno das palavras.

— Você aguenta, baby. Está fazendo muito bem para mim, linda.

Há uma possessividade carnal que desperta em mim ao vê-la sangrando no formato da minha inicial. Foi marcada, reivindicada. Ela é minha. Toda minha, porra.

— Tão grande — ela resmunga, segurando o lado do rosto contra a mesa. — Tão cheia.

Eu sorrio de prazer sádico, querendo que ela esteja tão cheia de mim que não será capaz de andar sem me sentir dentro dela. Prosseguindo todo o caminho, não dou nenhum aviso antes de voltar a penetrá-la.

A potência do meu impulso faz com que ela fique sem fôlego, um gemido áspero escapando por entre seus dentes, mas fica

quieta como a boa menina que é, permanecendo onde estava, como deveria.

— É demais, Pet? Está muito cheia? — Murmuro, tratando-a com condescendência enquanto meus quadris recuam antes de voltar para sua boceta.

Ela balança a cabeça. — Não, não. Posso aguentar mais.

Cada estocada é mais forte que a anterior, o som de tapas na pele e gemidos inebriantes crescendo. Olho para baixo, observando meu eixo escorregadio penetrar sua boceta, vendo o jeito que ela me agarra como se nunca quisesse me soltar. Isso incendeia meu sangue e solto seu osso do quadril, serpenteando minha mão por suas costas até pegar um punhado de seu cabelo. Seu corpo se arqueia enquanto a empurro para cima até que meu peito fique rente ao dela.

O suor que cobre nossos corpos se mistura e meu hálito quente está em seu ouvido.

— Você foi feita para o meu pau. — Bato nela novamente, sentindo a ondulação de sua bunda contra meu estômago. — Esta boceta doce e apertada foi feita para aguentar cada centímetro.

Com meus lábios pressionados sob sua mandíbula, posso sentir como seu pulso está irregular. Lyra está tão perto; posso senti-la contar. A forma como seu canal apertado treme, apertando como um torno. Minha mão livre vai para sua frente, dois dedos encontrando seu clitóris.

A mesa bate ruidosamente contra a parede enquanto esfrego seu botão ao ritmo da minha extenuante investida. Isso alimenta

seus gritos de felicidade, seus quadris batendo de volta nos meus, encontrando cada impulso. Sou incessante, quase cambaleando, conforme minha cabeça vibra de êxtase. Posso sentir minhas bolas apertarem, meu orgasmo subindo pela minha espinha.

— Afogue meu pau — gemo. — Goze para mim, baby..

Lyra estremece quando goza, tremendo e caindo do penhasco. O seu corpo se derrama sobre o meu eixo, encharcando-me. Ela enrijece ao meu redor, recusando-se a me deixar sair de seu corpinho apertado. Não tenho escolha a não ser derramar dentro dela.

Meu pau se contrai, um gemido irregular rasga meu peito, e esvazia cordas e mais cordas do meu gozo profundamente dentro dela. Continuo empurrando dentro dela, empurrando minha semente o máximo que posso, derramando tanto que posso senti-la escorrer de sua boceta, espalhando ao meu redor.

Tudo parece nebuloso, uma névoa de liberação que se apodera de mim enquanto minha testa cai em seu ombro. Minhas pernas tremem quando saio dela, sentindo-a girar embaixo de mim para poder segurar meu corpo caído.

Seu rosto se enterra na curva do meu pescoço, se aconchegando em mim. Cantarolo enquanto seu hálito quente roça minha pele úmida. Nossos peitos estão pressionados um contra o outro, nossas respirações tentando se nivelar.

— Seu coração está acelerado — ela sussurra, colocando a mão sobre meu peito como se quisesse acalmar a vibração em meu peito.

Eu rio, mechas do meu cabelo úmido caem na frente do meu rosto.

— Ninguém te contou? Eu não tenho um.

Ela sorri, brilhante e ofuscante. Toda Lyra e toda minha.

Seus lábios beijam os chupões no meu pescoço, e se envaidece embaixo de mim, tão orgulhosa de sua reivindicação sobre mim, admirando os corações secos e sangrentos que ainda mancham minha pele.

Meu peito dói desconfortavelmente quando ela fala novamente.

— Pode pegar o meu.

DEZOITO



DESTINO

Desconhecido

Ele a ama.

Vi isso em seus olhos esta noite, quando pensou que ninguém estava olhando para eles.

Não posso culpar minha doce Lyra. Ela não tem culpa de ser enganada por ele. Esperei muito e agora ela acredita que Thatcher é seu verdadeiro amor.

Não entende. Ela simplesmente não vê isso ainda, mas vai.

Em breve, ela verá como sempre fomos feitos para ficar juntos. Que não existe combinação mais perfeita. Thatcher era apenas meu substituto até que as estrelas se alinhassem para nós.

Quando ela finalmente entender, se desculpará. Vai se sentir muito culpada por me obrigar assisti-los juntos. Lyra compensará cada segundo que esteve nos braços dele e não nos meus.

Porque ela verá que fomos feitos um para o outro. Não há ninguém melhor para ela do que eu.

A história não se repetirá desta vez. Não vou perdê-la para outro Pierson.

Não dessa vez. Eles não ganham desta vez.

Desta vez, eu fico com a garota.

DEZENOVE



O LUTO DE UMA ROSA

Thatcher

O luto é uma coisa difícil.

É uma mancha que nunca desaparece. A dor da perda desaparece, mas ainda fica com essa laceração que não cicatriza. Simplesmente continua a chorar e aceitamos isso.

Chega um momento em que perdemos tantas pessoas que tudo o que somos agora é uma ferida enorme. Tudo o que podemos fazer é sangrar por aqueles que perdemos e torcer para não morrer devido à perda de sangue.

May Pierson merecia uma vida melhor do que a que tinha. Merecia um filho melhor, um neto melhor. Ela era uma mulher adorável demais para passar a vida com tão pouco carinho. May merecia uma família que a abraçasse, risse e passasse as noites com ela no jardim.

Eu era mais afetuoso com ela do que com qualquer outra pessoa, mas nosso relacionamento ainda era frio.

Quando acordei esta manhã, Lyra estava em meu peito, seu corpo preso ao meu como um macaco-aranha, quadris montados nos meus e pernas dobradas ao meu lado.

Devemos ter adormecido no quarto depois que ela exigiu trabalhar em seu projeto, agora que tinha aranhas para preenchê-lo. O sofá era ridiculamente desconfortável, mas quando meus olhos se acostumaram à luz da manhã, suportei a dor por alguns momentos. Alguns momentos prolongados em que a admirei enquanto ela dormia.

Lyra não tem o sono tranquilo. Não parece angelical ou pacífica. Em vez disso, se parece mais com um animal selvagem.

Mechas de cabelo se espalhando em todas as direções, tão fofas e cacheadas que é quase difícil ver seu rosto. Dorme de boca aberta e não há despertador no mundo com volume suficiente para acordá-la, mas era ela linda.

De uma forma caótica e selvagem.

Essa mesma dor desconhecida ricocheteou em meu peito, o que foi mais que suficiente para me fazer mexer. Isso me deixou em pânico.

Cuidadosamente a separei do meu corpo, colocando um travesseiro sob sua cabeça e um cobertor sobre suas pernas antes de desaparecer da cabana.

Meu plano era correr pela floresta ao redor da casa de Lyra, mas continuei correndo até me encontrar aqui, nos portões do cemitério da minha família, sem fôlego e coberto de uma quantidade obscena de suor. Não sei por que estou aqui ou o que

me deu para correr tão longe nas primeiras horas da manhã, mas se tivesse que adivinhar?

Talvez porque eu soubesse que a única pessoa que poderia explicar o que estava acontecendo comigo seria May. Poderia ter contado a ela sobre o início repentino do que parece ser o pior caso de azia que já experimentei, e ela teria uma resposta sobre como tratá-lo.

O chão molhado faz um som horrível enquanto caminho pelos túmulos dos meus antepassados. Todos com o sobrenome Pierson, que remonta ao homem que fundou esta cidade, foram enterrados aqui.

Ando até encontrar a lápide mais recente. Uma alta estátua de anjo fica no topo da base do túmulo, e não posso deixar de sorrir pensando no quanto ela teria odiado essa coisa espalhafatosa.

Quando eu tinha quatorze anos, minha professora de inglês do nono ano ridicularizou Silas publicamente na frente de uma turma inteira de alunos. Ele havia repassado em voz alta os equívocos em seu artigo e basicamente lhe disse que não importava quanto dinheiro seu pai tivesse, isso não mudaria o fato de que tinha esquizofrenia e nunca chegaria a nada por causa disso.

Deixei um cervo morto na varanda da frente dela, tripas espalhadas pelos degraus da entrada e uma mensagem simples pintada com o sangue do animal na porta.

Você é a próxima.

Fiquei mais do que feliz quando ela pediu demissão na manhã seguinte.

Essa ideia, ou pelo menos a semente da ideia, veio de May.

Bem, ela não me disse especificamente para deixar um animal cortado na porta da senhora, mas identificou o que havia de errado comigo no momento em que voltei da escola naquele dia.

Minha amiga estava errada e tudo bem se eu ficasse com raiva, ela disse. Foi a primeira vez que alguém reconheceu uma emoção em mim e me disse que não havia problema em senti-la.

Agachando-me, passo a mão pela lápide. Uma rosa está perfeitamente imóvel na lápide. A grama sob meus pés finalmente crescendo. A terra não perde tempo com lembranças; simplesmente continua como se a nossa dor não existisse.

Não acredito em falar em voz alta com aqueles que já faleceram. Aonde quer que vão, não creio que possam nos ouvir e, se puderem, de que adiantariam minhas palavras?

No entanto, só desta vez. Desta vez, por May, farei o que deveria ter feito enquanto ela estava viva.

— Gostaria que me pedisse para tocar algo que contasse como estou. — Tracei as marcas do seu nome na pedra. — Eu tocaria *Clair de lune* porque sei que é a sua favorita e espero que isso lhe diga que estou com saudades.

A morte é um destino inevitável, mas se alguém merecesse mais tempo, talvez até a imortalidade, seria May.

— Vou descobrir quem fez isso com você, May. Eu não era o neto perfeito, mas isso? Isso posso prometer a você.

Lamento por ela, assim como sofri por Rosemary. Estou com raiva porque duas pessoas que mereciam um final melhor nunca

tiveram. Não faz sentido para mim que pessoas como eu ainda possam respirar e que pessoas como Rosie e May nunca mais sintam o próprio coração bater novamente.

Recolho a flor do lugar e rolo a rosa sem espinhos entre os dedos. Quem quer que tenha deixado isto para trás deve tê-lo feito apenas algumas horas atrás. Levando as pétalas ao nariz, posso sentir o cheiro do frescor da flor, como se tivesse sido arrancada do arbusto horas atrás.

O aroma floral e doce queima meu nariz. O cheiro invade minha memória, girando em torno de pensamentos que foram enterrados há muito tempo. Meu estômago embrulha e, de repente, saio da lápide da minha avó e entro em uma memória que havia trancado.

— *Cada rosa tem seu cheiro único. — Sua voz é como carvão. — Assim como cada mulher carrega uma fragrância específica. Mesmo na morte, isso merece ser reconhecido.*

Meus dedos estão em carne viva, as palmas das minhas mãos queimadas pela exposição excessiva a produtos químicos. Posso ver novas bolhas se formando onde os calos eventualmente cresceriam depois de curados. Usei muito alvejante esta noite, mas não tive outra escolha. Houve muito sangue para apenas um jarro.

A mão enluvada do meu pai enfia no balde à sua esquerda antes de espalhar o conteúdo pela camada superior de terra recém-colocada. Adubo caseiro para a roseira novinha nos jardins da propriedade.

— *Esta florescerá em uma rica cor de damasco e pálida nas bordas — ele me diz, como se eu me importasse com a cor que a flor dá. — E o cheiro...*

Henry para, erguendo a cabeça para o céu como se fosse respirar fundo, lembrando um aroma de muito tempo atrás.

— Cheirará a chá. — Ele pressiona as mãos no solo. — É a primeira coisa que noto em uma mulher. Como ela cheira, como combiná-la com a rosa perfeita.

Olho para a etiqueta branca em minhas mãos pequenas. “Lidia” está rabiscado em uma escrita confusa em todo o material. Já tinha visto muitas etiquetas assim, mas o nome era sempre diferente.

Jennifer.

Iolanda.

Nina.

Aurora.

Todas as mulheres que ele transformou em sua nova flor favorita. Mulheres que eu tinha visto penduradas nas vigas do barracão do jardim.

Não sabia nada sobre elas. Não sua cor favorita ou se tinham filhos. Se elas tinham medo do escuro como eu ou cortavam a crosta de seus sanduíches. Eram estranhas para mim na vida e na morte, mas sei como é o sangue delas. A sensação em minhas mãos, como queima meu nariz e só o cheiro é o que me acorda todas as noites com suores frios. Como é possível conhecer tão intimamente o interior do corpo de alguém e ainda assim não saber nada além do nome?

Engulo o nó na garganta, esperando que ele termine. Quando termina, estende a mão, a parte interna das luvas manchada de

rosa. Avançando, coloco a etiqueta em sua mão e o observo amarrá-la a um pequeno pedaço de pau pendurado no chão.

Henry se levanta, espanando as mãos e se virando para olhar para mim. O vento sopra, roçando meu cabelo na frente do rosto, e quando ele tenta tirá-lo dos meus olhos, dou um passo para trás, evitando seu toque.

— Essas rosas são meu projeto. — Ele olha para o jardim. — Mas você será meu legado. Minha criação perfeita, Alexander. Lembra-se da minha primeira regra?

Olho para baixo, para a terra fresca, o último local de descanso de uma mulher chamada Lídia. A sua família nunca saberá o que aconteceu com ela naquele galpão. Nunca saberão os detalhes da limpeza ou que meu pai a transformou em fertilizante caseiro para seu roseiral.

Nunca poderão dar a ela um enterro adequado porque, além do membro que ele deixa para a cidade encontrar, ninguém jamais encontrará o resto de seu corpo.

— Nunca fale sobre o que há sob as rosas.

A flor cai da minha mão sobre a terra molhada, e sinto uma vontade repentina de vomitar. Pressiono a mão na barriga, dobrando um joelho. Conto até três. Respiro fundo. Conto até dez. Respiro fundo. Conto até vinte e cinco. Respiro fundo, mas a náusea inabalável persiste. Memória após memória bate na minha mente com uma demanda implacável de ser lembrada. Uma represa havia rompido; a caixa onde guardei tudo explodiu e agora fico com momentos que nunca quis lembrar.

O vento uiva, as árvores gemem com força. Uma tempestade está no horizonte. O céu azul ficando cinza doentio, o crepitar dos relâmpagos iluminando as nuvens ao longe.

Achei que quando levaram Henry Pierson para a prisão, seria o seu último jogo. Ele não tinha mais controle sobre mim no momento em que fecharam as barras de sua cela.

Eu estava livre dele. Das suas regras.

É claro que ele cravaria suas garras em mim da prisão. Encontraria uma maneira de invadir minha vida à distância. O narcisista precisa saber que ainda me afeta, precisa me lembrar quem me tornou o homem que sou hoje. Sou sua conquista maravilhosa, seu animal de estimação, o prodígio. Ele não pode simplesmente me deixar ileso.

Henry exige controle, e ele o perdeu quando foi para a prisão.

Esta é à sua maneira de alterar esse poder.

Ele se recusa a apodrecer sem ter certeza de que eu sei disso, se não fosse por ele? Eu não existiria.

Rosas.

A única diferença distinta entre o padrão do Imitator e o do meu pai são as rosas que ele deixa com as partes do corpo.

A única pessoa que sabe o que Henry Pierson fez com os corpos daquelas mulheres sou eu. A polícia nunca os encontrou, nunca o fez ceder o suficiente para revelá-lo.

Éramos só ele e eu. Nosso segredinho final.

Só mantive isso como uma vantagem para que, se algo assim acontecesse? Ameaçaria expor onde cada mulher foi deixada para se decompor. Seu enterro, aqueles corpos? Era a última coisa que ele tinha sobre a polícia. Uma vez que perdesse, tudo estaria acabado para ele.

Estava tão cego. A resposta olhando para mim o tempo todo, bem à vista. O *Imitator* estava brincando com todos nós, mas e a flor? Isso não foi obra dele.

Meu pai sabe exatamente quem é o assassino imitador. As partes do corpo, os bilhetes deixados na pele, eram para a polícia. Eram para os rapazes.

As rosas? Henry disse a ele para deixá-las para mim.

Ele sabia que eu descobriria. E agora não me deixou escolha.

É a última opção que tenho se quiser que as pessoas ao meu redor saiam vivas.

É hora de fazer uma visita ao querido papai.

VINTE



EXECUÇÃO

Thatcher

Eu: Sei como encontrar nosso assassino imitador.

Alistair: O que encontrou?

Rook: Eu também. Mansão Sinclairr.

Eu: Lamento, Van Doren. Não é Easton.

Rook: Estou falando sério, do fundo do meu coração, vá se foder.

Alistair: Tem provas?

Eu: Não, mas posso conseguir.

Alistair: O que você precisa?

Eu: Uma distração.

Alistair: De que tipo exatamente?

Eu: Do tipo que possa me fazer entrar e sair da prisão sem ser detectado.

Rook removeu Alistair do chat em grupo

Rook: Agora que Papai saiu.

Rook: Vamos incendiar este lugar, porra.

VINTE E UM



MEIA-NOITE E CARMESIM

Lyra

“A única maneira de nos livrarmos da tentação é cedermos a ela.”

Isso ajudou a motivá-la em sua busca por mim? Ou está destacado apenas porque acha que parece importante? – T.

Sorrio enquanto me afundo ainda mais na banheira, meu pescoço descansando na borda à medida que a água molha o cabelo da minha nuca. Mechas rebeldes de cabelo caíram do coque bagunçado, mas não tenho energia para lavá-lo hoje.

Em vez disso, tiro a tampa da caneta com os dentes e escrevo logo abaixo da letra elegante de Thatcher.

Elogia-se demais. Nem todas as citações que gosto estão relacionadas a você. – L.

A anotação de Thatcher de alguns dos meus livros favoritos está rapidamente se tornando uma das minhas maneiras favoritas de passar o tempo. As constantes idas e vindas ao longo dos espaços vazios das páginas dos livros, seus pequenos comentários sarcásticos sob meus próprios pensamentos particulares ou suas próprias linhas destacadas.

Quando ele terminava de ler um livro que eu já havia anotado, o colocava debaixo da minha porta, como uma mensagem secreta, e quando eu terminava de defender todas as minhas citações favoritas ou meu raciocínio, o colocava na sua mesa de cabeceira.

“O mundo mudou porque você é feito de marfim e ouro. As curvas dos seus lábios reescrevem a história.”

Para ser vista como marfim e ouro

Foi o que escrevi na página, anos atrás, deste exemplar de O Retrato de Dorian Gray⁸.

O mundo mudou porque você é feita de meia-noite e carmesim. As curvas de seus lábios reescrevem meu propósito. – T.

⁸-Romance filosófico de Oscar Wilde. Publicado pela primeira vez em 1890.

Meus dedos dos pés se mexem sob a água, o cheiro do meu banho de espuma de cerejeira flutuando em meu nariz. O cheiro aromático é a razão pela qual os meus olhos estão ardendo de lágrimas.

Parece que somos estranhos que pegaram o mesmo romance, diferentes e sem se conhecerem, mas conectados tão profundamente por meio dessas pequenas notas que escrevemos nas entrelinhas. Descobri tantas coisas novas sobre ele, coisas que ele provavelmente nunca percebeu que compartilhava. O tipo de pensamentos que nunca teria conhecido simplesmente o observando. Conhecer Thatcher tão profundamente é diferente de tudo que experimentei e nunca quis parar de viver isso.

“Quero deixar Romeu com ciúmes. Quero que os amantes mortos do mundo ouçam nossas risadas e fiquem tristes. Quero que um sopro de nossa paixão levante poeira na consciência, para despertar suas cinzas em dor.”

Deixei pequenos corações ao redor da citação.

Este é um romance sobre um narcisista cuja auto-obsessão o matou. E é isso que sublinha? Você é uma romântica incurável, querida. Como me tornei sua fixação? – T.

Eu bufo de forma pouco atraente. Teria sido muito mais fácil me apaixonar literalmente por qualquer outra pessoa, mas não quero fácil. Nunca quis algo fácil. Quero um amor que valha a pena

lutar. Consumido, envolvimento prejudicial à saúde. Do tipo em que não se consegue dizer onde termina uma pessoa e começa a outra. Quero um amor que dói porque é real.

Sempre soube que Thatcher seria a única pessoa que me daria isso.

Cuidado, esta batalha de anotações parece muito romântica.
Posso estar transformando você, anjo. – L.

— Você alguma vez dorme?

Dou um pequeno salto, olhando para a porta e vejo Thatcher ali. Seu cabelo despenteado e bagunçado me diz que ele acabou de acordar e que nunca vi nada mais adorável.

— Nasceu uma criatura noturna? — Um bocejo toma conta de seu corpo antes que ele passe a mão pelo rosto. — Devo me preocupar com você criando asas e se transformando em um morcego?

Olho do meu banho, inclinando o livro sobre a boca para esconder meu sorriso.

Seu ombro está pressionado contra o batente da porta, os braços cruzados na frente do peito nu. Thatcher está vestindo apenas uma boxer preta justa, o material esticado em suas coxas fortes. Meus olhos praticamente lambem os contornos de seu abdômen.

Meu coração dispara com os lindos hematomas vermelho-arroxeados que decoram sua clavícula e seu peito. Sinto-me um

pouco culpada por manchar alguém tão perfeito, mas adoro que mostrem ao mundo que ele é meu.

A expressão sonolenta em seu rosto parece tão vulnerável.

Meus mamilos endurecem sob a água morna, meu estômago formigando de desejo. Sou insaciável.

Antes de ele me tocar, não me consideraria uma pessoa sexual. Quero dizer, nunca tinha sido beijada antes de Thatch, mas agora que sei como ele se sente, como me faz sentir, nunca serei capaz de me cansar.

— Teve um pesadelo? — Pergunto, fechando o livro depois de colocar a caneta entre as páginas para manter meu lugar. Sento-me um pouco mais, o ar frio soprando na parte superior dos meus seios enquanto estendo a mão para colocar o livro na tampa do vaso sanitário.

— São apenas sonhos, Lyra. — Ele revira os olhos, mais uma vez negando o quão pouco dorme por causa dos terrores noturnos que assolam seus sonhos.

Virando meu corpo, coloco meus braços na borda da banheira e apoio meu queixo neles, observando enquanto ele entra no banheiro, pegando o livro do assento e folheando as páginas.

— Vai me contar sobre eles?

— Meus sonhos?

— Sim.

— Por que?

Suspiro, revirando os olhos. Ele pode ser tão difícil às vezes. Tudo em sua mente tem algum motivo oculto distorcido. Como se a ideia de alguém querer apenas ser gentil não fosse plausível.

— Porque me importo com você, Thatcher. — Deixei minha cabeça cair para o lado do braço, encostando-me na borda da banheira. — Quero saber essas coisas sobre você. Quero saber sobre seus sonhos. Por que saiu ontem de manhã como se alguém tivesse colocado fogo em você e voltou encharcado de suor. Sei que é difícil para você entender, mas não precisa mais lidar com tudo sozinho.

Ele folheia as páginas de O Retrato de Dorian Gray, o exemplar esfarrapado, lombada rachada, e as páginas manchadas. Deixei-o ficar em silêncio, permitindo-lhe escolher como quer responder.

Se ele ainda não quiser me contar, entenderei. Não vou pressioná-lo a me dar mais do que está pronto para dar. Não se pode exigir que um leão se transforme em zebra. Não posso exigir que um garoto que não sabe nada sobre o amor conduza um relacionamento sem falhas como homem.

Quando ele permanece em silêncio, estendo a mão, traçando o anel da minha mãe em seu dedo mindinho com movimentos suaves.

— Vou ver meu pai.

A admissão faz minha cabeça recuar e estremeço ao ver como essas palavras atacam minhas defesas. A água balança ao meu redor com o movimento repentino.

— O quê? — Engasgo com as palavras enquanto saem. — Por que?

Não esperava por isso. Achei que ele diria algo sobre seus sonhos. Isso não.

Quanto tempo se passou desde que Thatcher colocou os olhos em seu pai? Falou com ele? Respondeu a uma carta que enviou? A última imagem que tinha do homem era sendo empurrado para dentro de um carro da polícia.

— Não por escolha própria — ele corrige incisivamente, como se isso me tranquilizasse. — Fui ao túmulo de May ontem de manhã. Percebi uma coisa: Henry sabe quem é o Imitator. Se eu tivesse que adivinhar, se envolveu apenas para se aproximar de mim novamente. Independentemente disso, ele pode ser nossa única opção para acabar com tudo isso.

Meu coração afunda aos meus pés. O medo toma conta de mim e minha luta ou fuga parece entrar em ação.

Não vou deixá-lo fazer isso. Ele não pode fazer isso.

— Está bem. — Concordo. — Então mande Alistair ou Rook.

— A única pessoa com quem ele falará sou eu. — Ele se vira para ficar completamente de frente para mim na banheira. — Fez isso para chamar minha atenção; enviá-los seria inútil. Conheço meu pai.

O pânico sobe pela minha garganta, a vontade repentina de vomitar ou gritar me atinge como uma onda violenta. Lágrimas ardem nos cantos dos meus olhos quando me lembro da expressão nos olhos de Henry na noite em que ele matou minha mãe. Como

pareciam brutais. Frios, implacáveis, nem eram humanos. Thatcher nunca foi assim. Nem uma vez. Eram duros, afiados e até frios, mas nada comparado à falta de empatia daquela noite.

— Eu irei, então.

Os olhos de Thatcher se transformam em fendas, sua mandíbula se contrai, os músculos de sua bochecha se contraem. Sua voz é tão sombria que faz um arrepio ecoar pela minha pele.

— Sobre o meu cadáver.

A água ao meu redor está fumegante, mas sinto muito frio. Lágrimas escorrem dos meus olhos, o fundo da minha garganta se contrai. Tenho tanto que quero dizer, mas a única coisa que sai é

— Você não pode ir.

Vendo a angústia em meu rosto, ele se inclina para frente, as sobrancelhas franzidas enquanto enrola o dedo indicador em um cacho solto, puxando-o suavemente.

— Ele não me matará — garante-me. — Está dando muito crédito a ele, querida fantasma. Eu ficarei bem.

— Não estou preocupada com isso. — Mordo meu lábio inferior, minha cabeça balançando com força. A dor em meu peito é tão palpável, essa dor emocional causando uma reação física tão visceral.

— Então por que você está tão inflexível para eu não ir?

— Eu só... — Faço uma pausa, sem saber como dizer isso, me sentindo um pouco louca. — Acabei de pegá-lo. Finalmente, depois de todos esses anos, tenho você. Descasquei camada após camada. E agora consegui entrar aqui.

Eu me ajoelho, expondo a metade superior do meu torso ao ar frio. Meus mamilos endurecem imediatamente, mas ignoro minha nudez. Em vez disso, cutuco seu peito, logo acima do coração.

— Estou aqui agora e tenho medo de quem você será quando sair de lá, Thatcher.

Henry causou danos irrevogáveis a Thatch. Coisas imperdoáveis e horríveis. O homem fez seu filho sentir que não tinha emoções, matou sua juventude e o transformou em uma máquina de matar.

Quanto mais Thatcher se aproxima de mim, mais se afasta da autoridade de Henry. O que ele será depois de enfrentar seu pai após todos esses anos?

Sua mão desce em minha bochecha, esfregando as lágrimas que escorrem. Afasto seu toque, fechando os olhos enquanto meu corpo treme de pânico. Não posso deixá-lo fazer isso. Não podemos passar por isso.

— Henry Pierson não controla mais quem eu sou — ele responde, em tom inflexível, como se tentasse se fazer acreditar nisso.

Não tenho certeza de quem precisa ser mais convencido, eu ou ele mesmo.

— Quem eu sou, quem me tornei, não tem mais nada a ver com ele.

— Ele é a razão pela qual perdi tudo. Não te perderei para ele.

Uma onda desagradável de raiva passa por mim. Nunca odiei ninguém como odeio Henry Pierson. Seria uma alegria vê-lo

morrer. Minha mão envolve o pulso de Thatch, apertando-o até que minhas unhas começam a cravar a pele fraca em seu pulso.

— Juro, Thatcher, se ele for a razão de eu te perder, vou matá-lo. Entende isso? — Insisto, implorando para que compreenda o que sou capaz de fazer se algo acontecer com ele. — Vou matá-lo, está me ouvindo? Eu vou...

Seus movimentos impedem minhas palavras.

Ele se levanta, ergue a perna e entra na água comigo. Braços longos e magros envolvem minha cintura enquanto ele se senta na banheira, e uma incrível sensação de segurança toma conta. A água espirra pelas laterais, mas ignoramos à medida que ele me puxa para seu colo, nos arrumando de forma que eu fique montada em sua cintura e suas costas estejam confortavelmente apoiadas na borda da banheira.

— Calma, Little Miss Death. — Ele encosta a testa na minha, seus dedos esfregando círculos na parte inferior das minhas costas. — Facas longe. Não vou a lugar nenhum. Estou bem aqui.

Meus dedos se enrolam no cabelo de sua nuca, puxando os fios. Nossa respiração se mistura enquanto inspiro cada expiração dele, querendo respirar apenas o ar que ele fornece.

— Não faça isso comigo, por favor — imploro.

Meu corpo vibra e pressiono meu peso em seu colo, desejando a proximidade que vem dele estar dentro de mim. Quero estar sob a porra da sua pele o tempo todo. Preciso que se perca em mim agora, esqueça tudo sobre ir ver seu pai escória e nunca mais pense nisso.

— Estou fazendo isso por você, Lyra — ele murmura, deslizando as mãos para baixo até agarrar minha bunda com ambas as mãos. — Se quisermos sair dessa, não tenho outra escolha.

Não consigo evitar que as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Talvez seja um choro que preciso soltar há algum tempo, mas minha tristeza não reprime meu desejo por ele. Meus seios empurram seu peito largo, pele nua contra pele nua.

Ele irá embora independentemente dos meus apelos. Não há nada que o faça mudar de ideia quando decide algo. É teimoso demais para seu próprio bem.

— Se você esquecer quem é — sussurro, girando meus quadris contra a protuberância de sua boxer — lembre-se de como é estar comigo.

O lado esquerdo de sua boca se inclina para cima. — Como poderia esquecer?

Meus lábios roubam todas as palavras que nos restavam. Não é febril nem apressado; é um beijo carinhoso, que diz quero memorizar cada sulco da sua boca, quero proteger esses pedaços frágeis de você que são afiados demais para outros carregarem, mas agora tenho luvas e não pode me cortar. Mesmo que me cortassem minhas palmas, tudo ficaria bem.

Por ele, eu sangraria. Por ele, vale a pena.

Sinto o gosto do sal das minhas próprias lágrimas enquanto lambo a costura de seus lábios, mergulhando em sua boca e saboreando-o. Meus quadris se movem ao longo de seu

comprimento endurecido, e gemo quando seu eixo grosso roça o feixe de nervos entre minhas coxas.

Nossas mãos vagam, corpos dançando numa valsa de necessidade. Seus lábios se movem para o canto da minha boca, passando pelo meu queixo e descendo pela minha garganta. Sinto suas mãos cobrirem a parte inferior dos meus seios, empurrando-os para cima enquanto sua língua percorre meus mamilos.

A boca quente e úmida de Thatcher suga suavemente o botão enquanto rolo meus quadris nos dele. Ele se demora em cada seio, massageando-os com as pontas dos dedos e mordendo a carne sensível antes de lambe-la.

Quero mantê-lo longe do pai, protegê-lo da dor, longe da influência angustiante que Henry ainda exerce sobre ele. Anseio por isso, mesmo que não seja realista, e deixo essa necessidade alimentar minha luxúria.

Meu sangue queima, fervendo na parte inferior do estômago. Deixei meus dedos afundarem na água, puxando a faixa de sua cueca para baixo até que pudesse envolver minha mão em torno de seu pau latejante.

Ele geme na minha pele, me apertando com mais força. Mordo os chupões já presentes, girando minha língua enquanto meu polegar esfrega a ponta de sua cabeça sensível. Juntos, baixamos sua cueca o suficiente para expô-lo completamente, meu corpo mudando para pairar logo acima de sua cintura.

— Monte-me — exige Thatcher. — Deixe-me sentir cada centímetro de mim dentro dessa boceta obcecada.

Suas palavras estalam contra minha pele como um chicote, fazendo com que a dor surda em meu âmago se intensifique a um ponto quase doloroso. Estendendo a mão abaixo de mim, enrolo-a em torno da base de seu eixo, acariciando-o algumas vezes antes de arrastar a cabeça de seu pênis através de minhas dobras escorregadias.

Estremeço quando ele se agarra à minha entrada, a provocação lenta matando nós dois. Finalmente acabando com o nosso sofrimento, deixo meu peso cair, afundando em seu comprimento e levando-o até o fim de uma só vez.

A inegável plenitude dele me faz choramingar. Posso senti-lo em todos os lugares, até os dedos dos pés. Meu estômago aperta com a conclusão. Saboreio a sensação por mais alguns momentos, apertando-o com força antes de estabelecer um ritmo lento.

Os dedos de Thatcher agarram meus quadris, me guiando para cima e para baixo em seu eixo. A água bate na borda da banheira, derramando-se no chão, balançando ao nosso redor enquanto ele empurra para cima em meu corpo.

— Tão doce — ele geme, inclinando a cabeça para trás e expondo as veias que correm em seu pescoço. — Tão apertada.

Eu me inclino para ele, minhas mãos apoiadas em seus ombros para manter o equilíbrio. Quando ele olha para mim, nossos rostos se tocam, os lábios a poucos centímetros de distância, mas sem se moverem para se beijar. Balanço meus quadris, trabalhando seu pau dentro e fora de mim ao mesmo tempo que inspiramos um ao outro, trocando gemidos e suspiros.

— Uma coisinha tão linda. Uma garota tão boa para mim, querida.

Isso parece diferente das outras vezes.

Com Thatcher, é urgente, desesperado, brutal, perseguirmos a euforia que vem do corpo um do outro, mas isso? Parece meio agri-doce. Agarramo-nos um ao outro, com medo de perder o calor. Somos gemidos silenciosos e corações batendo forte.

— Você é tão bom — murmuro, entrelaçando meus dedos em seu cabelo. — Nunca mais quero parar.

Eu o monto mais rápido, e ele encontra meus impulsos por baixo, entrando em mim. Meus seios saltam junto com minha cavalgada. Seus lábios passam por minha bochecha, meus cílios tremulando em sua testa.

— Então não faça isso.

Mordendo meu lábio inferior, minhas coxas queimando, continuo nosso ritmo até que meu orgasmo se apodera de mim como um segredo. Não é uma explosão como da última vez – não, é uma onda suave que se eleva sobre mim, me enviando para a felicidade com a mesma intensidade.

Sinto isso em todos os lugares, o aperto em meu estômago estalando enquanto minhas paredes internas o prendem. Choramingo contra sua pele, os olhos bem fechados conforme meu corpo enrijece de prazer. Thatcher pressiona meus quadris com mais força, bombeando em mim com estocadas desleixadas.

Suas coxas batem na minha bunda enquanto me fode até meu clímax, persuadindo onda após onda de prazer, me afogando em

calor. Meu clitóris esfrega contra sua barriga tonificada à medida que ele mergulha em mim, a superestimulação quase demais para aguentar.

— Goze para mim de novo — ele geme, sem fôlego.

Envolvo meus braços em volta de seu pescoço, enterrando meu rosto na curva de seu pescoço enquanto balanço minha cabeça.

— Não acho que posso — sussurro, o zumbido contra o meu clitóris se intensificando.

Ele passa um braço em volta da minha cintura, forçando-me a ficar parada enquanto investe em mim. O bater da pele molhada ecoa no banheiro, seu coração batendo contra o meu ao mesmo tempo que minhas unhas cravam em suas costas.

— Seja uma boa menina, baby. Dê-me mais um — ele murmura, atingindo aquele ponto bem dentro de mim. — Quero sentir sua linda boceta apertar a minha volta. Ordenha-me o meu esperma.

Soltei um soluço sufocado de felicidade em seu ombro enquanto ele me fode com mais força, estimulando meu clitóris no processo. É tudo tanto, demais, que não tenho escolha a não ser cair no abismo novamente.

— É isso — ele morde meu ombro. — Sente meu pau implorando para sua boceta gozar? É muito doce comigo, Pet. Uma garota tão bonita gozando em cima de mim.

É uma corrente eléctrica que vibra através de mim, a minha boceta se retesa e liberta várias vezes à medida que gozo. Thatcher praticamente rosna em meu ouvido, meu nome é um suspiro

exasperado em seus lábios, empurrando-me mais uma vez antes de derramar em mim. Nunca estive mais grata pelo controle da natalidade em minha vida.

Eu me inclino para trás para poder olhar para ele, tão focada no choque do meu orgasmo que o que vejo quase me tira o fôlego. Suas sobrancelhas estão franzidas e seus lábios tentadores se abrem ligeiramente ao mesmo tempo que se deixa perder no prazer. Ele não é nenhuma das coisas que o mundo o pinta neste momento. Não é um monstro ou um assassino – parece angelical, preso na euforia.

Nossos corpos descem juntos, regulando nossa respiração enquanto afundamos na exaustão um com o outro. Caio contra seu peito e ele não faz nenhum movimento para sair de mim.

Simplesmente existimos um com o outro assim.

Antes que eu possa pensar melhor, falo.

— Acho que te conheci em uma vida passada. Acha que isso é loucura?

Meus dedos traçam as linhas de sua clavícula.

— Não. — Posso ouvir o sorriso em sua voz. — Mas eu querer conhecer você em todas as vidas depois desta, pode ser.

VINTE E DOIS



UMA DISTRAÇÃO LEVE

Roof

— Onde esteve?

— Inferno.

Alistair olha para mim, sem graça como sempre.

Nenhuma quantidade da boceta de Briar fará esse cara ser menos que um pé no saco.

Carregando as duas últimas latas de gasolina, olho em volta para o saguão vazio do prédio histórico. A prefeitura está aqui desde a fundação de Ponderosa Springs. É a vítima perfeita, remota o suficiente para não se espalhar para outro prédio, mas também fica no topo de uma pequena colina com vista para a cidade. Um dos primeiros edifícios, a família Van Doren construiu com as próprias mãos.

Somos um legado de juizes e advogados. Esta é a nossa herança dentro destas paredes. Parece poético que sou eu quem está prestes a incendiá-lo.

— Temos certeza de que seu pai cumprirá sua parte nisso? — Ele pergunta, pegando uma lata de fluido de isqueiro da minha pilha de líquido inflamável que está no chão à nossa frente.

— Se ele quiser manter seu emprego, vai. — Mordo o fósforo entre os dentes. — Duvido que o deixem assumir o cargo de juiz se todos descobrirem sobre os anos de abuso.

Há muito tempo que não pedia nada ao meu pai. Suponho que isto nem conta, considerando que é chantagem, mas precisamos colocar Thatcher dentro da Penitenciária de Rimond e, infelizmente, a única pessoa que conheço com esse tipo de conexão é Theodore Van Doren, o mais notório promotor público de Ponderosa Springs.

Precisávamos de uma entrada, então consegui uma para nós.

— Ele não está feliz em nos ajudar, e Thatcher estava irritado *pra caralho* por ter que trabalhar com Theo, considerando todas as coisas.

Os ombros de Alistair se contraem e o vejo se arrepiar.

— Não contou a ele por que estamos fazendo isso, não é?

O que exatamente um cara precisa fazer para ganhar confiança por aqui?

— Não sou estúpido, idiota. Tudo o que meu pai sabe é que Thatcher precisa visitar Henry. Ele nem sabe dessa... — balanço a jarra na frente de seu rosto para dar ênfase — ...parte do plano.

Obviamente, tinha que contar que Thatcher estava vivo e que sabia onde ele estava. Que meu pai poderia facilmente entregar à polícia, mas eles não o conhecem como eu.

Ele se vê como justo; só pratica atos imorais em nome de seu Deus. Se eu manchasse a imagem que ele pintou para si mesmo, definharia e viraria nada. O que é tentador, independentemente de ele ficar quieto ou não, mas tenho trabalhado no perdão. *Whoosah* e toda essa merda.

— E se ele disser foda-se a reputação e entregar Thatch? Ou não seguir? E depois, Rook? — Alistair cruza os braços na frente do peito, me empurrando. — Envolver Theo foi uma péssima ideia. Eu te falei isso.

Cerro os dentes, irritado com sua reclamação. Não estou com vontade de brigar com ele. Temos coisas para fazer e dar socos não está na lista. Seria muito mais fácil se eu não entendesse por que ele estava tão ansioso.

Recusamo-nos a perder outro amigo, um irmão em todos os sentidos da palavra, além do sangue.

— Então nós o matamos — digo explicitamente.

Ele acha que estou acima de matar o homem que me deu uma surra durante anos? Que gerou esse desejo de machucar? Distorceu minha visão até que eu realmente acreditasse que as cicatrizes que tinha eram o pagamento por todos os meus pecados?

— Estou fazendo tudo que posso para acabar com isso. Tivemos que correr o risco, Alistair. Por Silas, por Rosie. Quero Sage segura, e ela nunca estará até que isso acabe.

Enquanto Stephen e Easton Sinclair estiverem vivos e livres, Sage enfrentará dificuldades. Noites sem dormir, pesadelos, sem comer. Observo-a dia após dia, a maneira como ela coloca uma

máscara forte e bonita para o mundo, mas eu a vejo quando estamos sozinhos e como o fogo que queima dentro dela está se transformando em brasas, murchando a cada segundo, e isso está me matando. Seus olhos estão tristes e não brilham tanto. À noite? Ela se agarra a mim como se fosse a última vez que me tocaria, todas as noites.

Sage é tão cética em relação ao futuro que está comendo seu presente vivo.

Não há nada no mundo que não arriscaria por ela, inclusive eu. Atravessaria o inferno para voltar para ela se tentassem levá-la. Quero tirá-la deste lugar tóxico, pressioná-la a perseguir seus sonhos e respirar todas as vidas que eles roubaram de volta para ela.

Quero tudo para Sage Donahue porque ela merece. Eu agarraria o mundo com minhas próprias mãos, queimadas e ensanguentadas, por ela.

— Temos vinte minutos para incendiar este lugar — lembro a ele. — Preciso que coloque as latas de gasolina ao redor da sala, mas não as abra até eu voltar.

— O que vai fazer?

— Vou trabalhar por trás, queimando enquanto avanço. Então esteja preparado para correr.

Sigo em direção ao corredor, o cheiro de gasolina aquecendo meu sangue. Meus dedos se contraem ao lado do corpo, sabendo que em poucos minutos todo o prédio estará em chamas. Não haverá um único residente na cidade que não veja este incêndio.

Esta é a minha arena. O fogo é minha arma e estou mais do que pronto para manejá-lo.

Alistair agarra meu ombro, me mantendo no lugar.

— Não pegue fogo. — Seu rosto é de pedra, mas a voz é severa e de pai. Sempre cuidando de mim, mesmo quando odeio.

Um sorriso malicioso cresce em meu rosto, os fósforos em meu bolso praticamente cantando.

— Relaxe, Caldwell. Esta é a parte divertida.

Alistair

Fiz uma promessa a Briar meses atrás. Uma que estou me arrependendo enquanto o cheiro de fogo aumenta e termino de colocar todas as latas fechadas de fluido de isqueiro e gasolina ao redor do saguão.

Jurei a pequena ladra que conseguiria sair dessa.

No momento, ouvindo-a falar sobre o nosso futuro e como ela acha que será quando deixarmos este lugar, foi fácil prometer que viveria para ver isso. Tão fácil, assim como todo o resto é quando estou com ela.

Quero ser o homem que cumpre sua palavra, mas sabia o que faria se o pior acontecesse. Não hesitaria em me sacrificar se isso significasse que ela sairia ilesa e viva. Briar, é forte, sobreviveria à minha morte, eventualmente seguiria em frente e encontraria a felicidade que conquistou.

Se alguma coisa acontecer com ela? Eu não diria o mesmo de mim. Sempre me senti confortável na escuridão; nasci nela, mas agora? Não sei viver num mundo sem a luz que ela dá. Meus dedos flexionam. Não estar no controle do meu destino me irrita *pra caralho*.

Olho para o meu telefone, verificando nosso horário, observando-o diminuir. Estou chateado porque essa era nossa única opção, buscar a ajuda do pai de merda de Rook. A única coisa boa que poderia acontecer se Theo Van Doren abrisse a boca seria que eu finalmente conseguiria quebrar seu pescoço com o sapato.

Olhando para o corredor, vejo uma fumaça cinza subindo sob as portas fechadas. Sobe pelas paredes, trepadeiras em chamas que chegam ao teto. O suor brilha na minha testa enquanto a temperatura do prédio aumenta. Meus pulmões estão queimando por ar fresco.

Estou a dois segundos de ir à procura do Pyro quando ele chuta as portas da sala de reuniões do conselho municipal, uma nuvem de fumaça o segue e um fogo crepitante logo atrás dele. Com o capuz levantado e a máscara de tecido preto cobrindo o rosto do nariz para baixo, ele se mistura à fumaça como se fossem a mesma coisa.

— Temos que ir. — Ele caminha até os cantos do saguão, desatarraxando as tampas das latas de gasolina fechadas que coloquei ao redor da sala.

— Acha? — Murmuro sarcasticamente, olhando para a pouca visibilidade.

Seguimos em direção à saída, sabendo que temos cerca de cinco minutos antes que todos os policiais e bombeiros disponíveis entrem nesta merda. Minha mão agarra a maçaneta, girando-a entre os dedos.

— Não! — Rook grita atrás de mim, jogando um boné na minha cabeça. — É como se estivesse tentando me matar. Quando abrirmos isso, o ar iluminará este lugar como um filho da puta. Deixe-me terminar isso, então poderemos abri-lo juntos.

Meus molares se apertam, contraindo a mandíbula. Se ele me explodir, juro que foderei... Quando termina, corre até a porta, respira fundo e me dá sinal verde para abrir a porta.

— Encontro você no Styx?

Concordo. — No Styx.

Abro a porta e o sinto sair correndo.

— Vá, vá, vá... — ele murmura, correndo pelos degraus da frente do prédio e indo em direção ao gramado luxuoso da frente, onde fica uma pequena fonte.

Sentindo sua urgência, sigo o exemplo, correndo atrás dele. Quando meus pés tocam a grama, o barulho da explosão atrás de mim me força a cair no chão. As ondas de calor vindo de trás de mim me fazem estremecer.

Eu já tinha visto muitos incêndios dele antes, mas nunca tinham sido assim. O som de vidro quebrando e madeira estilhaçando ecoa. Viro-me, meus ouvidos zumbindo, vendo a prefeitura envolta em um tom de laranja e vermelho. Chamas vingativas lambem as laterais do prédio, consumindo o telhado.

É um dedo médio gigante para as pessoas desta cidade apodrecida.

— Acha que isso é uma distração grande o suficiente? — Rook sorri enquanto observa o chão ao meu lado, deitado e inspirando o ar fresco.

Como se ouvissem a sua voz, o som das sirenes da polícia soa ao longe, e a urgência de dar o fora daqui retorna. Preparando-me para me levantar, para chegar ao carro e fugir o mais rápido possível, ouço uma voz.

A razão pela qual começamos isso. Por que ficamos em Ponderosa Springs. É a voz que nunca nos pediu para fazer isso, mas nos recusamos a deixá-lo fazer isso sozinho. Sua vingança se tornou nossa. Sua dor era algo que compartilhamos.

O quarto e último membro dos filhos bastardos fundadores de Ponderosa Springs.

— Eu saio e você deixa Rook assumir a liderança? — Sua voz é fria, calma, persistente. — Perdeu o controle, Caldwell.

Bem-vindo ao lar, Silas.

VINTE E TRÊS



O CRIADOR

Thatcher

Correntes chacoalham do lado de fora da grossa porta de metal.

Meus dedos percorrem a prateleira embutida logo acima de uma pequena cama estilo bunker, todos os livros listados em ordem alfabética. A cama embaixo tem um colchão datado, gasto, manchado de uma cor horrível de amarelo, mas perfeitamente feito. Recortes de jornais estão colados ao longo das paredes brancas e sujas, e há um vaso sanitário de metal com Deus sabe que doenças no canto.

Cheira a mofo e roupas mofadas. Limpo, mas ainda carrega um certo fedor. Um familiar.

Se eu estendesse os braços, só precisaria de mais alguns centímetros para tocar as duas paredes desta sala. Este é o buraco onde meu pai foi deixado para morrer. Sem contato com o mundo exterior, sem luz solar. Apenas um bloco de concreto de seis por nove.

O barulho da porta sendo aberta chama minha atenção para quem entra. *Estou no controle*, digo a mim mesmo novamente. Não há nada que ele faça ou diga que destruirá minha aparência equilibrada.

Estou no controle.

Henry Pierson sempre foi um homem convencionalmente atraente. Um homem que se pode ver no supermercado com olhos azuis brilhantes tão claros que nos fazem dar uma segunda olhada. O pai em forma, com cabelos loiros bem penteados, do outro lado da rua, que sorri enquanto corre. Talvez até o encontro às cegas que seu amigo marcou para você, que se veste bem e carrega um ar de confiança acessível. Agradável, digerível, mediano.

O ar e o tempo da prisão não foram gentis com ele, não que eu esperasse que fosse.

— Tem vinte minutos — o guarda atrás dele me lembra antes de empurrar o preso para dentro da cela e fechar a porta, efetivamente nos trancando aqui, um com o outro.

O silêncio estala no ar como um raio seco, pronto para atacar a qualquer momento. Os cabelos da minha nuca se arrepiam em alerta quando observo o homem parado na minha frente.

Com todo o tempo que passou aqui, parece que ele encontrou tempo para manter seu físico. Ainda alto e magro, tal como me lembro. A barba sarnenta, porém, é nova. As rugas ao redor do nariz e da boca o envelheceram, ou talvez seja o confinamento solitário.

No entanto, seus olhos. Não mudaram nada.

— Olá, Henry.

Ele me rastreia, as mudanças ocorridas nos últimos anos, desde que me viu pintada no tom azul e vermelho das luzes da polícia. Eu era uma criança, parada na frente da casa, observando-o ser levado embora.

— Alexander! — Sua voz é seda, uma cobra esperando na grama. Eu costumava tremer quando ele falava. — Olhe para você!

Ele junta as mãos na sua frente, balançando a cabeça como se estivesse tão feliz em me ver, tão dominado pela admiração dos pais.

Percebo que sou alguns centímetros mais alto que ele agora. Ele não paira mais sobre mim como fazia quando eu era criança. Este era o homem que manteve o poder sobre mim enquanto crescia? Aquele que controlava todos os meus movimentos?

— Parece forte — diz ele, balançando a cabeça em aprovação, com um sorriso no rosto. — Eu me saí muito bem, não foi?

Não é incomum que ele receba o crédito, o grandioso senso de importância que lhe dá direito ao sucesso de todos, independentemente de seu envolvimento. As tendências narcisistas são difíceis de morrer.

Decido ignorar totalmente o comentário, não dando a atenção que ele procura.

— Perdoe-me se eu não retribuir o sentimento — murmuro no fundo da minha garganta, esfregando o polegar e o indicador juntos. — Laranja não combina com você.

Henry ri, uma gargalhada. É um chicote contra a pele crua e molhada. É da sua natureza permanecer calmo, inalterado, porque pouco se importa com os sentimentos das outras pessoas. Uma indiferença que o tornava assustador, fazia as pessoas temê-lo.

Aquela risada costumava se infiltrar pelas paredes do galpão enquanto ele *trabalhava*. Ouvi isso junto com gritos horripilantes por horas, esperando que ele terminasse para que eu pudesse limpar sua bagunça. Sempre limpando sua bagunça.

— Finalmente veio se desculpar por me deixar apodrecer aqui?
— Ele pergunta, esfregando os pulsos onde as algemas o mantêm preso. — Faz quantos anos desde a última vez que vi meu filho?

Não o suficiente.

— Não sabia que eu era a razão pela qual foi jogado na prisão.
— Inclino minha cabeça para o lado. — Será que assassinei todas aquelas mulheres o tempo todo?

O que acontece com Henry é que ele adora brincar com sua mente, acender e manipular até que tudo em que acredite sejam as palavras que saem de sua boca. Ele é inteligente assim, mas todos os psicopatas têm uma fraqueza. A dele é o seu ego.

— Não me trate como se eu fosse estúpido, filho. Deixou aquela rata de garota viva, uma testemunha. Agora, isso... — sacode as correntes que o mantêm preso como se eu não pudesse vê-las — ...é a isso que fui reduzido. No mínimo, me deve um pedido de desculpas.

Meus molares rangem e mordo a onda quente de raiva que quer sair da minha boca. É claro que ele me culparia pela sua queda.

Como se ele não tivesse matado Phoebe Abbott fora do padrão, num ataque de pânico porque ela contaria à polícia tudo o que o vira fazer naquele galpão.

Não, claro que ele nunca admitiria que entrou em pânico. Não Henry Pierson. Este homem é perfeito, não afetado – nunca seria sua própria ruína.

— Não vim aqui para falar sobre o passado com você — digo em vez disso, no meu tom de voz.

Ele sorri, sombrio e sem mostrar os dentes, antes de se sentar na pequena cadeira de madeira no canto. O macacão laranja balança enquanto ele se move.

— Claro que não — ele repreende, me dispensando. — Por que não conversamos sobre o que tem feito? Já começou no negócio da família?

Matou alguém recentemente?

Endireito minhas abotoaduras, sorrindo. Claro que ele quer saber. Conversar sobre negócios, alimentar suas fantasias com relatos sombrios de tudo que fiz sem ele, mas não lhe darei essa satisfação. Deixe-o murchar com suas memórias.

— Você tem um imitador. — Lambo a frente dos meus dentes.

Cruzando o tornozelo sobre o joelho, ele apoia as mãos no topo das coxas. Um sorriso está gravado em suas feições e tento não tremer. Às vezes somos tão parecidos, com tantos hábitos parecidos. Ele é tão dolorosamente normal assim com a máscara.

— Que lisonjeiro — ele murmura, batendo palmas, olhos curiosos. — Deixando membros e tudo?

Concordo com a cabeça, alimentando sua curiosidade o suficiente para chamar sua atenção. — Notas gravadas na pele e nenhum corpo inteiro recuperado.

Ele cantarola, revirando os lábios. — Adoro a atenção aos detalhes.

— Há uma coisa diferente. — Eu o observo, a maneira como reage às minhas próximas palavras. — Ele deixa rosas com as partes do corpo.

Como se percebesse minha suspeita, ele refina seus traços faciais, dando-me uma resposta branda.

— Todos os assassino em séries têm um cartão de visita, mesmo aqueles inspirados em mim.

— As rosas foram deixadas para mim, um presente seu. — Passo os dedos pelas lombadas de seus livros, pegando um da estante. — Quem é ele, Henry?

— Acha que eu sei? — Não preciso olhar para ele para saber que tem a imagem perfeita de confusão estampada em seu rosto. — Como eu poderia? Não recebo visitas há anos. Pode ser apenas o seu subconsciente sentindo falta do seu pai.

Arrasto meus dedos pelas páginas, levantando os olhos do livro para encontrá-lo equilibrado, sorrindo, orgulhoso de si mesmo por me trazer aqui. Ele acha que me pegou nesse jogo de gato e rato, me prendeu e está pronto para brincar comigo. Exceto que está esquecendo que não sabe como eu trabalho.

Henry me mostrou todas as suas cartas desde o momento em que nasci. Sei como ele funciona, como seu cérebro funciona, seu

próximo movimento, como interpretá-lo. Ele me mostrou tudo e aprendi.

Ninguém conhece o agressor como o abusado, mas ele está esquecendo que me mostrou tudo o que sabe. Eu sei tudo sobre como ele funciona, como opera. Ele não sabe nada sobre mim, apenas o que pensa que me transformou.

— Huh. — Franzo as sobrancelhas, fechando o livro. — Isso é uma vergonha. Pensei... — Uma pequena risada sai dos meus lábios. — Bem, acho que não importa o que pensei.

Coloquei o livro de lado, indo em direção à porta da cela para bater e avisar ao guarda que estou pronto para sair, quando ele se move abruptamente, erguendo as mãos.

— Espere, o que pensou?

— Bem, o trabalho dele é... — Lambo meu lábio inferior, fazendo uma demonstração disso. — Excelente. Não conhecia ninguém além de você que fosse capaz de algo tão... esquivo. Pensei que deveria ajudá-lo, mas suponho que até os maiores podem ser recriados.

Dou de ombros, levantando minha mão para a porta.

A melhor maneira de atacar um narcisista é acariciar seu ego. Ele precisava de uma plataforma para se gabar de seu trabalho, para assumir o que havia feito. Forçá-lo a isso não me serviria de nada aqui.

— Nada pode superar o original. Ele é, no final das contas, apenas um imitador. — Sua voz é mais nítida, o vazio em seus olhos se torna mais evidente.

A névoa da humanidade está se dissipando em suas feições, e posso ver a chegada do homem que me criou rastejando para a superfície. Seu charme está desaparecendo e a máscara da empatia cai.

— Oh, isso não sei. Deveria ver o que dizem sobre ele nos jornais. Não param de elogiar isso. Ele está praticamente reescrevendo a história, um assassino prolífico tão renomado que nem se lembram do homem que ele imitava.

As correntes que o prendem chacoalham enquanto se levanta, seu peito roça meu ombro, nossos corpos próximos o suficiente para que eu possa sentir o calor empurrando-o em ondas.

— Eles sempre se lembrarão de mim. — Seus olhos escurecem, a mandíbula contraída, não por raiva, mas por desrespeito.

Ali está ele.

O The Butcher of the Spring.

— O tempo passou — digo com indiferença. — Eles sabem que nunca sairá daqui. Que danos poderia causar? Eles não têm mais medo de você.

Uma risada maníaca borbulha de sua boca, histericamente estridente, que goteja veneno. Minha coluna enrijece, as unhas cravando-se nas palmas das minhas mãos.

Todas aquelas mulheres que morreram com aquele som.

A sua carne pendurada em ganchos de carne. Torturadas e sangrando como animais.

Minha mãe, minha doce e gentil mãe.

Você está no controle, repito para mim mesmo. Inspirando pelo nariz, contraio a mandíbula. Você está no controle. Ele não é seu dono. Não fez você.

— A única razão pela qual esse imitador existe... — ele joga as mãos para o alto — ...é por minha causa! É a minha memória que os assusta, não ele!

O cheiro de seu hálito faz minha garganta se contrair, a vontade de vomitar se enrola em meu estômago. Não queria estar aqui, não queria vir aqui. A raiva percorre minha espinha, fermentando silenciosamente. Eu nunca deveria ter vindo aqui.

— Deu sua aprovação a um homem impotente que não foi criativo o suficiente para criar seu próprio projeto? — Lambo os dentes, sorrindo por despeito. Olho para ele com desprezo porque quero que saiba que o vejo como inferior a mim. A poeira se acumula em volta dos meus oxfords. — A prisão o tornou fraco, pai.

Sua respiração se espalha pelo meu rosto, e o seu cheiro faz a sala começar a girar.

Alvejante queimando meus dedos, cheiro de carne com bolhas.

Cadáveres humanos sendo cortados por metal, feitos em pedaços.

Sua respiração em meu ouvido. — Nem uma gota de sangue neste chão, Alexander. Nem uma gota.

Somos duas aranhas tecidas em seda. Se eu fosse morrer em sua teia, ele morreria comigo. Eu o tenho onde quero, mas estou perdendo o controle. Meu peito queima e meu cérebro dói

enquanto memória após memória se liberta. Correntes estalam dentro de mim, as jaulas onde coloquei minha infância se abrem.

Ele me encara, observando. As bordas de sua boca se contorcem na imagem de um predador. Semicerro os olhos, recusando-me a ser sua presa.

— Bem jogado, filho. Muito bem jogado. — Ele balança a cabeça, passando a mão pelo queixo, fazendo as algemas se encaixarem. — Fez tudo isso pela doce garotinha Abbott?

Esta sala de concreto não é grande o suficiente para a quantidade de raiva que queima minhas veias. Poderia afogá-lo com isso. Em questão de segundos, ele passou do centro do meu trauma para um alvo. Transforma-se em todos aqueles homens que persegui. Rostos sem nome que gritavam sob o peso da minha lâmina. Ele não tem absolutamente nenhuma ideia do que é sofrimento, mas está prestes a descobrir.

— As mulheres Abbott têm o péssimo hábito de procurar coisas que são ruins para elas. Ela tem um gosto tão doce quanto Phoebe? — Ele sorri maliciosamente. A tonalidade amarela em seus dentes me deixa enjoado.

Agarro a frente de seu macacão, os dedos enrolando no material. A fúria e a adrenalina me bombeiam com uma força que não sabia que tinha. Levanto-o do chão pela camisa, jogando-o contra a parede atrás dele.

Ele resmunga enquanto o seguro ali, olhando para mim como se nunca tivesse me visto antes. Como se não reconhecesse o homem à sua frente, e não posso discordar. Nem consigo me reconhecer.

— Com quem está trabalhando, Henry. O Halo? Sinclair? — Sibilo, precisando vê-lo sofrer.

— É poético, Thatcher. Uma maldição geracional. Planeja repetir nossa história?

Eu o puxo, o tecido esticando, o som de rasgamento ecoando antes de jogá-lo de volta na parede com um baque angustiante. Sua coluna bate no concreto, e rezo para que se parta em duas.

— Cansei de jogar com você. — Minha voz está embargada, um grunhido distorcido arranhando minha garganta.

Eu me deparo com olhos sem emoção.

— Aí está — ele respira. — Meu lindo e perfeito monstro. Este é o seu direito de nascença, Alexander. Não pode fugir disso. Você e eu somos iguais.

— Não somos *nada* parecidos.

— Cuidado, filho. Parece que deu a ela o poder de acabar com você. — Ele desdenha. — Lyra Abbott não pode consertar o que nasceu para se tornar. Ela fugirá disso como todos fogem. Ninguém jamais será capaz de amar o que criei em você.

Não me importaria se Lyra pudesse me amar ou não. Aceitaria sua obsessão. Ficaria e alimentaria todos os dias de nossas vidas.

E se ela for a razão da minha queda? Que assim seja.

Eu a deixaria fazer isso. Entregar-lhe eu mesmo a faca e deixá-la terminar esse legado. A linhagem Pierson poderia morrer comigo.

Só poderia ser ela a me dar o meu final, porque fui eu quem deu o começo a Lyra.

— Fiz você perfeito, e veja no que deixou ela te transformar.

Eu o puxo para frente, mandando-o de volta para a barreira sólida na minha frente. Os ossos chacoalham e ele estremece de dor. De novo, de novo e de novo. Tudo que vejo é vermelho enquanto jogo seu corpo no concreto até que sua camisa fique em farrapos, rasgada em meus dedos. Seu corpo cai no chão, tossindo ao mesmo tempo que o sangue respinga em seus lábios rachados. Ele respira fundo, gemendo conforme olha para mim.

— Você me arruinou! — Grito, minha voz sacudindo as paredes. Cuspe espirra em seu rosto. Pressiono minha mão em meu peito. — Pegou uma criança saudável e normal e me transformou nisso.

— *Cave, Alexander.*

Seus dedos arrancam a vida dos olhos de minha mãe.

— *Se você sente, mata, filho. Mate isso.*

O suor se acumula na gola do meu terno, meu corpo grande pairando sobre a pessoa que atormenta meus sonhos, que tirou toda a esperança de uma vida normal e me forçou a me tornar um monstro.

— Você nasceu assim. Eu apenas alimentei o que estava lá. Tentei te transformar em algo incrível. Não é minha culpa que tenha falhado. — Ele limpa o sangue da boca com as costas da mão.

Eu me agacho para ficar no nível dos olhos dele.

— Sabe como retribuo por todo o cuidado que deu, pai? Todas as suas regras? Toda a limpeza? — Agarro seu rosto com a mão, apertando seu queixo entre os dedos. — Mato homens que são como você. Triste. Patético. Escória de mente fraca. Sou mais esperto que eles, os domino, os destroço. Cada vez que vejo a luz sumir dos olhos deles, é sempre você que está na mesa. Quando os esfolo e removo seus órgãos, é sempre você que morre pelas minhas mãos.

A realidade das minhas palavras me afoga. A aceitação sacode meu estômago e algo dentro de mim se estilhaça. É como se eu estivesse olhando para um espelho a vida toda e visse apenas uma figura sombria e sinistra olhando de volta. Sem características faciais, apenas a imagem de uma presença sombria e desolada.

Finalmente posso me ver no reflexo.

— Você não treinou um protegido. Criou sua morte.

Olho para ele por um momento. Este homem fraco. Cabelo ralo, envelhecido, aproximando-se cada vez mais de seu último dia, onde encerrarão seu reinado com uma injeção letal.

Vindo aqui, não tive medo de ele recuperar o controle. Ele não tem poder porque me recuso a dá-lo a ele. Estou melhor e mais forte do que ele jamais poderia ter imaginado. Temia vir por causa do que isso me faria lembrar.

Todos os esqueletos do meu passado estão voltando à vida, libertando-se de seus túmulos não identificados e rastejando para o primeiro plano da minha mente, e não tenho certeza de como lidar com as consequências disso. Afasto-me dele, cuspiendo no chão de sua cela enquanto ando até a porta e bato no metal grosso.

— Alexander — ele tosse, mas não lhe dou a satisfação de me virar. Simplesmente faço uma pausa. — Posso ter feito algumas coisas ruins, mas nunca te machuquei. Isso deve contar para alguma coisa.

Isso não é remorso. É um jogo.

Um camaleão mudando de cor para escapar da morte. Ele sabe que os laços que nos uniam ruíram, que estou me afastando e nunca mais voltarei. Esta é sua última oportunidade de me atrair de volta.

As chaves do guarda tilintam do lado de fora. Nosso tempo juntos acabou, as areias do tempo finalmente foram drenadas. Ouço sua voz mais uma vez, pouco antes de a porta do caixão se fechar novamente, e deixo-o apodrecer.

Um último presente do Butcher of the Spring.

Pode muito bem ser o meu favorito.

— Conner Godfrey.

VINTE E QUATRO



PREDADOR NATURAL

Lyra

— Finalizado! — Grito, levantando-me da minha posição sentada. Minha camiseta de listras finas sobe logo acima do umbigo, e uma corrente de ar frio sopra em minha pele exposta.

O sorriso no meu rosto diminui um pouco quando minha única companhia é o som de Edwyn Collins tocando nos meus alto-falantes. Não tenho ninguém aqui para comemorar comigo, o que só me faz pensar por *que* sou a única pessoa em minha casa neste momento.

Trabalhar no desenho da aranha deveria funcionar como minha distração. Olho para a moldura vitoriana preta ornamentada, meus dedos traçando o padrão espiralado. Atrás do vidro está minha teia roxa artificial que demorou muito para ser feita. O tempo todo, fiquei pensando em como as aranhas devem ser talentosas para tecê-las com tanta facilidade.

Várias aranhas estão situadas no topo da teia, de lado, de cabeça para baixo, com o lado direito para cima. Estão espalhados para que o projeto final pareça completo e cheio. Eu me pergunto

se Thatcher me deixaria pendurá-lo em seu quarto, já que foi ele quem comprou a maior parte dos exemplares dentro desta moldura de vidro.

Provavelmente não.

Ele poderia comprá-las, mas ficar olhando para elas todas as noites? Duvido. Ainda não o convenci a alimentar Alvi, que, veja bem, é a cobra mais doce do planeta. Foi um progresso lento tentar convencê-lo de que todas as minhas criaturas e insetos não eram tão ruins assim.

Meu telefone vibra sobre a mesa, me lembrando que preciso atualizá-lo, e a hora pisca no topo da tela.

Quase meia noite.

Passaram-se horas desde que ele saiu, e minha preocupação só aumentou quanto mais tempo fiquei sentada aqui. Quero que ele passe pela porta, inteiro e vivo, mas estou com medo da versão que ofuscará a minha porta.

Doces. Quero doces. A única resposta lógica a esse estresse é consumir o máximo de açúcar antes de entrar em coma diabético.

Atravesso a sala e entro na cozinha, meus pés descalços batendo no chão de madeira enquanto caminho até a despensa. Uma ida ao supermercado subiu na minha lista de coisas a fazer em breve porque minhas prateleiras estão praticamente vazias. Examino as caixas de aveia que nunca toquei - acho que só as comprei porque disse a mim mesma que começaria a me alimentar de maneira mais saudável, o que durou aproximadamente dois dias.

— Bingo — sussurro para mim mesma.

Fico na ponta dos pés, me espreguiçando para pegar as cerejas Queen Anne que estão no armário de cima. O recipiente roça as pontas dos meus dedos e me estico um pouco mais, estendendo meu corpo o máximo que posso.

Quase... quase...

THUD. THUD. THUD. THUD. THUD.

Um grito irrompe dos meus lábios. Meu coração salta para o fundo da minha garganta, o ritmo inquieto fazendo os cabelos finos da minha nuca se arrepiarem. Pressiono a mão no peito, desejando que meu coração desacelere. Encaro a abertura da despensa, com os ouvidos em alerta máximo. Meus dedos se curvam ao redor da moldura, espiando a sala e a porta da frente.

A música continua tocando enquanto olho para a porta, esperando, piscando, esperando que o som seja apenas uma invenção da minha imaginação hiperativa. A música chega ao fim, saindo dos alto-falantes antes de haver uma breve pausa de silêncio.

Conto quantas vezes meu peito sobe e desce pouco antes de as batidas retornarem.

THUD. THUD. THUD. THUD. THUD.

Meu corpo estremece. A força das batidas na minha porta a faz chacoalhar, sacudindo a madeira enquanto quem espera do lado de fora exige entrada. Molhei meus lábios secos, as pernas um pouco bambas conforme corro até o balcão da cozinha, pegando uma grande faca de chef que estava no bloco.

A lâmina brilha na penumbra e a aperto com força em meu punho. Ando devagar até a sala de estar, ouvindo passos ou vozes lá fora, mas só encontro silêncio.

Outra música toca e me amaldiçoo por colocá-la tão alto.

Posso ouvir minha pulsação em meus ouvidos enquanto envolvo minha mão na maçaneta. Respirando fundo algumas vezes e levantando a faca, me preparo para atacar assim que ela se abrir.

O ar forte entra em minha casa no segundo em que abro a porta.

Não há nada além de escuridão perfeita lá fora. As folhas caídas formam pequenos tornados no meu jardim com a brisa, e rapidamente acendo a luz da varanda. Ganha vida, lançando um pequeno brilho, mas ainda não vejo ninguém.

Meu cérebro me diz que foi apenas o vento, mas meu instinto diz que o vento não tem mãos fortes o suficiente para bater numa porta da frente daquela maneira.

Dando um passo através da moldura, meus pés descalços atingiram a varanda úmida. É uma noite fria no Oregon, e meus jeans e minha camiseta fazem um péssimo trabalho para manter o frio do lado de fora. Abaixando um pouco a faca na mão, olho para a esquerda e para a direita, vendo apenas o balanço da varanda e uma pequena mesa. Tudo está em seu lugar. Nada foi perturbado.

— Olá? — Chamo para a escuridão.

A floresta ao redor da minha propriedade olha para mim, as árvores gemendo com a força do vento, uma rajada roçando meu cabelo na frente do meu rosto.

Sim, Lyra, boa jogada. O assassino psicótico definitivamente responderá. Deuses, age como se nunca tivesse visto um único clichê de filme de terror. Não é uma merda.

Dando mais uma olhada na varanda e no jardim da frente, volto para dentro, para o calor, e tranco a porta atrás de mim. Encaixa-se no lugar e solto um suspiro, deixando cair minha testa na madeira.

— Estúpida — murmuro para mim mesma, levantando a cabeça da porta e deixando-a cair novamente. — Provavelmente era apenas um guaxinim, um grande. Um guaxinim raivoso!

Eu rio enquanto me viro. Quando meus olhos se levantam, o ar em meus pulmões despenca e evapora até que não tenho certeza de como respirar. Porque não era um animal rastejando na varanda.

— Conner? — Hesito, tentando engolir enquanto olho para o homem na minha sala.

Conner Godfrey está parado acima da mesa de centro, olhando para meu projeto finalizado. Uma arma está ao seu lado e, por um breve segundo, penso comigo mesma: *É assim que morro.*

— Você terminou — ele diz calmamente, sorrindo. — É lindo.

Ando em frente, a faca ainda em meu punho. Uma bala viaja muito mais rápido do que posso atirar nele. Isso se eu atingir meu alvo.

— O que está fazendo aqui?

— Vim aqui por sua causa. — Ele estremece ligeiramente ao terminar a frase, a dor na boca e na língua provavelmente dificultando a fala.

A última vez que o vi, foi espetado pela lâmina de Thatcher e eu o deixei lá sangrando. A última vez que estivemos juntos, tentou enfiar a língua na minha garganta.

— Não deveria estar aqui, Conner — digo calmamente, não querendo irritar o homem com uma arma mais poderosa do que a minha. — Você precisa sair.

Seus olhos estão vidrados quando olha para mim, levantando a cabeça, mas também erguendo a arma. Aponta o cano em minha direção, inclinando a cabeça.

— Sente-se, Lyra. — Ele aponta para o sofá à sua frente. — Há algo que quero que veja.

Mordo o interior do lábio com tanta força que sinto o gosto de sangue na língua. Meu pulso pressiona desconfortavelmente contra minhas têmporas. Thatcher estará em casa em breve, certo? Tem que estar em breve. Tudo o que preciso fazer é esperar até que ele apareça.

Atravesso a sala, movendo-me com cautela enquanto sua arma rastreia meus movimentos até me sentar no sofá como ele pediu.

— Coloque isso na mesa. Não precisa se proteger de mim, senhorita Abbott. — O sorriso em seu rosto me deixa doente. — Nunca te machucaria. A menos que me obrigue.

Um trágico caso de déjà vu toma conta de mim. Henry não *queria* machucar minha mãe. Suas ações, o fato de ela se voltar contra ele, resultaram em sua morte. Foi o que ele disse a ela.

Tento não pensar muito em como minha mãe se apaixonou por um homem como Henry Pierson. O que aconteceu entre os dois que a fez amá-lo. Embora Thatcher compartilhe características com ele, nunca foi como seu pai aos meus olhos. Sempre vi vestígios de empatia e humanidade sob seu exterior frio.

Acho que agora entendi como foi fácil para ela cair na sua armadilha. Ela pensou que o conhecia, confiava nele, mas era apenas a máscara que ele queria que ela visse.

Eu tinha feito isso com Conner. Embora nosso relacionamento não fosse romântico, confiava nele como amigo. Achei que era gentil, amável e queria o melhor para mim. Um homem inocente e inofensivo que não machucaria ninguém.

Aquela máscara era uma mentira. Uma grande e distorcida mentira.

Serei para sempre amaldiçoada com mau julgamento? É uma coisa hereditária confiar cegamente? Renunciar a tudo de ruim e ver apenas o que há de bom em alguém?

— Esperei tanto por este momento.

Meus olhos se concentram na maneira como sua mão se estende, tentando tirar um cacho do meu rosto, mas me encolho, afastando-me dele e indo em direção ao encosto do sofá.

— Coloque a faca na mesa, Lyra — ele exige, apontando a arma para meu peito. — Não pedirei de novo.

Sua expressão se deteriora. Não reconheço mais a pessoa parada a minha frente. Conner sempre foi esse cara normal e cotidiano. Roupas casuais, aparência elegante, olhos castanhos convidativos. Esta pessoa? Vestido de preto, cabelo despenteado como se tivesse passado os dedos por ele muitas vezes, olhos redondos e manchados – não o conheço. Parecem duas pessoas diferentes.

Faço o que ele pede, esperando que onde quer que Thatcher esteja, seja perto. A faca bate na mesa e minhas mãos voltam para o colo. O músculo de sua mandíbula se contrai quando ele puxa a mão para trás, alcançando atrás para tirar algo do bolso de trás.

— Isso seria muito mais fácil se eu pudesse falar mais, mas trouxe algo para você ler, para que possa entender, para que veja o que eu faço.

Ele joga sobre a mesa um diário de couro marrom, pequeno, com várias páginas, algo que se pode manter a qualquer momento do dia.

— Conner, o que quer de mim? Por que está aqui? Isso é sobre Stephen... ele está te obrigando a fazer isso?

Não tenho dúvidas de que ele está aqui por vontade própria, mas talvez possa acalmá-lo por mais algum tempo, jogando seu jogo, fingindo que me importo. Tenho certeza de que ele está aqui para se vingar de Thatcher, me usando para isso. Seu ego foi ferido e esta é sua retaliação.

— Quero que leia isso — ele repete, estremeando ao dizer as palavras. — Depois que ler, tudo fará sentido.

— Por que não pode...

— Leia! — Sua voz me faz pular, e a mesa de centro treme sob seu punho quando bate a arma no livro e o empurra para mais perto de mim com o cano.

— Está bem, tudo bem. — Tento engolir o nó na garganta, mas a cada movimento da arma meu coração para. Minhas mãos tremem quando levanto o diário com capa de couro.

Abro em uma página aleatória, planejando folhear as palavras escritas apenas para acalmá-lo, mas depois das primeiras frases, me vejo realmente lendo.

Entrada #20

Soube desde o momento em que vi Lyra Abbott chegar à Universidade Hollow Heights que ela era minha segunda chance no amor. Toda crescida e linda. Phoebe não ficou grata. Não gostou de mim. Escolheu Henry mesmo depois de eu ter contado a ela o que ele tinha feito, depois de ter mostrado a ela do que ele era capaz. Ela ainda o queria. Amava-o. E isso a matou. Lyra será diferente. Ela será minha.

Entrada #37

Ela é uma visão, girada em beleza e obscuridade. Estou com vontade de tocá-la. Eu a ouvi falar por horas hoje no laboratório. As aulas voltarão em breve e sei que sentirei falta de nossos momentos privados juntos. Será que ela também sentirá falta deles?

Entrada #41

A caixa de música era perfeita. Sabia desde o segundo que vi na loja que ela adoraria. Sua adorável voz sussurrando obrigada na escuridão quase foi o suficiente para eu me revelar. É uma pena que nosso momento secreto na torre da Biblioteca tenha sido arruinado pelas suas amigas. Eles estão cada vez mais perto do Halo, o que significa que terei que lidar com o mau humor de Stephen por mais algum tempo. Vê-la vale a pena, no entanto.

Ele era o fantasma na torre da Biblioteca, tinha ouvido tudo o que as meninas e eu conversamos naquele dia e relatou isso ao seu mestre como um maldito cachorro perdido.

Viro as páginas, vasculhando, procurando as palavras que sei que virão. Há uma fervura dentro de mim, ardente, e posso sentir isso aquecendo meu sangue.

Ele não está aqui para se vingar de Thatcher por tê-lo ferido.

Ele está aqui por mim.

Entrada #45

Stephen ainda está tendo problemas para entender meu fascínio por Lyra, mas não questiono seu desejo de manter Coraline Whittaker em seu porão, embora devêssemos tê-la vendido há um ano. Acho que agora ele sabe que a única maneira de começar a imitar aquela barata egocêntrica, Henry, é se eu puder ter Lyra no final de tudo isso. E Stephen precisa de mim, sabe que sou o único capaz de fazer isso. Talvez a sua maior dificuldade seja o fato de que eu não anseie mais pelo dinheiro e poder que discutimos há muito tempo. Tudo que quero é ela.

Entrada #50

Ela não é minha mãe. Não é o tipo de mulher que se agita ou atormenta aqueles que a amam. Não é como as mulheres imundas e nojentas que infestam este mundo com a sua manipulação. Eu sei disso. Sei que minha gentil garota está simplesmente... distraída, mas é desanimador saber que ela está com ele. Corre até ele. Vou fazê-lo sofrer por tocá-la.

Entrada #58

Mal posso esperar para deixar este lugar para trás. A fúria constante de Stephen sobre recuperar a cidade que pertencia à sua família está ficando cada vez mais cansativa. É a mesma história de quando nos conhecemos na faculdade. No entanto, não posso julgar suas motivações. Não quando ele sempre soube o que sou, o que faço a portas fechadas desde que nos conhecemos, anos atrás. Posso continuar matando essas garotas para seu benefício, se isso significar que tenho sua proteção nos bastidores. Contanto que possa estar com

ela no final. Eu me pergunto para onde a Srta. Abbott gostaria de ir? Vou levá-la para qualquer lugar.

Entrada #62

Eu matarei aquele idiota estúpido. Mato há mais tempo do que ele está vivo e se acha assustador balançando a faca? Esfaqueando-me na boca? Ele não tem ideia da dor que posso fazê-lo passar. Só mais algumas semanas. Só mais algumas semanas e cortarei a sua garganta enquanto ela observa. Ela verá que sou o único homem para ela. Vai se desculpar por me desrespeitar.

Paro de ler, vi o suficiente. Conner Godfrey é o Imitator.

Foram as suas mãos as responsáveis pelo aparecimento de todas aquelas garotas mortas. Garotas inocentes que nada fizeram para merecer o destino que lhes foi dado.

Uma calma estranha se instala na medula dos meus ossos. A podridão da minha alma começou e posso sentir a infestação da escuridão fervilhando dentro de mim como uma horda de moscas. Não é raiva ou tristeza o que sinto. Não, é uma desolação total. O mundo me deixou estéril e quero preencher as lacunas que deixou em mim com tanta vingança que sozinha poderia alimentar mil guerras.

Coloquei o livro sobre a mesa, olhando para ele, mas sem realmente vê-lo. Pode ser a adrenalina que absorve meu medo da arma que ele ainda segura, mas neste momento levar um tiro não me incomoda.

Nada me incomoda.

— Você matou May.

Não é uma pergunta, apenas uma afirmação impassível dita com tom firme e temperamento suave. Mais uma vez tive que

mostrar ao mundo o quão frio meu coração gentil poderia se tornar.

— Não tive escolha. — Ele muda, andando ao redor da mesa com pressa. Agachando-se a minha frente, uma mão quente em minha bochecha, olha para mim com olhos cheios de adoração distorcida. — Não vê? Fiz tudo isso por nós para que pudéssemos ficar juntos. Você e eu somos iguais. Você não tem medo da escuridão – a abraça. Fomos feitos para ficar juntos, Lyra.

— Conheceu minha mãe.

— Eu tentei protegê-la de Henry, tentei. Tentei amá-la, Lyra.

Pisco friamente. — Você é a razão pela qual a polícia está caçando Thatcher.

A motivação para acalmá-lo até que a ajuda chegasse havia se esvaído de mim. Não preciso nem quero ajuda. Estou perfeitamente satisfeita exatamente onde estou sentada.

Seu aperto aumenta um pouco, os lábios formando uma linha fina com a menção de Thatch.

— Não fale sobre ele. Podemos nos preocupar com ele mais tarde. — Ele suspira. — Quero falar sobre nós. Este é o começo do nosso para sempre, doce menina. Esperei minha vida inteira por você, aquela que me entende. Que me vê.

Há uma rachadura em mim. Um estilhaço. Não tenho certeza se ele pode ouvir ou as correntes chacoalhando, arrastando contra minhas costelas. Aquela criatura esbelta está rastejando das profundezas da minha alma, com água na boca, dentes rangendo.

Eu me tornei nada além de um esquecimento. Não há começo nem fim. Sou simplesmente um cadáver vivo e em decomposição. Erguendo os olhos, olho para as íris marrons à minha frente. Alargam-se ligeiramente conforme eu me movo.

Lambo meus dentes caninos. Minha vingança está em uma bandeja bem na minha frente, e não perco mais um segundo para cravar os dentes na carne madura da retribuição.

De repente, o mundo gira e rodopia até que o deixo pintado em um lindo tom de vermelhão.

VINTE E CINCO



AFTERMATH⁹

Thatcher

— Garanto que Lyra tem comida, ao contrário de vocês, perdedores — Rook declara, abrindo a porta traseira do meu carro antes mesmo de eu estacioná-lo. — Da próxima vez que quiser uma distração, peça para Alistair.

— Supere isso, criança — Alistair geme, cansado das reclamações de Rook. — Não podemos evitar que tudo tenha sido fechado no caminho para cá.

Rook sai andando em direção à cabine, Alistair logo atrás dele enquanto desliza para fora do banco do passageiro.

— Já sente falta do silêncio? — Pergunto à pessoa no meu banco de trás, que ainda não fez nenhum movimento para abrir a porta.

— Nunca me importei com o barulho — diz ele humildemente. — Contanto que não esteja na minha cabeça.

⁹-Pode ser traduzido como: consequência, desfecho, sequência, seguimento, resultado.

Silas Hawthorne parece... bem. Pele viva, olhos um pouco menos mortos, corpo forte. Eu o conheço há anos, o vi se alterar e crescer. Já testemunhei muitas versões dele, mas esta é a melhor aparência em anos. Saudável. A sua imagem dolorosa nos dias depois de encontrarmos o corpo de Rosemary ficou gravada na parte de trás das minhas pálpebras durante meses.

É bom saber que ele poderia se recuperar, não importa o quanto dele teve que deixar para trás para fazer isso.

— Você está bem? — Eu me pego perguntando. — Sei que dirá sim na frente de Rook, independentemente de como realmente está, por isso pensei em perguntar.

Ele demora um segundo, olhando pelo para-brisa. Sempre achei que minhas conversas com Silas eram longas devido aos prolongados momentos de silêncio que nelas existem.

Somos muito diferentes, ele e eu.

Direi coisas falsas e indelicadas para distrair as pessoas e evitar perguntas que não quero responder, mas ele? É brutalmente honesto. Nunca o ouvi mentir. Não tem pressa, certificando-se de que, quando fala, é exatamente o que quer dizer.

Não há leitura nas entrelinhas ou palavras erradas. Se ele diz isso, é o que quer dizer. Fim da história.

Sempre tive ciúme disso.

— Estou vivendo dia após dia. A medicação é ótima, mas tenho momentos ruins. Estou feliz por estar em casa, vendo minha família, mas ainda me sinto um fardo em alguns dias. Há um declínio constante; só estou descobrindo como lidar com isso.

Eu concordo. — Então, hoje. Como está hoje?

— Hoje está bom. — Ele me dá um pequeno sorriso, apenas o suficiente para eu ver.

Acho que sou uma das poucas pessoas com quem ele faz isso.

Um homem de poucas palavras sempre.

Quando éramos mais novos, era a sua casa que eu mais visitava. Ansiava pelo silêncio que ele me proporcionava. Não precisávamos conversar; apenas existíamos na companhia um do outro, cientes dos demônios que nos assombravam, mas sem falar sobre isso. Sentia falta do silêncio de Silas. Sempre foi meu favorito.

— Quando Rosemary... — faz uma pausa. — Quando Rosemary morreu, nunca te agradeci. Você me deixou odiá-lo para que eu tivesse um lugar para todo o ódio ir.

— Não sei bem o que você quer dizer — digo inexpressivamente, desligando meu carro.

— Rook, ele foi minha mãe mais do que minha mãe. O que, por um tempo, precisei. Alistair me deixou ficar com raiva, me mostrou uma maneira de liberar a dor. Eu também precisava disso. — Olha para mim pelo espelho retrovisor. — Mas você, você me fez mudar. Forçou-me a seguir em frente, mesmo quando te odiei por isso. Obrigado por se importar comigo mais do que eu me importava.

Engulo em seco, dando-lhe um breve aceno de cabeça no espelho antes de agarrar a maçaneta da porta e abri-la.

— Bem. — Saio do carro. — Você desligou as câmeras de segurança da prisão por mim. Estamos quites.

— De...

— Thatcher!

O som do grito de Rook faz meu sangue gelar. O pavor se revira em minhas entranhas quando ele irrompe pela porta da frente, com o rosto pálido, sem riso e sem cor. Não se parece com ele mesmo.

Lyra.

Corro o resto do caminho até a varanda, franzindo as sobrancelhas quando chego até ele, olhando para sua expressão sombria.

— Onde ela está? — Exijo, com a caixa torácica arfando enquanto tento reunir oxigênio.

Ele levanta a mão, apontando para a porta.

— Ela... há tanta coisa... ela... eu, eu... — ele não consegue terminar a frase. Seja o que for que esteja no final, não consegue se comunicar.

Minha garganta se contrai. Deixo-o nos degraus da frente, passando pela porta e entrando na cabana. Sou atacado imediatamente por um cheiro familiar.

Existe uma qualidade no sangue que ninguém nos fala. É simplesmente uma experiência pela qual se deve passar para entendê-la. Quanto mais velho o sangue úmido se torna, mais doce é o seu cheiro. Maduro, frutado, quase como romãs deixadas ao sol para formar bolhas por muito tempo.

É tudo que posso sentir. Sangue doce e pegajoso.

Há uma tensão em meu peito. Os músculos do meu coração se esticam, dilacerando. Essa sensação de aperto no estômago de saber, mas não querer aceitar a verdade.

Ela me implorou esta manhã para não ir embora. Disse-me repetidamente que tinha um sentimento terrível sobre eu ir, mas não tinha sido por mim. Foi para ela. Eu disse a ela que tudo ficaria bem. Que tudo ficaria bem. Que descobriríamos isso e eu voltaria para ela.

Ela me implorou para ficar e eu a deixei aqui.

Meus passos me levam além da sala de estar, uma mesa de centro quebrada me cumprimentando. A caixa da aranha quebrada no chão. Indo em direção à cozinha, encontro Alistair parado do lado de fora.

— Thatch... — ele começa, mas não fico para ouvi-lo terminar.

Passo por ele. É lá que encontro o que deixou Rook pálido.

A cozinha de Lyra costumava ser um espaço que eu descreveria como reconfortante. Um espaço quente cheio de bugigangas e talheres incompatíveis.

Esta noite, é um *Jackson Pollock*¹⁰.

As paredes estão cobertas por pinceladas confusas de vermelho, respingos de borrifos arteriais. Mancha os armários, permanece nas fendas do chão. O sangue não deixa nenhuma parede intocada, cada balcão afogado. Pinga do exaustor acima do fogão em uma poça escura e estagnada.

¹⁰-Pintor estadunidense e referência no movimento do expressionismo abstrato.

Quando dou um passo à frente, o chão abaixo de mim faz um barulho pegajoso, como se fosse água sendo espremida de uma esponja molhada. O fedor de morte e frutas podres paira no ar enquanto tento absorver a cena à minha frente. Vi uma carnificina. O que não é isso. Há sangrento e depois há isso.

Cada movimento para frente, cada vez que a faca penetrava na carne, era pessoal. Uma cena de crime carregada de emoção que exalava hostilidade e ressentimento avassalador. Não houve assassinato.

Foi uma aniquilação.

Há um corpo masculino apoiado na ilha de madeira no centro da cozinha. Só posso dizer que é masculino devido à altura e constituição física. Não sei quem era - poderia muito bem ser um estranho - mas duvido que algum de seus entes queridos mais próximos pudesse identificá-lo nesse estado.

Suas pernas ficam penduradas na beirada. Quase nenhum material das calças permanece. Os músculos das coxas são fitas, tiras de carne desconectada, como se um animal selvagem tivesse arranhado o tecido para roer o osso abaixo.

Mãos retalhadas, machucadas e divididas por cortes agressivos, estão ao seu lado, mal se segurando no braço. O torso é uma constelação de cortes, desde golpes curtos e estreitos até lacerações esculpidas angustiantes. Ele havia sido cortado tantas vezes no estômago que pedaços de gordura amarela ficaram abertos, escorrendo.

Este corpo se tornou uma almofada de alfinetes. Esfaqueado, cortado e fatiado pelo menos duzentas vezes, se não mais. Sabe

como é difícil esfaquear alguém tantas vezes? Quão fisicamente cansativo é?

Uma dúzia de armas do crime estão espalhadas pela cozinha. O objeto responsável pelo rosto indistinguível dessa pessoa está na pia. Um amaciante de carne foi enfiado no crânio desse homem tantas vezes que ele perdeu a forma, uma mistura côncava de sangue, tecido e osso solidificado como uma sopa.

A raiva pura e crua nesta sala era palpável.

— É Godfrey — Rook anuncia atrás de mim em algum lugar.

— O Imitator não mata homens. — Olho para o teto, observando tufos caindo no chão, antes de me virar para olhar para ele e Alistair na porta.

— Não. — Ele balança a cabeça, fazendo uma careta para a cena antes de apontar para o corpo. — É Conner Godfrey, ou o que sobrou dele. Encontrei o carro dele estacionado no quintal.

Olho de volta para o corpo distorcido e, de repente, isso faz muito mais sentido. A raiva, a emoção, o desrespeito pela vida humana. Conner veio buscá-la e eu não estava aqui.

Só posso presumir que ela descobriu sobre ele e o que fez.

É claro que ela mataria seus próprios monstros. Minha garota é uma faca; brutal, implacável, linda. Lyra é uma assassina emocional, atacando quando provocada sem remorso depois. É uma agressora, frágil e mortal como as bombas são. Quando se puxa o clipe, não há como pará-la.

Isso a torna perigosa. Muito mais do que alguma vez fui.

— Onde diabos está Lyra? — Alistair grunhe. — Ela fugiu?

Olho ao redor da cozinha, girando em círculos até localizar a porta fechada da despensa. Agora que tenho uma imagem do que aconteceu esta noite, não preciso questionar onde Lyra está.

— Vocês três podem se livrar do corpo? — Arregacei as mangas até os cotovelos e caminhei em direção à despensa.

— Sim — Silas me responde, e aceno em agradecimento silencioso.

Tenho uma ideia razoável do que encontrarei do outro lado desta porta, mas ainda não acho que esteja preparado para isso. A única lâmpada que ilumina o minúsculo armário é suficiente para me mostrar o que está no chão.

Minha querida fantasma.

Lyra está apoiada nas prateleiras, os braços balançando fracamente ao lado do corpo, as pernas esticadas e o rosto sem energia. Seus cachos estão grudados na cabeça por causa do sangue. Suas roupas ainda parecem molhadas, mas vejo algumas manchas secas em seu rosto e braços.

Ela parece tão... pura, delicada, essa coisinha terna e carinhosa. Como é possível que uma fera tão selvagem se esconda sob a superfície de um corpo tão desavisado?

Odeio o mundo pelo que fez com ela. O destino presenteou Lyra com um coração sangrento. Um coração lindo, torturado, sangrento e que sente tudo um pouco demais. O mundo abusou dela até que se tornou uma arma, forçando-a a se tornar esta versão da reencarnação da morte para lidar com o excesso de sentimentos. A expressão nos seus olhos é horrível, mas uma

pequena carnificina nunca me assustou. Nada em Lyra Abbott me faria temê-la.

Ela não se move quando entro, agachando-se para poder ver meus olhos. Não há expressão nem reconhecimento em seu olhar vazio. Totalmente insensível, perdida em sua própria mente. Presa dentro do lugar esquecido dentro dela. O armário. O lugar onde ela fecha o mundo.

No entanto, ela me prometeu, jurou que eu nunca ficaria trancado do lado de fora. Ela sempre me manteria dentro de casa, não importa o quanto precisasse desaparecer. Passo a língua na frente dos dentes, estendendo a mão com cautela.

— Lyra, baby — ronrono, a voz suave como mel. — Olhe para mim.

Meus dedos roçam sua bochecha e é como ligar um interruptor de luz. Ela pisca, seus olhos turvos se movendo até encontrar os meus. Deixo-a olhar, deixo-a ver que estou aqui e que isto é real.

— Aí está ela — elogio, um pequeno sorriso aparecendo na borda dos meus lábios. — Bem-vindo de volta à terra dos vivos, querida. — Minha mão se prende na curva de seu pescoço, deixando-a cair nele. — Vamos limpar você.

Ela é um peso morto em minhas mãos quando meu outro braço passa por baixo dela, pegando seu corpo até que a embale contra meu peito. Permito-me ser algo em que ela possa se apoiar, um sentimento em que possa confiar. Seu corpo rígido e duro cai sobre mim. Se não fosse pelos seus olhos, pensaria que ela estava morta.

Eu a protejo da cena na cozinha, andando pelo resto da casa, contando a leve subida e descida de seu peito. Silenciosamente subimos as escadas, percorrendo o corredor até o seu banheiro.

Prometi a mim mesmo há muito tempo que havia terminado de limpar a bagunça dos outros.

Mesmo assim, fico horas no seu banheiro e dou banho nela. Esfrego seu corpo com movimentos tão suaves que mal reconheço minhas próprias mãos. O *T* que gravei em sua pele é vermelho, nos primeiros estágios de cura, e ela o usa como um sonho. Lavo o seu cabelo até a água sair limpa. Eu a seco e a visto, tudo em total silêncio, até que percebo...

Eu terminei de limpar todos, exceto Lyra. Ela é a exceção em todas as funções.

Tudo o que eu sabia ser não se aplica a quem sou com ela.

Lyra mal consegue se sentar na cama enquanto escovo seu cabelo e, quando termino, cai nos lençóis, enterrando o rosto no travesseiro à medida que a exaustão finalmente toma conta de sua mente.

Suas preocupações sobre eu esquecer quem sou com ela são nulas. Não quando sei que sempre voltarei para ela. Que o eu que sempre quis me tornar é quem sou com ela.

Somos duas metades de um buraco quebrado. Duas pessoas mutiladas tentando encontrar consolo em toda a escuridão que recebemos. Durante anos, desejei nunca tê-la conhecido. Que a noite em que nos conhecemos poderia ser apagada e esquecida, mas agora o que importa é a garota dentro do armário e a mulher

que saiu viva dele. Gostaria de ter feito mais para salvar a mãe dela, pelo menos para poder agradecê-la.

Por criar a única pessoa na Terra sem a qual não suporto viver.

Gostaria de ter impedido meu pai, pelo menos para poder dizer a Phoebe Abbott que sua filha nunca mais ficaria sozinha. Que não importa o fim que encontremos, ela sempre me terá. Na vida e na morte.

— Não-Não... — ela murmura em seu sono.

Olho para ela, entregando tudo o que sou para a mulher minúscula e assassina nesta cama. Dolorosamente, totalmente dela.

E mesmo que eu não saiba o que ela quer dizer, ainda respondo — Não vou.

O fogo crepita durante a noite, queimando alto e estalando enquanto queima o que resta de Conner Godfrey.

Deixar Lyra descansar foi o melhor, e mesmo estando lá fora, odeio a ideia de ela acordar e eu não estar lá. No entanto, havia uma quantidade ridícula de limpeza que precisava ser feita.

Ninguém jamais poderá acusá-la de ser gentil novamente.

Arrastamos o corpo para fora e trabalhamos juntos na tentativa de limpar a casa. A má notícia é que tenho que contar a Lyra que seu momento de apagão furioso resultará em refazermos toda a cozinha dela. A boa notícia é que tenho a sensação de que

deixaremos a sua cabana na floresta e nos mudaremos para a propriedade.

— O Halo existe desde a porra do bisavô de Stephen — Alistair grita à minha esquerda, parado ao lado da chama aberta, folheando as páginas do diário deixado para trás de Godfrey. — Os Sinclairs começaram, e cito, *se vingar das filhas e irmãs das famílias fundadoras*. Eles construíram sua fortuna com essa merda.

Estou acordado há quase vinte e sete horas e ainda não me senti cansado nenhuma vez. Até agora, enquanto minha adrenalina despenca e o peso do hoje se transforma em realidade. Outro corpo para enterrar, outro segredo para carregar.

— Todas aquelas garotas inocentes por causa de ciúme? Parece que cadela é uma característica com a qual todos os Sinclairs nascem — Rook resmunga da cadeira de jardim bem a minha frente, a madeira queimando nos separando.

Um objeto rombudo pende de seus lábios, o capuz puxado sobre os olhos. A fadiga é tangível – todos nós a sentimos. Talvez porque faz muito tempo que não sentimos que poderíamos realmente descansar.

— Isso tem tudo. O envolvimento de James Whittaker, Frank, Greg, seus planos da faculdade. Motivo. Quero dizer, Godfrey era um doente, mas isso? — Alistair agita o caderno nas mãos. — É ouro.

O fogo ruge em resposta, brasas voando ao vento.

— O suficiente para enterrar Stephen? — Pergunto, olhando para a chama.

— E mais um pouco.

Nós nos acomodamos na realidade, que esta, a nossa vingança, pode finalmente ser...

— Acabou — Silas fala à minha direita, com as mãos enterradas nos bolsos. — Parece que finalmente acabou.

— Enquanto Odette Marshall não acredita em uma palavra do que dizemos — digo, incapaz de evitar meu ceticismo. Nada de bom permanece, não neste grupo.

— Thatch — Rook chama, liberando uma nuvem de fumaça. — Por vinte minutos, quero fingir que acabou, está bem? Mesmo que não tenha, mesmo que sejam apenas vinte minutos pensando em todas as maneiras como foderei minha namorada em paz e levá-la para muito, muito longe daqui. Por isso, por favor, apenas... cale a boca.

Eu bufo junto com a risada de Alistair. Tenho a sensação de que ambos íamos na mesma direção, mas só desta vez, cumpriremos os desejos de Rook.

Estamos no fim. A dois centímetros da linha de chegada. E cada um de nós mergulha no silêncio, tentando nos preparar para o que isso pode significar para o futuro.

Processamos os dois anos de dor.

Aceitamos o fato de que Stephen Sinclair e o Halo não dominarão nossos pensamentos a cada segundo do dia. Lidamos com a dura realidade de que os fantasmas que construímos

permanecerão conosco por toda a vida, mas o sangue acabará por sair de nossas mãos. Somos transportados para um lugar que espelha este momento no tempo.

Quando éramos recém-formados e o mundo era imenso. As possibilidades do que nos tornaríamos eram ilimitadas, e cada um de nós estava pronto para se afastar desta cidade e da mancha negra que nos deram.

A morte de Rosie nos colocou em pausa e hoje à noite, neste momento, apertaríamos o Play novamente, mas agora somos diferentes. Mudado.

Nunca mais seremos aquelas pessoas que fomos. Nossos objetivos e sonhos foram alterados, influenciados por influências que nunca esperávamos. Vivemos um presente que nunca teríamos imaginado há dois anos.

Alistair nunca poderá voltar a ser o cara vingativo e ressentido que era antes. Não quando Briar está lá para lembrá-lo constantemente de todas as coisas que ele pode ser neste mundo, e nenhuma delas é com raiva. Rook foi ferido antes, e este ano o curou de uma forma que ele nunca teria tido a chance. Teria fugido de sua dor. E agora, por causa de Sage, é capaz de enfrentar isso.

E eu, bem, não tinha certeza do que faria depois da formatura. Sabia que queria estudar medicina em algum lugar longe de Ponderosa Springs. Só porque me recusei a aceitar quem eu era. Agora? Realmente não me importo onde vou parar. Contanto que a querida fantasma esteja lá comigo. Quero passar a vida inteira ao seu lado e perdi muito do nosso tempo.

— Obrigado. — Silas fala perto do fogo, olhando para cada um de nós por um longo momento antes de continuar. — Por ficar. Colocando suas vidas em espera e em risco.

— Sempre. — A resposta de Rook é imediata.

— Não é necessário agradecer. — Alistair, sempre tão humilde.

Por muito tempo neguei o que cada um deles significa para mim. Revoltado contra a ideia de *precisar* de alguém além de mim. Contente em me isolar do mundo se isso significasse que não teria que me aproximar. Cortei, fatiei e matei aqueles que tentaram entrar com os estilhaços que meu pai deixou incrustados em minha pele, mas sabia, talvez desde o momento em que nos conhecemos, há tantos anos, eu sabia.

O DNA não me tornou um assassino. E não determina quem é minha família.

— Quem mais teria protegido vocês três se eu não ficasse por aqui? — Levanto uma sobrancelha, chocando-os. Não sou exatamente conhecido por responder calorosamente nesse tipo de situação.

— Só sei que Rosemary está tão chateada por perder a oportunidade de ver Thatcher se tornar um ser humano decente — Alistair zomba, cruzando os braços na frente do peito, sua camiseta branca manchada de sangue.

— Ainda estou preso na parte humana — acrescenta Rook.

— Imagine como May se sente sabendo que sempre será uma ferramenta — vocifero.

É a primeira vez que estamos todos juntos para realmente lamentar as duas, sentando-nos na dor um do outro e reconhecendo o que ambas significam para cada um de nós.

O silêncio é total por um momento.

— Você me esfaquearia se eu dissesse que Lyra me assusta?

— Não. — Um suspiro me deixa quando olho para Rook. — Mas ela pode.

Tínhamos nos visto em dias tão escuros que parecia que o sol nunca existiu. Nossos laços foram forjados com o fogo do inferno e com os nós dos dedos sangrentos. Não nos amamos nem nos importamos de uma forma que o mundo jamais entenderia. Nós nos encontramos quando crianças, cada um de nós manchado com uma marca que nunca quisemos, e juntos aprendemos como possuí-las.

Quatro filhos bastardos que encontraram conforto no caos um do outro.

Observo o nascer do sol espreitar no horizonte, passando por cima dos pinheiros perenes, atravessando a neblina com raios de luz laranja leitosa. O ar frio que inalo quase parece novo.

— Para o Styx? — Ofereço.

— Para o Styx — eles ecoam.

VINTE E SEIS



ENTÃO, ISTO É AMOR?

Lyra

O quarto está escuro quando acordo.

Minha cabeça lateja enquanto meus olhos se ajustam à escuridão. Demoro vários minutos para me separar dos lençóis, sentando-me e sentindo o fino véu de suor no meu corpo por causa do sono.

Sinto-me nojenta e minha boca está seca.

Há quanto tempo estava dormindo?

Os dias e as noites parecem se misturar enquanto fico de joelhos trêmulos. Estou tão fraca, ainda tão cansada, apesar de ter acabado de acordar. Quase como se tivesse descansado muito. Demoro para ir ao banheiro, mantendo as luzes apagadas conforme me limpo.

O vapor do chuveiro tira um pouco da névoa da minha mente, e me sinto renovada, melhor do que quando meus olhos se abriram pela primeira vez. Termino de escovar os dentes e volto para o meu

quarto com um pouco mais de energia. Visto uma calcinha e passo as mãos pelas opções de camisas.

Depois de puxar uma das camisas brancas de Thatcher do cabide e colocá-la sobre os ombros, aproveito o tempo para apertar a frente antes de enterrar o nariz nas mangas.

Inspiro uma, duas vezes e, na terceira vez, quando abro os olhos, olho para as minhas mãos e na ponta do dedo indicador há uma mancha vermelha profunda. Como se eu tivesse picado o dedo ou mergulhado na tinta.

Há um interruptor em meu cérebro que liga, como se alguém tivesse ligado a eletricidade em meu cérebro. Virando-me, saio correndo do meu quarto e vou para o próximo ao meu.

A última coisa que me lembro foi de ter lido o diário de Godfrey. Tudo depois disso fica em branco. Há uma parede grossa e preta dentro da minha mente. Estou bem na sua frente, batendo o punho na pedra dura, mas não se move. O que quer que esteja além, quer que eu fique de fora.

Com cuidado, abro a porta de Thatcher, torcendo para que ele esteja lá dentro. Como foi com o pai dele? Ele está bem? Conseguiu voltar para casa para mim? O que aconteceu com Conner?

Meu coração bate mais rápido a cada pergunta. Minha memória nebulosa é a única razão do meu pânico.

No entanto, quando encontro Thatch dormindo profundamente em sua própria cama, isso me acalma o suficiente para respirar. O luar atinge seu torso nu com raios fortes, brilhando através das cortinas e refletindo em sua pele pálida.

Seu cabelo branco cai na frente da testa, roçando seus cílios, e fico tentada a tocar aqueles fios bagunçados. Eu me pergunto se ele notaria?

Já estou andando silenciosamente até a beira da sua cama, rastejando para o colchão em câmera lenta, com cuidado para que ele não sinta o colchão se mover sob o meu peso. Os lençóis de seda que insistia em usar derreter ao meu toque.

Eu rastejo até estar apoiada ao seu lado, minha mão segurando minha cabeça enquanto meu cotovelo cava no travesseiro macio. Estou longe o suficiente para não nos tocarmos, mas perto o suficiente para que meus dedos possam caminhar ao longo do plano tonificado de seu peito.

Quando ele está dormindo assim, se parece com o garoto que conheci anos atrás, só que com feições mais duras. Saboreio esse momento porque quem sabe quem ele será quando acordar? Quem sabe que tipo de dano Henry causou a ele naquela prisão ou que fantasia distorcida e doentia ele plantou em sua cabeça?

Sei que May me contou que seu pai havia destruído todas as coisas boas dele há muito tempo, mas não acho que isso seja verdade. Acho que ele acabou de se tornar um especialista em esconder isso.

Ele é suave. De maneiras que não se esperaria.

É suave de manhã, pouco antes de tomar o café e seu olhar ainda está sonolento. É quando escolhe quais canecas vamos beber naquele dia e, de alguma forma, sempre garante que combinem. Suave quando nos prepara o jantar, e ainda mais quando faz anotações em meus livros.

Ele não poderia ser nada além disso. Não quando a única coisa que amou foi o som das teclas pretas e brancas.

Não há mais nada que ele possa ser. Não quando a palavra *piano* em italiano significa *suave*.

Ele estremece sob meu toque, e rapidamente me afasto dele, prendendo a respiração ao mesmo tempo que ele vira a cabeça, os olhos semicerrados. O sono tranquilo que desfrutava desaparece e posso ver a mudança física em seu rosto.

Pesadelo. Ele está tendo um pesadelo.

Sei que é preciso deixar as pessoas acordarem organicamente dos terrores noturnos; há anos ouço falar disso – sei disso, mas, por alguma razão, meu primeiro instinto é estender a mão e tocar a lateral do seu rosto. É uma reação instintiva tentar aliviar qualquer dor que ele esteja enfrentando em sua mente.

Isso foi um erro. Erro meu, não dele.

É por isso que não posso culpá-lo pela maneira como ele acorda. Seus olhos se abrem, turvos e vidrados, ainda presos no sonho. Não posso culpá-lo pela maneira como vira o corpo, me sufocando embaixo dele. Não posso nem culpá-lo quando sinto a faca pressionada contra meu pescoço.

Ele paira sobre mim, com uma expressão perigosa em suas feições, e posso dizer que não está totalmente consciente de suas ações. Minha pulsação dispara e arregalo os olhos enquanto a faca crava nas curvas da minha garganta.

— Thatch, sou eu. É apenas um sonho — respiro, tentando estender a mão e tocá-lo, mas seus joelhos estão pressionados contra meus pulsos. — Anjo, olhe para mim. Sou eu, Lyra.

Acho que pode realmente me matar por dois minutos inteiros, até que a névoa de seu sonho desapareça e sua mente alcance seu corpo. A pressão da lâmina suaviza e ele pisca.

— Lyra? — Ele resmunga, falando com cascalho em sua garganta.

A tristeza toma conta de suas feições. Nunca vi uma emoção tão sincera passar por seu rosto antes. Como se o horror do seu sonho tivesse derrubado completamente o seu escudo.

— Sinto muito — ele sussurra, rolando seu corpo para longe do meu. — Eu sinto muito.

Observo-o se empurrar para a beira da cama, enterrando a cabeça nas mãos, os ombros tensos. Meu coração dói por ele, sabendo que não posso tirar o que quer que o esteja machucando.

Aproveitando a oportunidade, rastejo pela cama, sentando-me de joelhos atrás dele e passando os braços em volta de sua cintura. Descanso meu queixo em seu ombro, encostando sua cabeça na minha.

— Tudo bem. Foi apenas um sonho — o tranquilizo, sabendo que da última vez que tivemos essa conversa, ele estava convencido de que não os tinha.

— São minhas memórias.

— O quê?

— Meus pesadelos. São minhas memórias de infância — ele admite, seu peito se movendo enquanto suspira. — Acho que os reprimi, e a única maneira de me lembrar deles era enquanto dormia. É por isso que não queria ver Henry. Eu sabia que me lembraria.

Eu o ouço falar sobre visitar seu pai. Como se lembrava de todas aquelas mulheres e de todas as maneiras pelas quais foi forçado a limpar depois. Meu peito queima quando ele fala sobre ver sua mãe morrer, e depois ter que ajudar Henry a enterrá-la.

Ouçõ cada coisa horrível que ele passou e me entristeço por ele. O garotinho que nunca mereceu o terror que testemunhou. Ninguém deveria ser forçado a se tornar um monstro para sobreviver.

— Eu matei Conner, não foi?

É a única opção que faz sentido. Thatcher esteve na prisão e sei que Godfrey apareceu na cabana. Não criei isso na minha imaginação. Eu também me tornei um monstro para sobreviver?

— Sim, Little Miss Death. Matou. — Ele se inclina para mim, virando a cabeça de modo que a ponta do nariz roça minha bochecha. — Você se lembra disso?

Balanço minha cabeça. — Não. Está tudo nebuloso. Não sei como acabei na minha cama ou quanto tempo dormi. Desvanece depois que o encontrei na sala de estar.

— Às vezes, acho, passamos por certas coisas tão horríveis que nosso cérebro faz o possível para nos proteger de revivê-las. — Seus lábios roçam minha pele. — Quer que eu conte o que vi?

— Sim. — Mergulho minha cabeça na curva de seu pescoço. — Mas não esta noite.

Dei um beijo em seu ombro, apertando ainda mais e inspirando seu cheiro. Esta noite, só quero estar com ele. Não quero pensar nem me preocupar com o que acontecerá quando sairmos deste quarto.

Aqui, ele é meu e eu sou dele.

O fim. Aqui, temos o nosso felizes para sempre.

— Posso fazer uma pergunta, Lyra?

Concordo com a cabeça, afastando para que ele possa virar o corpo para me encarar. Minhas sobrancelhas franzem, preocupada. Thatcher está sempre seguro de si; não faz perguntas. Ele simplesmente faz.

Posso dizer, porém, que tudo o que ele quer dizer o deixa desconfortável.

— Eu... — Ele para, sua garganta trabalhando enquanto encontra as palavras. — Sinto coisas às vezes, acho. São reações físicas a certas situações, mas nunca consigo identificá-las.

Ele esteve condicionado por tanto tempo que nem consegue dizer quais são suas emoções. Thatcher viveu a maior parte de sua vida matando e isolando sentimentos – é claro que não sabe como eles são.

— Tudo bem, então me diga como eles são para você.

Um V profundo vinca sua testa. — O que quer dizer?

Mordo o interior da minha bochecha para não sorrir. É um pouco engraçado que o sabe-tudo esteja tão perdido.

— Quando acordou do seu sonho e percebeu que era eu embaixo de você. Qual foi a sensação?

Ele agarra um dos meus cachos, girando o dedo em volta da mecha e puxando levemente.

— Parecia molhado. Escorregadio, como gotas de chuva na pele vestida — ele responde com franqueza.

— Tristeza, angústia, desespero — digo a ele, tentando pensar sobre o que sentem por mim. — Varia dependendo da intensidade da chuva. Dê-me outro.

— Efervescência. Bolhas flutuando em meu estômago. Senti isso quando me deu o piano digital. É um estouro constante.

Eu sorrio, largo e brilhante. — Felicidade.

Fazemos isso, indo e voltando, por um tempo. Ele explicando o que é cada um desses sentimentos e eu tentando identificá-los. Conversamos por horas, mudando de posição na cama várias vezes. A certa altura, a sua cabeça está no meu colo e, mais tarde, estou encostada na parede enquanto ele massageia meus pés.

Deslizamos e flutuamos, preenchendo as lacunas do nosso relacionamento. Todas essas pequenas coisas em que ninguém pensa, mas acabam sendo as mais importantes. Se eu pudesse, ficaria aqui para sempre com ele, assim mesmo.

Em algum momento, ele se encontra em cima de mim, seu grande corpo abrindo minhas pernas, a cabeça apoiada em meu peito enquanto massageio seu couro cabeludo. É uma progressão

lenta, como nossas mãos começam a vagar e os corpos ganham vida até que suas mãos seguram meu rosto, me embalando em seus braços antes de me beijar. Deixo-me me levar pela maneira como sua boca se move com a minha. Empurro-me para ele, perseguindo seu gosto. Ele geme contra meus lábios, afastando apenas o suficiente para murmurar algumas palavras.

Suas mãos deslizam por baixo da minha camisa – bem, dele tecnicamente – e sinto suas palmas se expandirem pelas minhas costelas, subindo. Nossas línguas são amantes desesperadas, acariciando, rolando, dançando. Gemo quando ele se acomoda entre minhas pernas, o material macio de sua cueca esfregando contra a parte interna das minhas coxas.

Minhas mãos agarram seus ombros, puxando-o ainda mais contra mim. Quero todo o seu peso contra mim, pressionado contra mim, fundindo-se de modo que não haja nenhum canto intocado, emaranhado como hera.

Mãos grandes seguram meus seios, dedos batendo contra meus mamilos sensíveis. Ele empurra seus quadris em mim, pressionando a protuberância de sua boxer contra minha calcinha de seda. Já estou vergonhosamente molhada, manchando minha calcinha com minha excitação. Ele separa nossas bocas, abaixando a cabeça para morder o material de sua camisa, agarrando meu mamilo e puxando-o. Choramingo, empurrando seus dentes.

— Quero que me faça sangrar.

As palavras flutuam no ar e aquecem minha pele. Lambo o seu gosto dos meus lábios.

— Faça-me seu. — Ele gira entre minhas coxas, a cabeça de seu pênis roçando meu clitóris. A fricção das nossas roupas aumenta o prazer. — Eu quero ser seu.

Meu coração viciado e obsessivo soluça de alegria. O calor se espalha pelo meu peito como fogos de artifício internos. Há algo a ser dito sobre pertencer a alguém. Completa, total e inteiramente.

Pertenço a Thatcher há anos. Minha vida inteira, parece.

Nunca soube, porém, o que é possuir outra pessoa. Olhar para ela e saber que quer que você a reivindique. Para que o mundo reconheça que fazemos parte dela.

A letra *T gravada* em minhas costas formiga, querendo que eu retribua o favor.

Minha mão procura a faca ao meu lado, segurando-a com força. É uma arma que representa violência e derramamento de sangue, mas neste quarto, entre nós, é muito mais do que isso. É a maneira como entramos na alma um do outro, abrindo espaço um para o outro em nossa corrente sanguínea.

— Tem certeza? — Eu me pego perguntando enquanto arrasto a ponta do metal em seu peito.

— Quero um lembrete constante de quem é minha casa. — Ele roça a ponta do nariz no meu, segurando-se com as mãos. — Quero olhar para a sua marca todos os dias para nunca esquecer as partes de mim que sempre pertenceram a você, querida fantasma.

Lágrimas de felicidade queimam meus olhos, uma sensação de conclusão se instala em meus ossos quando coloco a ponta da faca

em seu peitoral direito. Com o máximo de precisão que consigo, cravo em sua pele, esculpindo a primeira letra do meu nome.

Mal comecei quando sua mão envolve meu pulso, me forçando a fazer uma pausa. Estou prestes a perguntar se ele está bem quando fala.

— O golpe desta lâmina. Sinto isso quando te toco. Quando estou perto de você, é como cortes frescos. Doloroso de uma maneira que desejo — ele murmura. — Qual é esse?

Meu peito se expande e junto meus lábios. Sei o que isso significa para mim. Conheço essa emoção tão bem que parece que nasci para vivenciá-la. Tenho medo do que isso significa para ele.

— Eu...

— Diga-me — ele insiste. — O que é para você?

— Amor. — Digo isso ao expirar. — É assim que o amor é para mim. Fere, dói, porque é real e temos medo de perdê-lo, mas fica com você. Deixa cicatrizes.

Ele balança a cabeça, mordendo o lábio inferior enquanto prendo a respiração. Estou esperando que se afaste, mas em vez disso, ele solta minha mão.

— Prossiga. — Ele me incentiva a continuar.

— Isso dói?

— Tenho algo para me distrair da dor. — Ele sorri sombriamente.

Sinto seus dedos afundarem entre minhas coxas, tocando minha boceta através da calcinha, roçando meu clitóris e

aplicando sua atenção ali. Um calor latente explode através de mim e aperto minhas coxas em torno dele. Suspiro, meu aperto na faca escorregando um pouco.

— Está lutando para se concentrar, Pet? — Ele sorri, dizendo as palavras. — Isso é permanente, sabe. Não estrague tudo.

Meus dentes rangem enquanto me concentro, girando a faca em sua carne, fundo o suficiente para deixar uma cicatriz. O sangue pinga na camisa branca que estou usando, e o seu calor aquece minha pele.

Ele empurra minha calcinha totalmente para o lado. Um gemido estridente me escapa quando seus dedos mergulham em minha entrada molhada. Seus dedos deslizam lentamente para cima e para baixo em minha fenda, o polegar ainda batendo cruelmente contra meu clitóris.

Um calor abrasador percorre meu corpo enquanto seus dedos trabalham dentro de mim, e não posso deixar de apertar seus dedos sem me conter. Deixei que ele me fodesse com a mão, sentindo-o pressionar com mais força aquele ponto esponjoso dentro de mim.

Lutando para manter os olhos abertos, solto um suspiro enquanto termino a letra, deixando cair a faca na cama, o S rabiscado gravado para sempre em seu peito. Isso nunca irá embora. Está com ele para sempre. Ondas de vermelho caem sobre mim conforme ele continua me trabalhando.

Choro com a intensidade, o prazer me atormentando. Assim que aquela sensação familiar cresce na boca do meu estômago, Thatcher para, puxando os dedos de dentro de mim. Olha para a

letra sangrenta, passando um dedo pelo fluxo constante de sangue antes de levá-la à minha boca.

— Prove como é boa a sensação da sua marca — ele ordena, pressionando a costura dos meus lábios. Coloco seu dedo em minha boca, girando minha língua e limpando-o, deixando o sabor metálico invadir meus sentidos.

Quando termino, ele mergulha a cabeça no meu pescoço e ombro, engolindo cada barulho que solto, um homem faminto recebendo sua primeira refeição em décadas. Sua língua lambe uma longa faixa na minha garganta antes que seus dentes mordam minha pele.

— Quero você — suspiro, minhas mãos afundando em seu cabelo, empurrando meus quadris para cima para chegar ao meu ponto. — Por favor.

— Implora tão docemente — ele murmura contra minha pele, demorando para se afastar de mim.

Eu me apoio nos cotovelos, meu cabelo caindo na frente do meu rosto. Sopro alguns fios dos meus olhos, olhando Thatcher tirar a cueca antes de se ajoelhar na minha frente. Listras vermelhas escorrem pelas ranhuras de seu abdômen, cabelos brancos caindo para frente, músculos tensos e flexionados.

Um deus caído, uma estátua de mármore. Devastadoramente lindo.

Até seu pau é bonito, duas grandes veias de cada lado conduzem à ponta vazando, grossa e dura. Minhas paredes internas se contraem, doendo para senti-lo.

Inspiro profundamente enquanto ele envolve a mão em torno da base de seu eixo, puxando da raiz às pontas até que uma pérola de esperma escorra da cabeça e pousa na minha boceta exposta.

Ele se guia até minha entrada, pressionando meu buraco apertado antes de se afastar. Provoca-me assim pelo que parecem horas, afundando em mim apenas alguns centímetros antes de se retirar completamente.

— Olhe para sua boceta necessitada chorando por mim, querida fantasma.

— Thatcher, por favor — imploro, com o estômago contraído, dolorido para sentir aquela plenitude familiar que ele proporciona.

Com pena de mim, ele enfia todo o seu comprimento dentro do meu canal apertado. Minhas costas arqueiam para fora da cama, uma sensação de formigamento toma conta de mim enquanto ele se enterra até o fim.

— Amo o jeito que olha tomando meu pau, Pet — ele sussurra com os dentes cerrados. — Poderia viver dentro dessa boceta apertada.

— Então faça. — Eu cantarolo no fundo da minha garganta.

— Não me tente, porra. — Ele termina a frase com um golpe punitivo. — Acha que não vou? Que não vou mantê-la trancada neste quarto por dias? Alimentá-la apenas com meu pau? Fazê-la beber meu esperma?

Thatcher leva uma mão até minha garganta, apertando-a avidamente enquanto se inclina pela cintura para morder meu lábio inferior, sugando-o em sua boca.

Minha boceta faz barulho molhado quando ele se retira e bate com força novamente. Levantando seus quadris, balançando em mim de uma forma que faz meus olhos revirarem. Tudo é quente e dolorido ao mesmo tempo que ele me fode. Meus quadris o encontram a cada investida, sentindo-o em meu estômago conforme bombeia dentro de mim como se fosse a única coisa que deveria fazer.

Passo minhas unhas pelas suas costas, incitando-o a me foder mais rápido. O êxtase dispara através de mim quando a ponta do seu pau roça meu ponto G. Meus dedos dos pés se apertam quando solto um gemido gutural alto o suficiente para sacudir as janelas.

— Esse é o lugar, não é, linda garota? — Ele grunhe, com a respiração trêmula — Diga-me como estou fazendo essa boceta se sentir.

Aceno com a cabeça de forma irregular, ofegando as palavras — Tão bom, bom *pra* caralho, anjo.

Grito enquanto ele acelera, coxas largas e musculosas fornecendo meios suficientes para continuar assim por sabe-se lá quanto tempo. Ele bombeia dentro de mim com tanta força que tudo que posso ouvir é nossa pele batendo uma contra a outra à medida que uma de suas mãos toca minha bunda, me empurrando em seus quadris.

Posso sentir meu orgasmo se aproximando. A bobina enrolada com muita força em meu estômago não sobreviverá por muito mais tempo.

— Posso sentir sua boceta implorando para que meu pau goze — Thatcher geme. — Essa boceta apertada chorando pela minha semente quente. Quer que eu te encha, não é?

Aceno com a cabeça, ou talvez não. Não sei dizer porque estou tão perdida de prazer que não consigo me concentrar em nada além de meu corpo se sacudindo enquanto ele me penetra. Minhas paredes se apertam ao seu redor, as sobrancelhas franzidas e os batimentos cardíacos disparando com a intimidade, a paixão que crepita entre nós.

— Thatcher! — Grito no ar úmido, meus dedos se cravando em suas armadilhas. Um calor avassalador atinge meu corpo como um incêndio na grama seca. Um grito entrecortado sai do meu peito enquanto meus dedos dos pés se curvam.

— Porra — ele geme enquanto me contraio ao seu redor, agarrando meus quadris com força, forçando meu corpo contra o dele conforme se move contra mim.

Minha cabeça cai para trás enquanto o deixo usar meu corpo para seu prazer. Seu corpo cobre o meu, seus dentes afundando em minha garganta com força suficiente para deixar um hematoma escuro.

Ele perde o ritmo, ficando mais rápido, mais necessitado. — Merda, vou gozar, baby. Eu...

Meus dedos percorrem seu cabelo, puxando sua cabeça para cima para que eu possa unir nossas bocas, sufocando-o com um beijo enquanto meus quadris rolam nos dele à medida que ele enrijece. Um gemido alto me estremece quando ele derrama dentro de mim, cobrindo meu interior com sua liberação quente,

continuando a foder seu gozo em mim com estocadas torturantemente lentas.

Nossas testas se encontram enquanto nos encaramos com respirações difíceis e entrecortadas que fazem seu peito esculpido subir e descer bruscamente. Deixo os bíceps de Thatcher me prenderem contra seu peito conforme tento recuperar o fôlego.

Se ele nunca disser que me ama, ficarei bem com isso. Não preciso de palavras para saber que Thatcher se importa comigo. É uma palavra trivial comparada aos limites que cruzaríamos um pelo outro. Não preciso da palavra quando é real.

Ele é meu protetor, meu defensor. Uma conexão que nunca irá embora ou se perderá, não importa como seja testada. É um amor que fica comigo nas noites tranquilas quando estou presa na minha cabeça.

Nunca precisei me tornar digerível para Thatcher. Nunca tive que refrear quem sou ou ser menos. Nunca tive que me tornar mais fácil de amar.

Ele sempre me engoliu inteira e saboreou cada mordida.

VINTE E SETE



OLÁ, OFICIAL

Thatcher

Senti suas espinhas enrijecerem quando entrei.

O som prateado da campainha acima da porta anunciou minha chegada, e todos os clientes do café local voltaram sua atenção para mim.

No início, era só para serem um pouco intrometidos, curiosos para saber quem era o novo cliente que entrava no Viva Coffee, na esquina da *Main Street*. Só quando perceberam quem era é que seus breves olhares se transformaram em olhares flagrantes.

O seu medo era evidente.

Eles se encolheram fisicamente à medida que entrava no café restaurado de aparência industrial. Ombros curvados para esconder o rosto, e o meu favorito, o pai que segurava a esposa um pouco mais ao seu lado.

Nem fui preso, mas sou culpado no tribunal da opinião pública desde os nove anos.

A aula 101 de emoções de Lyra pode ter mudado a forma como vejo as pessoas próximas a mim, mas não diminui o quão bom é assustar as pessoas da cidade. Eles me exilaram, me deram as costas quando criança. Quero que me temam quando adulto. Quero que tenham medo de me contrariar.

Eles não merecem meu crescimento recém-descoberto que Lyra plantou e regando com cautela.

Foram eles que inicialmente transformaram os *Hollow Boys* em vilões. Apenas decidimos que em vez de tentar mudá-los de ideia, faríamos o papel que planejaram para nós. Demos-lhes anarquia; os aterrorizamos; nos rebelamos ativamente. Acho que, na verdade, ensinamos aos cidadãos de Ponderosa Springs uma lição muito importante.

Não crie monstros para os quais não está preparado.

Dois dedos pressionam a manga do meu terno para cima, apenas o suficiente para revelar meu relógio. Minha convidada está atrasada. Correção: quer que eu pense que está atrasada. Minha acompanhante desta noite está aqui em algum lugar, junto com os outros seis policiais disfarçados que já avistei.

Relaxo no encosto da cadeira, levando o pequeno copo branco aos lábios e tomando um gole do meu expresso. O sabor rico e amargo afoga minha língua enquanto olho pela parede de janelas à minha esquerda, a chuva batendo no vidro. Mais uns dez minutos se passam antes que eu ouça o clique do salto de sua bota, algo inerentemente feminino para lembrar aos homens de sua área que este não é mais um mundo de meninos.

Ela passa por mim, a cadeira raspando no chão enquanto a puxa da mesa redonda antes de se sentar graciosamente. Coloquei meu café na mesa, cruzando uma perna sobre o joelho e me recostando no assento de metal.

— Thatcher Pierson. — Ela é presunçosa, excessivamente confiante de que isso está prestes a acontecer do seu jeito.

— Odette Marshall — respondo, mantendo o rosto passivo.

Sou um cavalheiro – não gosto de destruir as esperanças e os sonhos de uma dama. Não imediatamente, pelo menos. Vou deixá-la aproveitar sua quase vitória por mais um pouco.

— Parece muito bem para um homem em fuga. — Ela combina com minha postura, o corte grosseiro de seu cabelo loiro balançando enquanto se move.

— Encantado. — Dou a ela um sorriso de lábios apertados. — Mas tenha cuidado. Agora sou um homem comprometido e ela não compartilha bem.

Essa foi exatamente a razão pela qual Silas manteve Lyra entretida enquanto me encontrava com a detetive. Ela é possessiva e, embora eu seja mais do que capaz de me proteger, isso nunca é bom para as pessoas que tentam vir atrás de mim.

No outro dia, Alistair fez uma piada que eu poderia ter que investir em uma coleira para a rainha assassina, ou então passaria o resto da minha vida me livrando de corpos.

Apenas sorrio porque sabia que enterraria os corpos para sempre se fosse isso que ela quisesse. Se era disso que ela precisava.

— Sua namoradinha não ficará muito feliz quando me ver te prendendo.

— Ela está confiante no meu retorno.

Odette respira fundo, inclinando-se sobre a mesa, os braços apoiados ali. Olhos espirituosos e felinos encaram os meus; ela parece mais uma *femme fatale* do que uma detetive agora. Suspeito que se fizesse do jeito dela, eu teria um pente inteiro descarregado no meu peito. Eu os fiz parecerem muito bobos me perseguindo nos últimos meses.

— Você está cercado, Thatcher. — Ela demora com cada palavra, como se eu não entendesse a gravidade da minha situação. — Eu me encontrei com você a título de curiosidade, para ouvir sua versão antes que joguem sua bunda no corredor da morte.

Eu sorrio, passando o dedo pela borda da xícara de café. — Gostaria de saber por que solicitei um encontro com você?

Há alguns segundos em que acho que ela pode pular sobre a mesa e me estrangular. Nossas personalidades são muito diferentes, ela e eu, mas ambos somos um pouco confiantes demais para o nosso próprio bem.

— Se não é sobre os assassinatos, então acho que terminamos aqui.

— Tenho algo para você. — Meu sorriso se espalha em um sorriso. — Uma despedida, um presente de despedida.

Ela desdenha, balançando a cabeça. — Acha realmente que sairá daqui, não é?

— Não — respondo secamente, inclinando-me para frente e entrelaçando os dedos na mesa à minha frente. — Sei que sairei.

— O que me impede de prendê-lo agora?

Eu sei que ela veio aqui pensando que pegaria seu criminoso, e vai, mas não aquele que previu. Não tenho nenhum desejo de ir para a prisão, e se ela simplesmente não acreditar na informação que estou prestes a lhe dar, Rook tem o plano B pronto para seguir.

— Além da minha inocência? — Digo. Bem, é inocência parcial, mas isso é apenas semântica. Ela está aqui por causa de um assassino imitador, e eu estou aqui para lhe dar um. — Não é idiota, Odette. E por alguma razão, acredito que realmente deseja ajudar.

Enfio a mão no bolso esquerdo da jaqueta e pego o diário desgastado de Godfrey e o arquivo que Silas preparou. Deslizo os dois pela mesa em sua direção, uma oferta de paz cheia de nomes escritos com sangue.

Ela olha para eles sem expressão, imóvel.

— No diário, encontrará tudo o que precisa sobre a identidade do seu assassino. Os nomes das vítimas datam de vários anos atrás – só recentemente ele começou o hobby da imitação. O Imitator já matava muito antes disso.

Estou impressionado com o quão bem ela esconde sua reação, mantendo o rosto passivo enquanto puxa o arquivo em suas mãos, folheando distraidamente os papéis, a mandíbula tensa.

— O que são esses arquivos, então?

— Quase esqueci a melhor parte. — Bato na mesa com o dedo indicador. — Está prestes a receber o crédito por derrubar uma rede de tráfico sexual de décadas com afiliação ao crime organizado. Prepare-se para estar no noticiário, talvez até escrever um livro. Você está prestes a ficar muito famosa, senhorita Marshall.

Nós nos encaramos, duas pessoas forçadas a se tornarem inimigas, apenas porque ambos caímos em lados opostos. Odette vive sua vida em preto e branco, certo e errado. É o caminho que todos aqueles que estão do lado certo da lei tentam seguir, mas a realidade é que nunca é tão fácil.

Nada é tão claro.

— Então está entregando isso de boa vontade? Não levará o crédito por essa descoberta? — Ela coloca os arquivos de volta na mesa, rangendo os dentes para não dizer o que quer.

Ela está lutando para manter a vantagem, sem saber que, para começar, nunca a teve.

— A justiça é importante para você. É por isso que usa esse colar de São Miguel. — Aponto para a corrente de ouro escondida sob seu blazer. — Mesmo que não seja religiosa, muito menos católica. Você será a heroína que esta história precisa.

O choque aparece em seu rosto claro como o dia, e vejo seus dedos se contorcerem para alcançar a joia em volta do pescoço, mas se contém, mordendo o interior da bochecha antes de chupar os dentes ruidosamente.

— Acho que não está interessado em bancar o mocinho? O herói? — Ela diz.

Eu rio, frio e distante. — Não quando moralmente cinza fica tão bem em mim.

O terno feito sob medida para o meu corpo é Brioni, e a tonalidade é na verdade cinza aço, mas nunca posso perder a oportunidade de ser satírico. É tudo parte do meu charme hedonista.

— Por que deveria confiar em você? — Ela ergue uma sobrancelha, e sei que espera que eu minta.

— Oh, não deveria. — Balanço a cabeça, enfio a mão no bolso da calça e pego um pedaço fino de papel branco. — Esta é a minha casa. Voltarei para a propriedade em breve. Se as coisas nesses arquivos não baterem e ainda acreditar que sou seu assassino, então sabe onde me encontrar.

Sou a última pessoa em quem Odette deveria confiar, mas sei que ela está curiosa o suficiente para querer dar uma olhada naqueles arquivos que estão na sua frente. Ela me deixará sair daqui, goste ou não.

A única razão pela qual fazemos isto é pela Rosemary, pela nossa liberdade. Isso não muda o que sou ou o que faço de vez em quando.

No final das contas, posso não ser o Imitator, mas sou um assassino.

Nós dois estaremos para sempre em lados opostos da lei. Isto é apenas um cessar-fogo numa guerra em curso entre nós. Uma

breve trégua pelo bem de um amigo morto e pela sobrevivência das meninas desta cidade.

Deixei que ela me olhasse fixamente por mais um momento antes de me levantar. Sinto todo o café tenso e desconfortável, tanto os clientes quanto os policiais aguardando seu comando.

Aproveito o tempo para apertar o botão na frente do meu terno, enfio a mão no bolso e abro a carteira. Folheio algumas notas grandes antes de jogá-las na mesa.

— Está seriamente subornando um policial em público?

— Não me insulte, detetive. Se estivesse, teria sido muito mais do que isso. — Estalo minha língua. — Isto é para o seu café, junto com o de Gerrick Knight, que está de mau humor no canto, os veículos sem identificação e os três agentes atrás de nós. Aproveitem.

Há uma leveza no ar quando começo a sair, um peso tirado dos meus ombros sabendo que estou saindo daqui e indo para casa, para ela. A inicial no meu peito lateja sob minhas roupas.

Estou saindo daqui rumo a um futuro com Lyra. Um futuro com uma mulher que é dona da minha alma e protege ferozmente o que resta do meu coração frígido. Não tenho certeza de como serão nossos dias, mas sei que serão melhores do que qualquer coisa que jamais imaginei para mim.

Não há sonho, nem objetivo, nem esperança.

É só ela.

Os seus sonhos são meus. Os seus objetivos são meus. Ela é minha esperança.

— Independentemente do que esteja acontecendo aqui, Pierson — Odette grita atrás de mim — esta não é a última vez que verei você.

Deslizo meus óculos escuros sobre os olhos, sorrindo enquanto olho por cima do ombro.

— Talvez sim, talvez não. — Encolho os ombros, meu tom afiado. — Mas esta é a única vez que jogarei bem.

VINTE E OITO



TUDO ESTÁ BEM QUANDO ACABA BEM

Lyra

TRÊS MESES DEPOIS

Odeio morar nesta porra de casa.

Isso é uma mentira.

Não odeio. Simplesmente fico... frustrada.

A casa que assombra Pierson Point é imaculada. Olhar de fora nunca poderia fazer justiça ao interior. Ainda é difícil acreditar que este lugar é minha casa agora. Que todos os tetos altos, mármore sofisticado e extravagância exagerada são onde passo meus dias.

Estamos remodelando a maior parte, tentando encontrar um equilíbrio entre uma bagunça obsessivamente limpa e eclética. A única coisa em que conseguimos concordar até agora foi que faríamos do solário meu espaço de trabalho. Atualmente é onde estão todos os meus frascos de espécimes e equipamentos, junto com Alvi, que está bastante satisfeito com seu novo alojamento.

Honestamente, contudo, ficaria bem morando na cabana. Em qualquer lugar, na verdade. Adoro acordar todas as manhãs com

Thatch, nossos corpos são uma confusão sonolenta e emaranhada de membros. Quando ele está cansado, se esquece completamente do espaço pessoal, e sempre acabo colada ao seu lado ou deitada em seu peito.

Parece desagradável, mas não me importo que não haja um momento em que não estejamos juntos. Gosto de tomar café da manhã com ele, correr pela manhã e almoçar fora do campus e depois voltar para casa. Esta tem sido a nossa nova rotina desde que ele voltou para a faculdade. A única coisa que não sou fã é de perder coisas. Há tanto espaço, tantos cômodos na propriedade, que nunca consigo me lembrar de nada por mais de três segundos. Incluindo Thatcher.

— Cadê? Onde está, onde... — murmuro. — Encontrei!

Levanto o sapato no ar triunfantemente antes de enfiar o pé no malandro Doc Marten. Rapidamente, saio do nosso quarto e desço correndo os degraus até o hall de entrada. Estamos tão atrasados e não tenho tempo para brincar de pessoa desaparecida com meu namorado.

Thatcher costuma estar em vários lugares, dependendo da hora do dia.

De manhã, está na academia; à noite, ele geralmente está na cozinha cozinhando alguma coisa porque Deus sabe que incendiaria a casa. Recentemente, tem estado rondando o quintal, microgerenciando os trabalhadores da construção civil.

Decidimos juntos redesenhar o jardim. Queríamos desenterrar e destruir as velhas memórias e traumas que ali apodreciam para

que pudéssemos construir algo novo que representasse o nosso futuro.

No entanto, estou jogando os dados e apostando que ele está no porão.

Viro no canto e corro pelo corredor até chegar à porta correta. Espero que ele esteja pronto porque não quero que Rook e Sage vão embora sem se despedir.

Ainda parece estranho pensar nisso, sabendo que todos estão prestes a embarcar em suas próprias aventuras longe de Ponderosa Springs. É triste, mas de certa forma, parece que vale a pena.

Todos nós merecemos correr atrás das coisas que nos fazem felizes, independentemente de onde isso nos leve. Nunca imaginei que faria amizades das quais doeria dizer adeus. Sei que ainda estaremos conectados, unidos de uma forma que ninguém jamais poderá tirar de nós, mas será difícil vê-los partir.

Meus passos pesados ressoam nos degraus enquanto desço, diminuindo a velocidade quando ouço o som suave do piano.

A música é assustadora e nostálgica. Quase carrega uma beleza etérea, fazendo com que uma sensação de solidão sobrenatural se instale em meus ossos. O fluxo da música é suave, fazendo cócegas em meus ouvidos com calor.

De alguma forma, isso me faz sentir distante, mas não sozinha. Notas sombrias e melancólicas evocam uma sensação de tristeza e morte, mas não tão triste. Parece a alegria do renascimento,

subindo sob uma onda que roubou todo o seu ar e vindo do outro lado em busca de ar fresco.

Thatcher está de costas para mim enquanto toca.

Observo-o em sua forma mais suave se curvar e tocar cada nota, os dedos acariciando as teclas com beijos rápidos, girando os tons de branco e preto.

Quando ele toca, eu escuto.

Na maioria das vezes, é ele dizendo algo para o qual não tem palavras. Eu o ouço nesses momentos com tanta clareza, como se sussurrasse em meu ouvido. Não há dúvida sobre que emoção ele sente ou o que está pensando. O piano exige que Thatcher seja sincero. É mais do que apenas o seu corpo tocando; é a sua alma.

Quando tudo termina graciosamente, ele leva um minuto antes de falar comigo. Não sei como percebemos que o outro está no cômodo, mas percebemos. É um pequeno alarme que vibra quando ele entra no meu espaço, meu corpo sempre consciente dele.

— O que acha?

Dou os últimos passos, me aproximo e me sento no banco ao seu lado. Estamos voltados para direções opostas, mas viramos nossos corpos para que possamos nos ver.

— É assustador — digo a ele, admirando as linhas e curvas de seu lindo rosto enquanto ele olha para mim.

Seu polegar se ergue, roçando meu lábio inferior antes de passar para minha bochecha.

— Deveria. — Ele concorda. — É sua.

Meu peito se expande. Nem sabia que ele estava trabalhando nisso.

Quando me mudei e fui bisbilhotar, naturalmente encontrei sua coleção de partituras. Uma especificamente com meu nome escrito na parte superior, mas a minha era a única que estava incompleta.

Compor música é um troféu, foi o que me disse quando perguntei sobre isso. Ele falou sobre como compõe esses concertos, escritos tradicionalmente para um solista e geralmente acompanhados por uma orquestra. É composto de três partes e cada morte recebe um concerto.

Fui a primeira peça musical que ele criou, mas a única que nunca terminou. Talvez fosse porque o destino sabia o que não sabíamos.

Que ele nunca deveria me matar naquela noite, como seu pai pediu que fizesse. Ele nunca seria capaz de terminar a música até que pudesse fazer o que realmente deveria fazer.

Amar-me.

Afasto algumas mechas de seu cabelo dos olhos, só porque posso, sorrindo por me sentir completa. E livre.

— Queria que soasse como luto porque uma parte de você morreu na noite em que nos conhecemos. — Ele pressiona sua testa na minha, deixando-me respirá-lo. — Obrigado por me amar com o que restou.

— Obrigada por me deixar ser sua fantasma. Por me ver — digo a ele. — Mal posso esperar para assombrá-lo pelo resto de nossas vidas e pelas que virão depois disso.

Gostaria de poder voltar e dizer à garotinha que se escondeu no armário que um dia ela não se sentiria tão sozinha. Que um dia o garoto de olhos gelados e cabelos glacial ficaria. Ele acordaria todos os dias e escolheria amá-la apesar de tudo que passou.

Finalmente chegamos ao nosso sombrio conto de fadas. O nosso felizes para sempre.

A fantasma e o menino que era inverno.

Thatcher

— É isso?

Rook bate o porta-malas do carro com força excessiva, o suor brilhando em sua testa.

— É melhor que seja — ele grunhe, apoiando as costas no carro quando termina de carregar as malas de Sage.

— Temos que conversar todos os dias — murmura Sage, envolvendo os braços em torno de Briar em um abraço apertado.

— Seattle fica a apenas uma viagem de avião de Los Angeles — responde Briar.

Lyra se afasta de mim e meu corpo frio sente falta do seu calor imediatamente.

— Não se esqueçam de mim. Reuniões mensais da *Loner Society* no Zoom.

— Nunca — elas respondem juntas enquanto a puxam para seus braços, todas as três em um emaranhado de membros.

Minha amargura em relação à primeira e à segunda coisa, também conhecida como Briar e Sage, havia diminuído um pouco. Ainda não sou fã de ninguém que representa uma ameaça para os rapazes, mas aprendi a ser um pouco mais receptivo. Não tinha escolha quando passavam os fins de semana na minha casa.

Desvio o olhar delas, dando a Lyra um momento com suas amigas. Encontro Alistair olhando para mim.

— Se algum de vocês tentar me abraçar — aviso, olhando para cada um deles — não me responsabilizo por minhas ações.

— Ninguém quer tocar na sua bunda espinhosa. — Rook sai do carro, me empurrando com a mão. — Você é um maldito cacto.

Paramos em nossos carros, tendo acabado de sair do The Peak pela última vez como um grupo, bem, não tenho certeza de quanto tempo levará até estarmos todos juntos novamente em um lugar que guarda tantas lembranças.

Lembro-me de quando éramos crianças e íamos para The Peak. Soltando fogos de artifício ilegais, a primeira vez que Rosemary apareceu, a vez em que Alistair ameaçou atirar Rook pela borda.

Este é o nosso lugar e continuará assim.

Embora deixem este lugar, o vínculo permanece. Somos uma teia entrelaçada de história – não pode tocar uma corda sem tocar

outra. Nossas vidas, nossos futuros, estão eternamente conectados.

— A loja já está montada? — Silas pergunta de seu carro, com a cabeça aparecendo pela janela do motorista.

— Quase. B e eu partimos na próxima semana para nos instalarmos, e depois terminarei antes do lançamento. — Os lábios de Alistair se curvam em um sorriso enquanto ele olha para mim. — Devo confirmar sua presença como meu primeiro cliente?

— Um foi o suficiente — eu digo sem expressão.

Todos carregamos cicatrizes deste lugar, assim como carregamos as tatuagens que nos prometem uma eternidade juntos na vida após a morte.

— *Ponderosa Springs Tribune* saiu hoje. — Rook puxa o papel de seu carro, jogando-o em minha direção.

Pego os papéis finos na mão, sacudindo-os para poder ler a capa.

Heitor de Hollow Heights preso!

Um sorriso surge em meus lábios enquanto leio tudo sobre a roupa suja de Stephen Sinclair na primeira página do jornal local. Já havia aparecido no noticiário semanas atrás, quando foi inicialmente preso, mas é agriçoso vê-lo por escrito.

Se eu soubesse o que aconteceria quando tudo isso começou, toda a turbulência, todos os esqueletos desenterrados e a morte, não mudaria nada. Eu faria tudo exatamente igual.

Quis dizer o que disse a Odette. Eu não quero ser um herói, mas quero a garota, e tudo isso me levou de volta para ela.

Sou um observador de vitrines.

Durante toda a minha vida observei outras pessoas através de uma fina parede de vidro. Lá fora, estudando suas rotinas, lendo suas reações. O que faz certas pessoas vibrarem e outras rirem. Todas flutuam tão livremente em suas emoções como se isso fosse a coisa mais fácil do mundo. É impossível entender para alguém como eu, mas estudá-los facilitou a integração.

Posso olhar para alguém, analisar a forma como se move, como responde e dizer o que pode estar sentindo. Se eles estão felizes ou com raiva, mas quando olho para mim mesmo, tudo que vejo é uma parede em branco.

Talvez seja isso que eu ache tão interessante em Lyra.

Que ela compartilha esse desejo obscuro comigo, mas ainda *sente*. Sorri, chora, ri.

Lyra me mostra todos os dias como minha vida teria sido diferente se eu tivesse nascido de um pai diferente.

— Tem certeza que quer ficar? — A pergunta de Briar chama minha atenção de volta para Lyra.

Eu a vejo assentir. — Esta é a minha casa. No fundo, sempre adorei este lugar.

Meu longo braço envolve seu ombro, puxando-a de volta para o meu lado.

— Nossa casa — corrijo, sentindo-a aconchegar-se em mim.

Inclino minha cabeça para baixo, dando um beijo no topo de sua cabeça.

Lyra e eu não queremos sair de Ponderosa Springs. A sua mãe era daqui, é onde está seu túmulo e é o único lar que Lyra conheceu. Sem mencionar que ela me deu uma lista enorme de por que a população de insetos nesta área é perfeita para seu futuro em entomologia.

Estava pensando em dizer sim antes daquela lista, mas foi divertido vê-la explicar isso. Realisticamente, não seria possível eu partir. A propriedade e a empresa da minha família precisam ser cuidadas. Quero fazer o certo para May e Edmond. É o mínimo que posso fazer por eles.

— Já decidiu para onde vai? — Pergunto a Silas, que nos observa à distância.

Mesmo que eu odeie que ele seja o único a sair sozinho, sei que isso é o melhor para ele agora. Ele precisa de tempo para aprender a conviver com sua esquizofrenia após seu esgotamento. Silas precisa se curar e não pode fazer isso com outra pessoa. O único que poderá consertá-lo é ele mesmo, e sabe disso.

— Não.

— Então vai dirigir até o quê? Ficar sem gasolina, porra? Cara, venha comigo e Sage — Rook oferece, pela trigésima vez pelo menos.

Silas balança a cabeça. — Vou tirar um tempo *pra* mim. Descobrir como será meu futuro sem ela. Tenho me agarrado à minha vingança como forma de manter Rosemary viva, mas nada que faça a trará de volta, e acho que tenho que encontrar uma maneira de aceitar isso.

A realidade de que não importa quantas pessoas enterremos ou segredos que descubramos, isso nunca reparará a ferida que Rosemary deixou quando morreu é difícil. Cada um de nós tem que encontrar uma maneira de aceitar isso.

— Ela só queria que você fosse feliz — Rook diz suavemente. — Seja feliz, Silas. Por Rosie, certo?

Seu rosto não se move, mas em seus olhos há um sorriso neles. — Por Rosie.

Lyra e eu ficamos ali depois que todos vão embora, quando as lágrimas das meninas acabaram e os abraços desajeitados dos rapazes terminaram.

Seus braços envolvem minha cintura e meu queixo descansa no topo de sua cabeça enquanto olhamos para o oceano agitado no penhasco de The Peak.

— Tem certeza de que é aqui que você quer ficar? — Pergunto quando o sol começa a se pôr. O céu fica laranja queimado à medida que o fim de mais um dia chega.

Ela acena com cabeça, balançando meu queixo no processo, e ambos rimos.

— Tenho certeza. Pense em como será legal quando ficarmos velhos e todo mundo ficar assustado com o casal que assombra Pierson Point.

Eu me afasto um pouco, olhando para seus olhos cor de jade. Tão expressivo, cheio de admiração e luz. Todas as coisas que nunca apreciei antes porque tinha medo do que fariam comigo.

— Você é uma coisinha estranha e peculiar, Lyra Abbott.

— Obrigada. — Ela fica na ponta dos pés, dando um beijo em meus lábios. — Quer ir embora?

Eu balanço minha cabeça. — Estou contente onde está. Localização é apenas semântica.

— E se eu dissesse para o túmulo?

Minha querida fantasma. Como ainda não percebeu que eu a seguiria para qualquer lugar? Que ela nunca mais estará sozinha.

Minha fantasma.

Todos aqueles contos de fadas sombrios apenas a prepararam para me amar. Para aceitar o amor que dou a ela. Ela é feita de pesadelos e beijos vermelhos. Se ela quisesse meu coração, daria a ela. Poderia mantê-lo em uma prateleira em um de seus potes – para começar, nunca foi meu. Não quando sempre foi dela.

— A morte é trivial. Não pode te manter longe de mim. Seguirei você até o túmulo todas as vezes e te encontrarei em cada vida depois.

VINTE E NOVE



TODAS ESTAS VOZES

Gilas

Odeio hospitais.

O cheiro me dá náuseas e me lembra que preciso tomar meu remédio.

Jogo meu cigarro no chão, enfio as mãos nos bolsos e passo pelas portas automáticas. Ninguém me dá atenção enquanto ando pelos corredores.

Foi muito fácil descobrir em que quarto ela estava. Preciso lembrar ao meu pai que os hospitais precisam de melhor cibersegurança. Passando por enfermeiras e familiares, sigo pelo corredor até chegar à porta correta.

Batendo rapidamente, espero do lado oposto até ouvir — O quê?

É sarcástico e irritante. Provavelmente está desesperada para ficar sozinha e anseia pelo conforto do silêncio e da segurança.

Abro a porta, fico na sua frente e ouço o clique atrás de mim. Uma vez lá dentro, deixo meus olhos olharem para ela.

Cabelo castanho com duas mechas brancas sólidas na frente. Olhos da cor de mel pingando no meu café da manhã.

Seu rosto está sem cor, magro por não comer, e ainda posso ver os leves hematomas em suas bochechas.

Quando percebe que estou olhando, ela aperta ainda mais o cobertor do hospital, mexendo-se desconfortavelmente na camisola, que escorrega de seu ombro desnutrido.

— Porquê está aqui?

Que pergunta. Gostaria de ter uma resposta.

Não sei por que quis vir aqui antes de partir. Nunca tinha falado com Coraline Whittaker na minha vida. Conheço-a por causa da escola, mas os nossos caminhos nunca se cruzaram. Nem uma única vez.

Éramos perfeitos estranhos que entraram em conflito em um momento trágico. Não havia razão para eu visitá-la. Nem agora nem nunca, na verdade.

— Não tenho certeza — digo rispidamente, encolhendo os ombros, minhas mãos voltando para os bolsos.

Ela revira os olhos. — Não conseguiu pensar em uma mentira?

Levanto uma sobrancelha. — Quer que eu minta?

— Seria muito mais divertido do que o que quer que isso... — ela acena com a mão — ...seja.

Meu lábio puxa o canto. Aprecio como está fingindo, sentada neste quarto e agindo como se nada tivesse acontecido com ela. Como se não tivesse escapado de um inferno. Ela ergue um escudo

resistente, mas sei que por baixo há uma garota esperando para desmoronar.

Vou deixá-la fingir.

— Não preciso da sua simpatia. Pode pegá-la e dar o fora. — Ela vira a cabeça para longe de mim. — Adeus.

— Eu também não vim para isso — a tranquilizo. — Queria te dar isso.

Tiro um pedaço de papel do bolso e levo até ela. Não sinto falta do jeito que se encolhe ao ouvir meus passos, por isso o coloco perto de suas pernas, onde possa alcançá-lo.

Seus olhos estão cautelosos, me observando, esperando que eu faça alguma coisa antes que o pegue rapidamente e examine o que está escrito.

— Seu número de telefone? Sério?

Limpo a garganta, forçando minha voz a funcionar. — Se precisar de alguma coisa nos próximos dias ou em algum momento no futuro, pode me ligar.

— Está dando em cima de mim na porra de um hospital? — Ela escarnece, raiva e dor por todo o rosto. — Não sou sua namorada morta, cara. Pare de olhar para mim como se eu fosse alguém que pudesse salvar.

Queria que o comentário sobre Rosemary doesse mais do que realmente machuca, mas o tempo tornou tudo mais fácil. Odeio que seja mais fácil.

— Não tenho interesse em salvar ninguém. — Viro as costas, colocando a mão na porta, pronto para sair.

— Você nem me conhece — ela grita. — Somos um acaso. Eu poderia explorar isso, pelo que sabe.

— Vá em frente. Jogue-o fora, pelo que me importa. Não fará diferença para mim. — Dou de ombros, olhando por cima do ombro e encontrando seus olhos. — Mas sei como é lutar contra demônios que não pode ver.

É a frase mais honesta que já falei nos últimos tempos. Sincera e crua.

Meu terapeuta de grupo derramaria uma maldita lágrima.

Nós nos encaramos por um momento em silêncio.

Eu estava lá quando prenderam Stephen. Queria vê-lo ser levado embora, mas acabei vendo apenas ela.

Seu corpo fraco sendo carregado de uma masmorra direto para uma ambulância, onde procurou por algo, qualquer coisa boa, e não encontrou nada. Naqueles poucos segundos, ela era apenas uma garota atormentada e eu era apenas um cara.

Ela é forte – posso ver isso em seus olhos – recusando-se a demonstrar até mesmo um pouco de fraqueza ou medo.

— Adeus, Coraline — digo facilmente.

Ela levanta um pouco a cabeça. — Tchau, Silas.

O clique da porta atrás de mim não parece um final. Parece o começo de algo.

Stephen me viu lá, enquanto era forçado a entrar na traseira de um carro da polícia. Viu-me olhando para ela, e uma das

últimas coisas que disse antes de fecharem a porta foi clara e simples.

Um aviso. — *Cuidado. Essa garota está amaldiçoada.*

Fim.